



Single White
Vampire
LYNSAY SANDS

An Argeneau vampire novel



SOLTEIRO, BRANCO E VAMPIRO

ARGENEAU FAMILY 03



Quando as biografias de seus parentes são confundidas com romances, o vampiro Lucern encontra sua vida jogada em um caos divertido. Kate C. Leever a mais nova editora de romances da Editorial Roundhouse tem a com missão transformar-lhe em um autor de bestselling, e rouba seu coração imortal no processo.



Prólogo

30 de Janeiro

Querido Sr. Argeneau:

Espero que quando está carta lhe chegue estejas bem e espero que tenha passado uma ótima temporada de festas. Esta é a segunda carta que lhe envio. A primeira foi enviada logo antes do Natal. Sem dúvida que se perdeu na confusão das festas. Eu tentei contatá-lo por telefone; infelizmente, a informação de contatos que temos não inclui seu número de telefone e aparentemente não está na lista.

Quanto à razão da minha carta, estou contente de lhe informar que a série de vampiros que você escreve com o nome de Luke Amirault é bastante popular entre os leitores — muito mais do que sequer esperávamos. Até temos um ótimo acordo de interesses em uma possível turnê de autógrafos. Muitas livrarias nos contataram a respeito dessa possibilidade, assim pensei que deveria contatá-lo e descobrir se e quando você estaria interessado em realizar tal evento.





Por favor, contate este escritório com seu número de telefone e sua resposta.

Espero ansiosa, notícias suas

Sinceramente,

Kate C. Leever, editora.

Editorial Roundhouse CO., Inc.

Nova York, NY

* * * * *

1° de Abril

Querida Sra. Leever:

Não.

Sinceramente,

Lucern Argeneau

Toronto, Ontário

* * * * *



11 de Abril

Querido Sr. Argeneau:

Recebi sua carta esta manhã. Ao mesmo tempo em que percebo que você não está interessado em realizar uma turnê de autógrafos, eu sinto que deveria lhe enfatizar o quão forte é o interesse do público em seus livros. Sua popularidade está crescendo rapidamente. Várias revistas têm escrito solicitando uma entrevista. Não acredito que precise lhe explicar quão útil seria esta publicidade nas futuras vendas.

Quanto à turnê de autógrafos, não só temos telefonemas requisitando uma, mas uma cadeia de livrarias de grande sucesso, com lojas no Canadá e nos Estados Unidos, anunciou que estariam dispostos a pagar as despesas de sua visita nas suas maiores lojas. Eles providenciariam e pagariam todos seus vôos, reservando os hotéis em cada viagem e fornecendo um carro e um motorista para lhe pegar no aeroporto, levar ao hotel, depois para os autógrafos e de volta. Não é uma pequena oferta e eu insisto que você considere isso cuidadosamente.

Como o correio daqui até Toronto parece ser bastante lento — embora suas cartas pareçam levar os dez dias habituais — enviar-lhe-ei esta pelo overnight express. Eu apreciaria uma resposta imediata e, por favor, lembre-se de





incluir seu número de telefone desta vez.

Sinceramente,

Kate C. Leever e editora.

Editorial Roundhouse CO., Inc.

Nova York, NY

* * * * *

15 de Junho

Querida Sra. Leever:

Não.

Sinceramente,

Lucern Argeneau

Toronto, Ontário

* * * * *





26 de Junho

Querido Sr. Argeneau:

Mais uma vez você esqueceu-se de incluir seu número de telefone. Se esse for o caso, eu lhe pediria, por favor, que ligue para o escritório de uma vez e fale comigo, ou com minha assistente Ashley, se por acaso eu não estiver disponível no momento em que ligar. Pode ligar a cobrar se necessário, mas eu realmente gostaria de falar com você porque eu tenho certeza que você não compreendeu o quão famoso se tornou, ou quão importante e necessário o contato com os leitores pode ser.

Não sei se você sabe, mas sites de fãs tem se espalhado por toda a internet e recebemos toneladas de emails para você diariamente, que serão encaixotados separadamente e enviados para você junto com esta carta. Eu mencionei os pedidos por uma turnê de autógrafos na carta anterior, mas devo lhe dizer que esses pedidos estão agora atingindo proporções incontroláveis. Parece que cada livraria no mundo adoraria ter sua visita e tenho certeza que os autógrafos seriam o maior sucesso. Como possivelmente você não conseguirá ir a todas as livrarias, nós pensamos que uma loja em cada cidade importante seria gerenciável.



Eu também gostaria de persuadi-lo a considerar dar uma ou duas entrevistas e eu incluí as cartas que recebemos de várias editoras que nos solicitaram isso. Como você notará, estas solicitações vieram de mais do que publicações românicas. Sua popularidade foi geral, isso é refletido pelo fato de que vários jornais e revistas literárias também requisitaram entrevistas. Nós até recebemos o interesse de alguns morning news shows¹. Enquanto que para estes shows você teria que estar em pessoa, para as entrevistas dos jornais e revistas não precisaria; eles poderiam fazê-lo por telefone ou até mesmo pela Internet se assim o desejar. Você usa a Internet? Se sim eu gostaria do seu email e lhe encorajaria a conseguir um MSN ou algo similar para que eu pudesse falar com você. Vários de meus escritores têm o Messenger e achamos isso muito conveniente e muito mais rápido que o correio tradicional.

Há muito mais que eu gostaria de discutir com você. Por favor, lembre-se de telefonar para este escritório o quanto antes, a cobrar se necessário. Outra vez, envio-lhe esta carta pelo overnight express.

¹Programas de noticiários com entrevistas de convidados, muito comum nos EUA





Sinceramente,

Kate C. Leever e editora.

Editorial Roundhouse CO., Inc.

Nova York, NY

* * * * *

01 de Agosto

Querida Senhorita Leever:

Não.

Sinceramente,

Lucern Argeneau

Toronto, Ontário



Capítulo 01

Quinta-feira, 11 de setembro

— Rachel jura que nunca mais quer ver outro caixão enquanto viver.

Lucern grunhiu ao comentário de sua mãe enquanto ele e seu irmão menor Bastien colocavam o caixão no chão do porão. Ele sabia tudo a respeito da nova aversão de sua futura cunhada; Etienne tinha explicado tudo. Era por isso que ele estava guardando essa coisa. Etienne estava disposto a remover o caixão da mansão para manter sua noiva feliz, mas por razões sentimentais — ele não podia se separar permanentemente dele.

O homem jurava que suas melhores idéias surgiam quando estava dentro da silenciosa escuridão. Ele era um pouco excêntrico. Ele era a única pessoa em quem Lucern poderia pensar que traria um caixão ao ensaio de seu próprio casamento. O padre se horrorizou quando ele flagrou os três irmãos transferindo isso da pickup de Etienne para a van de



Bastien.

— Obrigado por trazer isso até aqui, Bastien — Disse Lucern enquanto se endireitava.

Bastien encolheu os ombros.

— Você mal conseguiria encaixar isso em seu BMW. Além disso — adicionou quando eles começaram a viagem de volta pelas escadas — prefiro transportá-lo a armazená-lo. Minha governanta teria um ataque.

Lucern simplesmente sorriu. Ele já não tinha uma governanta com a qual preocupar-se e a companhia de limpeza que tinha contratado para limpar uma vez por semana trabalhava apenas no primeiro piso. Não seria uma preocupação que eles vissem o caixão.

— Está tudo preparado para o casamento? — Ele perguntou enquanto seguia sua mãe e Bastien à cozinha. Apagou as luzes do porão e fechou a porta atrás dele, mas não se incomodou em acender outras luzes. A fraca iluminação da luz noturna era suficiente para iluminar a cozinha e caminhar para a porta da frente.

— Sim. Finalmente — Marguerite Argeneau souu aliviada — Apesar das preocupações da Sra. Garrett de que o casamento era muito apressado e que a família de Rachel



não teria tempo de estar aqui, todos eles virão.

— Quão grande é a família? — Lucern sinceramente esperava que não houvesse tantos Garretts como houvera Hewitts no casamento de Lissianna. O casamento de sua irmã com Gregory Hewitt tinha sido um pesadelo. O homem tinha uma família enorme, a maioria da qual pareciam ser mulheres — mulheres solteiras que olhavam Lucern, Etienne e Bastien como se fossem o prato principal de uma única refeição. Lucern não gostava de mulheres agressivas. Ele tinha nascido e crescido em um tempo em que os homens eram os agressores e as mulheres sorriam timidamente e sabiam seu lugar. Ele não se adaptou ao tempo e não desejava outro desastre como o do casamento de Lissianna onde tinha passado a maior parte de seu tempo evitando às convidadas femininas.

Felizmente, Marguerite suavizou alguns de seus medos anunciando:

— Bastante pequena se comparada com a família de Greg e são sobre tudo homens, segundo a lista de convidados que vi.

— Graças a Deus — Murmurou Bastien, trocando um olhar com seu irmão.

Lucern inclinou a cabeça em acordo.



— Etienne está nervoso?

— É bastante surpreendentemente, mas não — Bastien deu um sorriso torto — Ele está em um ótimo momento ajudando a arrumar tudo isto. Jura que não pode esperar pelo dia do casamento. Rachel parece fazê-lo feliz — Sua expressão trocou para uma de perplexidade.

Lucern compartilhou a confusão de seu irmão. Ele não podia imaginar dar sua liberdade por uma noiva, tampouco. Parando na porta da frente, ele virou para encontrar a sua mãe apontando para a correspondência em cima da mesa de seu corredor.

— Luc, aqui tem uma carta sem abrir a uma semana! Por que você não lê isso?

— Por que está tão surpresa mãe? Ele também nunca atende ao telefone. Inferno temos sorte quando ele se incomoda em abrir a porta.

Bastien disse as palavras com uma voz debochada, mas Lucern não perdeu a troca de olhares entre sua mãe e seu irmão. Estavam preocupados com ele. Sempre fora um solitário, mas ultimamente tinha levado isto até o extremo e parecia entediado. Eles sabiam que o aborrecimento crescia perigosamente em sua vida.



— O que é esta caixa?

— Não sei — Lucern admitiu quando sua mãe levantou uma enorme caixa da mesa e a sacudia como se fosse leve como uma pluma.

— Bem, não acha que poderia ser uma boa idéia descobrir? — Perguntou ela com impaciência.

Lucern revirou os olhos. Não importava o quão velho ele era, sua mãe provavelmente interferiria. Era algo com o que se conformara há muito tempo.

— Terei tempo para fazê-lo, eventualmente — Resmungou — São, em sua maioria, cartas incômodas ou pessoas esperando algo de mim.

— E sobre a carta de seu editor? Provavelmente deve ser importante. Não o enviariam pelo expresse se não fosse.

A carranca de Lucern se aprofundou quando sua mãe pegou o envelope Fed Ex e o girou curiosamente em suas mãos.

— Isso não é importante. Minha editora só está me aborrecendo. A companhia deseja que eu faça uma turnê para assinar livros.

— Edwin quer que você faça uma turnê para assinar



livros? — Marguerite franziu o cenho. — Pensei que tinha esclarecido desde o começo que não estava interessado em publicidade.

— Não, Edwin. Não — Lucern não estava surpreso por sua mãe recordar o nome do seu antigo editor; ela tinha uma memória perfeita e ele tinha mencionado Edwin muitas vezes nos dez anos em que tinha escrito para a Roundhouse Publishing. Seus primeiros trabalhos tinham sido publicados como textos históricos e usados, na sua maioria, em universidades e colégios. Esses livros ainda estavam em uso e foram elogiados por estarem escritos como se o escritor realmente estivesse vivido cada período sobre o qual escreveu. O que, é claro, Lucern o fez. Entretanto esse era um conhecimento raramente publicado.

Os últimos três livros de Lucern, entretanto, tinham sido de natureza autobiográfica. O primeiro contava a história de como seu pai e sua mãe se conheceram e se uniram o segundo, como sua irmã Lissiana tinha conhecido e se apaixonado por seu marido terapeuta, Gregory, e o último, publicado apenas há algumas semanas, narrava a história de seu irmão Etienne e Rachel Garrett. Lucern não tinha pensado em escrevê-los, eles apenas saíram. Mas uma vez que os tinha escrito, tinha decidido que deveriam ser registros publicados para o futuro. Obteve a permissão de



sua família e os enviou a Edwin, que tinha pensado que eram um brilhante trabalho de ficção e os tinha publicado como tal. Não só ficção, tampouco, mas também "romance paranormal" Lucern repentinamente se viu como um escritor romântico. A situação inteira estava de alguma forma o desestressando, então ele geralmente fazia seu melhor para não pensar nisso.

— Edwin já não é mais meu editor — Explicou — Ele teve um ataque cardíaco no final do ano passado e morreu. Sua assistente recebeu seu título e seu trabalho e ela esteve me aborrecendo desde então — ele franziu a testa outra vez — A mulher está tentando me usar para provar a si mesma. Está determinada que eu deva fazer alguns eventos publicitários para os livros.

Bastien o olhou como se estivesse a ponto de fazer um comentário, mas parou e girou ao som de um carro estacionando na entrada da garagem. Lucern abriu a porta e os dois homens observaram com diversos graus de surpresa quando um táxi parava ao lado da van de Bastien.

— Endereço errado? — Perguntou Bastien, sabendo que seu irmão não era conhecido por ter muita companhia.

— Deve ser — Comentou Lucern. Entrecerrou os olhos quando o taxista saiu e abriu a porta de trás para uma jovem



moça.

— Quem é essa? — Perguntou Bastien. Soando ainda mais assombrado do que Lucern se sentia.

— Não tenho nem idéia — Respondeu Lucern. O taxista tirou uma pequena bolsa e uma mala do porta-malas do carro.

— Acredito que é sua editora — Anunciou Marguerite.

Tanto Lucern como Bastien se viraram para olhar atentamente a sua mãe. Eles a encontraram lendo a carta agora aberta do Fed Exed.

— Minha editora? Do que diabos esta falando? — Lucern caminhou para arrancar a carta de sua mão.

Ignorando seu comportamento rude, a mãe de Lucern foi para o lado de Bastien e olhou curiosamente para fora.

— Como o correio é tão lento e como o interesse em seus livros se tornou tão difundido, a senhorita Kate C. Leever decidiu vir para falar com você pessoalmente. Coisa que — Marguerite acrescentou maliciosamente — saberia se você se incomodasse em ler seu correio.

Lucern amassou a carta em sua mão. Basicamente dizia tudo o que sua mãe tinha acabado de verbalizar. Isso,



mais o fato de que Kate C. Leever chegaria as 20h00min horas do voo de Nova Iorque. Eram 20h30min o avião devia ter chegado há um tempo.

— Ela é bastante bonita, não é? — O comentário, junto com a especulação na voz de sua mãe quando ela falou, bastou para acionar o alarme em Lucern. Marguerite soou como uma mãe considerando em pegar o papel de casamenteira, já bastante familiar nela. Ela o tinha feito a primeira vez que vira Etienne e Rachel juntos e olhe como isso tinha terminado: Etienne enterrado profundamente em preparações de casamento!

— Ela está considerando o papel de casamenteira, Bastien. Leve-a para casa. Agora! — Ordenou Lucern. Seu irmão pôs-se a rir, o fazendo acrescentar — Depois de que ela tenha acabado comigo, ela se focará em achar uma esposa para você.

Bastien parou de rir imediatamente e agarrou o braço de sua mãe.

— Vem Mamãe. Isto não é da nossa conta.

— É claro que é meu assunto — Marguerite puxou seu cotovelo — Vocês são meus filhos. Sua felicidade e futuro são muitíssimo da minha conta.



Bastien tentou argumentar.

— Não entendo por que isso é um dever agora. Ambos temos mais de quatrocentos anos, por que, depois de todo este tempo, você colocou na cabeça nos ver casados?

Marguerite refletiu por um momento.

— Bem, desde que seu pai morreu, eu estive pensando...

— Deus querido — Interrompeu Lucern, lentamente balançando a cabeça.

— O que eu disse? — Perguntou sua mãe.

— Foi exatamente como Lissianna acabou trabalhando no abrigo e se envolvendo com Greg. Papai morreu e ela começou a pensar.

Bastien inclinou a cabeça solenemente.

— As mulheres não deveriam pensar.

— Bastien! — Exclamou Marguerite Argeneau.

— Você sabe que estou te provocando, mamãe — Ele se acalmou, tomando seu braço outra vez, desta vez conseguindo pô-la porta a fora.

— Entretanto, eu não estou — Lucern falou enquanto



os observava caminhar do degrau do portão à calçada. Sua mãe recriminou Bastien pelo caminho e Lucern sorriu abertamente pela expressão oprimida de seu irmão. Bastien passaria pelo inferno por todo o caminho para casa, Lucern sabia, e quase sentia pena por ele. Quase.

Sua risada parou, entretanto, quando seu olhar se fixou na loira que aparentemente era sua editora. Sua mãe fez uma pausa em suas recriminações para saudar a mulher. Lucern quase tentou ouvir o que diziam, logo decidiu não se incomodar. Ele duvidou que quisesse ouvir, qualquer forma.

Ele olhou a mulher acenar com a cabeça e rir com sua mãe, então pegou sua bagagem na mão e começou a andar pela calçada. Os olhos de Lucern se estreitaram. Deus querido, ela não esperava ficar com ele, não é? Não havia nenhuma menção em sua carta sobre onde planejava ficar. Ela devia planejar permanecer em um hotel. Ela dificilmente presumiria que ele a hospedaria. A mulher provavelmente ainda não tinha parado em seu hotel, tranqüilizou-se com seu fixo olhar viajando sobre a sua pessoa.

Kate C. Leever era da mesma altura de sua mãe, o qual á fazia relativamente alta para uma mulher, provavelmente 1,80. Também era magra e bem proporcionada, com um comprido cabelo loiro. Ela parecia bonita da distância que



nesse momento os separava. Em um traje de trabalho azul pálido, Kate C. Leever se parecia com um copo fresco de água gelada. A imagem era agradável nessa tarde de setembro inoportunamente quente.

A imagem se rompeu quando a mulher arrastou sua bagagem pelo portão, parando em frente a ele, ofereceu um brilhante sorriso alegre que levantou seus lábios e faiscou em seus olhos, então balbuciou:

— Olá. Sou Kate Leever. Espero que tenha recebido minha carta. O correio era tão lento e você continuava se esquecendo de me enviar seu número de telefone, assim pensei em lhe visitar pessoalmente e conversar a respeito de todas as possibilidades publicitárias que se abrem para nós. Sei que não está realmente interessado em aceitar nenhuma delas, mas estou segura que uma vez que lhe explique todas as vantagens reconsiderará.

Lucern contemplou hipnotizado pelo seus grandes lábios sorridentes durante um momento; então ele se deu uma sacudida. Reconsiderar? Era isso o que ela queria? Bem, era bastante fácil. Reconsiderou-o. Era uma tarefa rápida.

— Não.

E fechou sua porta.





Kate encarou o sólido painel de madeira onde a cara de Lucern Argeneau estivera e estava lutando para não gritar de fúria. O homem era o mais difícil, irritante, grosseiro, desagradável — golpeou a porta — ignorante, teimoso...

A porta se abriu e Kate rapidamente plantou um visivelmente falso, mas largo — ela deveria receber altas qualificações pelo esforço — sorriso. O sorriso quase escorregou quando ela colocou os olhos nele. Não tivera realmente a oportunidade antes. Um segundo antes ela estava muito ocupada tratando de recordar o discurso que tinha feito e memorizado no vôo até aqui; agora não tinha um discurso preparado — não tinha realmente nenhuma pista do que dizer — e então se encontrou realmente olhando para Lucern Argeneau. O homem era muito mais jovem do que esperava. Kate sabia que ele escrevia para Edwin durante uns bons dez anos, antes que ela assumisse seu trabalho com ele, mas nem sequer parecia ter mais de trinta e dois ou trinta e três anos. O que significava que estivera escrevendo profissionalmente desde o começo dos vinte anos.

Ele também era chocantemente atraente. Seu cabelo



era tão escuro quanto á noite, seus olhos azuis prateados que quase pareciam refletir a luz do pórtico², suas características eram inteligentes e intensas. Era alto e surpreendentemente musculoso para um homem com uma carreira tão sedentária. Seus ombros mostravam mais um trabalhador que um intelectual. Kate não podia evitar, mas estava impressionada. Inclusive a carranca em seu rosto não diminuía sua beleza.

Sem nenhum esforço de sua parte, o sorriso no rosto de Kate ganhou um pouco de calor e ela disse:

— Sou eu outra vez. Não comi ainda e pensei que talvez você se juntaria a mim para jantar como companhia e nós poderíamos discutir...

— Não. Por favor, retire-se da minha porta — Então Lucern Argeneau fechou a porta uma vez mais.

— Bem, isso fora mais que somente um "Não" — Kate resmungou para si mesma — Foi mesmo uma frase inteira, realmente — Sempre otimista ela decidiu considerar isso como um progresso.

Levantando a mão, ela golpeou a porta outra vez. Seu sorriso era algo injuriado, mas ainda estava em seu lugar quando a porta se abriu pela terceira vez. O Sr. Argeneau

²No contexto se refere a aquela parte da frente das casas norte americanas, tipo uma varanda.



reapareceu, olhando-a menos satisfeito do que nunca por encontrá-la ainda ali. Desta vez não falou, simplesmente arqueou uma sobrancelha em questionamento.

Kate supôs que se ele disese uma frase inteira era um progresso, ele reverter isso em um completo silêncio deveria ser o oposto — mas ela se determinou a não pensar nisso. Tentando fazer seu sorriso um pouco mais caloroso, ela limpou a garganta e disse:

— Se não gosta de comer fora, eu possivelmente poderia pedir algo e...

— Não — Ele começou a fechar a porta outra vez, mas Kate não tinha vivido em Nova Iorque por cinco anos sem aprender um truque ou dois. Ela rapidamente avançou seu pé para frente, tentando não retrair quando a porta bateu nela e voltou para trás aberta.

Antes que o Sr. Argeneau pudesse comentar sobre sua tática guerrilheira, ela disse:

— Se não gosta de pedir comida, talvez eu possa pegar alguns mantimentos e cozinhar algo que você goste — Para melhorar, ela acrescentou — Assim poderíamos discutir seus medos e eu poderia aliviá-los.

Ele ficou rígido de surpresa com sua implicação.



— Eu não tenho medo — Disse ele.

— Eu entendo — Kate permitiu que uma saudável dose de dúvida se arrastasse em sua voz, mais do que disposta a inclinar-se à manipulação se necessário. Então ela esperou de pé ainda no mesmo lugar, desejando que seu desespero não se mostrasse, mas sabia que sua tranqüila fachada começava a rachar.

O homem franziu seus lábios e levou um tempo considerando. Sua expressão fez Kate suspeitar que ele a estava medindo para fazer um caixão, como se ele considerasse matá-la e enterrá-la em seu jardim, para tirá-la do seu caminho. Ela tentou não pensar muito nessa possibilidade. Apesar de ter trabalhado com ele durante anos como assistente de Edwin e agora quase um ano como sua editora, Kate não o conhecia muito bem. Ela considerara que tipo de homem ele seria em seus momentos menos bondosos. A maioria dos escritores românticos eram mulheres. De fato, *todos* os outros escritores sob seu cuidado eram mulheres. Lucern Argeneau, que escrevia como Luke Amirault, era o único homem. Que tipo de homem escrevia sobre romances? E romances de vampiro? Ela tinha decidido que devia ser alguém gay... Ou alguém estranho. Sua expressão, no momento a estava fazendo inclinar-se para estranho. Um tipo estranho de assassino em série.



— Você não tem nenhuma intenção de partir, verdade?

— Ele perguntou por fim.

Kate considerou a pergunta. Um firme “Não” provavelmente a colocaria dentro. Mas era o que queria? O homem a mataria? Seria primeira linha das notícias do dia seguinte se ela realmente entrasse por essa porta?

Cortando tais pensamentos improdutivos e até atemorizantes, Kate endireitou seus ombros e anunciou firmemente:

— Sr. Argeneau, voei até aqui de Nova Iorque. Isto é importante para mim. Estou determinada a falar com você. Sou sua *editora* — Ela enfatizou a última palavra se por acaso ele tivesse omitido a importância daquele fato. Isto geralmente tinha certa influência com os escritores, embora Argeneau não tivesse mostrado nenhum sinal de estar impressionado até agora.

Ela não soube mais o que dizer depois disso, então Kate simplesmente ficou esperando uma resposta que nunca chegou. Com um profundo suspiro, Argeneau simplesmente se virou e caminhou para seu escuro corredor.

Kate encarou incerta sua retirada. Ele não dera uma portada em sua cara desta vez. Era um bom sinal, não era? Era um convite para entrar? Decidindo que ia tomar como



um, Kate levantou sua pequena bolsa e sua mala e caminhou para dentro. Era uma noite de final de verão, mais fresca do que estivera durante o dia, mas ainda quente. Em comparação, entrar na casa era como entrar em um refrigerador. Kate automaticamente fechou a porta atrás dela para impedir que o ar fresco escapasse, então fez uma pausa para permitir que seus olhos se ajustassem.

O interior da casa estava escuro. Lucern Argeneau não se incomodou em acender nenhuma luz. Kate não podia ver nada exceto um quadrado de luz ofuscante esboçando o que parecia ser uma porta no final do longo corredor em que ela estava. Ela não estava segura do que era essa luz; era muito cinza e escura para ser uma lâmpada no teto. Kate nem estava segura de que caminhando em direção a essa luz chegaria a Lucern Argeneau, mas era o único foco de luz que podia ver e estava quase certa que estava na direção que ele tomara quando se afastara.

Deixando suas malas no chão, na porta, Kate começou a avançar com cuidado, dirigindo-se ao quadrado de luz, que repentinamente parecia bastante longínquo. Ela não tinha idéia se o caminho estava limpo ou não — ela realmente não tinha olhado ao redor antes de fechar a porta — mas esperava que não houvesse nada com o que tropeçar ao longo do caminho. Se houvesse, ela certamente o



encontraria.

Lucern fez uma pausa no meio da sua cozinha e olhou atentamente ao redor usando a iluminação da luz da noite. Não estava realmente certo do que fazer. Ele nunca teve convidados, ou ao menos não os tivera durante cem anos. O que um desses fazia, exatamente? Depois de um debate interior, moveu-se para o fogão, agarrou um bule que estava assentado na boca do fogão e o levou para a pia para encher de água. Depois de colocá-lo no fogão e fazer virar o botão para acendê-la, encontrou uma xícara, alguns saquinhos de chá e um açucareiro cheio. Ele colocou tudo em uma bandeja.

Ele ofereceria a Kate C. Leever uma xícara de chá. Uma vez que tivesse terminado, ela também estaria.

A fome lhe atraiu para o refrigerador. A luz se espalhou para dentro do cômodo quando ele abriu a porta, fazendo piscar depois da escuridão anterior. Uma vez que seus olhos se adaptaram, ele se abaixou para recolher uma das duas bolsas de sangue na prateleira do meio. Além dessas bolsas, não havia nada dentro. A cavernosa caixa branca estava vazia. Lucern não era muito de cozinhar. Sua geladeira estava há bastante tempo vazia desde que sua última governanta morreu.



Ele não se incomodou com um copo. Invés disso, ainda dobrado sobre a geladeira, levantou a bolsa de sangue em sua boca e cravou suas presas nela. O fresco elixir de vida imediatamente começou a derramar em sua corrente, tirando um pouco de sua irritabilidade. Lucern nunca era tão ranzinza, só quando seus níveis de sangue estavam baixos.

— Sr. Argeneau?

Ele estremeceu em surpresa ante a pergunta na entrada da cozinha. A ação rasgou a bolsa que ele sustentava, enviando o fluído carmesim a se espalhar por toda parte nele.

O sangue esguichou em uma ducha fria no seu rosto e cabelo, quando ele instintivamente se endireitou e bateu a cabeça na parte de baixo do congelador fechado. Amaldiçoando, Lucern deixou cair a bolsa arruinada na prateleira do refrigerador, agarrou sua cabeça com uma das mãos e fechou com um só golpe a porta da geladeira com a outra.

Kate Leever se apressou ao seu lado.

— Oh, meu Deus! Oh! Sinto muito! Oh! — ela gritou quando viu o sangue que cobria sua cara e seu cabelo — Oh, Deus! Você cortou sua cabeça. *Forte!*



Lucern não tinha visto uma expressão de tal horror na cara de alguém desde os antigos bons dias quando o almoço significava colocar os dentes em um agradável e quente pescoço em vez de uma repugnante bolsa fria.

Parecendo recuperar seus sentidos de alguma maneira, Kate Leever agarrou seu braço e o apressou para a mesa da cozinha:

— Aqui, melhor você se sentar. Você está sangrando muito.

— Estou bem — Lucern resmungou quando ela o sentou em uma cadeira. Ele considerou sua preocupação bastante irritante. Se ela fosse muito legal com ele, ele poderia se sentir culpado em não retribuir.

— Onde está seu telefone? — Ela estava girando sobre os saltos, esquadrinhando a cozinha à procura do item em questão.

— Por que você quer um telefone? — Ele perguntou esperançosamente.

Possivelmente ela lhe deixaria sozinho agora, pensou brevemente, mas sua resposta rechaçou essa possibilidade.

— Para chamar uma ambulância. Você realmente se machucou.



Sua expressão estava mais angustiante quando o olhou outra vez e Lucern se encontrou olhando para baixo. Havia bastante sangue em sua camisa e ele podia senti-lo escorrendo pela sua cara. Ele também podia cheirá-lo — agudo e rico com pequenas características. Sem pensar, ele deslizou sua língua para fora para lambe seus lábios. Então o que ela havia dito escorregou em sua mente e ele se endireitou repentinamente. Por um lado era conveniente que ela pensasse que o sangue era de uma ferida, mas não havia maneira de que ele fosse a um hospital.

— Estou bem. Não preciso de assistência médica — Ele anunciou firmemente.

— O quê? — ela olhou fixamente, incrédula — Há sangue em toda parte! Você realmente se machucou.

— Feridas na cabeça sangram bastante — Ele fez um gesto desdenhoso, logo se levantou e se aproximou da pia para enxaguar-se. Se ele não se lavasse rápido, iria chocar a mulher, lambendo o sangue desde suas mãos até os cotovelos. O pouco que tinha conseguido consumir antes que ela o assustasse tinha aliviado apenas um pouco sua fome.

— Feridas na cabeça podem sangrar bastante, mas isto é...

Lucern deu um salto quando Kate repentinamente



apareceu ao seu lado e agarrou sua cabeça. Ele estava tão surpreso que se inclinou respeitosamente para ela... Até que ela disse:

— Não consigo ver...

Ele se endireitou no momento que se deu conta do que ela fazia então rapidamente se inclinou sobre a pia para pôr a cabeça sob a torneira, assim ela não poderia alcançar sua cabeça outra vez e ver que não havia nenhum machucado.

— Estou bem. Coagulo rapidamente — Ele disse quando a água fria espirrou na sua cabeça e correu pela sua cara.

Kate Leever não tinha resposta para isso, mas Lucern podia senti-la de pé atrás dele. Então ela se moveu para o seu lado e ele sentiu seu corpo quente contra o dele quando ela se inclinou para tentar examinar de novo sua cabeça.

Por um momento, Lucern ficou paralisado. Era terrivelmente consciente do corpo dela tão perto, do calor que emanava dela, do seu doce aroma. Nesse momento, sua fome se tornou confusa. Não era o aroma do sangue que palpitava em suas veias que encheu suas fossas nasais, era um aroma de especiarias, flores e sua própria essência. Isso encheu sua cabeça, nublando seus pensamentos. Então ele se deu conta que suas mãos se moviam por seus cabelos sob a torneira,



procurando por um machucado que ela não iria encontrar e ele se empurrou na tentativa de se afastar dela. A tentativa foi frustrada devido à torneira que estava aberta atrás de sua cabeça. Dor se espalhou através dele e a água espirrou por toda parte, fazendo Kate recuar com um chiado.

Amaldiçoando, Lucern saiu debaixo da torneira e tentou agarrar a primeira coisa que encontrou à mão; um pano de cozinha. O enrolou ao redor de sua cabeça molhada, endireitou-se, então apontou para porta.

— Fora da minha cozinha. Fora!

Kate C. Leever piscou pela surpresa quando ele voltou ao seu temperamento, então pareceu crescer um centímetro em altura quando se endireitou. Sua voz era firme quando disse:

— Você precisa de um médico.

— Não.

Seus olhos se estreitaram.

— Essa é a única palavra que sabe?

— Não.

Ela levantou suas mãos para o ar, logo as deixou cair tão rápido como as levantou, parecendo relaxar. Lucern ficou



cauteloso.

Kate C. Leever sorriu e se moveu para acabar de fazer o chá que ele tinha começado.

— Isso revolve, então— Disse.

— Resolve o quê? — Perguntou Lucern, olhando com receio enquanto ela lançou os dois saquinhos no pote de chá e vertia água quente sobre eles.

Kate encolheu os ombros brandamente e colocou o bule no lugar.

— Eu tinha a intenção de tentar falar com você, então mais tarde ir para um hotel. Entretanto, agora que se machucou e se recusa a ir ao hospital — Ela se afastou do chá para levantar uma sobrancelha — Você não irá reconsiderar?

— Não.

Ela concordou com a cabeça e voltou para pôr a tampa outra vez no bule. O tinido teve um estranho som de satisfação quando ela explicou:

— Não posso te deixar sozinho depois de tal lesão. Feridas na cabeça são complicadas. Suponho que terei que ficar aqui.



Lucern abriu a boca para lhe deixar saber que com toda certeza não ficaria ali, quando ela se moveu para o refrigerador e perguntou:

— Com leite?

Ao recordar a rasgada bolsa de sangue no refrigerador, correu a toda velocidade e se atirou grosseiramente diante dela.

— Não!

Ela o contemplou boquiaberta, até que ele percebeu que estava parado na frente da geladeira com seus braços estendidos em uma postura de pânico. Imediatamente trocou para apoiar-se contra a geladeira, os braços e tornozelos cruzados em uma posição que esperava que parecesse mais natural. Logo a fulminou com o olhar. Isso teve o efeito de fazê-la fechar a boca; então ela disse incertamente:

— Oh. Bem, eu bebo. Se tiver um pouco...

— Não.

Ela inclinou a cabeça lentamente, mas preocupação encheu seu rosto e realmente levantou uma das mãos para colocá-la suave e quente contra sua testa como se estivesse checando por febre. Lucern inspirou seu aroma e sentiu que sua postura relaxava.



— Tem certeza que não quer ir ao hospital? — Kate perguntou — Você está agindo de um modo estranho, feridas na cabeça realmente não é algo para brincar.

— Não.

Lucern se alarmou quando ouviu quão baixa sua voz se tornou. Ficou ainda mais preocupado quando Kate Leever sorriu e lhe perguntou brincando:

— Agora, por que não estou surpresa com a resposta?

Para sua consternação, ele quase sorriu de volta pra ela. Corrigindo-se, ele fechou a cara em vez disso e se recriminou por seu momento de fraqueza. Kate C. Leever, editora, poderia estar sendo agradável com ele agora mesmo, mas isso era somente por que ela queria algo dele. E ele fazia bem em recordar isso.

— Bem, vamos, então.

Lucern parou suas preocupações para notar que sua editora recolhera a bandeja de chá e se movia pela porta da cozinha.

— Deveríamos ir para a sala de estar, onde você pode se sentar um pouco. Você levou um belo golpe — Ela acrescentou enquanto empurrava a porta giratória com o quadril.



Lucern deu um passo atrás dela, então parou para novamente dar uma olhada pra geladeira, seus pensamentos na outra bolsa cheia de sangue lá dentro. Era a última até a fresca entrega de amanhã à noite. Estava terrivelmente faminto, quase a ponto de desmaiar. Qual foi, sem dúvida, a razão por trás de sua fraqueza diante da abordagem vencedora de Kate C. Leever. Talvez só um gole o fortalecesse para a conversa adiante. Ele alcançou a porta.

— Lucern?

Ele ficou rígido com a chamada. Quando ela deixara de se dirigir a ele como Sr. Argeneau? E por que seu nome em seus lábios soava tão erótico? Realmente precisava se alimentar. Ele puxou a porta da geladeira para abri-la e estendeu a mão para o saco.

— Lucern? — Havia preocupação em sua voz desta vez e soou mais perto. Ela devia estar voltando. Sem dúvida ela temia que ele desmaiasse pelo ferimento.

Ele soltou um murmúrio de frustração e fechou a porta da geladeira. A última coisa que precisava era outro desastre como espirrar sangue em cima de si mesmo. Isso já lhe tinha causado problemas sem fim, como o fato de que a mulher agora planejava ficar com ele. Tinha pensado rejeitar a idéia de uma vez, mas foi distraído pela Sra. Leever se



aproximando da geladeira. Maldição!

Bem, ele apresentaria esse assunto a ela na primeira oportunidade. Ele estaria arruinado se a deixasse ficar aqui e discursar a respeito de toda esta tolice publicitária. Era isso. Ele seria firme. Cruel, se necessário. Ela não ficaria ali.



Lucern tratou de se desfazer dela, mas Kate C. Leever parecia mais com um buldogue uma vez que tomava uma decisão a respeito de algo. Não, um buldogue era a imagem errada. Possivelmente um terrier sim, era mais feliz com essa comparação. Um lindo terrier loiro se pendurando completamente em seu braço, seus dentes afundados determinadamente no punho de sua camisa e se recusando a soltá-lo. Tirando amassá-la contra a parede algumas vezes, ele realmente não tinha idéia de como soltar suas mandíbulas dele.

Esta com certeza era a situação. Apesar de viver várias centenas de anos, Lucern falhara em esbarrar com algo desse tipo. Em sua experiência, as pessoas eram um aborrecimento e nunca falhavam em trazer caos com elas. As mulheres especialmente. Ele sempre tinha sido um imbecil



ante uma donzela em apuros. Ele não poderia contar quantas vezes ele se viu tropeçar em uma mulher com problemas e de repente encontrar toda a sua vida tumultuada, enquanto ele travava uma batalha, um duelo, ou uma guerra para ela. Claro que sempre ganhava e salvava o dia. Mesmo assim, de algum modo ele nunca conseguia a mulher. Ao final, depois de todos os seus esforços e as perturbações em sua vida resultavam nele assistindo a mulher ir embora com alguém.

Essa não era a situação aqui. Kate C. Leever, editora, não era uma donzela em apuros. De fato, ela aparentemente o via como o alguém em apuros. Ela estava ficando "pelo seu bem". Ela estava o salvando, em sua mente e pretendia "despertá-lo a cada hora depois que se deitasse" para salvá-lo de sua própria insensatez por se recusar a ir ao médico. Ela fez esse anúncio no momento que se sentaram em sua sala de estar, então tranqüilamente começou a remover as bolsinhas de chá do pote e derramar o chá enquanto ele a olhava boquiaberto.

Lucern não precisava da sua ajuda. Ele não tinha realmente batido a cabeça com tanta força e mesmo se ele tivesse feito, seu corpo teria reparado isso rapidamente. Mas isso não era algo que ele poderia dizer à mulher. Ao final, ele simplesmente disse, com toda a severidade e firmeza que



pode reunir:

— Não desejo sua ajuda, Srta. Leever. Posso me cuidar sozinho.

Ela assentiu com a cabeça tranquilamente, tomou um gole de chá, depois sorriu agradavelmente e disse:

— Eu tomaria esse comentário muito mais sério se neste momento você não estivesse com um pano de cozinha, bonito e florido, mas manchado de sangue sobre sua cabeça estilo turbante.

Lucern se deu conta, alarmado, só para sentir o pano de cozinha que ele se esquecera que estava envolto ao redor de sua cabeça. Quando começou a desenrolá-la, Kate adicionou:

— Não o remova por minha causa. Parece bastante adorável em você e te faz muito menos intimidador.

Lucern grunhiu. Ele arrancou o florido pano de cozinha.

— O que foi isso? — Perguntou sua editora, com os olhos abertos — Você grunhiu.

— Não o fiz.

— Fez sim — Ela estava rindo muito, perecendo muito



satisfeita — Oh, vocês homens são tão fofos.

Lucern sabia que esta batalha estava perdida. Não haveria nenhum argumento que a fizesse sair.

Talvez controle de mente...

Era uma habilidade que ele procurava evitar usar por regra geral e não tinha exercitado em um longo tempo. Normalmente não era necessário, desde que a família tinha decidido utilizar um banco de sangue para alimentar-se em vez de caçar. Mas esta ocasião claramente o pedia.

Enquanto ele observava Kate sorver seu chá, tratou de entrar em seus pensamentos para poder assumir o controle deles. Ele estava mais que chocado por encontrar só uma parede em branco.

A mente de Kate C. Leever era tão inacessível para ele como uma porta fechada e trancada. De todos os modos, ele continuou tentando por vários momentos, sua falta de êxito era mais alarmante do que teria esperado.

Ele não se rendeu até que ela rompeu o silêncio trazendo a sua razão para estar ali.

— Possivelmente nós poderíamos discutir agora a turnê de autógrafos.



Lucern reagiu como se ela o tivesse marcado com um ferro quente. Desistindo de controlar sua mente e fazê-la ir embora, ele se levantou.

— Há três quartos de hóspedes. Estão lá acima, todos os três à esquerda. Meu quarto e meu escritório estão à direita. Permaneça fora deles. Escolha qualquer dos quartos de hóspedes que você quiser.

Então ele se retirou do campo de batalha com toda a pressa, retornando rapidamente à cozinha.

Ele poderia permanecer com ela por uma noite, ele disse a si mesmo. Uma vez que a noite terminasse e ela se tranqüilizasse vendo que ele estava bem, partiria. Ele se encarregaria disso.

Tentando não lembrar que ele tinha estado tão certo e determinado sobre expulsá-la depois que ela terminasse seu chá, Lucern agarrou um copo de vidro e sua última bolsa de sangue da geladeira. Em seguida, andou até a pia para se servir um pouco de comida. Provavelmente poderia tomar uma taça rápida enquanto a Srta. Kate C. Leever estivesse ocupada em escolher um quarto.

Ele tinha pensado errado. Lucern acabara de começar a verter o sangue da bolsa no copo quando a porta da cozinha se abriu atrás dele.



— Você sabe se tem restaurante 24 horas na cidade?

Deixando cair o copo e a bolsa, Lucern girou rapidamente para confrontá-la, estremecendo-se quando o copo se quebrou na pia.

— Sinto muito, não tive a intenção de assustá-lo, eu...

— Ela fez uma pausa quando ele levantou uma mão para deter seu passo.

— Só... — ele começou, em seguida parou cansado — O que você perguntou?

Ele realmente não podia ouvir sua pergunta. O doce, metálico aroma de sangue parecia espalhar-se no ar, embora duvidasse que Kate pudesse cheirar isso de onde estava no cômodo. Era distração e ainda maior distração era o som do sangue saindo da bolsa e descendo pelo ralo. Sua comida. Sua última bolsa.

Sua mente estava gritando NÃO! Seu corpo estava em cólicas, protestando. Sendo esse o caso as palavras de Kate C. Leever soavam como "Bláh bláh bláh" enquanto ela se movia para sua vazia geladeira e olhava o interior. Lucern não se incomodou em detê-la esta vez. Tirando o sangue anterior, estava completamente vazia. Entretanto, ele realmente tentou se concentrar no que ela dizia, esperando que quanto antes ele respondesse a sua pergunta, mais



rápido poderia salvar sua comida. Ele realmente tentou, entretanto ele só pegou uma palavra aqui e outra ali.

— Blá blá.... Não tem comido desde o café da manhã. Bláh bláh.... Realmente não tem nada aqui. Blá blá blá... compras?

O último coro de blás terminou em uma nota alta, alertando Lucern para o fato que lhe tinha feito uma pergunta. Ele não tinha certeza de qual tinha sido a pergunta, mas ele podia sentir que um não provavelmente, provocaria uma discussão.

— Sim — ele balbuciou, esperando livrar-se da obstinada mulher. Para seu alívio, a resposta a agradou e a mandou de novo para o corredor.

— Blá blá blá... escolhi meu quarto.

Ele quase podia saborear o sangue, seu aroma era tão pesado no ar.

— Blá blá... Transformar em algo mais confortável.

Ele estava morto de fome.

— Blá blá volto em seguida e nós poderemos ir.

A porta se fechou atrás dela e Lucern se moveu rapidamente para a pia. Ele gemeu. A bolsa estava quase



completamente seca. Ela estava lisa. Quase. Sentindo-se um pouco desesperado, ele recolheu-a, derrubou o sangue sobre sua boca apertando, tratando de espremer as últimas gotas. Ele conseguiu exatamente três antes de desistir e jogar a bolsa no lixo com desgosto. Tivera-se qualquer dúvida antes, não havia agora. Sem dúvida, Kate C. Leever ia fazer de sua vida um inferno até que partisse. Ele apenas sabia.

E com o que diabos ele tinha acordado, de qualquer maneira?



Capítulo 02

— Compras!

Kate riu do aborrecido murmúrio de Lucern quando entraram na loja 24 horas. Estivera repetindo isso em todos os poucos minutos desde que tinham saído de casa. No primeiro momento ele disse a palavra como se não pudesse acreditar que tivesse concordado em ir. Depois, enquanto dirigia seu BMW, essa consternação se transformou em desgosto. Você pensaria que o homem nunca fizera compras antes! Claro, julgando por quão vazios estavam os armários de sua cozinha, Kate supôs que ele não tinha. E quando comentara a ausência de comida em sua casa, enquanto saíam, ele murmurou alguma coisa sobre não ter substituído sua governanta. Kate supôs que isso significava que ele comia fora de casa na maioria das vezes.

Ela não se incomodara em perguntar o que tinha acontecido com a governanta. Sua personalidade era resposta suficiente. Sem dúvidas a pobre mulher se demitira. Ela propriamente teria feito. Ela sabia.



Ela o levou para as filas de carrinhos de compras vazios. Quando ela começou a puxar um, Lucern grunhiu algo que poderia ter sido “me permita”, mas poderia facilmente ter sido também “inferno, saia do caminho” e então assumiu a tarefa.

Na experiência de Kate, homens sempre preferiam conduzir — o que quer que fosse, um carro, um carrinho de golfe ou um carrinho de compras. Ela suspeitava que fosse uma questão de controle, mas de qualquer forma era útil; significava que ela estava livre para preenchê-lo.

Ela começou fazendo uma lista mental do que tinham que pegar, enquanto eles se dirigiam para a seção de laticínios. Estava certa de que teria que pegar grandes quantidades de frutas e verduras para Lucern. O homem era forte e musculoso, mas muito pálido. Parecia óbvio para ela que ele estava com extrema necessidade de alguns vegetais e folhas verdes.

Talvez legumes fossem melhorar seu humor, também.

Lucern precisava de sangue. Esse era seu único pensamento pulsando através da sua mente enquanto ele seguia Kate C. Leever pela seção de laticínios, pela seção de congelados e agora pelo corredor do café. O carro estava se enchendo rapidamente. Kate tinha colocado vários iogurtes,



queijos, ovos e uma tonelada de pacotes de comidas congeladas. Agora estava parada no corredor do café e analisava os vários pacotes antes de se virar para perguntar.

— Que marca você prefere?

Ele ficou olhando-a inexpressivamente.

— Marca?

— De café. Qual você normalmente toma?

Lucern deu de ombros.

— Eu não bebo café.

— Oh. Chá, então?

— Não bebo chá.

— Mas você — Ela entrecerrou os olhos — Chocolate quente, Café Expresso, Cappuccino? — Quando ele negou com a cabeça todas as suas sugestões, ela lhe perguntou com irritação — Bem, então *o que* você bebe? Kool-Aid³?

O riso silencioso de divertimento chamou a atenção de Lucern para uma jovem mulher gorda empurrando um carrinho pelo corredor em direção a eles. Era a primeira compradora com quem tinham cruzado desde que tinham

³Uma marca de bebidas, tipo um mix de sabores de frutas



chegado à loja. Entre os desastres com as bolsas de sangue, o chá na sala de estar, e o tempo que Kate tinha demorado pra se trocar, já era perto da meia-noite. A loja não estava muito cheia há essa hora.

Agora que sua risada tinha captado sua atenção, a compradora agitou as pestanas para Lucern e ele se pegou sorrindo de volta e com o olhar fixo no pulso, na base de sua garganta. Ele imaginou afundando suas presas ali e extraíndo o doce e quente sangue dela. Ela era seu tipo favorito para beber. Mulheres rechonchudas e rosadas sempre tinham o melhor e rico sangue, grosso e inebriante e...

— Sr. Argeneau? Terra chamando Lucern!

As agradáveis imaginações de Lucern se quebraram. Ele se virou relutantemente para sua editora.

— Sim?

— O que você gosta de beber? — Ela repetiu.

Ele olhou de volta para a compradora

— Er.... café está bom

— Você disse que não bebia café — Esqueça. Que marca?



Lucern examinou as opções. Seus olhos se fixaram em uma lata vermelho escuro com o nome Tim Hortons. Sempre tinha pensado que fosse uma loja de donuts ou algo parecido. Ainda assim, era o único nome que reconhecia então ele apontou pra ela.

— A mais cara, é claro — Kate resmungou. Ela pegou uma lata de moagem fina.

Lucern não tinha percebido o preço.

— Pare de reclamar. Sou eu quem vai pagar as compras.

— Não. Eu disse que pagaria e é o que farei.

Ela havia dito que pagaria quando mencionou isso antes? Ele se perguntou. Não se lembrava; ele não estava prestando muita atenção até este momento. Seus pensamentos estavam em outras coisas, como o jorro de sangue indo embora pela pia e não dentro de sua desidratada garganta.

Seu olhar retornou à gorda e pulsante veia no pescoço da compradora que continuava a olhá-lo. Ele imaginou que devia estar parecendo um homem morto de fome observando um bufê com rodas passando ao seu lado. Ele estava tentando duramente não se atirar em cima desse sangue



quente e doce, muito mais agradável que as fria bolsas de sangue que ele e sua família tinham decidido ingerir. Não tinha percebido o quanto ele sentia falta da antiga forma de alimentar-se.

— Lucern? — Havia um toque de irritação na voz de Kate Leever, isso fez com que franzisse a sobrancelha enquanto se virava pra ela. Ela não estava no mesmo lugar de antes, mas tinha se movido pelo corredor e o estava esperando. Ela estava com uma expressão irritada, que por sua vez, o incomodava. O que *ela* tinha para estar tão irritada? Ela não era a única morrendo de fome.

Então ele teve a vaga recordação dela dizendo que não tinha comido desde o café da manhã e ele supôs que ela estava com fome também e por isso ela tinha razão de estar ranzinza. Isso foi um relutante reconhecimento.

— Eu vou pagar — Ele anunciou firmemente enquanto empurrava o carrinho para frente — Você é uma convidada em minha casa. Eu vou te alimentar — O oposto de me alimentar de você, ele pensou, que era o que ele mais desejava fazer. Bem, não o que ele *mais* desejava fazer. Ele preferia se alimentar da morena rechonchuda na frente dele. Sempre tinha achado o sangue das magras e loiras criaturas como Kate C. Leever, fino e suave. O sangue das garotas



gordinhas tinham um gosto melhor, mais saborosos, mais encorpados.

É claro, ele não podia alimentar-se de qualquer um. Era muito perigoso hoje em dia e mesmo se ele estivesse disposto a arriscar-se, não arriscaria a segurança de sua família só por uns poucos momentos de prazer culinário.

Isso não quer dizer que ele não pudesse sonhar com isso, embora Lucern tenha passado os momentos seguintes sendo arrastado por Kate através de corredores de comida enlatada e produtos secos, assentindo distraidamente a tudo o que ela dizia, enquanto ele lembrava, com carinho, as refeições que ele apreciava no passado.

— Você gosta de comida mexicana? — Perguntou ela.

— Oh, sim — Ele murmurou a pergunta imediatamente trouxe a memória de uma pequena e vivaz garota mexicana com quem ele esteve em Tampico⁴. Ela tinha sido um pequeno e saboroso pacote. Quente e com cheiro doce em seus braços, pequenos gemidos saindo de sua garganta enquanto ele mergulhou tanto o seu corpo como os dentes nela... Oh, sim! A alimentação podia ser uma experiência de corpo inteiro.

⁴ Uma cidade do México



— E a italiana?

— Italiana é deliciosa também — Disse agradavelmente, suas memórias imediatamente mudaram para uma agradável e pequena camponesa da Costa do Amalfi⁵. Essa tinha sido sua primeira alimentação por conta própria. Um homem sempre se lembra da sua primeira vez. E somente o pensamento da doce e pequena Maria fez que lhe subisse a temperatura. Seus profundos e escuros olhos e seu comprido e ondulado cabelo da cor da meia-noite. Recordava ter enroscado suas mãos nesse cabelo e o gemido de profundo prazer que ela tinha exalado em seu ouvido quando ele tinha tomado sua virgindade e seu sangue ao mesmo tempo. Sinceramente, tinha sido uma doce e memorável experiência.

— Você gosta de bife?

Lucern foi mais uma vez tirado de seus pensamentos, desta vez por um pedaço de carne crua posto de repente sob seu nariz, interrompendo suas agradáveis lembranças. Era um bife, grande e suculento e pensava que normalmente preferia o sangue humano — mesmo sangue frio e ensacado de humanos do que bovinos — o sangue encharcando o bife cheirava bem nesse momento. Ele se encontrou inalando profundamente e deixando a respiração escapar em um lento suspiro.

⁵Localizada na Itália



O pacote foi afastado bruscamente.

— Ou você prefere carne branca?

— Oh, não, não, não. Carne vermelha é melhor — Ele se aproximou do balcão de carne ao qual ela lhe tinha conduzido e ficou olhando em volta com real interesse desde que eles tinham entrado no supermercado. Ele sempre tinha sido um homem de carne com batatas. Pouca carne, como regra.

— Carnívoro anotado — Comentou Kate secamente enquanto ele tratava de alcançar um pacote de carne particularmente ensangüentado. O sangue gotejava e ele quase lambeu os lábios. Então, com medo de que ele poderia fazer algo estressante em seu estado atual, algo como lamber o pacote, ele se afastou e deixou o pacote no lugar. Tomando conta do carrinho, começou a movimentá-lo para longe, esperando passar a uma seção menos tentadora.

— Espere — Kate chamou, mas Lucern continuou caminhando, quase gemendo quando ela se aproximou com vários pacotes de bifes em seus braços, que ela deixou cair no carrinho.

Ótimo! Agora a tentação iria segui-lo. Ele realmente precisava alimentar-se. Tinha que contatar Bastien ou Etienne e lhes pedir que arrumasse um pouco de sangue.



Possivelmente poderia fazer uma rápida parada no Bastien a caminho de casa. Poderia deixar a inabalável Kate Leever, no carro com as compras, entrar correndo, tragar um pouco de alimento e...

Meu deus! Ele soava como um drogado!

— Frutas e Verduras são o próximo, eu acho — Kate disse atrás dele — Você tem obviamente uma séria necessidade de vitaminas. Você já considerou alguma vez fazer um bronzamento artificial?

— Não posso. Tenho um... Er, enfermidade de pele. E também sou alérgico ao sol.

— Isso deve fazer a vida difícil às vezes — Ela comentou. Olhando fixamente com os olhos muito abertos e perguntou — É esse o motivo que você está sendo tão difícil a respeito aos autógrafos e coisas de promoções⁶?

Ele encolheu os ombros. Enquanto Kate começava agarrar todo tipo de coisas verdes, ele fez uma careta. Em sua defesa, agarrou um pacote de dez quilos de batatas para encher o carrinho, mas já estava todo coberto em verde: pequenas e redondas coisas verdes, grandes e redondas coisas verdes, compridos caules verdes. Meu Deus, a mulher

⁶No sentido de promover o livro



tinha algum tipo de fetiche com o verde!

Lucern começou a mover o carrinho com um pouco mais de rapidez, forçando Kate a apressar-se enquanto via que ela começava a pegar outras cores. Laranjas, vermelhos e amarelos vegetais caíram dentro do carrinho e foram seguidos por frutas laranja, vermelhas e púrpuras antes que Lucern conseguisse forçá-la para o caixa.

No momento em que ele parou o carrinho, Kate começou a jogar coisas sobre a esteira. Ele a olhava distraidamente quando a compradora gordinha empurrou seu carro atrás deles. Ela sorriu e agitou suas pestanas de novo, depois lhe deu uma pequena saudação. Lucern voltou a sorrir seu olhar fixo no pulso palpitante de seu pescoço. Ele praticamente podia ouvir o *thump-thump* de seu coração, o movimento de seu sangue por suas veias, o...

— Lucern? Sr. Ageneau, onde você está indo?

Detendo-se, Lucern piscou, percebendo apenas quando Kate o questionou que ele tinha começado a seguir a compradora gordinha como um cavalo andando atrás de uma cenoura pendurada. Sua possível janta o olhou de volta e sorriu de novo antes de desaparecer no corredor dos mantimentos congelados. Lucern partiu em sua busca dizendo:



— Esquecemos os sorvetes.

— Sorvetes? — Ele ouviu a confusão na voz da Kate, mas não pôde parar para lhe dar a resposta que desejava. Apressou-se pelo corredor dos congelados só para encontrar outro comprador ali além de sua adorável gordinha. Eles não tinham cruzado com ninguém nos corredores além da compradora gordinha durante toda a noite, mas agora tinha que aparecer outro, impedindo-o de uma mordida rápida! Suspirando, aproximou-se da seção dos sorvetes, olhou distraidamente as opções. Chocolate, cereja, crocantes.

Seu olhar retornou a sua saborosa gordinha. Ela o estava olhando e lançando sorrisos de flerte. Ela parecia com um grande e sorridente bife com patas. Maldita mulher! Não era legal provocar, ele pensou tristemente abrindo o grande congelador enquanto a olhava fixamente.

Ela se aproximou, sorrindo amplamente enquanto ele tirava um sorvete do congelador. Ela não disse nenhuma palavra, simplesmente sorriu enquanto passava a seu lado, seu braço roçando no dele.

Lucern inspirou profundamente, quase tonto com a essência dela. Oh, sim, seu sangue era doce. Ou era o sorvete que ele estava segurando? Ele agarrou outra caixa enquanto a assistia desaparecer virando a esquina do



corredor, com outro suspiro. Queria segui-la. Ele poderia usar o controle mental para atraí-la para o fundo da loja para uma pequena sugada. Mas se ele fosse apanhado...

Suspirando, ele desistiu da idéia e agarrou uma caixa de sorvete crocante. Podia agüentar um pouco mais de tempo! Só um pouco mais e estaria livre para escapar até Bastien ou Etienne. Certamente Kate C. Leever estaria exausta depois de um dia de trabalho e do vôo e gostaria de dormir essa noite.

— Meu Deus, você gosta de sorvete! — Kate comentou quando ele retornou.

Lucern deu uma olhada às quatro caixas de sorvetes que levava nos braços e as soltou sobre a esteira com indiferença. Não tinha nem idéia de que sabores eram cada um e em sua distração não se deu conta de que tinha pegado tantos, mas isso não importava. Eles eventualmente comeriam.

Kate protestou quanto a ele pagar, mas Lucern insistiu. Era uma coisa de homens. Seu orgulho não lhe permitiria que uma mulher pagasse a comida destinada para sua casa. Kate abriu um pacote de bolos de arroz para comê-los no caminho de volta. Ela lhe ofereceu um pouco, mas ele simplesmente desdenhou e balançou a cabeça. Bolos de



arroz. Bom Deus.

Lucern dirigiu para não parar em nenhuma das casas de seus irmãos. Orgulhou-se de seu autocontrole. Ele e Kate levaram os pacotes de comida para dentro da casa em seguida, ele insistiu que ela começasse a cozinhar enquanto ele guardava as compras. Isto o fez sentir prestativo e útil, quando na realidade ele só queria que ela terminasse de cozinhar seu maldito jantar, comesse e fosse pra cama, para que ele pudesse ir à busca do que necessitava. Não que ele não pudesse desfrutar de comida também. Um pouco de comida não fazia mal, mas comer de forma regular não ajudaria na sua principal fome. Sua gente podia sobreviver sem comida, mas não sem sangue.

Felizmente, Kate C. Leever estava aparentemente faminta, porque ela fez uma refeição rápida, grelhando um par de bifes e, em seguida, jogou junto, uma taça de um monte de coisas verdes com algum tipo de molho sobre isso. Lucern nunca tinha entendido a atração pelas saladas. Os coelhos comiam verde. As pessoas comiam carne e Lucern comia carne e sangue. Ele não era um coelho. Entretanto manteve para si suas opiniões e acabou de colocar todas as compras ao mesmo tempo em que Kate terminava de fazer o jantar. Então eles se sentaram para jantar.



Lucern se dedicou ao seu bife com fervor, ignorando a tigela de coelhos. Ele pediu a carne mal passada e supôs que era raro para a maioria das pessoas— mas raro para ele era *raro*. Ainda assim estava tenro e suculento e o comeu rapidamente.

Ele assistiu Kate terminar, mas negou com a cabeça quando ela ofereceu-lhe salada.

— Você realmente deveria comer um pouco — Ela repreendeu com a testa franzida — Tem muitas vitaminas e nutrientes e você ainda está pálido.

Ele presumiu que ela temia que a sua palidez fosse devido ao seu suposto ferimento na cabeça. Ou devido à falta de sangue, porém isso lembrou Lucern que ele tinha que ver se Bastien estava em casa. Desculpando-se, ele deixou o cômodo e se dirigiu ao seu escritório.

Para seu desapontamento, quando ligou para seu irmão, não houve resposta. Bastien ou estava fora em um encontro ou tinha voltado às Indústrias Argeneau. Como Lucern, Bastien preferia trabalhar de noite quando todo mundo estava dormindo. Os hábitos de algumas centenas de anos eram difíceis de mudar.

Lucern retornou à cozinha, para ver que Kate Leever tinha terminado de comer e tinha enxaguado a maioria dos



pratos e os tinha metido na máquina de lavar pratos.

— Eu terminarei isso — Ele disse — você deve estar exausta e desejando se deitar.

Kate olhou para Lucern, surpresa. Era difícil de acreditar que este era o mesmo homem que tinha escrito aqueles curtos “nãos” em resposta as suas cartas e fora tão rude quando ela chegara. Sua ajuda em guardar as compras e sua aparente consideração agora a faziam suspeitar. A expressão esperançosa em seu rosto tampouco ajudava muito. Entretanto, ela *estava* cansada. Tinha sido um longo dia, assim ela relutantemente admitiu.

— Estou cansada, realmente.

No próximo segundo, ela viu seu braço ser agarrado por uma firme mão e fora conduzida para fora da cozinha.

— Para cama, você! — Argeneau parecia alegre com a perspectiva e ele a apressou pela sala e depois pelas escadas — Durma até tão tarde quanto quiser. Eu provavelmente trabalharei durante toda a noite e geralmente durmo a maior parte do dia. Se você se levantar antes de mim, coma o que quiser, beba o que quiser, mas *não bisbilhote por aí* — O último foi dito em um tom duro que soava mais com o homem rude que ela esperava.



— Eu dificilmente bisbilhotarei por aí — Ela disse rapidamente, irritada — Eu trouxe comigo um manuscrito para corrigir. Assim farei isso até que se levante.

— Bom bom. Boa noite — Ele a empurrou para dentro do quarto de hóspedes amarelo que ela tinha escolhido mais cedo e puxou a porta fechando-a com um estalo.

Kate girou lentamente depois disso, esperando ouvir o ruído da porta sendo trancada. Sentiu-se aliviada quando isso não aconteceu. Sacudindo a cabeça por ter uma mente tão desconfiada, andou até sua mala para procurar sua camisola, então entrou no banheiro da suíte para tomar banho. Ela estava se arrastando para cama quando se lembrou da desculpa que ela usara para ficar ali. Ela parou para olhar ao seu redor.

Parando no pequeno relógio digital na mesinha de cabeceira, ela o agarrou e colocou para despertar em uma hora. Tinha toda a intenção de levantar-se para checar se Lucern não tinha adormecido — e que se ele tivesse, ele ainda pudesse ser acordado.

Kate colocou o relógio de volta sobre a mesa e se meteu sob as cobertas, pensando nesses momentos de pânico na cozinha. Inspirou profundamente pelo nariz, recordando Lucern Argeneau de pé ante ela, o sangue gotejando por sua



cabeça e rosto. Meu Deus, ela nunca tinha visto uma ferida na cabeça antes. Ela tinha ouvido que elas podiam sangrar muito, é claro, e pareciam pior do que realmente eram, mas tinha tanto sangue.

Ela estremeceu e engoliu um nó de ansiedade. Kate mal conhecia o homem e ele tinha sido nada mais que grosseiro desde sua chegada. Mas, apesar do fato de que ele bem que merecia algo após o seu comportamento, ela realmente não queria vê-lo morto. Como iria impressionar sua chefe, desse jeito? Ela conseguia imaginar isso agora.

— Não, Allison, não pude o convencer de fazer as entrevistas com os jornalistas. Não, nem tampouco os shows na televisão. Er... Não, tampouco pude convencê-lo a fazer os autógrafos. Realmente, poderia tê-lo convencido, mas é que eu o matei ao invés disso. Foi um acidente, Allison. Sei que é nosso último cliente que gera lucros e realmente não tinha a intenção de matá-lo apesar do fato de que ele era grosseiro e um teimoso... Não, de verdade, foi um acidente. Sim, já sei que estou despedida. Não, realmente não te culpo por não me dar uma carta de recomendação. Sim, se me perdoar irei me candidatar ao Mcdonalds da esquina, agora que minha carreira de editora está acabada.

Suspirando, ela sacudiu a cabeça no travesseiro e



fechou os olhos. Graças a Deus que Argeneau parecesse saudável — exceto pela sua palidez. Sentou-se de novo na cama, preocupação a consumindo de novo. Ele realmente parecia terrivelmente pálido.

— E por que não? — perguntou-se, era como se tivesse perdido um litro de sangue. Ou no mínimo meio litro. Talvez ela devesse checá-lo agora. Kate considerou o assunto brevemente, parte pensando em checá-lo agora e outra parte relutante de que ele gritasse por interromper qualquer coisa que estivesse fazendo. Ele certamente iria ladrar o suficiente quando ela checasse a cada hora ao longo da noite. Mas ele tinha estado terrivelmente pálido depois de bater a cabeça.

Por outro lado, ela tinha notado sua palidez na varanda antes que ele golpeasse a cabeça. Ou tinha sido a luz? Era de noite e a luz na varanda tinha sido uma dessas lâmpadas de néon. Isso poderia simplesmente ter feito com que ele parecesse pálido.

Ela meditou brevemente sobre o tema, começando a tirar os pés da cama para ir checá-lo antes de ir dormir, mas então ela parou ante ao som de uma porta se fechando. Enrijecendo, Kate ouviu o suave som de pés pelo corredor, então se obrigou a relaxar e recostar na cama. Os passos tinham sido suaves, mas soavam normais. Lucern não soava



como se cambaleasse ou andasse excessivamente devagar. Ele estava bem. Ater-se-ia a seu plano e lhe daria uma olhada a cada hora.

Relaxando, ela recostou-se e fechou os olhos. Não iria conseguir dormir muito esta noite e sabia. Na verdade, ela realmente preferia estar em um hotel em algum lugar para dormir profundamente e ela estaria com machucado na cabeça ou sem machucado — se não se preocupasse que uma vez fora da casa, Lucern Argeneau não voltasse a deixá-la entrar. Kate não podia arriscar isso; ela *tinha* que convencê-lo a fazer uma das aparições públicas. Qualquer uma delas serviria. Ela temia muito que manter sua nova posição como editora dependesse disso...



— Você está brincando! Ela realmente pensou que todo esse sangue era de um pequeno corte na cabeça? — Perguntou Etienne com uma risada incrédula.

— Bom, ela dificilmente iria imaginar que tinha vindo de uma bolsa de sangue na sua geladeira — Assinalou



Bastien, mas ele também estava rindo.

Lucern ignorou a diversão de seus irmãos e afundou os dentes na segunda bolsa de sangue que Rachel lhe trouxera. Já tinha ingerido a primeira. Ele insistiu em fazê-lo antes de explicar por que ele aparecera na casa de Etienne implorando para ser alimentado. O primeiro saco lhe permitiu superar a surpresa de encontrar Bastien ali. Também tinha dado tempo a seus irmãos para explicar que Bastien estava ali para ajudar a resolver alguns problemas de última hora com o casamento. O que explicou muito bem porque Lucern não tinha sido capaz de achá-lo.

— O que eu não entendo — Bastien disse enquanto Lucern terminava a segunda bolsa e retraía suas presas — é por que, simplesmente, não se meteu em sua cabeça e sugeriu que ela fosse embora.

— Eu tentei — Admitiu Lucern com cansaço. Colocou ambas as bolsas vazias na mão que Rachel lhe estendia e a observou sair do quarto para se desfazer delas — Mas não pude entrar em sua mente.

O silêncio que se seguiu foi tão eficaz que as respirações cessaram. Etienne e Bastien o olharam atordoados.

— Você está brincando — Disse Bastien, for fim.



Quando Lucern negou com a cabeça, Etienne caiu na cadeira na sua frente e disse.

— Bem, não diga para mamãe se você não quiser ela empurrando vocês dois juntos. O minuto que ela escutou que eu não podia ler a mente de Rachel foi o minuto que ela decidiu que faríamos um bom casal — Fez uma pausa pensativamente — É claro, ela *estava* certa.

Lucern grunhiu em aborrecimento.

— Bem, Srta. Kate C. Leever não é perfeita para mim. A mulher é tão irritante como um mosquito voando sobre sua cabeça. Teimosa como uma mula e persistente como o inferno. A maldita mulher não me deu um momento de paz desde que apareceu abrindo caminho pela minha porta.

— Não é verdade — argumentou Bastien com diversão — Você conseguiu escorregar por tempo suficiente para vir aqui.

— Isso só porque ela estava cansada e se deitou. Ela... — Ele pausou de repente e se endireitou, recordando sua promessa de checá-lo a cada hora para assegurar-se de que o machucado não tinha feito mais estragos do que ele acreditava. Ela realmente faria isso? Olhou fixamente para seus irmãos — Quanto tempo eu estive aqui?



As sobrancelhas de Bastien se arquearam curiosamente, mas deu uma olhada em seu relógio de pulso e disse:

— Não tenho certeza, mas acho que você esteve aqui cerca de quarenta ou quarenta e cinco minutos.

— Merda — Lucern ficou de pé com rapidez e se dirigiu correndo para a porta — Tenho que ir. Meu obrigado pelas bebidas, Rachel — Gritou para o outro quarto.

— Espera. O que...?

Bastien e Etienne levantaram para segui-lo, perguntas escapando de suas bocas, mas Lucern não parou para responder. Tinha trancado a porta do escritório antes de deixar a casa e Kate poderia supor que ele estava ali, mas se ela realmente decidisse checá-lo a cada hora e se não tivesse nenhuma resposta quando batesse na porta, a maldita mulher poderia presumir que ele morreu ou algo do tipo e chamaria a polícia ou uma ambulância. Ela poderia inclusive tentar derrubar a porta do escritório ela mesma. Não queria nem imaginar o que essa mulher poderia fazer.

Veio em sua mente um par de idéias enquanto ele se apresava para casa.

Felizmente, ela ainda não havia feito nenhuma delas no



tempo que ele retornava. Ela estava em pé e tentando acordá-lo, entretanto — isso estava óbvio no momento que ele abriu a porta da frente. Ele podia ouvi-la, do andar de baixo, gritando e golpeando a porta do seu escritório. Rolando os olhos pelo escândalo que ela estava fazendo e o pânico em sua voz enquanto ela chamava seu nome, Lucern guardou as chaves de casa no bolso e subiu as escadas. Parando abruptamente no alto da escada.

Querido Deus. A mulher não só comia comida de coelhos, ela também usava pantufas de coelho.

Lucern olhou as fofinhas orelhas acima do peludo e cor de rosa coelho que ela usava, então deixou seu olhar deslizar sobre o pesado e também rosa e peludo, roupão. Se ele já não soubesse que ela tinha uma agradável imagem, ele não saberia agora. Então, ele teve um vislumbre de seu cabelo e estremeceu. Ela foi para a cama com o cabelo molhado e obviamente ele tinha se enroscado por todos os lados durante o sonho; seu cabelo estava em pé e indo a todas as direções.

Olhando pelo lado bom, obviamente ela não tinha a intenção de seduzi-lo para fazer qualquer uma dessas coisas de publicidade que ela estava ansiosa para ele fazer. Curiosamente, Lucern realmente sentia um toque de pesar



por essa cena. Ele não entendia por quê. Ele nem gostava dessa mulher. Ainda assim, ele talvez estivesse aberto á um pouco de sedução.

— Boa noite — Ele disse quando ela fez uma pausa em seus gritos para tomar ar. E se viu de novo boquiaberto quando Kate C. Leever deu a volta rapidamente para lhe encarar.

— Você! Eu pensei... — Ela se girou para a porta trancada do escritório e de novo para ele — Essa porta está trancada. Pensei que você estava lá dentro e quando não respondeu eu — Sua voz foi sumindo enquanto ela se dava conta da expressão dele. Repentinamente consciente, ela puxou as bordas do seu velho e esfarrapado roupão como se ele pudesse estar tentando ter uma melhor visão da camisola de flanela que mostrava um decote — Alguma coisa errada?

Lucern não pôde evitar, sabia que isso era rude, mas ele não pôde parar as palavras que escaparam de seus lábios.

— Meu deus! O que é esse negócio no seu rosto?

Kate imediatamente soltou seu roupão e pressionou ambas as mãos no rosto, sua boca soltando um alarmado “oh!” quando ela recordava e tentava esconder a seca máscara verde.



Obviamente era algum tipo de tratamento de beleza, deduziu Lucern, mas Kate já não estava ali para explicar exatamente de que tipo. Dando meia volta, ela fugira para o quarto de hóspedes e fechara a porta atrás dela. Depois de uns segundos, ela falou com a voz tensa.

— Alegro-me que esteja bem. Em sua maior parte. Eu estava preocupada quando não respondeu a minhas batidas. Voltarei a checá-lo em uma hora.

O silêncio encheu o corredor.

Lucern esperou um momento, mas quando não ouviu o som de passos afastando-se da porta, deduziu que ela estava esperando algum tipo de resposta. “Não”, foi a primeira resposta que lhe veio à mente. Não queria que ela o checasse. Ele não a queria em sua casa, de toda maneira. Mas descobriu que não poderia contar isso a ela. Ela parecia terrivelmente envergonhada por ter sido pega do jeito que estava e ele realmente não podia culpá-la. Ela parecia horrível em um fofo tipo de coelho.

Sorriu pra si mesmo com a memória dela em pé no corredor parecendo o inferno. Kate *parecia* ruim — mas de uma forma tão adorável que tinha desejado abraçá-la... Até que ele tinha visto essa máscara verde em sua cara.

Lucern decidiu não continuar a sua angústia com o



“não” que certamente ela já esperava e em seu lugar disse um “boa noite” com uma incômoda voz rouca. Um tom de voz inquietamente áspero. Enquanto ele se movia para a porta de seu escritório, ouviu um pequeno suspiro proveniente do outro lado da porta e depois um pequeno “boa noite” em resposta. Seus macios passos se afastaram. Ela está indo pra cama, ele pensou.

Então veio um estalo e o fio de luz que se via por debaixo da porta do quarto de hóspedes se apagou. Lucern parou. Por que as luzes estavam acesas? Estava voltando a programar o alarme do relógio para uma hora a partir de agora? A estúpida mulher realmente tinha a intenção de checá-lo a cada hora!

Sacudindo a cabeça, ele entrou em seu escritório e acendeu as luzes. Ele lhe daria quinze minutos para que dormisse e então entraria no quarto e desligaria o alarme. A última coisa que ele precisava era ela o chateando toda a noite. Embora também lhe ocorreu que se ela não dormisse muito essa noite, então provavelmente dormiria até mais tarde pela manhã para compensar, o que significaria que teria menos tempo para bisbilhotar por aí enquanto ele estava dormindo.

Não, ele decidiu. Ela havia dito que não bisbilhotaria e





ele acreditava nela.

Em sua maior parte.



Capítulo 03

Kate bisbilhotou.

Ela não queria fazer aquilo. Na verdade, ela havia feito planos para o dia que não incluíam bisbilhotar por aí — mas, bem, até os melhores planos e tudo o mais. Eles sempre davam errado.

Kate despertou às dez da manhã. Seu primeiro pensamento foi perguntar-se onde estava. O segundo, uma vez que recordou onde estava e por que, foi — Oh, merda, o alarme não funcionou — Sentando sobre a cama, alcançou o despertador para comprová-lo. Estava bem posto. Kate franziu o cenho para a maldita coisa, estava certa de que o tinha programado depois da última checagem em Lucern. Claramente recordava tê-lo programado e ligado. Mas estava desligado. Colocou-o de volta franzindo a testa. Teria despertado um segundo somente para alcançá-lo e desligá-lo? Devia ser isso, compreendeu fazendo uma careta.



— Que há contigo, Leever. A única desculpa para ficar aqui, a oportunidade perfeita para agradar este homem e você estragou tudo — Esse tinha sido seu pensamento, ele não poderia expulsá-la de sua casa depois dela ter despertado a cada hora para ver se ele estava bem. Mas agora que tinha falhado nessa tarefa, ele a expulsaria antes do meio-dia, se ele não tivesse estado escrevendo durante toda a noite como ia fazer. Se tivesse escrito durante toda a noite, não despertaria até as duas ou três. Por isso ela estaria fora dali lá pelas três ou as quatro.

— Bom show, Katie — Ela afastou o lençol e se levantou da cama. Agora teria que procurar outra boa desculpa para ficar até que convencesse Lucern Argeneau a cooperar.

Kate refletiu sobre o problema enquanto tomava banho, se secava, se vestia, quando escova os dentes, penteava o cabelo e quando aplicava um pouco de maquiagem. Ao final o deixou como uma causa perdida até que tivesse comido algo. Sempre pensava melhor quando tinha o estômago cheio. Saindo do quarto, ela fez uma pausa no corredor, olhando fixamente para a porta em frente a sua. Talvez devesse verificar como estava seu anfitrião. Não o tinha checado em toda a noite. O homem poderia estar em estado de coma sobre o chão de seu quarto.



Franziu os lábios pensando nesse assunto, então sacudiu a cabeça. Não. Não é uma boa idéia, decidiu. Ela tinha negligenciado seu dever de verificar ele ontem à noite; a última coisa que ela queria era acordá-lo antes que houvesse encontrado uma maneira de redimir-se. Deu meia volta, movendo-se silenciosamente descendo a escada. Sua primeira parada foi à cozinha. Ligou a cafeteira, logo avaliou o conteúdo da geladeira. Embora já soubesse cada coisa que havia em seu interior, era uma maneira de divertir-se ao olhar cada produto e fingir que poderia comer algo gorduroso e oleoso como ovos com bacon. Claro que ela não podia. Conformou-se com algo menos satisfatório, mas saudável, como um suco de laranja e cereais. Então encheu uma xícara de café e o bebericou enquanto olhava atentamente pela janela o quintal de Lucern. Era grande e limpo, com uma grama recém cortada rodeada por árvores. Obviamente feito por algum profissional. Como também ocorria na casa.

A casa de Lucern mostrava-se feita sob medida com classe e riqueza, tanto por dentro como por fora. Era grandiosa e cheia de antiguidades, mas o melhor de tudo estava lá fora. A casa criada sobre uma propriedade de bom tamanho era rodeada por árvores e grama, tudo bem conservado e criado para disfarçar o fato de que a casa foi



feita na beirada de uma grande metrópole. Era magnífica e tranqüila e Kate estava desfrutando dela enquanto bebia seu café.

Servindo-se outra xícara, vagou pela cozinha e deu um passeio pelo corredor, com sua mente trabalhando para conseguir algum plano para poder permanecer na casa ao menos outra noite. Realmente tinha que convencer Lucern a fazer ao menos uma das entrevistas. Kate suspeitava que ele nunca concordaria em fazer a turnê de autógrafos, ela já tinha descartado essa idéia, mas certamente poderia persuadi-lo a fazer um par de entrevistas. Possivelmente por telefone ou pela Internet? Alguns outros escritores já tinha feito por e-mail. O entrevistador envia um e-mail com as perguntas e o escritor respondia também por e-mail. Ou por outros serviços de mensagem; também sabia de escritores que tinham feito dessa maneira. Por Deus! Certamente não seria grande coisa? Lucern nem sequer teria que sair de casa.

Estava prestes a entrar na sala com seu café quando viu a caixa sobre a mesa do corredor. Kate a reconheceu imediatamente. Tinha embalado a maldita coisa com todas as cartas de seus fãs e tinha enviado ela mesma. Trocando de direção, seguiu pelo corredor até a mesa, fulminando a caixa com o olhar. Tinha enviado há três meses! Três meses!



E ele não se incomodou em abrir a maldita coisa, sem falar de responder a qualquer uma delas.

— Droga de homem — Resmungou — Ingrato, estúpido... *maravilhoso* — O último foi dito com o surgimento de um sorriso quando ela descobriu a desculpa perfeita para permanecer mais uma noite — Oh — Respirou — Deus abençoe seu esconderijo estúpido e suas maneiras rudes.



Salsa tocando. Essa foi à primeira coisa que Lucern escutou quando despertou. Ele reconheceu a música; um êxito do momento. Uma breve imagem se criou em sua cabeça, a de um homem magro, um dançarino latino no palco com roupas escuras.

A música facilitou para ele encontrar Kate. Ele simplesmente seguiu o som, onde fez uma pausa na entrada para observar a bagunça feita enquanto ele estava dormindo. A sala que tinha estado limpa e ordenada quando foi dormir agora estava alagada de papéis. Cada superfície disponível tinha cartas abertas em cima. Kate C. Leever se movia



dançando ao redor da caixa que era o centro desta confusão, tirando as cartas, as abrindo e as separando em um monte ou em outro por ordem.

— Você abriu! — Rugiu ele.

Kate, que estava rebolando rapidamente, em um movimento bastante sexy para ser honesto, com a caixa meio vazia, deu um grito alarmado. Girou em direção a porta, soltando a caixa no chão.

— Olha o que você fez! — Gritou, ruborizando-se pela vergonha. Abaixou-se para recolher o conteúdo da caixa.

— Abriu — Repetiu Lucern. Avançando, levou-se sobre ela enquanto ela recolhia os envelopes.

— Eu — Olhou-o atentamente com ar de culpa, então mostrou sua irritação. De pé, fulminou-o com o olhar — Eu tive que abrir. A caixa estava bem ali sobre a mesa do corredor. Vi-a ao passar.

— Não tenho certeza, mas acredito que é ilegal abrir o correio de outra pessoa. Não é um crime federal?

— Tenho certeza de que isso não se aplica quando a mesma pessoa enviou e realmente *enviei* esta caixa. Faz três meses! — Acrescentou gravemente.



— Mas não escreveu as cartas que havia dentro.

Kate fez uma careta, então voltou sua atenção para atirar de volta os envelopes fechados na caixa. Ela explicou:

— Eu vi que você não tinha sequer aberto ainda e pensei que talvez pudesse ajudar. Era óbvio que você estava sobrecarregado pelo número de cartas.

— Ha! Eu não tinha nenhuma idéia do número de cartas. Ainda não o tinha aberto.

— Não, você não tinha — Admitiu depois de um momento. Logo perguntou — Qual seu problema com o correio? Eu nunca conheci ninguém que deixou o correio assim de lado por meses. Não é de admirar que você demorasse tanto para responder às minhas cartas.

Antes que ele pudesse responder, ela se virou e seguiu.

— E como você pôde ignorar todas estas cartas como fez? — Ela acenou para as mini-torres construídas ao redor da sala — Estes são seus leitores, seus fãs! Sem eles, você não é nada. Eles pagam um bom dinheiro por seus livros, e mais um bom dinheiro para dizer a você que gostaram do que escreve. Seus livros não seriam publicados se não houvesse leitores para lê-los. Como você pode simplesmente ignorá-los assim? Eles perderam seu tempo e se



incomodaram em te escrever. Dizem coisas maravilhosas de você, de seus livros, de sua escrita. Alguma vez admirou o trabalho de alguém ou desfrutou dele tanto que quis dizer que apreciava seu trabalho? Deveria estar agradecido por eles terem feito!

Lucern olhou fixamente, surpreso. Ela se mostrava bastante apaixonada, com sua cara rosada e levando seu peito. E era um belo peito, notou. Ela tinha uma bela silhueta em geral, até com seus cômodos jeans e a camiseta que ela tinha escolhido colocar hoje. Tudo se notava muito interessante à vista, mas não era o momento. Repreendeu-se mentalmente e levou um momento para limpar a garganta antes de falar. O problema era que não lembrava o que ela havia dito ou o que ele deveria dizer em resposta.

— Ha! — Havia triunfo em sua cara — Não tem nenhuma resposta, não é? Por que é verdade. Você tem sido terrivelmente negligente com este assunto e eu decidi com a bondade do meu coração, ajudá-lo. Você não precisa agradecer-me. — Acrescentou ela num tom auto-suficiente. Então ela agarrou e abriu outra carta.

Lucern viu-se criando um sorriso zombador em seus lábios enquanto a olhava. Não era preciso ler sua mente para saber que isto não era em realidade um caso de boa vontade,



mas uma tentativa de permanecer em sua casa tempo suficiente para convencê-lo de fazer publicidade para seus livros. Decidiu que (pela bondade de *seu* coração), iria deixar que permanecesse tempo suficiente para ajudá-lo com as cartas. Não tinha nenhuma intenção de responder. Não conhecia nenhuma destas pessoas e isto era uma tarefa muito pesada, mas agora... Bom, seu discurso na verdade o tinha convencido. Até certo ponto.

— Muito bem. Você pode me ajudar com as cartas —
Ele anunciou.

Kate sacudiu a cabeça ante a magnificência de Lucern Argeneau.

— Bem! Como o grande senhor me permite. — Ela fez uma pausa. Suas palavras zombeteiras foram um esforço em vão, já que Lucern tinha saído da sala. Maldito Homem! Ele era muito frustrante, irritante... E o que era aquela fala adequada o tempo todo? Este homem parecia uma antigüidade, tinha um palavreado antigo e um ligeiro sotaque que ela não conseguia identificar o lugar. Essas duas coisas começavam a incomodá-la.

Ela estava voltando para a caixa para seguir classificando as cartas em categorias quando uma série de fortes pancadas ecoou pela casa. Reconhecendo o timbre da



campainha, ela hesitou, depois baixou a cartas e foi atender. Abriu a porta da frente e encontrou um homem uniformizado do outro lado, com um refrigerador estampado B.S.A.⁷ na mão.

— Olá — Ele parou de mastigar o chiclete por tempo suficiente para sorrir abertamente, mostrando um conjunto de dentes brancos — Deve ser a editora de Luc.

Kate ergueu as sobrancelhas.

— Er, sim. Kate. Kate C. Leever.

O homem apertou a mão que lhe oferecia, espremendo-a calorosamente.

— A Tia Maggie tinha razão. É uma doçura.

— Tia Maggie? — Kate perguntou confusa.

— A mãe do Luc e minha tia. Marguerite — Ele acrescentou quando ela continuou confusa, mas não foi de muita ajuda para Kate. As únicas pessoas que ela encontrara quando chegou foi um par que saiu quando ela desceu do táxi e a mulher certamente não era velha o bastante para ser a mãe do Luc, er, Lucern. Kate pôs aquela preocupação à parte quando caiu a ficha sobre as outras conotações do que ele disse.

⁷Banco de Sangue Argeneau



— Você é primo de Lucern?

— Sim, senhora. Nossos pais são irmãos — Ele sorriu abertamente, o que tornava mais difícil para ela ver semelhança. Oh, era um homem alto e tinha o cabelo negro como Lucern, mas Luc não sorria e este jovem não parara de sorrir desde que abrisse a porta. Era difícil acreditar que fossem parentes.

— Sou muito mais jovem do que pareço.

— Você é? — Perguntou duvidosa. Ela teria colocado os dois homens em torno da mesma idade.

— Oh, sim — Sorriu abertamente — Sou séculos mais jovem que Lucern.

— Thomas.

Kate olhou por cima do ombro. Lucern vinha pelo corredor, mostrando uma carranca olhando dela para seu primo. Suspirou interiormente ante seu óbvio desagrado. Aparentemente, ele não gosta que abram a porta. Por Deus, o tipo era uma dor de dente. Por que não poderia ser o Thomas que tivesse escrito os romances de vampiros? Teria sido muito mais fácil de lidar, com certeza.

— Aqui está, primo — Thomas não pareceu surpreso ou perturbado pela expressão de Lucern. Ele lhe deu o



refrigerador portátil — Bastien disse para trazer logo. Disse que estava sem e precisava dele urgentemente — Disse isto com um sorriso zombador, piscando.

— Obrigado.

Lucern na verdade estava rindo para seu primo, Kate notou surpresa. E seu rosto não rachou e nem caiu no chão por fazê-lo.

— Retornarei imediatamente — Disse Lucern. Quando deu a volta para a escada, ele advertiu — Tente não morder minha convidada. Ela pode ser provocante.

Kate franziu a testa ante a retirada de seu anfitrião, logo sorriu a com a risada de Thomas. Ela virou-se sorrindo e perguntou:

— Ele é sempre tão irritável, ou é só comigo?

— Só contigo — Disse Thomas. Ao ver sua expressão deprimida, começou a rir. Ao final ficou com pena dela e disse a verdade — Nah. Não é você. Lucern é um tipo mal-humorado. Estivera assim por séculos. Embora pareça estar de bom humor hoje. Você deve ter uma boa influência sobre ele.

— Este é seu melhor humor? — Perguntou Kate incrédula. Thomas apenas riu de novo.



— Aqui está — Disse-lhe Lucern. Ele desceu as escadas correndo, devolvendo o refrigerador ao seu primo — Dê meus agradecimentos a Bastien.

— Darei — Então Thomas assentiu, piscou de novo para Kate e deu a volta caminhando pelo alpendre.

Kate olhou para o caminhão estacionado na calçada. As iniciais B.S.A. estavam impressas na lateral, as mesmas do refrigerador, ela observou. Lucern a empurrou para fora do caminho e fechou a porta.

— O que...? — Começou a dizer com curiosidade, mas Lucern a salvou de provar o quão rude e curiosa ela podia ser. Ele afastou-se e começou a ir para a sala antes que ela pudesse fazer as perguntas que tremiam em seus lábios.

— Pensei que, como existem muitas cartas, é muito para responder individualmente, na verdade, nós poderíamos dividir em categorias e assim fazer uma espécie de carta formulário para cada uma. Depois poderia adicionar algum texto mais pessoal a cada uma das respostas.

Lucern grunhiu e tomou outro gole de café enquanto Kate fazia o almoço. Bom, este tinha sido seu almoço e café da manhã. Embora, ele contasse a bolsa de sangue que tinha chupado depressa enquanto levava o refrigerador que Thomas havia trazido ao seu escritório, supôs que esta



comida poderia contar como seu almoço também. Deslocaram-se até a sala de estar e ele sentou-se no sofá enquanto ela explicava todos os projetos que tinha para as cartas.

— Vou encarar isso como se você achasse meu plano genial e concordasse em cooperar — Disse Kate em resposta a seu grunhido. Porque isto pareceu incomodá-la e porque ele gostava do jeito que ela corava quando estava irritada, Lucern grunhiu novamente. Como ele esperava, suas bochechas ficaram vermelhas como o sangue e seus olhos faiscavam de raiva e Lucern decidiu que Kate C. Leever era uma coisinha linda quando se zangava. E que ele gostava de olhar para ela.

E apesar de não estar muito contente com ele, a irritação de seu rosto de repente desapareceu e comentou:

— Você está mais corado hoje. Eu acho que não houve dano permanente do ferimento na cabeça depois de tudo.

— Eu disse que estava bem — Disse Luc.

— Sim, você disse — Acrescentou. Então, ela pareceu desconfortável e disse: — Desculpe-me, eu não verifiquei você da segunda vez. Pretendia, mas eu não ouvi o alarme tocar novamente. Eu devo tê-lo desligado enquanto estava sonolenta ou alguma coisa assim.



Lucern acenou afastando o pedido de desculpas. Ele desligara o alarme, por isso ela não tinha que pedir perdão. E não achou que ela gostaria de saber que ele fora a seu quarto enquanto dormia. Ela definitivamente não gostaria de saber que depois de terminar a tarefa, ele pegara-se em pé ao lado da cama, apenas observando-a dormir por um tempo, olhando fascinado a sua expressão inocente durante o sono, vendo a ascensão e queda dos coelhinhos em sua camisola de flanela enquanto respirava. Como desejara retirar a ponta daquela oh tão apropriada camisola da frente de sua garganta para ver sua pulsação. Não, ela definitivamente não quer saber de tudo, por isso ele se levantou e bebeu pausadamente seu café de novo.

A bebida era amarga, mas com um gosto extremamente saboroso. Lucern não podia imaginar porque o evitara todos estes anos. É verdade, ele fora avisado de que o estimulante do café em seu corpo teria o efeito em dobro de um ser humano, mas realmente não tinha notado nenhum efeito ainda. Claro, só tinha bebido dois goles até agora. Possivelmente não deveria correr mais riscos. Por isso deixou a xícara.

— Então, o que faremos? — Perguntou ele bruscamente, tentando mudar de assunto, assim Kate sairia



do tópico de não acordar para ver como ele estava na noite passada.

— Bem. Estive dividindo as cartas em categorias. Muitas delas têm dúvidas ou assuntos semelhantes, tais como pedidos para você escrever a história de Lucern ou Bastien — Explicou ela — Então coloquei todos os que fazem perguntas em uma pilha. Dessa forma, você pode escrever uma carta de formulário para cada pilha, reduzindo as cartas que você vai escrever para umas vinte em vez de centenas.

— Claro, seria bom se você lesse cada carta e escrevesse uma ou duas linhas para personalizar a sua resposta — ela acrescentou, parecendo hesitante.

Lucern supôs que ela já tinha pensado em todo o trabalho que daria. O que fez. Ele não pôde evitar queixar-se.

— Eu não sofri essas dificuldades com os meus outros livros.

— Outros livros? — Ela piscou confusamente, então disse — Oh. Você quer dizer seus textos históricos. Bom, isso era diferente. Aqueles não eram de ficção. Esses na maior parte são utilizados em universidades e tal. Alunos raramente escrevem cartas de fãs.



Lucern fez uma careta e bebeu mais um gole de café. Isso o ajudou para não contar a ela que seus livros não eram ficção e que apenas eram divulgados mundialmente como se fossem romances vampírescos.

— Enfim, eu acho que nós temos categorias suficientes para começar. Posso te dizer qual é cada categoria e você pode compor uma espécie de resposta geral para cada um enquanto eu sigo classificando o resto das cartas — Sugeriu ela.

Assentindo dando sua aprovação, Lucern cruzou seus braços e esperou.

— Não gostaria de pegar caneta e papel ou algo assim? — Perguntou depois de um momento — Assim você não se esquece de nenhum deles? Há ao menos vinte categorias e...

— Tenho uma memória excelente — Informou Lucern — Continue.

Kate virou lentamente, tentando decidir aparentemente por onde começar.

— Querido Deus, ele parece àquele cara careca em *o Rei e eu*⁸ — Ele a escutou murmurar.

⁸O *Rei e Eu* (*The King and I*) é um musical baseado no livro *Anna e o Rei* (*Anna and the King of Siam*) de Margaret Landon. O romance conta a história do poderoso e carismático Rei do Sião, atual Tailândia, que tinha dezenas de esposas e mais de



Lucern sabia que não devia ter escutado aquilo, mas tinha um ouvido espetacular. E estava desfrutando de sua exasperação, por isso acrescentou o comentário:

— Refere-se ao Yul Brynner⁹.

Ela virou-se para olhá-lo com alarme e ele afirmou com a cabeça.

— Ele interpretou o Rei do Sião e fez um trabalho excelente.

Kate hesitou; então, aparentemente decidindo que ele não estava com raiva, ela relaxou um pouco e até conseguiu dar um sorriso.

— É um de meus filmes favoritos.

— Oh, fizeram um filme? — Perguntou com interesse — Eu vi ao vivo no palco na noite de estréia.

Quando pareceu duvidosa, ele compreendeu que admitir ter visto o show da Broadway de Rodgers e Hammerstein — que teve sua premier em 1951, se não ele não estava enganado — era entregar sua idade. Como ele aparentava ter uns trinta anos, era normal que ela parecesse

setenta filhos e de Anna, professora inglesa contratada para ensinar inglês e um pouco da cultura ocidental aos príncipes e princesas.

⁹ Yul Brynner raspou a cabeça em 1951 quando foi convidado a representar o rei de Sião no musical da Broadway, "O Rei e Eu", peça que representou durante trinta anos.



surpresa por seu comentário. Limpou a garganta, acrescentando.

— Na releitura é claro. Isto ocorreu em 1977 na Broadway. Acredito.

Suas sobrancelhas se elevaram surpresas. — Devia ter o quê? Sete? Oito?

Sem querer mentir, Lucern simplesmente grunhiu, acrescentando:

— Tenho uma memória excelente.

— Sim. Claro que tem — Kate suspirou e pegou uma carta. Leu em voz alta.

— Querido senhor Argeneau. Li e adorei Mordidas de Amor, os volumes um e dois. Mas o primeiro é meu favorito. Você realmente tem um talento! A sensação de romance medieval era tão arenosa e realista que eu quase acreditei que estivera lá — Kate fez uma pausa e olhou para cima. Todas as cartas nesta pilha são nessa linha, elogiando-lhe o realismo da sua escrita e do fato de que escreve como se realmente estivesse lá.

Quando Lucern simplesmente afirmou, ela franziu a testa.



— Bem?

— Bem o quê? — Perguntou surpreso — O leitor tem razão.

— O leitor tem razão? — Ela o olhou boquiaberta — É isso que vai escrever? “Querido leitor, tem razão”?

Lucern deu de ombros levemente, perguntando-se por que ela levantava a voz. O leitor tinha razão. Seus livros realmente passavam que ele estivera na época medieval. Porque ele estivera. Não exatamente durante o período de tempo que seus pais haviam se encontrado, mas não muito tempo depois e naquela época, a mudança era muito lenta para poder diferenciá-la.

Ele observou sua editora fechar de repente a carta, jogá-la sobre uma pilha e pegar outra. Murmurando todo o tempo que ele era um idiota arrogante e outras descrições muito pouco lisonjeiras. “Insensível” e “falta de habilidades sociais” eram apenas duas. Tudo isto em um tom que Lucern sabia que ela achava que ele não poderia ouvir.

Ele não se ofendeu. Tinha seiscentos anos de idade. Um homem conquista alguma confiança em si mesmo depois de todo esse tempo. Lucern sabia que para a maioria das pessoas pareceria arrogante, possivelmente até idiota. Insensível certamente e ele sabia que suas habilidades



sociais estavam de alguma forma um pouco enferrujadas. Etienne e Bastien sempre levaram a melhor em assuntos sociais. No entanto, depois de anos de vida como um autor recluso, ele sabia que estava terrivelmente desprovido disso.

Ainda assim, ele não conseguia ver nenhuma razão para melhorar suas habilidades sociais. Estava em uma etapa na vida onde impressionar alguém parecia mais um incômodo.

Uma vez ele levara uma garçonne para jantar e ela lhe explicara como ser mais amável. Ela disse:

— Você pode continuar desenvolvendo isso, se trabalhar a fundo em sua mudança tudo ficará bem. A maior parte dos clientes são boas pessoas, embora possa haver em alguma ocasião alguém mal educado. Mas às vezes você tem naquela noite um cliente realmente desagradável, ou até dois ou três seguidos, te trazem para baixo, te fazem sentir cansado e infeliz, sentindo-se como se toda a raça humana fosse um saco. Logo aparece um adorável bebê e lhe faz sorrir, ou outro cliente que lhe diz “Uma noite ruim?” com um sorriso simpático. Isto fará que melhore seu bom humor e compreenderá que talvez as pessoas não sejam tão más.

Bem, Lucern havia sofrido algumas décadas ruins e estava se sentindo cansado, deprimido e farto de toda a raça



humana. Não tinha energia ou desejo de conhecer as pessoas. Somente queria estar sozinho. Fora por isso que começara a escrever — uma busca solitária que o mantinha ocupado e lhe oferecia um mundo muito mais agradável.

Ele sabia que haveria alguém que sorriria e diria “uma década ruim?” para mudar isso. Alguém como Kate. Tanto como tinha resistido a lidar com ela, agora começara a desfrutar de sua companhia. Ela o fez sorrir várias vezes...

Percebendo o caminho que seus pensamentos estavam tomando e que eles estavam mais quentes do que seria confortável para ele por sua hóspede indesejada, endireitou-se e fez uma carranca. Meu Deus! O que estava pensando? Kate C. Leever era uma mulher muito teimosa e irritante que não fizera nada além de trazer o caos a uma existência disciplinada. Ele...

— “Querido Senhor Argeneau” — Ela leu com raiva, tirando Lucern de seus pensamentos íntimos — “Eu li o seu romance de vampiros e gostei imensamente. Eu sempre fui fascinada por vampirismo e leio tudo sobre o assunto vorazmente. Eu só sei que realmente existe tal coisa e suspeito que você seja realmente um. Eu adoraria ser uma. Você me transformaria em um vampiro?” — Kate revirou os olhos e parou de ler, olhando para ele — O que diria a ela?



— Não — Disse firmemente.

Kate lançou a carta para baixo grunhido.

— Por que a resposta não me surpreende? Embora eu suponha que seria ridículo tentar explicar a alguém dessa estirpe que você realmente não é um vampiro, que não há realmente tal coisa, que possivelmente não poderia “transformá-la” — Ela riu e seguiu adiante com a carta seguinte da pilha. Olhando umas poucas destas cartas que havia ali, acrescentou — Seria muito amável de sua parte se dissesse a ela que teria que ir ao seu psicólogo ver se ele poderia ajudá-la com seu problema de realidade.

Lucern sentiu seus lábios apertarem, mas não disse nada, simplesmente esperou que Kate seguisse com as cartas.

— “Querido Senhor Argeneau” — Começou — “Não li Mordidas de Amor um, mas vou, garanto. Acabei de ler o Mordidas de Amor dois e achei maravilhoso. Etienne era tão doce, engraçado e sexy que me apaixonei por ele do mesmo modo que Rachel. Ele é o homem dos meus sonhos” Kate parou e olhou com expectativa — O que você diria a essas cartas?

Isto foi fácil.



— Etienne já tem dona.

Sua editora levantou as mãos para o céu.

— Isto não é uma piada, Lucern! Simplesmente não pode...

Ela fez uma pausa quando soou a campainha, virou-se com um suspiro quando Lucern estava relutante em atender. Ele já sabia quem era. Thomas entregara o sangue, o que levava a outra única companhia que ele tinha: sua família. E como Etienne e Rachel estavam ocupados com os preparativos do casamento e Bastien, Lissianna e Gregory estariam todos no trabalho a essa hora, a única pessoa que poderia ser era sua...

— Mãe — Sua saudação foi menos entusiasmada quando abriu a porta e se deparou com Marguerite Argeneau ali de pé. Ele realmente não tinha vontade de ter sua mãe e Kate Leever na mesma sala, o que iria dar idéias à mulher mais velha. E como ele já suspeitava que ela tendesse em direção àquelas idéias, ele não achava bom encorajá-la. Mas o que ele poderia fazer? Ela era sua mãe.

— Luc, querido — Marguerite o beijou em ambas as faces, em seguida empurrou-o para dentro — Você está sozinho, querido? Pensei em tomar uma xícara de chá — Ela não esperou pela sua resposta, mas seguiu o seu instinto



maternal até a porta da sala e abriu um grande sorriso quando viu Kate — Bem, parece que cheguei bem a tempo. Sem dúvida vocês dois necessitam de um descanso, também.

Lucern fechou a porta da frente com um suspiro resignado e sua mãe entrou sem medo em sua confusa sala de estar. A mulher nunca parou simplesmente para tomar uma xícara de chá. Sempre tinha um objetivo. E Luc temeu que não fosse gostar muito do objetivo para a visita de hoje. Somente pediu a Deus para que ela deixasse de tentar formar um casal, melhor ainda de que lhe tirasse a absurda idéia de que fosse Kate e ele.



Capítulo 04

— Ora, você poderia ser a companhia de Luc!

— Er... — Kate lançou um olhar agitado em direção a Lucern ante a sugestão de sua mãe, só para encontrá-lo sentado com os olhos fechados e uma expressão de dor no rosto. Ela suspeitou que ele estivesse implorando para que o chão se abrisse e o engolisse inteiro, ou até mesmo para que o engolisse aos pedaços, contanto que o engolisse. Isso quase fez com que Kate se sentisse melhor. Era bom saber que ela não era a única com pais que conseguiam humilhá-la a cada oportunidade.

Ainda sim, Marguerite era realmente um pouco diferente. Kate tinha passado a maior parte da meia hora desde a chegada da mulher olhando-a boquiaberta. Essa exótica e linda criatura era a mãe de Lucern? Oh, certamente a semelhança estava lá. E ele era igual a ela no aspecto geral, mas Marguerite Argeneau não parecia ter mais de trinta anos. Como ela poderia ser mãe de Lucern — ou Luc, como todo mundo parecia chamá-lo.

— Bons genes, querida — Fora a resposta da mulher





quando Kate comentou.

Kate suspirara miseravelmente, perguntando-se por que esses genes não poderiam funcionar em sua família também. Depois disto, apenas olhou para a mulher, concordando ausente mente com a cabeça a cada comentário, tentando detectar sinais de lifting facial. Ela obviamente deveria estar prestando mais atenção ao que Marguerite estava tagarelando. O casamento do irmão de Lucern tinha sido o tema da conversa. Kate não estava certa de como isso conduzira ao último comentário que escutou.

— Companhia? — Repetiu piscando.

— Sim, querida. Para o casamento.

— Mãe — A voz de Lucern era um rugido de advertência e Kate olhou para cima para ver que seus olhos estavam abertos e focalizados em sua mãe.

— Bem, Luc, carinho. Você não pode deixar a pobre garota sozinha amanhã de noite enquanto você participa do casamento — Marguerite riu aparentemente despreocupada ante a fúria de seu filho.

— Kate tem que retornar a Nova York — Lucern disse firmemente — Não estará aqui amanhã pela ma...

— Isso soa divertido! — Kate deixou escapar. Lucern se





calou e direcionou a ela um olhar perfurador, mas ela lhe ignorou. Não havia maneira que fosse embora antes de conseguir seu consentimento para pelo menos uma entrevista com um dos jornais que clamavam para falar com ele. E seguir a sugestão de Marguerite, significava que ele não só não poderia forçá-la a entrar em um avião para Nova York, mas também que quando a festa de casamento acabasse seria muito tarde para que Kate voasse para casa na noite seguinte. O que lhe dava até domingo para trabalhar no homem. Esse pensamento a fez sentir-se feliz e silenciosamente agradeceu à mãe de Lucern.

A única coisa que lhe preocupou foi que Marguerite Argeneau parecia muito satisfeita também. Kate teve a súbita sensação de ansiedade, que ela estava pisando ordenadamente em uma armadilha. Rezou a Deus para que a mulher não tivesse nenhuma idéia de casamento sobre ela e Lucern. Certamente Marguerite percebia que seu filho era mal-humorado e grosseiro e que ele não era o tipo de Kate, absolutamente!

— Bem, maravilhoso! — A mulher disse. Ignorando o rosto carrancudo de seu filho, Marguerite sorriu como um gato que ganhara uma tigela de leite e então perguntou — Tem algo para usar no casamento, querida?



— Oh! — O sorriso de Kate vacilou. Ela tinha empacotado algo para cada possível ocasião, exceto um casamento. Não havia maneira de imaginar algo *desse* tipo e Kate pensou que o vestido preto justo que havia trazido no caso de sair à noite a trabalho servisse.

—A-Ha — Lucern agora era o que parecia satisfeito — Ela não tem nada para usar, mãe. Ela não pode —

— Uma pequena passada na minha modista, suponho. — Marguerite lhe cortou em seco. Então, acrescentou para Kate — Ela sempre tem algo para uma emergência como essa. E uma visita ao meu cabeleireiro fará mágica com seu cabelo e então estaremos prontas.

Kate se sentiu relaxada e poderia abraçar a mulher. Marguerite era maravilhosa. Muito boa para ter um filho como Lucern. A mulher era inteligente, charmosa e um prazer de se ter ao redor. Ao contrário de certo homem ranzinza... Kate deslizou um olhar para Lucern e quase sorriu ante a aparência miserável em seu rosto. Ela supôs que deveria sentir-se culpada por forçar-se a estar em sua casa e permanecer ali, mas não estava. Ele tinha uma séria necessidade de assistência. Tinha uma terrível falta de habilidades sociais e obviamente passava muito tempo sozinho. Ela era boa para ele — ela estava certa disso.



— Bem, agora que tudo está organizado, eu vou — Marguerite rapidamente estava em pé e saindo da cozinha, tão rápido que Kate mal pode acompanhá-la com a cabeça.

Ficando de pé, se apressou atrás da mulher.

— Muitíssimo obrigada, senhora Argeneau — Disse, enquanto caminhava pelo corredor perseguindo-a.

A mãe de Lucern não só aparentava ser jovem, ela era tão ágil, como poderia ser a mãe de um homem que tinha que ter, pelo menos, trinta e cinco. Quantos anos ela tinha? Kate se perguntou. Pelo menos cinqüenta e três. Impossível, ela pensou, mas manteve o pensamento para si e simplesmente acrescentou:

— Realmente aprecio muito sua generosa oferta de me ajudar a fazer compras e —

— Tolices, querida. Eu sou grata a você por estar aqui acompanhando Luc — Marguerite fez uma pausa e permitiu que Kate se aproximasse — Porque você deveria ter visto o pobre homem no casamento de sua irmã. Nunca tinha visto o Luc correr tão rápido ou esconder-se tanto. São as mulheres, você sabe. Tendem a correr atrás dele.

As sobancelhas de Kate se arquearam em um gesto de incredulidade ante isso.





Um murmúrio de risadas saíram de Marguerite.

— Difícil de acreditar, quando Luc é tão grosseiro, não é? Mas acredito que é a caça o que as atrai. Ele deixa óbvio que não está interessado e elas reagem como cães atrás de uma raposa. Com você lá como sua acompanhante ele será capaz de relaxar e desfrutar da festa desta vez. E quando ele se der conta disso, ele estará grato por sua presença também.

Kate não se incomodou em esconder sua dúvida de que Lucern Argeneau alguma vez seria agradecido por algo. O homem era mais que grosseiro, em sua opinião.

— Ele pode parecer mal humorado por fora, querida — Disse Marguerite solenemente, obviamente lendo seus pensamentos — Mas ele é como um marshmallow torrado, suave e mole no centro. Embora poucas pessoas possam ver esse centro.

Deixando Kate considerando aquilo, a velha mulher seguiu para a porta e a abriu.

— Virei te buscar depois do almoço. À uma hora. Isso se estiver bem pra você.

— Sim. Mas, isso dará tempo para fazer tudo? — Perguntou Kate, preocupada. Em sua experiência,





casamentos geralmente eram por volta das duas ou três da tarde.

Marguerite Argeneau aparentava calma.

— Oh, muito tempo, querida. O casamento não será antes das sete da noite.

— Não é um pouco tarde? — Kate Perguntou com surpresa.

— Os casamentos de tarde não estão muito na moda agora. Ouvi que Julia Roberts se casou com seu cinegrafista depois da meia-noite.

— De verdade? Eu não tinha ouvido isso — Kate Disse fracamente.

— Oh, sim. Ela iniciou uma tendência. Até amanhã, então — Marguerite acabou alegremente. A mulher fechou a porta atrás dela, deixando Kate de pé no corredor, sentindo como se acabasse de sobreviver a um tornado.

Kate permaneceu lá por vários minutos, olhando fixamente para a porta, sua mente zumbia com tudo o que teria que fazer para estar pronta para esse casamento, antes da porta da cozinha se abrir e Lucern sair dela.

— Estarei em meu escritório — Sua voz era baixa, sua





expressão ameaçadora, enquanto passava por ela a caminho das escadas.

Kate — sempre uma garota inteligente quando se tratava de questões como auto preservação — mantivesse sua boca fechada e simplesmente o viu desaparecer escada acima. Estava zangado, é obvio. O que era de se esperar, mas ela esperava que isso passasse.

Uma porta bateu no andar de cima. Com força.

Bem, possivelmente não aconteceria esta noite, mas ele estaria melhor amanhã. Ela esperava. Com um pouco de ajuda, talvez. Virou e olhou a bagunça na sala de estar. Não haveria nenhuma maneira dela fazê-lo trabalhar nessas cartas hoje à noite. O que ela supôs ser uma boa coisa. Ela estava começando a temer que qualquer carta que ele escrevesse fosse mais propensa a ofender e assustar os leitores do que agradá-los.

Ela estaria fazendo um grande favor ao escrever as cartas ela mesma e só deixá-lo assiná-las.

Kate fez uma careta ante a idéia. Isso significava bastante trabalho para ela e os leitores só estariam propensos a ficar felizes. Eles certamente estariam mais felizes com sua intromissão, do que receber uma carta que diria:





Querido leitor,

Não.

Sinceramente,

Lucern Argeneau

Curiosamente, Kate se pegou rindo com a idéia. Ele realmente era bastante divertido de algumas formas, esse autor dela. O problema era que ele não queria ser.

Soltando um suspiro, ela voltou para a sala para começar a trabalhar.



Lucern pegou um saco de sangue do pequeno frigobar do escritório, onde ele os tinha guardado mais cedo, em seguida passou pelo seu escritório como um tigre enjaulado. Ele fez isso por mais de uma hora, gastando energia o bastante para que pudesse relaxar o suficiente para se sentar. Ele não sabia se isso era sua raiva ou a cafeína que ele começara a tomar. E ele não se importava.

Gemendo, ele recostou-se na cadeira e esfregou o rosto com as mãos. Sua mãe tinha apenas o amaldiçoado a mais





duas noites na presença de Kate Leever. E Kate não tinha ajudado em nada com o seu rápido consentimento. A mulher era como líquen¹⁰. Como sujeira que você não podia raspar da sola do seu sapato. Como — bem, nenhuma das coisas passando em sua mente eram muito atraentes e, mesmo tão irritante quanto Kate Leever poderia ser ela também era atraente, por isso Lucern desistiu de suas analogias. Ele tentava ser justo com algumas coisas, sempre que possível.

Deixando cair suas mãos longe de seu rosto, ele se virou para examinar o computador em sua mesa. Ele queria evitar Kate um pouco. Ele ainda estava irritado o suficiente para magoar seus sentimentos se estivesse ao redor dela e ele não queria magoá-la.

— Bem, inferno! Agora você está preocupado com seus sentimentos? — disse para si mesmo. Isso não era bom. Ele tentou ser firme com seus indisciplinados sentimentos e recordou — A mulher é sua editora. Ela vai usar a manipulação, artimanhas ardis e quaisquer armas necessárias para conseguir o que quer de você. Não comece a ficar todo suave e sentimental com ela. Você não a quer aqui. Você quer ser deixado sozinho para trabalhar em paz.

¹⁰Simbiose de uma alga e de um cogumelo que vivem graças a esta associação, sobre os muros, nos rochedos, troncos de árvores, etc.





O problema era que ele realmente não tinha nada para fazer. Não tinha começado nada novo desde que terminou a história de Etienne e Rachel — e que tinha sido impressa há um mês. E Lucern não tinha nenhuma pista sobre o que trabalhar na próxima. Ele sabia que Kate e Roundhouse Publishing queriam outro romance de vampiros, mas Bastien não estava mostrando sinais que iria ajudar seu irmão, se apaixonando a qualquer momento.

Bem, Lucern decidiu encolhendo os ombros, não era como se ele precisasse de dinheiro. Seus investimentos ao longo dos anos sempre tinham ido bem. Ele poderia relaxar se quisesse. Roundhouse apenas teria que esperar até ele surgir com alguma coisa.

Seu olhar caiu sobre o vídeo game no canto da mesa — Blood Lust II. O jogo era a mais nova criação de Etienne. A parte I vendera várias vezes e ganhara inúmeros prêmios. Seu sucesso não foi uma grande surpresa para Lucern, o jogo era muito divertido e repleto de ação, com gráficos impressionantes, muitos vilões para matar, muitos trabalhos para resolver e uma ótima linha de história. Lucern não era o único da família que poderia escrever uma história. Espera-se que Blood Lust II seja ainda melhor que o primeiro quando ele for lançado.





Sorrindo, ele puxou o selo na embalagem e tirou o CD do jogo. Ele jogara o primeiro par de níveis do protótipo antes do jogo estar concluído e ele e Bastien conseguiram as duas primeiras cópias completas assim que começaram a fabricar. Era a recompensa por serem os irmãos do criador.

Lucern deslizou o jogo em seu computador e se preparou para se divertir. Ele iria trabalhar um pouco de sua ira através do abate de bandidos. E também evitaria Kate por um tempo. Tinha encontrado a solução perfeita.

Ele jogara por várias horas e estava concentrado no jogo quando ouviu a batida na porta. Em seu distraído — O quê? — a porta se abriu e Kate entrou na sala carregando uma bandeja.

— Eu achei que você poderia estar com fome.

Suas palavras tentadoras, junto com o cheiro da comida, tiraram a atenção de Lucern do jogo. Ele cheirou com interesse, pensando que poderia comer um pouco naquele momento. Ele, assim como o resto de sua família, comiam alimentos, bem como ingeriam sangue. Se não, todos seriam assombrações magras.

— O que é isso? — ele perguntou curiosamente.





— Bem, sabendo que eu estaria ocupada — tenho estado trabalhando nas cartas — ela o informou — Então, depois que sua mãe saiu e você veio aqui pra cima, eu coloquei o assado que compramos no forno com algumas batatas. Dessa forma, iria cozinhar enquanto eu trabalhava. Você disse que gostava de coisas raras. Espero que incluía assado, porque esse assado é muito raro.

— Perfeito — Lucern pegou a bandeja e a colocou sobre sua mesa, observando que havia dois pratos de comida e dois copos do que parecia ser vinho e dois copos de água também. Ela cobriu todas as bases. Ele estava apenas relaxando, quando ela começou a arrastar uma cadeira em volta da mesa para se juntar a ele e disse:

— Eu estava esperando que pudéssemos discutir — Ela estava prestes a levantar a questão da publicidade de novo. Lucern imediatamente sentiu-se começando a ficar tenso, então o olhar de Kate pousou na tela do computador.

— Isso parece Blood Lust.

— Blood Lust dois — ele corrigiu.

— Você está brincando. Sério? Não será lançado até segunda-feira. Eu fiz um pedido.





— Eu conheço o criador — Lucern admitiu com relutância — Eu ganhei uma cópia adiantada.

— De jeito nenhum. Seu sortudo! É tão bom quanto o primeiro?

— Melhor — Lucern começou a relaxar novamente, enquanto ela continuava olhando avidamente para a tela congelada. Ele reconhecia um companheiro de jogo quando via um. Qualquer conversa de publicidade provavelmente tinha comido poeira durante a noite.

Ele olhou para a tela e viu que seu personagem tinha morrido enquanto estava distraído. O jogo estava esperando por ele para decidir o que fazer em seguida. Suas opções eram começar de novo, ou sair do jogo. Considerou o assunto rapidamente, então, perguntou:

— Você quer jogar? Dá para jogar em duplas.

— Sério? — Ela parecia terrivelmente animada — Sim, por favor. Eu amo Blood Lust e eu estive esperando uma eternidade para o dois sair — Ela arrastou sua cadeira mais perto ainda — Isso é ótimo.

Lucern sorriu para si mesmo e começou o jogo. Podia dizer uma coisa sobre Kate C. Leever, ela tinha bom gosto. Ela gostava de seus livros e gostava do jogo de Etienne.





Ela também se mostrou ser uma baita jogadora. O jantar que ela tinha feito estava esquecido sobre a mesa enquanto eles passavam pelos níveis que ele já tinha percorrido, em seguida continuaram com os próximos níveis, trabalhando juntos para derrotar os vilões e salvar a donzela em apuros. Toda vez que eles conseguiam acesso a outro nível, Kate reagia com o entusiasmo de uma criança e eles faziam uma pontuação máxima ou uma pequena dança da vitória no balcão, enquanto esperavam o próximo nível carregar.

Eles jogaram por horas, até que a comida virou uma murcha e congelada bagunça, até que seus pescoços e mãos doíam e até Kate começar a cochilar na cadeira. Quando Lucern relutantemente sugeriu que seria melhor que ela fosse para a cama, ela concordou com igual relutância que deveria ou ela não seria capaz de se levantar para as compras com sua mãe.

Curiosamente, Lucern sentiu sua falta quando ela foi embora. Ele continuou com outro nível do jogo, mas não era o mesmo sem ela lá para compartilhar a alegria do êxito. Não houve pontuações máximas ou pequenas danças da vitória e ficou chateado quando percebeu que perdera muito. Ainda mais preocupante era o fato de que pela primeira vez em anos, Lucern se sentia solitário.





Apesar de sua longa noite anterior, Kate estava acordada e pronta há uma hora. Estava ansiosamente esperando pela Sra. Argeneau na porta da frente. Quando uma limusine parou na calçada, ela se apressou a sair e começou a descer as escadas da varanda, depois parou e virou-se incerta para a porta. Ela tinha destrancado a porta para sair e não tinha a menor idéia do que fazer para trancá-la novamente. Ela deveria deixá-la destrancada? Ou ela deveria acordar Lucern e deixá-lo trancar?

— Está tudo certo, Kate. Não se preocupe com a porta — Marguerite abaixou a janela traseira para chamá-la — Venha, temos muito a fazer.

Dando de ombros, Kate se virou e caminhou até a limusine. O motorista saiu para abrir a porta para ela no momento que ela chegou ao carro e Kate murmurou um agradecimento enquanto deslizava para dentro, em seguida ela deu uma dupla olhada na figura da mãe de Lucern. A mulher estava agasalhada como se estivessem no meio de uma tempestade de inverno.

Ela estava com uma blusa de mangas compridas, luvas e calças, então, um lenço sobre a cabeça e cobrindo a metade inferior do rosto. Mais um grande óculos de sol que cobria a maior parte do rosto. O único pedaço de pele era o seu nariz





e que foi coberto com um creme branco que Kate supôs ser protetor solar.

— Não me diga. Você é alérgica ao sol como Lucern? —
Kate adivinhou.

A boca de Marguerite torceu em um humor negro.

— Onde você acha que ele conseguiu aquilo?

Kate deu uma risada e relaxou na limusine, preparada para um dia de compras frenéticas e mimos. E isso foi exatamente o que ela teve: uma corrida frenética para escolher o vestido perfeito e vê-lo adaptado para lhe caber, então um par de horas de deliciosos mimos no SPA onde o cabeleireiro de Marguerite Argeneau trabalhava. Ela se divertiu imensamente.



Luc não dormiu bem. Ele foi para a cama com tédio puro, não muito tempo depois que Kate saiu, mas ele não conseguia encontrar descanso. A mulher não tinha só acabado de invadir sua casa, ela abriu caminho para seus sonhos também. Esse fato foi o suficiente para deixá-lo terrivelmente mal-humorado ao acordar e foi um rude





Lucern que desceu as escadas na tarde de sábado. Ele se tornou ainda mais ranzinza quando uma busca rápida na casa mostrou que Kate ainda não tinha retornado de sua jornada de compras.

Resmungando baixinho, ele fez o caminho até a cozinha — e fora do hábito — abriu a porta da geladeira à procura de sangue. Só ao abrir a porta que se lembrou que seus suprimentos estavam no pequeno frigobar em seu escritório, para mantê-lo fora da vista de Kate. Ele considerou voltar para cima para pegar um saco, mas realmente não sentia necessidade. Ele realmente não sentia vontade de comida normal apesar do fato de que ele e Kate tinham sacrificado toda a comida na noite anterior pelo Blood Lust II. E sabia que estaria comendo uma grande quantidade de rica comida na celebração do casamento, por isso era melhor adiar a comida agora.

Decidindo que ele pegaria um saco de sangue mais tarde antes de sair para o casamento, Lucern vagou sem rumo para fora da cozinha e passou pelo corredor até a sala. Ele imediatamente fez uma careta, Kate tinha acabado a triagem das cartas por categorias e havia várias cartas à espera de sua assinatura.





Curioso, Lucern se sentou no sofá e começou a lê-los. Elas estavam todas muito agradáveis, cartas comunicativas que soavam espirituosas e encantadoras e não como ele. Kate era uma boa escritora, também, ela havia feito um trabalho maravilhoso e Lucern supôs que teria que lhe agradecer. Ele também supôs que deveria contratar um assistente para gerenciar tarefas semelhantes no futuro.

Infelizmente, ele sabia que não iria. A idéia de um estranho em sua casa, mexendo em suas coisas, não era muito feliz. Essa foi a razão pela qual ainda não tinha substituído a sua governanta, Sra. Johnson. A mulher tinha morrido em seu sono em 1995. O que foi há oito anos, percebeu surpreso.

Desde então, Lucern havia contratado um serviço para limpar sua casa uma vez por semana e ele geralmente comia fora ou pedia algo de um restaurante gourmet na rua de baixo. Ele pretendia fazer isso apenas até encontrar um substituto para a infeliz Sra. Johnson, mas nunca chegara a fazê-lo, sempre que ele pensava sobre isso e todos os problemas que significavam, ele imediatamente decidia que não valia o esforço. Por que todo esse tempo e esforço apenas para ver quem quer que ele contrate cair morto sobre ele depois de dez ou vinte anos como a Sra. Johnson e Edwin tinham feito?





Ele resmungou sob sua respiração ao pensamento. Os seres humanos eram assim tão suspeitos. Eles estavam sempre caindo mortos em você logo quando estavam treinados.

Ele estava pensando nesse irritante hábito da humanidade quando a porta da frente da casa bateu. Kate estava de volta de sua excursão de compras. Ele passou as mãos pelos cabelos, alisando a sua camiseta e tentando parecer apresentável. Sentou-se, olhando ansiosamente para a porta da sala bem a tempo de pegar um vislumbre de Kate voando lá para cima. Pelo menos ele pensou que era Kate. Tudo o que ele realmente conseguiu ver eram horríveis sacolas de compras com diferentes nomes de designers sobre eles e os pés.

Oh, sim. Ela estava fazendo compras. Ele caiu para trás no sofá com desgosto. Ela nem tinha reparado nele. Mulheres!

Uma cacofonia de sons se seguiu lá de cima — o bater da porta do quarto de hóspedes, em seguida todos os tipos de coisas sendo derrubadas e colisões não identificáveis. Isso soava como se ela mulher estivesse pulando e jogando coisas à toa. Isso levou um longo tempo, que fez Lucern ficar preocupado. Então houve um repentino e total silêncio.





De pé, ele caminhou para o corredor e olhou ansiosamente para cima dos degraus. A porta se abriu e fechou; em seguida, ouviu o estalar dos sapatos de salto alto no piso do hall de madeira e Kate apareceu no topo da escadaria.

Ela era uma contemplação. Uma visão. Seu cabelo dourado estava empilhado em cima de sua cabeça com pequenos cachos caindo para emoldurar seu belo rosto corado, o vestido que usava era de um verde esmeralda profundo. Tinha uma longa saia e em seu pescoço o tecido fazia pequenas pregas, era feito de um material macio que tinha um leve brilho e que caia graciosamente sobre os contornos e curvas de seu corpo. Ela estava magnífica. Um anjo. A mulher mais bela que Lucern já tinha visto em sua vida e estava dizendo alguma coisa. Ele estava com a língua presa pelo espanto. Ele simplesmente assistia com admiração enquanto ela descia os degraus.

Ela tinha descido apenas metade do caminho quando ela o viu. Ela imediatamente fez uma pausa, piscou, então fez uma careta — Você não está pronto!

Foi á vez de Lucern piscar. Seu anjo estava berrando. Ela também era frenética. A visão serena tinha ido embora.



—Lucern! — Ela olhou para ele com descrença — O casamento é às sete horas! São seis e quinze agora. Nós temos que ir. Você nem sequer tomou banho ou qualquer coisa! O que você tem feito todo esse tempo? — Ela cobriu a parte inferior do rosto com horror — Vamos chegar atrasados! Eu odeio estar atrasada para casamentos. Todos estarão sentados nos bancos e todos eles encarando e —

— Ok! — Lucern ergueu as mãos, tentando acalmá-la quando ele começou a subir as escadas — Está tudo bem. Eu sou rápido. Eu estarei pronto. Dê-me apenas dez minutos. Nós não estaremos atrasados — ele garantiu a ela enquanto passou com cautela ao seu lado—Sério, eu prometo.

Kate observava com irritação enquanto Lucern desaparecia escada acima. Uma vez que ele estava fora de vista, seus ombros caíram infelizes. Depois de todos os seus esforços, ele ainda não tinha comentado como ela estava.

Decepcionada, ela continuou descendo as escadas e foi para a sala de estar, esperar. Ela estava toda preparada para perfurar um buraco no chão, com impaciência, mas não teve a chance. Dez minutos após deixá-la nas escadas, Lucern desceu as escadas todo arrumado para ir. Seu cabelo ainda estava úmido do chuveiro e penteados para trás e um terno





feito sob medida pendurado elegantemente em seus largos ombros.

Dez minutos, Kate pensou com desgosto. Dez minutos e ele parecia fabuloso. Ela tinha levado o dia todo para ficar desse jeito e ele levava dez minutos! Ela o olhou enquanto se juntava a ele no corredor.

— Viu? Eu disse que ia ser rápido — Lucern disse despreocupado enquanto abria a porta da frente — Nós não vamos nos atrasar. Nós chegaremos bem a tempo.

Ainda irritada por ele ter sido tão rápido, Kate apenas fez uma careta e abriu caminho para fora.

Lucern abriu a porta do passageiro do seu BMW de uma forma bastante cortês, o que ela apreciou e então comentou:

— Você está linda — Ele fechou a porta antes que ela pudesse responder, mas Kate sorriu largamente enquanto o via caminhar em volta do carro para o lado do motorista. Seu humor estava começando a se levantar novamente. Kate geralmente não gostava de casamentos e ela iria estar definitivamente desconfortável em ser chamada de "encontro de Luc", mas talvez hoje não fosse tão ruim.





Capítulo 05

Aquilo foi horrível. Bom, não de tudo, Lucern admitiu para si mesmo. A cerimônia de casamento em si foi linda. E, para sua surpresa, sua editora teimosa e traquinas ficou com os olhos marejados quando Etienne e Rachel trocaram seus votos. Ela explicou-se quando ele entregou-lhe o lenço que colocara no bolso do peito com tal cuidado, dizendo:

— Parecem tão felizes. É óbvio que estão profundamente apaixonados.

Lucern simplesmente resmungou e esperou que a cerimônia não fosse tão longa como tinha sido a de Lissianna no ano anterior. Só tinha um lenço.

Felizmente o sacerdote de Rachel não era tão enfadonho como tinha sido o da família Hewitt. Ainda assim, Lucern quase saiu correndo da igreja com Kate. Ou ao menos tentou. Sua fuga foi detida pelo engarrafamento formado na saída, onde todos os convidados paravam para dar a Etienne e Rachel os parabéns. O casal, segundo o costume, tinha saído primeiro da igreja e agora estava de pé sobre os degraus da igreja, falando a todos enquanto partiam.





É Claro, Kate insistia em dar os Parabéns e felicitá-los também, o que pensava Lucern, era ridículo. Ela nem sequer os conhecia! Mas a mulher ignorou suas tentativas de exortar-la para baixo da escada e parou para desejar felicidade ao casal.

Rachel e Etienne não estavam surpresos por Kate estar nas bodas, é obvio. O ramo familiar estava tão saudável como sempre. E para a irritação de Lucern, Rachel era uma dessas pessoas sociáveis que gosta de todo mundo e que gosta de falar. Etienne foi prejudicado com a mesma aflição, de modo que não podia simplesmente dizer obrigado e deixar Kate ir. Não. Eles tinham realmente que *falar* com Kate e perguntar se ela estava tendo uma boa estadia em Toronto.

Lucern sentiu-se enrijecer, enquanto esperava pela sua resposta. Ficou vagamente surpreso quando ela soltou uma gargalhada e respondeu:

— OH, sim.

Etienne parecia igualmente surpreso.

— Quer dizer que é meu irmão quem se ocupa de te entreter? — Perguntou, como se Lucern fosse uma espécie de pagão, incapaz de ser um bom anfitrião.

Kate assentiu com a cabeça alegremente.





— Ele e sua mãe também. Marguerite me levou às compras e ao balneário também. E na noite passada, Lucern e eu jogamos “Blood Lust II” até de madrugada.

— OH! — Exclamou Rachel — Não é um jogo maravilhoso? Etienne é tão talentoso. Embora pensasse que ele fosse me levar à loucura quando estava projetando a seqüência final. Deu problemas.

— Etienne? — Kate olhou de Rachel para Etienne incerta.

— Sim, é seu jogo — Esclareceu Rachel. Lançou então um olhar ao seu cunhado surpresa — Não contou a ela que Etienne era o criador do jogo?

— Sim, tenho certeza de que disse.

— Não, não o fez — Exclamou Kate sacudindo ligeiramente seu braço — OH, Meu deus. Por que não me disse isso?

Lucern fez uma careta que sua editora não percebeu, já havia se virado para seu irmão.

— Não posso acreditar amo “Blood Lust”, o um e o dois! Eles são incríveis!

Com uma extravagante demonstração ela tagarelou





sobre Etienne, o que Lucern achou irritante, então parou de repente com um pequeno suspiro, antes de dizer: — OH! Agora entendo. Os personagens principais no livro do Luc se chamavam Rachel e Etienne. E Etienne foi o criador do jogo. OH, vá! — Sorriu abertamente a Rachel — A próxima coisa que me dirá será que é médica legista como a mulher do livro — Lucern, Etienne e Rachel a olharam e trocaram olhares incômodos. Os olhos de Kate se arregalaram em silêncio.

— Você não é, é?

— Eu gosto de apoiar minhas histórias na realidade tanto quanto me seja possível — Disse Lucern rompendo o silêncio.

— Mas você escreve livros de vampiros. — O tom de Kate soou perplexo.

— Bom, dentro do razoável. — Ele a corrigiu, então tomou seu braço firmemente — Vem. Estamos atrapalhando a fila.

Lucern arrastou Kate para o carro, olhou para dentro e entrou ligando imediatamente o rádio. Subiu o volume para impedir a conversa e dirigiu para o salão de recepção onde o jantar do casamento seria realizado. Na corrida para chegar, esperava que Kate se distraísse e esquecesse a estranha coincidência entre os personagens de seus livros e os de sua





família na vida real. Lucern ultrapassou o limite de velocidade. Como resultado foram os primeiros a chegar.

Para seu alívio, Kate não mencionou o assunto novamente. Ela e Lucern estavam sentados em uma mesa e sua mãe e sua irmã Lissianna com seu marido Greg logo se juntaram a eles. Bastien se sentou à mesa principal com o resto dos convidados, por isso que a mesa de seis lugares que os cinco ocupavam era a mais próxima à longa mesa principal. Lucern gastou os primeiros minutos simplesmente manuseando a taça de vinho que prontamente tinham colocado diante dele, lançando seu olhar nervosamente para Kate enquanto ela falava com Marguerite e Lissianna. As três mulheres o estavam deixando terrivelmente nervoso. Tinham as cabeças muito juntas e parecia haver uma enorme quantidade de risos e gargalhadas misturadas com a sua fala tranqüila. Ele estava morrendo de vontade de saber o que elas estavam dizendo, mas por mais que tentasse não conseguiu ouvir nada, devido em parte toda a conversa e às interrupções das pessoas que chegavam saudando-os uns aos outros.

— Lissianna!

Lucern ficou rígido ao ouvir sua editora exclamar, então Kate se virou para ele.





— O nome da sua irmã é Lissianna! É o nome da mulher vampiro de seu segundo livro.

— Eh... sim — Laçou um olhar a sua mãe e sua irmã. Estavam deliberadamente tratando de complicar sua vida?

— Etienne e Rachel no último livro, Lissianna e Greg no segundo. E Marguerite! — virou-se para a mãe de Lucern — Seu marido se chama Claude, não é?

— Pronuncia-se com ‘ou’ largo, querida, não como ‘au’ fechada— Corrigiu Marguerite amavelmente. Então assentiu ligeiramente— Pois sim, meu marido e o pai de meus filhos foi Claude.

— OH! — Kate ficou em silêncio por um momento, mas estava obviamente pensando, procurando outras semelhanças — E o sobrenome familiar é também Argeneau. Não, espera — disse corrigindo-se — nas novelas o sobrenome é Argentus, do Latim ‘argent’, prata, porque o patriarca tinha os olhos azuis prateado. Como você! Voltou-se repentinamente espreitando os olhos para os do Lucern.

— Sim. — Lucern mudou de posição, sentindo-se terrivelmente desconfortável, sem saber como conseguir uma explicação convincente. No final, ele não precisou.

— Acho que é muito doce em você isso de dar os





mesmos nomes que tem sua família. — Disse Kate.

Lucern a olhou boquiaberto. Doce? Ele não era doce, de modo algum. Mais que...

— É óbvio que se importa com eles.

— Eh... — Lucern se sentia estranhamente preso quando um ligeiro toque em seu ombro o fez virar a cabeça. Ele encontrou-se olhando para Bastien e Etienne. O socorro em distração o fez dar um enorme sorriso, que os surpreendeu.

— Nós precisamos de uma mão de vocês dois. — Bastien abrangeu a ambos, Lucern e Greg com o olhar.

— OH, OH, é óbvio. Luc se voltou para Kate enquanto Greg ficavam em pé — Eles precisam de nós. Devemos ir. — Explicou.

Kate assentiu solenemente.

— É algo assim como “só para meninos”, verdade?

— Eh... sim. — Luc ficou em pé, jogou um olhar de advertência a sua mãe e irmã, para que não dissessem outra coisa para colocar idéias estranhas na cabeça de Kate e em seguida, seguiu seus irmãos para longe da mesa.

Os quatro atravessaram a sala de recepção, para a



esquerda através de uma porta semi-escondida atrás de um feixe de decoração, caminharam até um corredor longo e estreito em seguida, saíram por outra porta que dava para o estacionamento atrás do edifício. Bastien caminhou ao longo da fila de veículos onde estacionou à sua caminhonete. Lucern não sabia o que estava acontecendo até que seu irmão abriu as portas traseiras e arrastou para si a geladeira portátil.

— Não sei vocês, caras, mas com tudo o que tive que fazer hoje, não pude me alimentar antes da cerimônia. Eu pensei que não seria o único com esse problema, de modo que eu guardei para nós um piquenique. — Bastien bateu no refrigerador aberto. Lucern sorriu diante dos sacos de sangue embalados no gelo. O bom e velho Bastien. Estava sempre preparado. Deveria ter sido escoteiro quando era criança por sua forma de comportar-se naqueles tempos.

— OH, Graças a Deus! – Etienne pegou a primeira bolsa que Bastien jogou— Estive tão ocupado indo de lá para cá, não tive tempo de me alimentar. Tampouco Rachel, tenho certeza.

— Trouxe o suficiente para todos. —Garantiu Bastien. Passou as bolsas ao Lucern e Greg. — Vou trazer as senhoras depois que vocês saírem. Pensei que não seria





conveniente se saíssemos todos ao mesmo tempo. O lado dos Argeneau entenderia, mas os Garretts poderiam ficar confusos.

— Verdade, meu amigo. — Disse Greg com um aceno de cabeça. — Eu ainda não usei tudo isso. — Apontou a bolsa na mão, então a levantou e deu uma dentada. Lucern sorriu enquanto fazia o mesmo. Para alguém que alegava o contrário, seu cunhado fez uma imitação de alguém que estava confortável com sua nova situação. Pensando que isto poderia ser diferente se o terapeuta tivesse que morder as pessoas para se alimentar, como nos velhos tempos.

Os quatro homens ficaram em silêncio enquanto esvaziavam suas primeiras bolsas de sangue. Bastien tirou os copos de plástico fora da caminhonete e dividiu duas bolsas entre os quatro copos e os homens continuaram falando enquanto bebiam. Não demorou muito para que a conversa voltasse à hóspede indesejada de Lucern. Etienne foi o primeiro, dizendo que ela parecia bastante agradável. Lucern bufou.

— Não deixe ela te enganar. Essa mulher é teimosa como uma mula. Ela é como um desses malditos carrapatos, enterrado sob sua pele e ficando ali. Enterrou-se dessa forma em minha casa e não vai sair!





Os outros soltaram uma gargalhada. Greg sugeriu:

— Por que você apenas não faz esse controle da mente que Lissianna está tentando me ensinar, apenas entrar em sua cabeça e plantar a sugestão de que ela vá embora?

— Luc não pode entrar em sua cabeça. — Anunciou Etienne com um sorriso malicioso.

— Você já tentou? — Perguntou Greg a Lucern surpreso.

— Claro que sim. Desde a primeira noite. — Luc fez uma careta e sacudiu a cabeça. — Mas ela parece ser resistente a sugestão. Eu não consigo sequer ler seus pensamentos. A mente da mulher é como uma armadilha de aço. — Ele suspirou. — É condenadamente frustrante.

— Sim e não diga a Mamãe. — Lembrou Etienne.

— Por que não? — Perguntou Greg.

Bastien lhe explicou.

— Mamãe diz que os casais não devem ser capazes de ler os pensamentos do outro, então quando você se deparar com alguém de mente forte o suficiente para bloqueá-lo, (ela diz que é raro) você deve prestar atenção, porque fariam um bom casal.





Etienne concordou.

— Assim se ela jogar o laço ao vento...

— Ela ficara determinada a junta-los. — Terminou Luc por ele.

Imediatamente se sentiu confuso. A última coisa que ele precisava era de sua mãe casamenteira e sua editora teimosa a ficarem juntos. Por outro lado, Kate era o inferno de uma jogadora. E ela era atraente e de alguma forma tornou-se menos irritante conforme a conhecia. Ele estava até se acostumando a tê-la em sua casa. Se ele vai ser forçado a casar...

— Então eu não diria se fosse você. — Disse Bastien.

— Eu tenho que concordar com Bastien e Etienne nisso. — Decidiu Gregory olhando ao Lucern — Por muito que eu goste de sua mãe, ela pode ser um pouco persistente uma vez que tem uma idéia na cabeça. Se você não quer que ela interfira e tente empurrar você e Kate juntos, eu não diria que você não pode ler a mente de Kate

— Muito tarde.

Os quatro homens pularam de culpa diante daquele comentário docemente murmurado. Girando, encontraram-se em frente à Marguerite. Lucern gemeu ao ver o olhar





predatório em sua cara. Ela, obviamente, ouviu tudo. E a julgar pela sua expressão, já estava planejando. Pelo menos foi o que pensou então ele ficou surpreso quando ela pegou a bolsa de sangue que Bastien ofereceu e voltou a sorrir para o filho mais velho.

— Luc, querido. Se quiser realmente se livrar dessa garota de maneira difícil, por que não chegam a um acordo para fazer a publicidade? Assim que aceitar ela vai embora.

— Porque não quero. – Respondeu ele, quase recuando quando ouviu como ele soava infantil.

— E eu não quero ouvir você se lamentar, mas às vezes temos de fazer coisas que não gostamos na vida. — Suas palavras fizeram que todos ficassem em silêncio, então Marguerite deu uma dentada na bolsa de sangue e a esvaziou. Quando terminou, voltou-se para Lucern e acrescentou:

— Kate não quer ficar aqui incomodando mais do que você quer que ela se vá daqui. No entanto, seu trabalho depende de ser capaz de convencê-lo a fazer um daqueles eventos de publicidade. Ela gosta de sua nova posição. E quer mantê-la. Ela não irá embora até que você concorde com pelo menos um.

Observando sua reação horrorizada, Marguerite





aplaudiu a bochecha de seu filho carinhosamente.

— Eu sugiro que diga que fará o R.T.do qual me disse esta manhã no SPA é provavelmente a melhor opção para ambos.

— O que é R.T? — Perguntou Lucern desconfiado.

— É a revista “*Romantic Teme*”. — Sua mãe explicou — Apenas diga a ela que você vai fazer isso. — Então Marguerite Argeneau se virou e foi embora voltando ao longo da fila de carros.

— Hmm. Gostaria de saber como ela descobriu que o trabalho de Kate depende de convencê-lo a fazer um daqueles eventos de publicidade, — Bastien murmurou enquanto prestaram atenção em sua mãe indo embora.

Greg encolheu os ombros.

— Ela é muito boa em persuadir as pessoas a dizer-lhe coisas que nunca gostariam de dizer. Ela teria dado uma boa terapeuta.

Lucern ficou em silêncio e todos eles entregaram seus copos vazios de volta para Bastien. Ele não sabia como sua mãe descobriu o que ela precisava, mas não duvidou por um minuto que isso era verdade. Que o fez tão miserável como ele poderia ficar, pois agora ele sabia com certeza que ele





jamais ficaria livre da mulher. Estava desesperada e gente desesperada está acostumada ser tão endemoniadamente persistente como imprevisível.

— Aqui estão!

Os quatro homens deram a volta da caminhonete de novo deparando-se, desta vez com Kate C. Leever cara a cara. Havia um sorriso malicioso no rosto dela quando ela capturou a expressão de culpa e a forma como eles estavam tentando esconder alguma coisa por trás deles.

— Rachel estava procurando por você. Eu disse que achei ver você vir aqui e disse que iria verificar. — Explicou, ainda olhando divertida. — Ela tentou me parar e disse que viria, mas é o casamento dela, eu não poderia permitir que ela deixasse seus convidados para ir correr atrás de vocês quatro depravados.

Lucern trocou um olhar com os outros. Todos eles sabiam bem que provavelmente Rachel deslizaria para fora para uma rápida bebida tal como sua mãe acabara de fazer. Kate, em sua bondade, tinha-o feito impossível.

— Por que nos chamou de depravados? — Perguntou Gregory.

Kate gesticulou no ar e sorriu.





— Pelo que estão fazendo aqui fora.

Os quatro homens trocaram olhares e ficaram em um grupo apertado, certificando-se que a parte traseira aberta da van e o refrigerador de sangue fossem escondidos, em seguida, Lucern repetiu:

— O que estamos fazendo?

— Oh, como se não fosse óbvio, — ela resmungou. — Saindo daqui, a aglomeração em torno da van. — Ela balançou a cabeça e deu-lhes um olhar condescendente. — Eu posso ter nascido em Nebraska, mas eu vivi em Nova Iorque tempo suficiente para conhecer sobre os tipos de artistas que vocês são.

Agora os olhares que os homens trocaram eram desorientados. Que tipo de artistas? Lucern era escritor, Etienne era programador, Bastien empresário e Greg era terapeuta. Que classe de artistas? E de todos os modos, que supunha ela faziam essa classe de artistas? A única forma de saber era perguntando. Lucern o fez.

— O que é exatamente o que você acha que nós estamos fazendo aqui?





Ela suspirou resignada.

— Estão fumando um baseado. – Disse ela.

Todos os homens olharam boquiabertos então Etienne soltou um sorriso incrédulo.

— O que?

Kate disse exasperada.

— Baseado. Haxixe. Vamos meninos, obvio que estão aqui fora enrolando um baseado.

— Eh... Acredito que se chama maconha¹¹. — Interrompeu Greg.

— Tanto faz. É o que estavam fazendo, verdade?

— Eh... — Começou Lucern. Então ele, Bastien, Etienne e Greg começam a rir.

— Sim. Você nos pegou. Estávamos fumando um baseado. — Etienne concordou.

¹¹Nessa parte a Kate diz Debbie uma gíria, greg corrige dizendo Doobie





— Maconha. —Corrigiu Greg.

— Sim. —Assentiu Bastien — Lhe ofereceríamos um pouco, mas nós... É...

— Fumamos tudo. —Terminou Etienne por ele.

A desculpa dos dois homens soou repugnante mente falsa na mente de Lucern. Santo Deus.

— OH, está bem. Eu não fumo nada. — Ela sorriu torto, em seguida, acrescentou: — Além disso, o jantar já vai ser servido. Acho que é por isso que Rachel estava procurando por você.

— Provavelmente, deveríamos entrar. — Dando um passo à frente, Lucern tomou o braço de Kate com firmeza e virou em direção ao prédio. Eles tinham apenas dado dois passos quando ouviu a van fechar as portas e os outros homens saíram atrás deles. *Fumando* baseados. *Deus santo*.

* * * * *

Lucern esteve distraído durante o jantar, apenas remexendo a comida. Aparentemente estava muita boa e acreditava nos comentários de Kate, mas ele realmente não tinha muito apetite. Ele encontrou sua mente presa no





pedido da mãe que o trabalho de Kate dependia de sua colaboração. Lucern não sabia o porquê, mas aquilo realmente o estava incomodando. E muito.

— Dançar, Luc.

Lucern olhou ao redor confuso. Só tinha escutado as últimas palavras de sua mãe, pois estava imerso em seus pensamentos. Olhou para ela.

— O que?

— Eu disse que deveria levar Kate para a pista e dançar. Para apoiar Etienne e Rachel. Alguém deve começar o baile.

Ele olhou em direção à pista de dança, surpreso ao ver que a noiva e o noivo estavam dançando. A refeição acabou e a primeira dança começou. Ele, como cabeça da família deveria ser o próximo. Por direito, deveria tomar a sua mãe, a matriarca, para encorajar outros a dançar, mas um olhar a Marguerite disse que ela tinha começado sua atividade de casamenteira. Não iria dançar com ele.

Suspirando, ele empurrou sua cadeira para trás e estendeu a mão para Kate. Sua editora olhava incerta quando colocava os dedos em sua mão e se levantava um fato que o incomodou por razões que não podia e que não





tinha intenções de examinar muito profundamente. Disse a si mesmo que era apenas uma dança, e que sua mãe não podia forçá-lo a dançar com Kate novamente, Lucern a levou para a pista de dança e pegou-a em seus braços.

Foi um erro. Kate C. Leever se acomodou em seus braços como se fosse feita para ele. Sua cabeça chegava justamente ao queixo do Lucern, sua mão era pequena e suave na sua, e o aroma de seu perfume flutuava no ar o atormentando e excitando vagamente a seu olfato. Sem se dar conta, encontrou-se aproximando ela tanto que seu corpo parecia unir-se ao dele, suas pernas e seu peito o roçavam a cada passo.

Lucern notou que estava faminto, experimentava isso a cada manhã ao acordar. Enquanto dormia, seu corpo transformava o sangue ingerido, reparando qualquer dano que o dia tinha causado, deixando desidratado e com uma necessidade séria de muito mais. Alguns dias a fome era pior que outros. Alguns dias ela era suave o suficiente para que ele pudesse se distrair com outras coisas, como tinha sido esta manhã. Ainda assim, Lucern soube que estava faminto. Ele entendeu a sede. Vivia diariamente com um desejo profundo até seus ossos, que ameaçava sendo cada vez mais forte e que poderia convulsionar seu corpo com isso. E agora isto...





Ele abaixou a cabeça, respirando o cheiro do xampu de Kate misturado com o sabor e a doçura de seu perfume. Ela cheirava vagamente a baunilha, como uma sobremesa rica e deliciosa ou uma taça de sorvete e ele tinha uma vontade repentina louca de lambar a nuca e...

Lucern se endireitou bruscamente enquanto trancava seus pensamentos. Lamber seu pescoço? Melhor mordê-lo. Meu Deus, ele precisava de mais sangue. Tinha sido bem descuidado com o que consumia ultimamente. Devido à presença de Kate não tinha tomado suas quatro doses ao dia. A maioria das vezes podia funcionar com dois, o qual explicava sua estranha fome agora. Estava confundindo a ânsia que sentia pelo sangue de Kate com a ânsia que sentia por ela mesma.

Aliviado além da medida, ele sorriu largamente para ela quando ela murmurou seu nome.

— Tem alguma coisa errada? Você parou de dançar.

Lucern olhou ao redor, surpreso ao perceber que na sua revelação que ele tinha parado de se mover. Agora ele simplesmente estava parado no meio da pista de dança a segurando próxima. Seus seios, esmagados contra o peito, eram forçados para cima de seu vestido. E eles eram seios muito agradáveis. Roliços e de um tom carnal rosa pálido





que indicavam seu sangue viçoso. Ao Lucern teria encantado lambar o caminho que conduzia para aquelas esferas e...

— Tenho que falar com o Bastien. — Disse ofegando — Agora.

Libertando-a de seu agarre firme, ele começou a caminhar para onde Bastien estava dançando, e de repente percebeu o que ele estava fazendo. Girando para trás onde estava Kate confusa, como um bebê abandonado no centro da pista de dança, tomou-a pelo braço e levou-a de volta para sua mesa. Ele então caminhou ao redor da pista de dança, aliviado que a música terminou exatamente quando ele chegou do lado do seu irmão.

— Depois que você levar sua parceira de dança de volta à mesa, eu preciso falar com você lá fora. Na caminhonete. — Disse significativamente.

— Claro. — Disse seu irmão mais novo. — Estarei contigo em um momento.

Lucern assentiu com a cabeça e Bastien caminhou com a irmã de Rachel, que tinha sido uma das damas de honra, de volta à mesa principal.

— Eu ouvi você dizer que estava indo para fora, na caminhonete?





Lucern deu a volta encontrando Lisianna atrás dele.

Ela e Gregory se juntaram à pista de baile depois de Lucern e Kate. O casal tinha permanecido perto dali, esperando a próxima canção para começar a dançar. Não se surpreendeu que tivesse escutado o que acabava de dizer. Inclinou a cabeça em resposta a sua pergunta e sentiu a necessidade de explicar-se.

— Não estive me alimentando o suficiente desde que Kate chegou.

Lisianna assentiu em compreensão.

— Rachel e eu adoráramos nos unir a você. Ela estava dizendo anteriormente que, com a preparação para o casamento e tudo mais, ela...

— Tudo bem, Tudo bem. —Interrompeu Lucern. Não necessitava de explicação. Estava feliz levando às mulheres a unirem-se a eles— Vai buscá-la então. Bastien vai... OH, a trouxe com ele.

Bastien ia guiando a sua nova cunhada através da pista.

— Eu vou ficar de olho em Kate, então ela não vai sair e tentar pegá-lo com os baseados na mão, — disse Greg levemente a Bastien quando a noiva chegou. Ele afastou-se





para convidar a editora para dançar.

— Bom bom. — Lucern nem sequer sorriu. Ele apenas acenou com a gratidão e conduziu os outros três para o salão de recepção.



Kate relaxou nos braços do Greg no momento em que começaram a se mover, algo que não tinha sido capaz de fazer nos braços de Lucern. Tinha visto o escritor deslizando-se para fora com sua irmã, Rachel e Bastien, e suspeitava que tinham saído para fumar de novo. Em sua opinião, o homem podia usá-lo. Poderia ajudá-lo a relaxar, certamente. Ele tinha estado nervoso durante toda a comida, e... Bom, percebeu que parecia distraído durante todo jantar, não que isso a incomodasse. Tinha estado ocupada conversando com sua mãe e sua irmã, escutando as divertidas histórias da juventude de Lucern que elas contavam.

Se sua mãe e sua irmã acreditavam, descobriu que Lucern era em realidade um homem muito suscetível, com uma couraça dura e mal-humorada. Depois de ler seus romances, Kate pensava que era perfeitamente possível. Houve certo desejo na maneira como ele retratou os casais



em seu livro, uma fome que iam além da sede de sangue dos vampiros ou até mesmo para além do desejo sexual. Seus personagens eram sós no coração, ansiando por uma alma gêmea para compartilhar suas longas vidas. Kate desejou saber agora se não era um reflexo de seus sentimentos, se ele não anseia por amor.

Greg fez dar um giro, e sorriu. O marido da Lissianna era um dançarino muito mais descontraído que Lucern. Luc quase tinha vibrado com tensão enquanto tinham estado se movimentando pela pista, e aquilo lhe tinha chegado a Kate, enchendo-a de uma tensão em menor grau, mas que era bem inquietante. Apesar da tensão, no entanto, ela encontrou-se derretendo em seus braços, descansando a cabeça em seu ombro e percorrendo intimamente com seus dedos a nuca para escovar o cabelo. Havia se sentido aliviada, mas um pouco chocada quando ele parou de dançar e se afastou.

Bem, tudo bem, ela tinha se sentido mais atordoada do que aliviada. Ela estava ali, de boca aberta atrás dele, incapaz de acreditar que ele estava voltando para sua grosseria, sua marca registrada, ali no meio da pista de dança para todos verem. Se não houvesse retornado rapidamente e a tivesse levado a sua mesa, certamente ela teria dado um chute na parte de trás dele. Sim, era definitivamente uma coisa boa que ele estava lá fora





fumando. Certamente seria bom relaxar.



— Eu acho que você deve aceitar apenas fazer algo para ela, — Bastien sugeriu. Claro, como sempre, Kate tinha sido o tema da conversa, uma vez que tinha chegado à caminhonete. E, para irritação de Lucern, todos pareciam ter conselhos.

— Por que você não diz que vai fazer uma dessas entrevistas? Como essa coisa que a mãe sugeriu RT, — Bastien continuou. — Ou diga que vai fazer um dos eventos de publicidade, mas apenas um e não o passeio de autógrafos. Deixe que ela escolha o que é mais provável para salvar seu trabalho. Dessa forma, ela vai ser feliz e vai embora.

— Deixar, *ela* escolher? — Lucern ficou horrorizado com a idéia de dar tanto domínio. — Mas se ela escolher uma dessas entrevistas de televisão?

Lissianna soltou impaciente.

— Não vai te matar que fique meia hora diante de uma câmera Luc.





— Mas...

— Olhe deste modo. — Acrescentou sua irmã. — Meia hora na frente da câmera durante uma entrevista ou Kate Leever acampada na sua varanda.

Bastien gargalhou.

— Se ele ainda conseguir tirar ela da porta da frente.

Lucern olhou para ele, mas seu irmão apenas encolheu os ombros.

— Aparentemente está suavizando conosco Luc. — Continuou. — Há centenas de anos não teria tido nenhum problema em chutar seu pequeno traseiro em forma de coração.

— Você tem olhando seu traseiro? — Perguntou-lhe Lucern ofendido.

— Claro, por que não? Ela está solteira. Eu estou solteiro. — Encolheu-se de ombros. — Existe um problema?

Lucern fez uma careta. Não deveria ser um problema, e ele sabia disso. Mas por alguma razão, ele não gostava de Bastien verificando Kate em tudo.

— Pobre Luc. — Disse Lissianna. Ele olhou para ela em questão, por isso ela acariciou seu braço, como se ele





precisasse de calmante. — Seiscentos anos de idade, e você simplesmente não sabe como lidar com os sentimentos que Kate suscita em você. Certamente, com a idade certa sabedoria deve vir.

— Parece que os homens permanecem emocionalmente estúpidos, não importa quanto tempo eles vivam. — Comentou Rachel secamente.

Lucern permaneceu em silêncio, seus pensamentos alvoroçados. Lissianna estava dando a entender que inconscientemente estava se apaixonando por ela. Ele não estava. Ele estava ciente disso. Mas não tinha porque gostar ou, em qualquer caso, dar a razão. Quanto à fome que sentia ao seu redor, Lucern admitiu hoje que não foi sede de sangue que ele sentiu na pista de dança, mas o desejo sexual. Queria a Kate C. Leever, sua editora. E aquilo era uma complicação que não podia permitir. Se sua mente não estivesse fechada para ele, ele poderia ter ela disposta a entregar-se e desfrutar de seu corpo como ele queria. Ele certamente não tinha vivido como um monge de seiscentos anos. Mas sua mente estava fechada, tornando tal ação perigosa. Balançando a cabeça, ele deixou os outros na caminhonete e rumou de volta para o salão da recepção. Tanto quanto ele estava preocupado, ele estava apenas sofrendo uma queda, um afeto natural causado por ter sido





forçado a proximidade com outra pessoa. Ele ia acabar com ela, tão logo Kate tivesse desaparecido. Ele só tinha que levá-la embora.





Capítulo 06

Marguerite era a única na mesa quando Lucern retornou e reclamou seu lugar. Uma rápida análise da pista de dança mostrava que Kate e Greg dançavam. Viam-se terrivelmente cômodos. Kate estava relaxada e sorridente, nos braços de Gregory Hewitt — algo que ela não tinha obtido com o Lucern. Moviam-se em perfeita sincronia, como se tivessem estado dançando juntos por anos.

Gregory até parecia malditamente belo e suave na pista de dança. Lucern nunca tinha pensado em seu cunhado como um mulherengo, mas certamente parecia que ele estava fazendo uma imitação bastante boa agora mesmo. Logicamente, Lucern sabia que Greg amava Lissianna profundamente e que Kate não era nenhuma ameaça. Além disso, Lucern se recordou rapidamente, que não estava sequer interessado em um relacionamento com uma mulher. Mas seu corpo não parecia responder a sua lógica. Alguma parte primitiva dele se burlava da lógica. E enquanto via Greg girar Kate ao redor da pista de dança, Lucern pôde sentir seus músculos se tencionando e tremendo. Um grunhido baixo retumbou em seu peito enquanto observava





ao casal inclinar-se e logo retroceder.

— Você deveria ir interrompê-los.

Lucern se esticou ante as palavras de sua mãe. Virou para olhá-la só pra ver que seu rosto estava com aquele olhar de dó. Voltou bruscamente o olhar, lutando brevemente contra si mesmo, então avançou a grandes passos para a pista de dança. Se havia algo que Lucern odiava, era terem pena dele. Agora estava zangado.

Greg notou sua aproximação, deu um olhar a sua expressão, inclinou a cabeça solenemente e deixou a pista de dança.

Kate virou em confusão quando Greg repentinamente a soltou e se afastou a passo rápido. Supôs que não estava surpreendida de ver Lucern ali. Entretanto, ela estava surpresa com sua expressão. Seu exterior usualmente frio e mal-humorado tinha sido substituído pela intensidade de um animal em perseguição. Ele parecia impiedoso e zangado, mas não frio. Qualquer coisa exceto frio. Seus olhos eram todo prata sem azul. Agora entendia a descrição que ele tinha dado do Claude em seu primeiro livro: "Insensíveis olhos que pareciam o fogo do inferno e faziam a seus inimigos se acovardarem." Ela não imaginou que esses olhos azuis-prata pareceriam tão ferozes, mas havia fogos





escarlates queimando ali, quase parecendo que brilhavam fora de sua íris como o círculo de uma chama de um soldador.

Ainda assim Kate não tinha medo. Por alguma razão um sorriso curvou seus lábios, e não pôde deter as palavras que saíram de sua boca. Então improvisou.

— Fumar maconha não te relaxou, presumo?

Lucern reagiu como se tivesse chocado violentamente contra uma parede invisível. Suas determinadas passadas se interromperam imediatamente, e cravou os olhos nela com uma expressão completamente em branco que apagou a fera do momento anterior. Então ele fez a coisa mais surpreendente: Lucern Argeneau, o homem mais teimoso, estúpido, ignorante, realmente soltou uma gargalhada. Realmente, Kate não tinha pensado que tal coisa fosse possível. O homem era tão...

Seus pensamentos morreram quando ele a sustentou em seus braços e começaram a dançar. Ele ainda estava sorrindo suavemente, a ação fazia com que seu peito reverberasse contra o dela. Ele a aproximou mais para si. Quando Kate levantou sua cabeça para olhar timidamente seu rosto, ele sorriu e disse:

— É uma mulher malvada, Kate C. Leever.





Ela se encontrou sorrindo em troca. Tinha pensado que o homem era bonito no começo, mas agora, com a risada cintilando em seus olhos e torcendo as comissuras de sua boca, ele era muito mais que simplesmente bonito. Era de tirar o fôlego. Literalmente. Kate, honestamente, teve alguma dificuldade para respirar quando encontrou seu olhar. O calor irradiava de cada ponto de seus corpos que entravam em contato. Ela queria deitar sua cabeça sobre seu ombro e perder-se em meio dele. Queria sentir suas mãos sobre sua carne. Queria...

Ir para casa. Kate definitivamente queria ir para casa. Ou, realmente, queria ir para qualquer lugar longe dele. Ela não queria sentir-se dessa maneira, não queria lhe desejar. Caramba, nem gostava do homem.

Bem, tudo bem, ela admitiu com dolorosa honestidade. Tinha sido divertido jogar Blood Lust II com ele, e ele *podia* ser legal quando ele tentava. Disso estava segura. Não era como se ele não tivesse tentado ainda. Mas certamente todo mundo poderia ser simpático com um pequeno esforço? Sim, ela se reconfortou a si mesmo. De fato, ele estava sendo agradável com ela agora mesmo. Um tipo.

Kate suspirou. Dançar certamente era agradável. E quando Lucern a segurava desse jeito, ela esquecia quão



rude e teimoso ele podia ser. Mas, — e isto era um grande, MAS— ela não tinha absolutamente a intenção de envolver-se com um de seus escritores. Era uma mulher de negócios. Uma profissional. E atuaria de forma profissional, inclusive se o que realmente queria fazer era lhe tirar o terno e se pressionar contra seu corpo nu.

Ohhhh. Isto não era bom.

Lucern repentinamente parou de dançar e anunciou.

— Estou cansado. — Quando ela não respondeu, ele adicionou. — Está pronta para partir?

— Sim. — Disparou a resposta como uma bala. Estava mais que feliz de escapar da possibilidade de seguir sofrendo mais com esta proximidade.

Lucern aparentemente concordou. Imediatamente tomou seu braço e conduziu para fora da pista de dança e através do vestíbulo. Deteve-se só uma vez, fazendo uma breve pausa na mesa principal para dizer a seu irmão e a sua nova cunhada que estavam indo.

Kate espiou Marguerite Argeneau, olhando-os atentamente do seu lugar na mesa que tinham compartilhado, e se deu conta que a mãe de Lucern não estava satisfeita de que estivessem indo tão cedo. Sentiu-se



mau, mas realmente isso não era seu problema. Marguerite era problema de Lucern. O problema de Kate era conseguir ter uma séria relação de trabalho, e convencer Lucern a realizar um evento publicitário. E ela só tinha mais um dia para fazê-lo.



Lucern estava quieto durante o caminho para casa, seus pensamentos estavam um pouco confusos. Não estava seguro de suas intenções, quando tinha sugerido ir embora cedo, mas...

Oh, a quem estava tratando enganar? Ele tinha pensado em ter Kate sozinha em casa e possivelmente nua. A mulher tinha se colocado debaixo de sua pele, e sua família lhe tinha feito admiti-lo. Bastien lhe tinha dado uma cotovelada sem que ela o visse, e com o sorriso em sua cara, tinha perguntado se seu comentário tinha causado algum problema. Logo Lissianna tinha piorado com seu "Pobre Luc". E justo depois a visão de Kate nos braços de Greg tinha provocado a sua besta interior. Mas a pena refletida no rosto de sua mãe tinha sido o pior. Lucern se deu conta que poderia tratar de enganar a si mesmo, mas não enganava a





ninguém mais. E inferno, ele já não enganava nem a si mesmo.

Ele gostava dela. Apesar do fato de que ela era uma mulher moderna, insistente e agressiva quando necessário, que simplesmente não sabia qual era seu lugar, ele gostava dela. Apesar do fato que parecia que não tinha dragões para exterminar, exceto talvez ele e sua falta de cooperação, ele gostava dela. E, Deus querido, ele *queria* ela.

Lucern era um saudável macho de 612 anos. O número de mulheres com quem tinha estado nesse tempo... Bom, ele não podia nem sugerir um número. Entretanto, cada uma delas se desvaneceu de sua mente quando segurou Kate em seus braços.

Mas ela não estava em seus braços agora. Estava sentada no assento de passageiro, braços cruzados sobre seu peito em forma defensiva e com o olhar fixo cegamente na noite enquanto ele dirigia. Ela estava deliberadamente o ignorando, distanciando-se dele. Isso de alguma maneira ajudou a limpar a mente de Luc. Kate era sua editora. Tinha que trabalhar com ela. Dormir com ela seria um enorme *não* - *não*. Ele ficou inexpressivo enquanto estacionava o carro.

Tanto ele como Kate ficaram em silêncio enquanto saiam do carro. Ela foi a primeira a falar. Contemplou o céu





coberto de estrelas enquanto caminhavam para a porta e murmurou:

— É uma bela noite.

Os passos de Lucern vacilaram ante seu triste tom. Ela parecia relutante em ver o final da noite, e ele tampouco o queria. Lucern sabia que não poderia ceder ao seu desejo por ela, mas estava ainda resistente a se separar dela.

— É agradável. — Ele acrescentou. — Você gostaria de sentar na varanda e beber um copo de vinho?

Ele conteve o fôlego quando ela hesitou.

— Podemos ter café no lugar de vinho? — Ela perguntou. — Eu tomei mais que minha habitual cota de álcool esta noite.

Lucern soltou o fôlego em um assobio.

— Certamente. Sente-se que eu —

— Eu ajudarei. — Ela sorriu pela primeira vez desde que tinham deixado a recepção. — Sem ofender, mas não penso que tenha feito muito café.

Lucern não estava ofendido. Estava feliz de que a noite não iria terminar e que Kate C. Leever estava sorrindo.





Trabalharam em um agradável silêncio na cozinha, Kate fazendo café enquanto ele encontrava umas taças e um pouco de sorvete. Então eles levaram seus tesouros para a varanda.



Kate ficou com o olhar fixo nas estrelas no céu. Era uma noite tão tranqüila, e bela, e ela realmente desfrutava da companhia de Lucern. Sim, realmente o desfrutava. Seu usual resmungão e tenso personagem se foi. Ela não sabia se tinha sido o álcool ou a maconha que tinha fumado no casamento que tinham feito isso, mas pela primeira vez, ele parecia muito sereno em sua presença. OH, ele tinha sido agradável na noite anterior, quando tinham jogado o vídeo game juntos, mas isto era diferente. Tinham estado tensos e prontos para disparar nos bandidos do vídeo jogo. Agora estava incrivelmente relaxado e era um prazer estar com ele. Sentaram-se ali por um bom tempo, bebendo, comendo seus sorvetes e conversando brandamente a respeito do casamento enquanto evitavam olhar um pro outro. Ao menos Kate estava evitando olhar. Ela tinha que fazer isso — cada vez que ela contemplava o sorriso aparecer em seus lábios, queria beijá-lo.





Você é uma tola, Kate disse a si mesma. Sua atração por Lucern Argeneau era perigosa, e não deveria encorajar isso sendo simpática e até agradável. Ele era *um de seus escritores*. Ela era como um recanto de mãe para seus escritores. Mas seus sentimentos por Lucern no momento estavam longe de ser maternais. E quanto mais se estendesse este agradável interlúdio, mais duro seria para ela resistir a estar mais perto dele, tocá-lo enquanto falava apoiar-se nele, beijá-lo...

Cortando seus pensamentos nesse instante, endireitou-se e procurou algo que a distraísse, algo que acabasse este interlúdio. A solução mais fácil era a razão pela qual estava ali. Kate inspirou profundamente, logo espetou:

— Luc, sei que não quer falar disto, mas realmente desejo que considerasse umas viagens de autógrafos.

O escritor se esticou imediatamente, a suavidade de suas feições desapareceram.

— Não. Simplesmente não faço viagens de autógrafos.

— Sei que não as faz, Luc. Mas... Seus livros são tão populares e —

— Então, não preciso fazer uma dessas. Não é?

— Mas os leitores querem conhecer você, eles —





— Não. — Repetiu firmemente.

— Luc, por favor. — Rogou Kate, com uma voz emotiva.

Lucern encarou Kate silenciosamente, desejando com todo seu coração que o que ela pedia fosse algo inteiramente diferente. *Luc, por favor, me beije. Luc, por favor, me leve para sua cama. Luc, por favor...* Mas isso não era o que estava pedindo. Isto era negócio. Um pedido para que ele promovesse seus livros e fizesse mais dinheiro para sua empresa. Ela queria que ele desestabilizasse sua vida, que se arriscasse à luz do sol, por umas viagens de autógrafos. Lucern desejou nunca ter escrito esses malditos livros tão populares.

Levantando-se, ele abruptamente lançou o resto de seu café na grama e se apressou à porta.

— Tenho trabalho a fazer. Boa noite.

— Não, espere. Lucern! — Ela já estava de pé e indo atrás dele imediatamente — Temos que discutir isto. Estive aqui durante três dias e não consegui resolver nada.

Lucern a ignorou. Simplesmente entrou e subiu as escadas.

— Luc, por favor! Nenhum dos escritores gostam das viagens de autógrafos, mas são tão boas para a publicidade,





e os leitores querem o contato. Querem encontrar o escritor por trás das histórias que gostam tanto. Só uma pequena viagem bastaria. — Ela persuadiu mais quando não obteve resposta — Talvez meia dúzia de lugares. Eu poderia ir com você, para estar segura de que tem tudo o que quer. Se você somente —

Lucern alcançou a porta de seu escritório. Entrou e a fechou por trás dele com um golpe que foi só ligeiramente mais forte que o clique da fechadura.

Kate encarou a porta. Portas fechadas de repente pareciam um tema recorrente em sua relação. Começava a odiar as portas.

Baixando os ombros, apoiou-se contra a porta e fechou os olhos. Era uma pessoa muito positiva por regra geral, e sempre tinha pensado que alguém poderia fazer algo que desejasse se trabalhasse o suficientemente duro para obtê-lo, mas isso era antes de conhecer seu impassível objetivo: Lucern. O homem era tão teimoso como bom, como ela. Talvez mais.

Kate considerou desistir, empacotar suas coisas e retornar a Nova York com o rabo entre as pernas, mas isto não estava em sua natureza. Odiava ser tal peste na vida de Lucern, e desejava só poder deixá-lo em sua tranqüila





existência, mas na opinião da empresa não era sem propósito para eles esperar que Lucern Argeneau fizesse alguma promoção. Eles investiram para anunciar seus livros; o mínimo que ele poderia fazer era pôr um pouco de esforço de sua parte. E ela concordava em sua maioria com isso. Somente tinha que o convencer. Inferno, a esta altura consideraria uma grande vitória fazer com que estivesse de acordo com algumas entrevistas por telefone.

Kate se endireitou lentamente. Isso poderia dar certo. Tinha estado concentrada na viagem, mas possivelmente teria mais sorte com as entrevistas.

— Luc? — Gritou. O silêncio foi sua resposta, mas Kate não se deu por derrotada. — Olhe, sei que não quer fazer a viagem de autógrafos, e isso está ok. Mas, por favor, ao menos considere fazer algumas entrevistas?

Ela esperou em silêncio, logo acrescentou:

— Só pense sobre isso. Está bem?

Resolvendo deixá-lo por esta noite, Kate se virou para a porta do quarto de hóspedes. Tinha que pensar em um argumento, algum plano para lhe persuadir. Então, atacaria novamente pela manhã.





Lucern soube quando Kate se rendeu e partiu dando meia volta. Sentiu sua ausência assim como também ouviu que se abria e fechava a porta do quarto de hóspedes. Sentou-se por longo tempo em seu escritório escutando-a mover-se por toda parte, preparando-se para dormir, logo escutou os sons da noite quando ela parou.

Ele considerou jogar o Blood Lust II, mas não era o mesmo sem ela. Considerou escrever, mas não estava no humor. Então ele se sentou ali na silenciosa escuridão, escutando a noite. O grito das aves noturnas, a canção dos grilos, o sussurro do vento, os suspiros de... Kate, ele percebeu. Esse suspiro tinha sido Kate. Lucern a poderia ouvir, se ele se esforçasse, poderia cheirar-lhe também. A essência parecia pairar sobre ele. Recordando ela se apoiando em seus ombros quando dançavam, ele inclinou sua cabeça e farejou sua jaqueta. O perfume estava impregnado ali. Perturbando-o.

Levantando-se, Lucern tirou sua jaqueta e o deixou em cima de sua cadeira, mas o aroma ainda parecia se fixar nele. Ou talvez estivesse simplesmente no ar, possivelmente tinha penetrado em sua casa assim como ela tinha feito. Tratando de se liberar de sua essência, ele se moveu para a





porta de seu escritório e a abriu. Então ele ficou parado lá e fechou os olhos. Se ele se concentrasse muito, os outros sons da noite se desvaneceriam e ele seria capaz de se focar nos sons dela, — o roçar da roupa de cama enquanto trocava de posição, suaves e ligeiros suspiros enquanto ela sonhava um ocasional murmúrio, mas em sua maior parte sua respiração, suave e tranqüila, saindo e entrando, repetidas vezes.

Ele quase poderia sentir sua respiração contra sua pele, uma quente e úmida respiração. Então ele percebeu que ele *estava* sentindo isso, suave e quente contra sua mão. Ele estava perto da cama, suas pernas o tinham carregado onde seu corpo desejava estar e tudo sem consciência de seu cérebro.

Lucern a encarou através da melancólica luz da lua, sorrindo pela forma inocente em que ela dormia. Kate estava curvada em posição fetal, sua mão descansando sob seu queixo. Então seu olhar desceu de seu rosto e foi abaixando pelo seu corpo. Era uma noite quente, e o ar condicionado não parecia alcançar os quartos superiores tão bem quanto os inferiores. Kate tinha afastado de si os lençóis e dormia com um babydoll branco, que tinha subido ao redor das coxas. Seu olhar passou roçando suas esbeltas pernas que estavam dobradas. Kate tinha pernas adoráveis, longas e





bem proporcionadas. Luc conseguiu resistir à tentação de passar seus dedos agilmente sobre a aveludada e branca pele à mostra, mas imaginava como deveria ser e sabia que seria quente e suave ao toque.

Um ligeiro suspiro escapou dos lábios de Kate e ela se virou na cama em seus sonhos, uma mão deslizando-se lentamente através de seus seios antes de cair e descansar sobre a cama. Lucern seguiu o movimento de sua mão, então voltou seu olhar para o rastro que sua mão tinha deixado no decote de seu babydoll. O Babydoll tinha botões até a cintura. Os dois primeiros botões estavam sem abotoar, e o terceiro parecia a ponto de fazê-lo, deixando um grande espaço nu para olhar. O olhar de Luc se fixou no topo de seus suaves seios, e os olhou enquanto subiam e desciam com cada respiração. Subindo e descendo. Ele imaginou abrir esse terceiro botão para revelar mais pele, logo outro e outro, até que por fim despisse seus seios completamente.

Lucern imaginou quão redondos e cheios eles pareceriam à luz de lua. Quão deliciosos. Ele sabia que não poderia resistir em tocá-los, acariciá-los, pegar um duro mamilo em sua boca e sugar sua doçura.

Kate se arqueou na cama e gemeu baixo. Lucern quase gemeu com ela. Seu perfume era mais forte aqui. Mesclava-





se com os aromas de seu xampu, seu sabão e sua essência. A combinação era intoxicante. Ele podia saborear isso em seus lábios. Exceto pela falta de seu toque, poderia supor que ele realmente estava: sugando, lambendo, mordiscando, fazendo um caminho através da pele de um peito para o outro.

Lucern fechou seus olhos para imaginar isso melhor e quase pôde tocar sua ardente pele sob seus lábios. Em sua mente, ele deslizava suas mãos por baixo de seu babydoll, escorregando para baixo, entre suas coxas. Ele podia sentir ela se estremecer sob seu toque, movendo suas pernas impacientemente enquanto outro gemido escapava de seus lábios. Kate se arqueou em convite, esperando-o, como se implorando que a preenchesse, á fizesse dele, para apagar o fogo que ele tinha começado.

Lucern estava feliz em agradá-la. Ele permitiu que suas imaginárias mãos subissem sobre suas pernas, para empurrar o ligeiro tecido de seu babydoll para cima, então abrir suas suaves coxas para que ele pudesse lambar seu clitóris. Ele se imaginou tocando-a, acariciando-a, lambendo sua brilhante pele, então introduzindo - se em seu quente e acolhedor corpo. Ele quase podia sentir ela se fechando ao redor dele, abrindo a boca e murmurando em sua orelha, a respiração branda dela em sua pele, suas unhas arranhando





em seus ombros e costas.

Kate gemeria de prazer quando ele se introduzisse nela repetidas vezes até que começasse a se agitar e estremecer abaixo dele, seus músculos internos empunhando e afrouxando.

— Lucern.

Seu nome em seus lábios fez que abrisse seus olhos, e ele olhou com atenção para baixo, só para encontrar ao Kate dormindo, seu rosto um retrato de êxtase. Estava ofegando, suando e se contorcendo entre os lençóis, sua cabeça movendo-se de um lado a outro e suas mãos rasgando o travesseiro quando ela convulsionou em seu êxtase. Então Lucern se deu conta de que sua mente estava fechada para ele quando estava acordada, mas estava totalmente aberta durante o sonho. Ela simplesmente tinha experimentado tudo o que ele tinha imaginado, tinha-o recebido em sua mente como se estivesse acontecendo.

O conhecimento era quase doloroso. Ele poderia tê-la se o desejasse. Ela lhe daria boas vidas. Luc respirava pesadamente com a necessidade, pulsando em desejo, desejando conduzir-se dentro dela. Ao mesmo tempo, ele ansiou introduzir seus dentes em seu pescoço, consumir seu sangue e seu corpo ambos ao mesmo tempo. Ele soube que





seria a experiência mais incrível de sua vida. Mas não podia. Se ele tomasse agora, então Kate lhe daria boas vindas só porque ele queria que ela quisesse.

Sacudindo a cabeça para apagar as imagens eróticas de sua mente, Lucern se afastou da cama, e depois de seu quarto. Não parou, mas cambaleou embriagadamente pelo corredor para as escadas. Sua cabeça estava cheia dela. Tinha que escapar. O desejo de tomá-la era esmagador.

Ele saiu da casa e foi para seu carro. Não tinha planos quando ligou o motor, simplesmente precisava ficar longe de Kate e da tentação que ela representava. Ele parou de dirigir aproximadamente por uma hora, antes de finalmente se encontrar no caminho da casa de Bastien. A casa de seu irmão estava escura e silenciosa, e ele tinha a suspeita de que estava vazia. Estava a ponto de dar a volta e ir embora, quando o carro de Bastien se deteve ao lado do dele.

Lucern desceu do veículo com alívio, encontrou seu irmão em frente dos veículos e deixou escapar seus problemas com Kate. Isso levou um comprido momento. Ele disse tudo ao seu irmão menor.

Quando ele tinha terminado, Bastien somente perguntou:

— E o que fará?



Lucern ficou em silêncio por um momento. Falar não tinha ajudado a esclarecer sua mente. Estava ainda confuso. O desagradava estar confuso. Desagradava-lhe qualquer tipo de interferência em sua vida. A resposta parecia simples: Livre-se da confusão.

— Vou fazer o que tiver que fazer para colocá-la em um avião amanhã. — Ele decidiu.

Isso. Falar com seu irmão *tinha* ajudado.



Kate bocejou e se espreguiçou na cama, um sorriso brincando em seus lábios. Não tinha dormido tão bem em anos. E nunca tinha acordado sentindo-se *tão* bem. Estava tão relaxada, também saciada. Piscando com surpresa, percebeu de que era verdade, sentia-se satisfeita. Seu corpo era um corpo feliz, todo quente e pronto para fazer o que ela quisesse.

Levantando-se, ela se dirigiu ao chuveiro. Não foi até que estava cantarolando e se lavando, passando sabão sobre seu corpo, que recordou o sonho. Suas mãos desaceleraram, seus olhos se dilataram com as lembranças do sonho:





Lucern acariciando-a, chupando seus peitos, introduzindo-se dentro dela.

Um formigamento atraiu seu olhar para baixo, para seus peitos, e ela deixou cair às mãos em vergonha quando se lembrou que inconscientemente os tinha estado acariciando. Seus mamilos estavam duros e eretos. Até pior, podia sentir o aumento de umidade entre suas pernas, e não tinha nada a ver com a água que corria em suas costas. Abrindo mais a ducha, apoiou as mãos na parede, e pôs a cabeça sob o jorro da água, e permitir que a água escorregasse sobre seu corpo. Mas o sonho não se desapareceu, — isso era o mais vívido que alguma vez recordava ter tido.

Por um minuto, Kate temeu que não tivesse sido um sonho, que realmente tivesse ocorrido e somente parecia um sonho porque tinha estado sonolenta. Mas então moveu a cabeça em negação ante ao absurdo pensamento. Se realmente tivesse ocorrido, ela teria querido beijos, e ele não a tinha beijado uma só vez. Kate o teria agarrado pelo cabelo e teria arrastado sua boca para a dela se fosse necessário, mas teria tido beijos. Ela gostava de beijos.

Não, não tinha ocorrido, pensou, rindo nervosamente enquanto o alívio a percorria. Só tinha sido um sonho





espantosamente erótico. *Ainda* um sonho.

Rindo de si mesma, Kate terminou seu banho e saiu para se secar. Sonho ou não, sentia-se ótima. Também se sentia agradecida pelo prazer com que seu anfitrião lhe tinha proporcionado no sonho. Não tinha importância que ele não tivesse tido nada que ver com isso. Ele tinha sido a estrela de seu sonho, e nesse sonho lhe tinha dado um grande prazer. Sim. Ele era um tipo sensacional.

Sorrindo amplamente, Kate se vestiu, escovou seu cabelo, então deixou seu quarto e andou escada abaixo para a cozinha. Ela ia fazer café da manhã para Lucern. Um grande café da manhã. E ia lhe dizer docemente que tinha perdido as esperanças a respeito de fazê-lo ir a tour de autógrafos. Talvez ele ficasse tão aliviado que acordaria em fazer uma entrevista ou duas.

Ela começou a trabalhar: O bife estava tão cru que ainda sangrava ovos, batatas fritas, torradas e café. Então, se viu em um dilema. O que fazer? Não havia nenhum sinal de Lucern ainda, mas já estava tudo preparado. Deveria ir bater na porta de seu quarto e se arriscar a deixá-lo de mau humor? Isso não ajudaria a sua causa. Melhor levar o café da manhã em uma bandeja à cama. Isso não parecia boa idéia. Depois do sonho que teve ontem à noite, pensava que



seria melhor ficar longe de Lucern e sua cama, — ao contrario ela talvez saltaria sobre o pobre homem com a esperança que a coisa real fosse tão boa quanto o sonho.

Suspirando, Kate considerou a mesa onde tinha tudo pronto, em seguida, olhou para o forno onde tinha colocado tudo, para mantê-lo aquecido. As coisas estariam bem por um momento, mas não por muito tempo. Decidiu limpar a desordem que tinha feito em sua cozinha, e se ele não levantasse até que ela terminasse se arriscaria ao seu temperamento para acordá-lo.

Espiou um rádio no canto da cozinha, o ligou e começou a trabalhar, dançando ao redor da cozinha com as canções de uma clássica emissora de rock.



Um chiado estridente de um animal foi o que despertou Lucern. Ao menos, isso foi o que pensou. Abruptamente se sentou enquanto o som o despertava, então fez uma pausa para escutar os barulhos em sua casa.

Alguém estava batendo algo na cozinha, e podia escutar o som metálico da música soando em alguma parte escada





abaixo. Mas o chiado que o tinha despertado foi antes desse. Tinha sido Kate gritando em dor? Se perguntou, sentindo-se tenso de repente. Estava sendo atacada por algum louco que estava destruindo sua cozinha?

—Rahhhh-cksanne!

Os olhos de Lucern dilataram em horror quando a gritada voz soava outra vez, chiando sobre seus nervos como unhas em uma mesa. Deus querido era Kate tentando cantar.

Ele voltou a cair para trás com um grunhido de desgosto e exaustão passando por ele. Ele não tinha conseguido dormir até o amanhecer. Não estava preparado para acordar ainda.

— Roxanne. —O chiado persistiu.

Parecia que *Kate* estava pronta que ele acordasse, entretanto.

Murmurando, Lucern se levantou e se dirigiu ao chuveiro. Ali ele tratou de se acordar e lavar seu mau humor. Continuo dizendo a si mesmo que se livraria dela hoje. Poderia dormir depois disso. Isso não ajudou muito. Sentia-se incrivelmente resmungão quando cambaleou escada abaixo.





Kate escutou os passos de Lucern nas escadas e deixou de cantar. Movendo-se rapidamente para o fogão, abriu o forno e tirou o café da manhã. Estava colocando o prato de torradas, carne e ovos na mesa quando ele entrou na cozinha.

— Bom dia! — Ela cantou alegremente.

Lucern se sobressaltou e gemeu. Logo seu olhar se dirigiu à mesa, e um pouco de seu mau humor abandonou sua expressão, substituída pela surpresa.

— Você fez tudo isto?

— Sim. — Disse Kate, enquanto soltava um suspiro de alívio. Ele não ia ficar terrivelmente difícil, por ela o ter acordado. Só *um pouco* difícil. — Sente-se e coma antes que esfrie.

Ele se sentou e examinou as ofertas, então finalmente caiu de boca. Kate colocou café para ambos, então se sentou para comer com ele. Permitiu que Lucern comesse em paz, decidindo que traria o assunto de fazer uma entrevista depois que ele estivesse cheio e feliz.

Para sua surpresa, entretanto, não teve que fazê-lo.

Quando Lucern terminou sua comida e afastou seu prato, Kate se levantou e agarrou a cafeteira para preencher





ambas as xícaras. Ela estava trabalhando no que dizer a ele enquanto colocava o bule de café de volta, quando repentinamente Lucern disse:

— Um evento.

Kate voltou para a mesa confusa.

— Um evento?

Lucern assentiu.

— Se for a única forma para me desfazer de você, Kate C. Leever, eu concordarei com um evento publicitário.

— De verdade? — Tratou de aquietar a esperança que saltava dentro dela. Ela esperava pega-lo.

— Sim. Mas este é o trato. Faço um único evento. Um só. Depois disso, você tem que me deixar em paz.

— Ok, — Ela concordou.

Lucern a espionou suspeitosamente.

— Você não me telefonará e me perturbará mais? Sem cartas pelo correio? Sem acampar na minha porta?

— Não. Eu Prometo. — Kate disse solenemente.

— Muito bem. — Suspirou. — Um evento, preferencialmente a coisa R.T.que minha mãe mencionou.





Os olhos do Kate quase saíram de suas órbitas.

— A coisa R.T.?

— Sim. Isso faria seus chefes felizes?

— OH, sim. — Kate inspirou dificilmente capaz de acreditar em sua sorte. Tinha mencionado a conferencia a Marguerite no casamento, e tinha admitido que desejava poder convencer Lucern a participar, mas nunca tinha esperado que ele concordasse. Parecia que a mulher tinha tomado sua causa. Kate decidiu que adorava Marguerite Argeneau. Marguerite era uma mulher maravilhosa.

— Bem. Então arranje isso. Farei a entrevista do R.T... Agora, quando você vai me deixar em paz?

Kate deu uma olhada no relógio da cozinha. Era quase meio-dia. Tinha ligado mais cedo e averiguado que havia um vôo a uma, um as três e outro às cinco. Tinha pensado que poderia pegar um vôo mais tarde, e ainda poderia passar mais tempo com ele. Mas quando suas palavras soaram, fizeram um “clique”. *“Bem. Então farei a entrevista da R.T”* Ela não tinha mencionado a entrevista ainda. O único acontecimento no R.T. era a conferência. A mãe de Lucern o tinha confundido. Deliberadamente?

— Er Luc, o que exatamente sua mãe disse a respeito





da coisa sobre R.T.?

O escritor encolheu os ombros.

— Ela disse: “Sugiro que lhe diga que fará o R.T.” Ela pensou que provavelmente era a melhor opção para nós dois.

— E isso foi tudo o que ela disse? — Perguntou Kate cuidadosamente.

Lucern assentiu, logo acrescentou:

— OH, e ela disse que era uma revista.

Kate considerou isto. Marguerite tinha mentido deliberadamente a seu filho, e a única razão que podia imaginar para que a outra mulher fizesse isso devia ser por tratar de lhe ajudar. Kate sentiu uma pontada de culpa.

Um momento mais tarde, deixou de pensar assim. Marguerite não faria algo que machucasse seu filho. Ela devia pensar que ele deveria ir, também. E que seria bom para ele. Kate não ia se meter no meio disso. Ele havia dito que faria “A coisa” R.T. Ela faria isso.

Ela trataria de chegar ali antes que ele percebesse que era uma conferencia, não uma entrevista, e tentasse voltar atrás.

— OH! Não percebi que estava tão tarde. — Disse sem



fôlego, olhando fixamente seu relógio de pulso, fingindo surpresa. Então sorriu para Lucern docemente. — Você perguntou quando ia te deixar em paz. Bem, há um vôo a uma em ponto que posso pegar se me apressar.

E com essas últimas palavras, ela se levantou rapidamente e saiu precipitadamente da cozinha.



Lucern olhou boquiaberto a porta da cozinha se mover. Ele queria que ela fosse embora, mas sua ânsia para cumprir isso era um pouco desconcertante. Ele inclinou a cabeça e fez uma careta para o teto, enquanto o bater e bater ressoava em cima. Ela obviamente estava com uma pressa louca. Dava a impressão de que não conseguiria sair de sua casa o suficientemente rápido. Também parecia que tinha sua bagagem preparada, porque não demorou muito antes que escutasse seus passos descenderem com pressa pelas escadas.

Ele entrou no corredor a tempo de á ver descer rapidamente as escadas. Um carro tocou a buzina ao mesmo tempo em que seus pés tocaram o piso de baixo.

— OH! — Kate virou para a cozinha, em seguida fez





uma pausa. Sorriu com alívio quando o viu. – Ai está você! Bom! Meu táxi está aqui e não queria sair sem dizer adeus.

— Táxi? — Lucern ecoou com incredulidade.

— Sim. Chamei do meu quarto, enquanto fazia a bagagem. Menino, são rápidos aqui, não é?

Quando Lucern simplesmente cravou os olhos nela sem expressão, Kate vacilou. Finalmente, levantando sua mala, disse:

— Bem. Obrigado por tudo. Sei que fui uma convidada não desejada, mas você foi agradável tomando em conta as circunstâncias. E eu aprecio... — OH, droga! — ela resmungou quando o táxi buzinou novamente.

— Espere! — Lucern chamou, enquanto sua editora virava e abria a porta da frente. Ela vacilou, fazendo um gesto com as mãos ao taxista para ele saber que ela estava indo, em seguida se virou. Lucern realmente não tinha nada a dizer, só estava relutante em deixá-la partir. Após buscar algo em sua mente — qualquer coisa — para falar, ele finalmente disse: — A respeito da entrevista, Quando você acertará tudo? E você deveria ter meu número do celular para que possa me telefonar e me dizer quando será. E meu e-mail, também. — Adicionou quando o pensamento o ocorreu.





— Hum — Ela se sobressaltou, logo admitiu — Sua mãe me deu, ambos, seu número e e-mail.

— Ela deu? — Ele estava alarmado, embora sabia que não deveria estar. Não com sua intrometida mãe.

— Sim. — Kate se moveu um pouco mais pra fora da casa, com uma expressão estranha em seu rosto. Ela parecia desconcertada, como se soubesse que tinha que lhe dizer algo, e realmente não queria. A fascinação de Lucern se aprofundou quando ela inspirou profundamente antes de balbuciar:

— R.T. não é uma entrevista. Não é?

— Não, não é. A coisa R.T. que sua mãe falava é uma *conferencia*. — Uma aparência de dor cruzou sua cara. Enquanto, enquanto Lucern tratava de absorver isso, ela adicionou: — Mas não se preocupe. Não lamentará isto. Estarei ali e cuidarei de você todo o tempo. — Ela ainda se movia e quase alcançava a porta quando adicionou com um murmúrio — Eu lhe enviarei todas as informações e as passagens e te pegarei no aeroporto e todo o resto. Então não se preocupe!

O táxi escolheu esse momento para dar outra buzina impaciente.





— Já vou! — Kate gritou, e fechou a porta com uma batida. O golpe ecoou através da casa, seguido pelos ligeiros passos de Kate na varanda. Logo o silêncio se instalou.

Lucern estava desconcertado. Como se o tivessem golpeado. Conferencia? Sua mãe não lhe havia dito nada a respeito de uma Conferencia. Ela havia dito que Romantic Teme era uma revista. Um clube de leitura. Alguém que queria uma entrevista. Kate devia estar confusa. Deus Querido seria *melhor* que ela estivesse confusa.

Ele se apressou para a porta e encarou através do escuro vidro enquanto o taxi se afastava. Lucern assistiu isso.

Ele ficou parado por um momento, as palavras de Kate passando em sua cabeça; então se voltou em direção às escadas. *R.T.* Ela devia estar confusa. Ele olharia a revista Romantic Teme pela Internet só para se assegurar de que ela estava se confundindo.

Apenas três minutos mais tarde, o rugido de Lucern ecoou através da casa.





Capítulo 07

— Não estou fazendo isso. —Anunciou Lucern, furioso sob sua calma proclamação.

— Sim, está. — Marguerite Argeneau preencheu outra palavra em seu jogo de palavras cruzadas diário. Ela estava fazendo essa maldita coisa desde que tinha chegado.

Marguerite não gostava do aroma e do ruído da cidade. E o pai de Lucern, Claude, tampouco teria gostado mais daquilo. Além do que, viver na cidade significava mudarem-se a cada dez anos para evitar chamar a atenção indesejada do fato de que eles não envelheciam. Os pais do Lucern tinham evitado isso através da compra de vários lotes de terra à uma hora de Toronto, e construir a sua casa no meio deles. Portanto, não tinha vizinhos próximos o suficiente para ser uma preocupação, e não teriam que se mudar se não quisessem. Pelo menos, eles não tiveram que se mudar em trinta anos desde que eles construíram.

Lucern agora estava sentado na mansão da família e olhava sua mãe preencher outra palavra. Não tinha nem idéia de porque ela perdia o tempo com malditas palavras





cruzadas, séculos de vida combinado com uma memória perfeita tornam isso muito fácil. Encolhendo-se, olhou para ela e repetiu:

— Não estou fazendo.

— Sim está.

— Não estou.

— Está.

— Não.

— Está.

— Já chega, os dois parem. — Interrompeu Bastien. Ele tinha ido até a casa da família Argeneau depois de que Lucern telefonou para ele vociferando ininteligível de ser enganado e gritando que ia torcer o precioso pescoço de sua mãe. Bastien não tinha realmente acreditado que seu irmão iria fazer isso, mas a curiosidade o fez sair correndo para ver o que iria acontecer. Ele chegou logo atrás de Lucern, entrou na casa no calcanhar seu irmão, e ainda não sabia por que o homem estava chateado.

Ele realmente queria saber. Era estranho ver o fogo ardendo nos olhos de Lucern. Mau, humorado, ranzinza, impaciente? Sim, Luc era freqüentemente tudo isso. Ardendo





de raiva? Não. Kate C. Leever tinha acendido uma fogueira debaixo dele, o qual Bastien não tinha visto em seus quinhentos anos. E Bastien *tinha* certeza de que isso tinha algo a ver com essa editora inestimável. Luc tinha gritado seu nome como uma maldição várias vezes enquanto falavam por telefone. Era uma das poucas palavras que Bastien realmente tinha pegado.

Virando-se para seu irmão, Bastien perguntou:

— Então qual é exatamente o problema, Luc? Eu pensei que você estava disposto a trocar uma entrevista com a revista *Romantic Weekly* para se livrar de Kate. O que aconteceu para mudar isso?

— *Romantic Times*. — Lucern corrigiu brevemente. — E não é uma sangrenta entrevista, isso que é a mudança. É uma condenada conferência.

— Uma conferência? — Bastien olhou para sua mãe com suspeita. — Sabia isso?

Marguerite Argeneau encolheu os ombros, o qual era o mais próximo que ela faria de uma confissão.

— Eu não vejo problema. É apenas um par de dias em um hotel com alguns leitores.

— Cinco dias, — Lucern estalou a sua mãe. — Cinco





dias em um hotel com cerca de cinco mil fãs. E depois há os bailes, autógrafos e...

— Um livro de autógrafos. — Interrompeu sua mãe — Um livro de autógrafos com uma centena de outros escritores lá. Você não vai ser o foco. Você vai ter sorte se conseguir alguma atenção.

Lucern não se acalmou.

— E sobre o baile e jantares de premiação e...

— Todas as funções são realizadas no hotel. Você não vai precisar correr o risco do sol e...

— Eu não preciso correr o risco do sol porque eu não vou fazer isso! — Lucern rugiu. — Eu não posso ir.

— Você *vai*. — Começou firmemente Marguerite, mas Bastien a interrompeu.

— Por que não pode ir? — Perguntou ao Lucern.

— É o estado, Bastien. — Seu irmão disse severamente. — Possivelmente não possa passar sangue através da alfândega do aeroporto. E eu não posso ficar sem sangue por cinco dias. — Ele poderia, realmente, mas não era muito confortável. Espasmos iriam incapacitá-lo. E o seu corpo começaria a consumir-se.





Bastien franziu o cenho.

— Eu poderia enviar sangue para você quando você estiver lá. Fazemos essas coisas o tempo todo.

— Há. Viu! — Sua mãe cantou com o triunfo. — Você vai.

— Obrigado, irmão. — Lucern desdenhou sarcasticamente o jovem, logo gritou ferozmente a sua mãe. — *Não vou!* — Disse de novo.

— Deu sua palavra.

— Eu estava enganado e dei a minha palavra. Você me levou a acreditar que era uma entrevista.

— Eu nunca disse que era uma entrevista, — Margarida argumentou. Em seguida, ela ressaltou: — Você deu sua palavra que iria e você vai.

— Eu posso ter dado a minha palavra, mas não assinei um contrato ou qualquer outra coisa. Eu não vou.

Margarida estremeceu ereta, como se tivesse sido esbofeteada. Suas palavras eram lentas e frias.

— A palavra de um homem costumava ser sua obrigação.





Lucern vacilou, mas grunhiu.

— Ela costumava ser. Os tempos mudaram. Neste mundo, um homem não precisa fazer nada a não ser que seja por escrito.

— Nestes dias e tempo, isso é verdade, — ela permitiu, estreitando os olhos sobre ele. — Mas não é assim que vocês foram criados, Lucern Argeneau. Você deixou de ser um homem de palavra?

Luc rangeu os dentes, combinando sua fúria e impotência. Sua mãe puxou as armas grandes, questionando a sua honra e usando seu nome completo para mostrar a vergonha que ele sugere mesmo indo atrás na sua palavra. Será que ele realmente iria desapontá-la?



Kate roia a unha do seu sedo enquanto percorria o tapete do portão de desembarque. Seu avião tinha chegado cedo e o avião de Lucern Argeneau estava atrasado, o que significava que ela estava esperando por quase duas horas. E ela não tinha certeza se Lucern estava no avião.

Ela havia enviado os bilhetes e todas as informações





sobre a Conferência *Romantic Times* no dia seguinte depois de sair de Toronto. Ela não recebeu uma carta de volta dizendo que Lucern *não* estaria vindo, mas também não tinha recebido a notícia de que ele vinha. Por tudo que Kate sabia, ele não tinha sequer lido sua maldita carta. Como habitual. Ela poderia ter ligado (tinha o número), mas Kate de repente descobriu que tinha amarelado. Ela não tinha ligado por medo de que ele dissesse a ela onde poderia enfiar seus bilhetes.

Gemendo, ela virou-se e andou de volta do jeito que ela viria. Fazia quatro semanas e três dias desde que tinha deixado Toronto. Ela tinha sido abraçada e felicitada o tempo inteiro nos escritórios do Roundhouse Publishing. Allison estava espantada que ela tivesse sucesso onde Edwin não teve um pequeno detalhe que tinham se esquecido de mencionar. Parecia que seu trabalho não estava em perigo depois de tudo, mas ela convencer Lucern a participar da conferência levantou sua estima. Allison estava positiva que Kate "poderia considerar o trabalho feito." Sua posição estava segura.

Exceto por qualquer grande fracasso da sua parte, acrescentou para si mesma. Que não incluiria se Lucern simplesmente não aparecesse depois de todo o dinheiro que tinham gasto em sua inscrição, comprando seus bilhetes de





avião de primeira classe, e obtendo a suíte de três habitações que ela tinha insistido em agarrar no hotel. Kate havia dito a Allison que tinha prometido a Lucern esses acertos. E em certo modo o fez, tinha prometido a ele na saída da porta que ela iria ter certeza de não se arrepender da vinda, que ela estaria com ele em todos os momentos para garantir que tudo corresse bem.

Ela considerou a melhor forma de fazê-lo feliz no vôo de volta a Nova York e ela continuou o plano em casa naquela noite, pensando que se ela chegasse ao escritório na segunda-feira e encontrasse uma mensagem de Lucern se recusando a comparecer, ela poderia puxar todos esses argumentos especiais, para tentar persuadi-lo. Acontece que ela não precisava convencê-lo, mas ela ainda acompanhava, através de todas as coisas que ela tinha planejado.

Estaria colada ao lado de Lucern quase vinte e quatro horas por dia, e quando não pudesse estar ali, (por exemplo, quando ele tinha que usar banheiro dos homens, ou quando ela tivesse que escapar para ir aos das mulheres) alguém estaria por ali. Tinha recrutado ao Chris Keyes, um dos dois editores masculinos no Roundhouse Publicidade, para lhe dar uma mão na missão.

Tinha estado preparada para implorar, subornar e





inclusive recorrer à chantagem para trazer o redator sênior para ajudá-la, mas ao final, não tinha tido que fazer nada disso. Apesar do fato de que Chris tinha uma enorme quantidade de seus escritores próprios para cuidar na conferência, ele imediatamente concordou em ajudá-la.

Kate supôs na promessa de seu próprio quarto em um apartamento de três quartos, em vez de dividir o quarto com duas camas normais, Tom o vice-presidente de Promoção, tinha ajudado. Mas C.K., como ela algumas vezes chamava, era, além disso, um grande admirador das séries de vampiros de Lucern. Chris havia jogado uma tonelada de perguntas sobre o homem depois da volta de Kate de Toronto, mas ela tinha estado apenas respondendo com: "Você vai encontrá-lo em breve. Espere e verá." Ela tinha estado aterrorizada que se ela dissesse a verdade, ele se recusaria a ajudar.

Um aumento no nível de ruído em torno dela chamou a atenção de Kate uma massa de pessoas que se deslocam até o salão. O avião havia chegado, e estava prestes a descobrir se Lucern havia chegado. Kate rezou para que sua mãe o houvesse fatigado, mas ela ainda não tinha certeza se a mulher formidável conseguiria fazê-lo.

Com as mãos fechadas em punhos dos lados, Kate



procurou na multidão de rostos se aproximando. O congresso oficialmente começava na quarta-feira, mas ela tinha reservado para Lucern um voo na terça-feira à noite, para evitar que usasse sua alergia à luz solar como uma desculpa para não vir. Ela e Chris tinham voado cedo para reunir-se com ele. Sua chegada tinha uma hora de intervalo, impedindo Kate de arriscar ir ao hotel, fazer check-in e depois retornar para pegar Lucern, assim como Chris estava de bom humor, tomou conta de sua bagagem e se dirigiu ao hotel, enquanto Kate esperou pelo voo de Lucern.

Olhe se soubesse que o voo de Lucern iria demorar tanto, ela poderia ter ido com Chris e parado para tomar uma bebida, duas ou três antes de retornar. Ela estava tão nervosa com esta conferência que estava desenvolvendo uma acidez no estômago. Ou talvez fosse uma úlcera, ela tinha ouvido dizer que era uma queixa comum editores.

Os pensamentos do Kate morreram abruptamente quando seu olhar se fixou em um homem que tinha estado ao lado de um pacote. Ela reconheceria em qualquer lugar essa estrutura muscular e a forma majestosa que tinha a sua cabeça. *Lucern*. Ele estava concentrado nela, seu passo de pernas compridas rapidamente o trouxe à frente dos passageiros a desembarcar.





— Obrigada Marguerite. — Murmurou ela. Não tinha um traço gentil, o homem parecia mais ranzinza do que nunca. Ela não poderia esperar nada menos. Ele estava aqui e isso era tudo que importava. Um sorriso de alívio esticou seus lábios, Kate avançou para cumprimentá-lo.

— Veio. — Ela não tinha intenção de falar essas palavras, ou mostrar o alívio dela, mas assim foi.

Lucern fez uma careta.

— Eu disse que faria. Sou um homem de palavra.

Seu sorriso se alargou ainda mais, então ela olhou para a mala, maleta, pasta e um computador portátil que ele tinha.

— Aqui, deixe-me tira-las para você.

Ela livrou-o da pasta e do computador portátil antes que ele pudesse detê-la. Ele não parecia contente com a sua ajuda.

— Posso levar minhas coisas, obrigado. — Disse ele. Suas palavras foram duras, e tratou de recuperar os artigos.

Kate ignorou o intento e meramente começou a andar para diante, balbuciando com decidida alegria.

— Chris foi à frente para o hotel para fazer o check - in,





assim tudo que nós temos que fazer é andar lá dentro. Resolvi arranjar seu vôo para hoje à noite porque me lembrei que era alérgico ao sol. O melhor que eu podia fazer era que você saísse no final da tarde e chegasse ao início da noite, eu percebi que era melhor do que sair e chegar durante o dia. Isso funciona muito bem, embora agora nós tenhamos a noite toda para relaxar antes dos outros shows amanhã.

Lucern estava amarrado em volta de Kate (em sua bunda em forma de coração, verdade, se ele fosse honesto), mas com essas palavras, ele rolou seus olhos e fez uma careta. Perguntou-se porque seu vôo tinha sido programado a noite anterior ao congresso, mas tinha suposto que todo mundo faz assim. Agora sabia que ela o tinha arrumado por sua preocupação por ele. Ou, mais provavelmente, a preocupação de que recusaria a voar durante o dia devido a sua "alergia". Que pena, agora tinha que estar agradecido.

— Aqui estamos.

Lucern estava debatendo se comentaria sobre sua gentileza em fazê-lo voar à noite, mas desistiu da idéia quando viu o carro que ela parou ao lado. Era um sedan preto, mini limo. Ela entregou seu notebook e pasta para o condutor com um sorriso, virou-se e tentou tirar a mala de Lucern, enquanto espera o motorista arrumar os itens no





porta-malas. Lucern franziu a testa e colocou as mãos fora de seu alcance. Mudou de posição e a colocou ele mesmo. A mulher tola estava tentando ser útil, mas Lucern foi criado para as coisas que são o contrário. Na época em que ele tinha sido educado e suas atitudes formadas, *ele* deveria levar as coisas para *ela*, não permitiria a ela transportar sua carga.

O motorista fechou o porta-malas e abriu caminho para a porta do passageiro atrás, onde Kate estava. Aparentemente, ela não gostou do galanteio de Lucern na recusa de sua ajuda. Esse fato era tão exasperante a Lucern. Alguém deveria ensinar a mulher tola que os homens tinham a força física para suportar os encargos da vida. As mulheres foram dadas beleza para agradar aos homens. Decidido a ignorá-la, ele a seguiu no banco de trás quando o motorista abriu a porta, em seguida, fixou um digno olhar na em seu rosto de você-não-existe-para-mim e olhava para frente.

No momento em que se fechou a porta, foi envolto em uma nuvem de seu tentador perfume. Ele não sabia o que era que ela usava, mas ele devia vir com um aviso: "Inebriante, e suscetível a causar confusão em quem sentir o cheiro". Ele certamente estava sofrendo confusão com isso.

Aborrecimento o derrotou. Tinha se sentido traído





durante quatro semanas, desde que ela tinha saído de sua casa, e ele tinha estado alimentando essa cólera. Inclusive agora, quando o aroma do perfume do Kate rodeou-o, sua cólera estava sobressaltada por uma reação completamente diferente, mas igualmente apaixonada.

Os homens sofrem uma desvantagem terrível, ele decidiu com nojo quando ele encontrou sua raiva suplantada por luxúria. O incrível foi que ele levou 600 anos para reconhecer esse fato.

— Eu tentei fazer tudo o que podia para garantir que fosse o mais confortável possível para você, — Kate disse, chamando a sua atenção. — O que eu gostaria de fazer é esquematizar o que eu tenho arranjado. Então, se você tiver alguma sugestão, talvez eu possa cuidar delas esta noite, então nós estaremos prontos antes de todo mundo chegar. Ok?

Lucern grunhiu assentindo, logo desejou não ter feito isso quando ela tirou um arquivo de sua espaçosa bolsa e deslocou-se mais perto para que ele pudesse vê-la abrir. Ele realmente não queria que ela mais perto. O cheiro dela era suficiente para perturbar o seu equilíbrio, a sensação dela ia ser...

Lucern inspirou profundamente e suspirou quando ela





abriu o arquivo e involuntariamente roçou com seu braço. Logo o olhar se fixou no topo da pagina da agenda. Franziu o cenho.

— Segundo isto, o congresso começou no domingo.

— Não. — Disse Kate. Então corrigiu a si mesma — Bem, sim. Haverá alguns acontecimentos para qualquer um que queira participar com antecipação, mas a abertura oficial é amanhã.

— Hmm. — Lucern decidiu manter sua boca fechada. Deveria estar agradecido que não lhe tivesse obrigado a experimentar a tolice do pré-congresso, também.

— Então. — Disse sua editora retornando a sua resolvida alegria. — Amanhã começaremos com o passeio matutino com modelos de capa. Depois o café da manhã.

— Que diabo é um passeio matutino com modelos de capa? — Interrompeu Lucern. Ele já tinha visto a ordem da agenda, é claro, tanto na internet e nos documentos que ela enviou. Mas nada havia descrito qualquer um dos eventos listados.

— Er... Bem, realmente, não estou certa. —Admitiu. Esclareceu sua garganta, com um sorriso pequeno e tenso. — Mas não tem importância. Não tem que assistir.





— Não?— Ele olhou para ela, desconfiado. Algo que ela não queria que ele assistisse? Isso pareceu estranho. Ele tinha certeza que ela queria arrastá-lo para cada função.

— Não. Seu primeiro ato oficial será o Café da Manhã de Boas vindas e R.T. Prêmios.

Lucern moveu a cabeça. Isso não soava tão mau. Poderia comer. Embora os prêmios em parte provavelmente fosse chato.

— Depois estará na sessão de Boas Vindas do Leitor e o Debate. — Seguiu. — Allison e Chuck querem você ali.

— Quem é Allison e Chuck?

— Allison é a editora principal, minha chefe. — Explicou Kate. — E Chuck é o presidente da companhia. Definitivamente esperam que participe da sessão de Boas vindas.

Lucern fez uma careta.

— O que é isso?

— Isso... — Pareceu estar muito confundida por um momento. — Bem, cada editor, a maioria deles, de qualquer modo; alugam uma sala de atos no hotel, e os escritores e editores conversam com os leitores que entram.





— Você quer que eu fale com as pessoas? — Perguntou ele, horrorizado. Querido Deus, ele deveria ter feito os autógrafos! Isso teria sido menos incomodo apenas rabiscar o seu nome.

— É obvio que quero que converse com eles. — Disse Kate exasperada. — Pode fazê-lo. Vi você falar. — Ela calou-se e olhou para ele, o alarme crescente sobre seu rosto. Ela mordeu o lábio. — Ou talvez possamos ignorar isso. Não, Chuck e Allison teriam um ataque. Você tem que ir. — Ela suspirou profundamente. — Oh, caramba. Isso não é bom.

— Não, não é, — Lucern concordou com um aceno de cabeça. Então ele se jogou para o lado com surpresa, a porta se abriu ao lado dele. Aparentemente, eles tinham chegado. Sem perceber, o carro parou e o motorista estava esperando que ele descesse. Acenando seus agradecimentos, Lucern deslizou para fora, em seguida, virou-se e pegou a mão de Kate, quando ela seguiu.

— Precisaremos trabalhar em você esta noite. — Decidiu quando ela se endireitou a seu lado.

Lucern ficou rígido e deixou cair sua mão.

— Trabalhar em mim?

— Sim. Trabalhar em você. — Repetiu Kate. Eles





seguiram a bagagem de Lucern no hotel. Foi em um carrinho, sendo puxada por um carregador uniformizado. Aparentemente, o motorista despachou a bagagem antes de abrir a porta para eles.

— Não preciso de “trabalho”. — Lucern disse irritado quando eles pararam no elevador.

— Sim, Lucern, você precisa. — Kate sorriu docemente ao carregador quando as portas se abriram, e ele fez sinal para eles entrarem.

— Não preciso. — Insistiu Lucern, na seqüência, apertando-se contra Kate para deixar espaço para o carrinho de bagagem.

— Podemos falar disso depois?

Kate deu um aceno impaciente ao carregador e apertou o botão para o seu andar. Pelo menos Lucern presumiu que era o seu andar. Ele não tinha a menor idéia, mas ela disse que alguém chamado Chris já tinha verificado supôs que está Chris fosse outra editora. Ele perguntou se ela seria tão irritante quanto Kate.

Percorreu com o olhar o moço do hotel, confuso com o desejo de Kate de adiar isto. O homem era um criado, logo que não valia preocupar-se por isso. Embora não queria





tampouco discutir.

— Não. Aqui não há nada de que discutir. Não preciso ser trabalhado.

— Sim, precisa. — Insistiu Kate — E não vou falar disto agora.

— Não há nada do que falar.

— *Há.* — Respondeu bruscamente.

O carregador deu uma risada suave, Lucern olhou para ele. Houve uma época em que os funcionários conheciam o seu lugar e teria sido surdo e mudo para tais discussões. Esse tempo não era agora. Ele constantemente esquecia como rude o mundo havia se tornado.

As portas se abriram e o carregador moveu o carrinho para fora, então ele os levou por um longo corredor passado inúmeras portas. No final, ele parou, tirou um cartão-chave, abriu a porta, em seguida, empurrou o carrinho para dentro.

— Qual é o quarto, senhora? — Perguntou ele, parando no centro de uma grande câmara configurada como uma sala de estar.

Sua pergunta fez outra carranca em Lucern. Ele era o homem, o sujeito deveria ter abordado a questão a ele.





— Não estou certa. Deixe-os aqui, nós podemos arrumar isso, obrigado. — Kate aceitou a chave magnética dele e entregou uma gorjeta, fazendo uma careta em Lucern novamente, desta vez para si mesmo. Ele era o homem, ele deveria dar uma gorjeta ao carregador. Sua única desculpa foi que tinha sido um longo dia. Seu vôo havia sido de três horas, mas ele teve que sair para o aeroporto, passar pela segurança. Ele usava um terno de negócios, chapéu e óculos de sol, e tinha gasto uma boa quantia de protetor solar, mas, naturalmente, alguns dos raios solares conseguiram chegar. Seu corpo tinha sofrido danos que seu sangue já estava trabalhando para corrigir. Ele estava se sentindo esgotado e precisava alimentar (estado que ele estava começando a se associar com Kate Leever).

O clique da porta se fechando o fez se voltar para olhar a ela, e Lucern voltou seu argumento imediatamente.

— Eu não preciso ser trabalhado.

— Lucern. — Começou sua editora cansada. De repente, perdeu seu temperamento e disse severamente, — Olha. Você tem o nome de um produto lácteo¹², parece um anjo cinzento, e fala como um mau Bela Lugosi¹³. Você

¹²É uma marca famosa de leite nos U.S.A. mais se escreve Lucerne, é parecido aqui no Brasil onde mudam algumas letras nos nomes como Gabriele ou Gabryelle, mais tem o mesmo significado

¹³Bela Ferenc Dezső Blaskó, mais conhecido como Béla Lugosi, foi um ator húngaro que interpretou o papel de Drácula numa encenação da clássica história de vampiro de Bram Stoker





precisa ser trabalhado!

— Uau, Kate.

Lucern se virou e viu um homem alto e magro, loiro entrar na sala. Ele foi batendo palmas lentamente, um sorriso irresistível no rosto.

— Você vai ter que me dar dicas de manipulação de escritores. Nunca vi isso feito assim.

— Ah, Chris. — Kate suspirou infeliz.

— Este é Chris? — Perguntou Lucern com espanto.

Sua editora endureceu novamente, mas disse simplesmente — Sim.

— Você nunca disse que ele era um homem. Faça-o sair.

Os olhos de Kate se estreitaram, a fúria queimando fora deles.

— Olha Lucern...

— Não, — interrompeu Chris. Ele colocou as mãos em um gesto conciliatório. — Kate, ele não soa como Bela Lugosi. O sotaque está faltando.

A ira do Kate se voltou contra seu colega de trabalho.





— Eu quis dizer que ele usa uma terminologia antiga no modo de falar.

Chris apenas arqueou uma sobrancelha. Um momento depois, acrescentou:

— E seu cabelo é muito escuro para que seja um anjo cinzento.

— Cala a boca! Fique fora disto.

O editor riu, pelo visto não ofendido.

— E Allison e Chuck estavam preocupados que você não pudesse lidar com esse cara.

— Quem é este cavalheiro? — Lucern perguntou a Kate com firmeza. Se ela dissesse que era seu marido, namorado ou amante, ele temia que ele pudesse realizar alguma violência.

— Chris Keyes. — Anunciou Kate. — Ele é um editor no Roundhouse, também. Chris Keyes conheça Lucern Argeneau, também conhecido como Lucas Amirault, o escritor de vampiros.

— Muito prazer, Sr. Argeneau. — O editor magro se aproximou e ofereceu sua mão em boas-vindas.

Lucern automaticamente se estremeceu, mas





perguntou:

— Você é um editor?

Keyes assentiu.

— O que edita?

— Romances como Kate.

Lucern balançou a cabeça lentamente, depois perguntou esperançosamente:

— É homossexual?

Os olhos do Chris Keyes saltaram em estado de choque.

— Lucern!

Lucern olhou para Kate com aborrecimento. Ela soou como sua mãe quando ela gritou assim. Levando a maneira como sua editora ficou ruborizada e em seguida pálida em etapas, ele decidiu não mencionar.

A súbita explosão de risos atraiu seu olhar de volta para Chris. A expressão atordoada do jovem tinha dado lugar a uma gargalhada profunda. Lucern esperou pacientemente ele se recuperasse.

Quando alegria de Chris tinha morrido para uma baixa risada, ele perguntou:





— O que fez você fazer tal pergunta?

— É um editor romântico. Esse é trabalho de mulher.

— Ah. — Sorriu Chris — Mas você os escreve. Você é gay?

Lucern olhou por um momento, depois sorriu pego.

— Touché.

Kate não estava se divertindo. Movendo-se entre os dois, ela olhou para Lucern.

— Chris gentilmente concordou em ajudar a cuidar de você neste fim de semana. Você não vai ser rude com ele. — Ela fez uma careta e acrescentou: — Pelo menos, não mais rude do que normalmente é.

— Não preciso ser cuidado.

— Você...

— Kate, — Chris interrompeu. — Está ficando tarde. Se você ainda quer ir à festa de Bobby, você provavelmente deve...

— OH, Droga! — Kate olhou seu relógio. Pareceu esquecer-se completamente de Lucern e perguntou a seu colega de trabalho: — Onde deixou minhas coisas? É uma





festa temática do velho oeste. Eu tenho que me trocar.

— Eu a coloquei naquele. — Chris apontou para uma porta à sua direita. — Pensei que, se você não gostasse, poderíamos trocar mais tarde.

Kate simplesmente assentiu. Apressando-se no quarto e fechou a porta atrás dela. Chris apenas balançou a cabeça.

Lucern fez cara feia atrás de Kate. Se ela esperava que ele fosse para a festa, ela que pensasse outra vez. Ele não tinha intenção de ir a uma festa temática do velho oeste após chegar do vôo.

— Então, eu acho que é você e eu hoje à noite Luc, — Chris disse alegremente. Lucern de repente repensou sobre a festa. Kate estaria lá. Não esse cara.

— Por que está aqui? — Perguntou ao editor.

Chris sorriu abertamente.

— Eu tenho que mantê-lo seguro. Quando Kate não pode. Como esta noite.

— Me manter seguro? — Repetiu Lucern. — De que?

Chris franziu os lábios e considerado. Então ele sorriu.

— Você nunca foi a uma conferência Romantic Times,





foi Luc?

Lucern balançou a cabeça. Ele deu um pulo de surpresa quando Chris bateu a mão em seu ombro e o levou para o bar no canto.

— Vamos tomar uma bebida enquanto eu digo. Vai precisar dela.

Lucern se preocupou, enquanto observava Chris derramar no copo o uísque que ele pediu. Ele estava começando a acreditar que essa conferência seria ainda mais dolorosa do que ele temia.

— Aqui está. — Chris entregou a sua bebida. O editor então fez um gesto para eles se deslocarem para o sofá, que estava colocado contra uma janela gradeada. Lucern moveu-se em direção a ela, de repente, pensando em como ele estava com fome.

— Há um pacote que foi entregue para mim?

— Não que eu saiba. Tenho certeza que eles teriam dito quando eu me registrei. — Chris respondeu. Fixou-se na cadeira da sala, deixando o sofá para Lucern. — Mas então, eu não sei se o seu nome está registrado para este quarto.

Lucern enrijeceu. Não era ele o homem em qualquer uma dessas situações?





A porta do quarto que Kate tinha desaparecido de repente se abriu, e ela saiu correndo. Lucern automaticamente ficou de pé com sua entrada, esquecendo a sua espera para a entrega do sangue. Ele ficou boquiaberto com a mulher. Ela estava usando o par de jeans mais apertados que tinha visto em todos os seus dias de vida. Foi complementada por botas de cowboy na altura do joelho, uma camisa xadrez, uma jaqueta de camurça com franjas e um chapéu de cowboy que parecia que tinha visto o uso áspero. Ela parecia sexy como o inferno.

— Katie. — Chamou Chris. — Você colocou o nome do Lucern no quarto?

Kate olhou com surpresa.

— Claro que não. Fiquei com medo que alguém possa ligar os nomes e Lucern Argeneau a Lucern Argentus e descobrir que este era o seu quarto. A idéia dessa suíte era para que nenhuns de seus fãs possam encontrá-lo. Por quê?

— Luc estava esperando uma entrega. Eu acho que eles desviaram, senão acho que estaria aqui.

Kate dirigiu um olhar de desculpas ao Lucern.

— Desculpe. Basta ligar e mandar entregá-lo para meu nome. Ok?





Lucern balançou a cabeça lentamente, enquanto a comia com os olhos. Ela corou sob a sua leitura, então disse:

— Eu vou tentar não ficar fora até tarde. Chris vai cuidar de você até eu voltar. Tudo o que você quiser, ele é o homem para fazer, ok?

Lucern balançou a cabeça novamente, com a língua presa no céu da boca.

— Chris. — Ela voltou sua atenção a seu colega de trabalho. — Faça-o ver televisão. Talvez ele possa atualizar o modo como fala ao assistir.

O outro editor riu.

— Katie, querida, se assistir à televisão não mudou seu discurso até agora, uma noite dificilmente vai fazê-lo.

— Ele não tem televisão. — Explicou secamente. — Ao menos, não vi nenhuma. — Voltou-se com um olhar curioso a Lucern. — Você *tem* uma?

Ele negou com a cabeça. A televisão, em sua opinião, apodrecia o cérebro.

— Eu não penso assim, — ela disse com satisfação. Ela instruiu seu amigo. — Faça-o assistir. Vejo vocês mais tarde.

Ambos os homens ficaram em silêncio até que a porta





se fechou atrás de Kate. Lucern afundou no sofá.

— Por que você se levantou? — Perguntou Chris curiosamente.

— Uma senhora entrou na sala. — Respondeu Lucern distraidamente. Sua visão ainda estava cheia de Kate a vaqueira. Ele geralmente preferia as mulheres de vestidos femininos, mas não havia nada masculino sobre Kate nessa roupa.

— Você está brincando sobre a TV, né? — Chris perguntou. — Você realmente não tem uma?

— Não. Nunca tive.

— Cara! — Chris pegou o controle remoto da mesa. Lucern reconheceu, ele tinha um para o seu sistema de som em casa. Este era para a televisão. O editor clicou e sorriu. — Você estará entrando em um deleite, Luc. Você vai adorar a televisão.

Lucern fez uma careta. Ele duvidava muito que ele adoraria televisão. Ele era mais o tipo de teatro. Os velhos hábitos são difíceis de matar.





Capítulo 08

Lucern amava a televisão. Não sabia por que tinha permitido o que o preconceito lhe tivesse impedido de tentar isso antes de hoje. A TV era uma invenção maravilhosa. Era como um mini cenário com pequenos atores. E que atores. Nas últimas três horas tinha visto um filme em que atuava um tipo chamado Monty Python... ou era o personagem?

De qualquer modo, eles tinham assistido isso primeiro. Quando terminou, Chris examinava cuidadosamente um guia de televisão quando exclamou:

— Sim, Uma maratona do Black Adder. — E eles estiveram assistindo isso desde então. Era um grande espetáculo. Maravilhoso e divertido. Lucern não ria tanto em anos.

— Desordenaram toda a história, mas é realmente gracioso. — Anunciou, tratando de alcançar uma nova cerveja do Pack de seis na mesa do café.

Chris estalou em risadas, logo parou bruscamente, abrindo muito seus olhos.





— OH, droga! Kate vai me matar.

Lucern arqueou suas sobrancelhas.

— Por quê?

— Porque, eu deveria fazê-lo assistir a moderna televisão Americana, para te ajudar com sua pronúncia. — Deliberou por uns minutos antes de encolher - se. — Que diabos!. É um pouco tarde nessa altura do campeonato para mudar sua pronúncia, de qualquer forma.

Lucern assentiu distraidamente. A menção de Kate lhe fez recordar suas acusações anteriores. Havia dito que falava de maneira antiga. Lucern supôs que o fazia; era difícil mudar seus padrões de dicção. Tinha nascido na Suíça em 1390. Seus pais se mudaram muitas vezes nesses dias, mas foi ali onde foi concebido e onde nasceu. Mudaram-se para Inglaterra, e aprendeu a falar o inglês do Rei. Apesar de todos os países onde tinha vivido após e todos os idiomas que tinha aprendido e falado, ainda tinha e provavelmente teria para sempre esse leve acento e falaria da maneira que lhe tinham ensinado.

Que mais ela havia dito? Ele se recordava algo a respeito de um Anjo. Que ele se parecia querer ter a personalidade de Angel? O que havia dito exatamente? Sua voz era muito resmungona para ser um elogio. Seu olhar





mudou da tela da televisão para Chris.

— Quem, ou o que é querer ter a personalidade de Angel?

Chris lhe devolveu uma expressão em branco.

— Huh?

— Kate disse que eu parecia querer parecer Angel. — Recordou-lhe Lucern. A compreensão imediata iluminou a cara do jovem editor.

— OH, sim. Bem, você sabe. Angel. Buffy e Angel? Vampiro e Caça vampiros? OH, está certo. Você não vê televisão, então não saberá. — Disse finalmente. — Bom Angel é um vampiro. E ele é ou era o noivo da Buffy, a caça vampiros. Mas agora ele tem seu próprio programa.

— Caça vampiros? — Perguntou Lucern com desalento. Ainda tinham esses? Meu Deus tinha pensado que esses loucos tinham morrido um século atrás. A vida tinha estado um pouco tensa por um tempo. Ele e sua família tinham que ser terrivelmente cuidadosos — ou mais do usual. Sempre tinham sido cuidadosos. Suas propensões naturais os tinham feito um alvo muitas vezes pelos séculos. Muitos tinham sido queimados em estacas como bruxas durante a inquisição e quando Stoker tinha saído com seu maldito





livro, os caça vampiros tinham saído por toda parte. Tinha sido uma maldita moléstia. E horripilante, também. Sua família realmente só tinha começado a relaxar depois do surgimento dos bancos de sangue, o qual tinha diminuído tanto os caçadores de vampiros como as caçadas. Agora parecia uma falsa segurança. Ainda havia caçadores aí fora.

Bem, não havia nada que pudesse fazer no momento, embora tentaria advertir a sua família. Mencionaria a Bastien quando seu irmão ligasse de novo.

Lucern passou para a próxima acusação que Kate fez.

— O que Kate quis dizer com me deram o nome de um produto lácteo?

— OH. — Chris fez uma careta. — Lucern é uma companhia de Laticínios aqui nos Estados Unidos.

— Uma companhia de Laticínios?

— Sim, você sabe: leite, queijo coottage, sorvete. — Explicou Chris exasperado.

— Sei o que são produtos lácteos. — Disse Lucern carrancudo — Mas meu nome não é por causa de uma companhia de Laticínios.

— Então porque lhe chamaram assim?





— Pelo lago na Suíça onde eu fui concebido.

Chris assentiu.

— Acredito ter ouvido dele. Mas o Lago Lucerne tem um “e” no final?

— Sim, bem... Acredito que minha mãe pensou que o “e” fazia o nome muito feminino. Ela tirou.

— Ah. — Chris assentiu. — É um bom nome. Não deixe que o que Kate disse te incomode. Ela só está descontente ultimamente. Trabalha muito ou alguma coisa. — Fez gestos para a caixa de pizza na mesa. — Ainda tem algum?

Lucern se inclinou e viu que ficavam ainda dois pedaços da especial de carne que eles pediram. Pegou uma e deu a caixa para Chris.

Além da televisão, a pizza era algo que nunca tinha provado. Não era algo que servissem nos restaurantes gastronômicos que freqüentava. Lucern começava a se perguntar se suas maneiras esnobes estavam lhe fazendo perder muitos prazeres que ele verdadeiramente poderia desfrutar. Nunca tinha sido um grande fã da cerveja, mas tinha sido agradável tomá-la com a pizza. Tinha sido melhor com os amendoins que Chris tinha ido comprar. Tinha sido um tipo de diversão abrir a casca dos amendoins e pulverizá-





la por todo o lugar.

Lucern se inclinou sobre a mesa de café com interesse. Estava cheia de latas vazias de cerveja, cascas de amendoins, pratos de papel usados e guardanapos. A princípio havia tentando limpar ao ir comendo, sua fastidiosa natureza o impulsionava, mas Chris lhe disse que parasse que estava bloqueando a televisão. Agora Lucern se encontrava cômodo com a desordem.

Seu olhar deslizou curiosamente para seu acompanhante. O amigo editor de Kate era um tipo interessante, em sua maior parte com bom caráter, mas com um humor cáustico, estranho para alguém tão jovem. Lucern tinha aprendido que o homem tinha mais de vinte, — um bebê em comparação com seus avançados anos, embora o editor provavelmente se ressentiria de que ele pensasse assim. Apesar disso, Lucern desfrutava de sua companhia.

Entretanto ele tinha se encontrado olhando o pescoço do homem por mais de uma hora. Agora que tinha comido comida normal e satisfeito sua fome mais natural, a falta de sangue estava começando a incomodar Lucern. Tinha ligado para Bastien duas vezes do seu quarto, mas não obteve resposta nenhuma vez. Seu irmão nunca estava em casa. Mas essa era a natureza do Bastien.





Seu irmão mais novo trabalhava duro, jogava duro e corria em horas escalonadas, algumas vezes trabalhava a noites na companhia da família. Bastien era o filho que tinha tomado as rédeas do Argent Inc. depois da morte de seu pai. Lucern nunca se interessou. Sempre preferiu as artes alternando entre pintura e escrever sobre as últimas centenas de anos.

Em contraste, Bastien sempre tinha apreciado o movimento dos negócios assim como a negociação. O menino tinha trabalhado na companhia da família durante quase toda sua vida adulta e era bom nisso. Bastien era o que tinha convencido a seu pai em diversificar de cultivo e embarque para uma produção isso no século dezoito. Era também ele que tinha decidido que deveríamos nos alimentar de bancos de sangue. Bastien era um pensador inovador.

Também era condenadamente difícil de rastrear. O negócio da família freqüentemente o levava para viagens inesperadas a países estrangeiros por períodos indefinidos. Lucern freqüentemente não sabia onde estava seu irmão caçula ou quando retornaria. Bastien poderia simplesmente ter saído para jantar quando ligou, ou estar a caminho da Europa para resolver um problema dos escritórios centrais. Qualquer que fosse o caso receberia a mensagem de Lucern e lhe devolveria a chamada cedo ou tarde. Mas Lucern tinha





fome agora.

Seu olhar se deslizou para a garganta de Chris novamente. O editor tinha um pulso saudável. Lucern provavelmente poderia tirar um pouco dele sem danificá-lo. É obvio, seria sangue alcoolizado, deu-se conta tristemente. E seu próprio sangue tinha uma porção considerável de álcool. Franziu o cenho, mas seu olhar permaneceu no pescoço do outro homem. Chris riu de algo que aconteceu na última cena de Black Adder. Lucern não via a televisão; estava faminto.

O desejo pelo sangue não era como o de comida. Era algo similar à sede, mas não era somente uma boca seca. Sua pele parecia tremer e doía lhe a necessidade de alimentação.

Sabia que não estaria tão mal se não tivesse estado a pleno sol. A caminhada do carro ao aeroporto foi curta, mas o aeroporto era todo de vidro e tinha um assento no corredor do avião assim foi impossível fechar a janela. Estava preso com o sol passando pela janela e lhe batendo diretamente. O sol era perigoso para sua espécie. Causava danos em todos, é obvio, gente de sua própria espécie e humanos também. Mas seu corpo, seu sangue reparava constantemente isso e outros, danos diários, e os raios do sol gastavam muito de





suas reservas a um passo acelerado e deixando-o perigosamente desidratado, trazendo uma sede que nenhuma quantidade de água podia curar. Somente o sangue.

— O que você está fazendo?

A pergunta de Chris lhe fez perceber que havia se movido e estava atrás do homem. O editor virou em seu assento olhando-o curiosamente.

— Nada. Estou sentado no sofá. Vendo o programa, — ordenou-lhe Lucern, deslizando-se dentro da mente do homem com pouco esforço e tomando o controle.

— Vendo o programa. — Repetiu o editor, e se acomodou em seu assento.

Lucern sorriu. Não tinha perdido a habilidade de meter-se nas mentes dos outros e tomar o controle. Sua incapacidade para fazê-lo com Kate lhe tinha preocupado que tivesse esquecido como fazê-lo. Não o tinha esquecido, é obvio. O significava que Kate era um desses indivíduos de mente forte e forte temperamento. Indivíduos que sua mãe jurava que eram...

Lucern jogou o pensamento longe. Pensar em Kate neste momento lhe produzia culpa. Ele estava quase





jantando seu companheiro, apesar de tudo, sabia que ela não ficaria feliz.

Seu olhar permaneceu no homem ao sentar na frente dele e facilmente se introduziu nos pensamentos do editor, procurando algo referente à Kate. Sentiu-se aliviado ao encontrar nada mais que amizade e carinho. Chris e Kate nunca tinham tido algum tipo de relação. Isso era bom. Lucern gostava do jovem. Ele não teria gostado dele perto de algum tipo de envolvimento romântico com Kate.

Lucern procedeu em apagar os pensamentos de Chris, forçando-o a concentrar-se só no Black Adder show. Não se dando conta que Lucern lhe acomodava a cabeça para melhor acesso à carótida.

Lucern se inclinou. Ele só o morderia um pouco, tomar o suficiente para aquietar o pior de sua sede. Só um pouquinho.

* * * * *

Kate desceu do elevador e começou a caminhar pelo corredor com alívio. Tinha desperdiçado às últimas horas envolta em um conversa sobre compras, encorajando, assegurando e elogiando a seus diversos escritores na festa.





Todos eles eram maravilhosas mulheres, mas tinham pouco contato pessoal com ela, então quando tinham a oportunidade de vê-la em pessoa todas estavam desejosas. Embora agradáveis, os encontros eram mentalmente e emocionalmente exaustivos, e Kate não podia esperar para retornar à suíte e relaxar.

Ela pensou em Lucern. Tirando o chapéu, ela deslizou suas mãos por seu cabelo. Tinha sido desnecessariamente mesquinha com ele essa manhã. Sua única desculpa era a frustração e o cansaço. Estava frustrada porque tinha conseguido trazer o homem aqui, para o congresso e agora estava preocupada que isso fizesse mais dano que bem. E havia trabalhado as últimas horas do último mês tratando de seguir adiante para que sua ausência esta semana por conta da Conferência não fosse um problema. Acrescentado a isso, tinha estado nervosa todo o tempo, preocupando-se se Lucern se apresentaria ou não.

Kate suspirou e procurou sua chave na bolsa. Seria mais agradável com ele para compensar sua anterior irritabilidade. Depois de tudo, não era sua culpa que lhe pusessem o nome de produtos lácteos, era tão branco como o papel a metade do tempo ou falava de uma maneira tão antiga. Tinha sido enganado para dar sua palavra de que viria, logo tinha mantido sua palavra. Não era tão mau. Era...





Um perverso. Esse foi o primeiro pensamento de Kate ao abrir a porta da habitação de três dormitórios. Não podia acreditar no que seus olhos viam. Não estava nem certa do que seus olhos viam primeiramente. Chris estava sentando na cadeira e Kate poderia jurar que estava vendo televisão, mas Lucern estava sobre ele, com um braço ao redor de seu ombro e descia para seu peito ao enterrar sua cara no pescoço do editor.

Kate engasgou em horror. Lucern Argeneau era homossexual: e o fazia insinuações amorosas a seu colega de trabalho.

— Que demônios você está fazendo?

Lucern se endireitou abruptamente e se voltou para olhar para a porta onde Kate estava parada, pasma. Seu primeiro pensamento foi, uh-oh. O segundo foi que isso era uma maldita pena que ela fosse resistente ao controle mental, porque ele o teria utilizado se pudesse. Logo o telefone soou.

Lucern levou um momento para reforçar o controle sobre Chris para que o editor não escutasse nem visse o que estava passando; era melhor não liberar sua mente até que Lucern soubesse como ia explicar isto. Certamente Kate parecia incapaz de mover-se nesse momento, ele a deixou





parada na porta e caminhou para o seu dormitório para responder o telefone. Esperava que fosse Bastien.

Como tinha esperado era a voz de seu irmão no telefone. Embora o timing fosse inoportuno. Se seu irmão tivesse ligado uma hora antes, Lucern poderia ter controlado seu desejo de sangue e evitado a cena no outro quarto. Como demônios ia explicar isto a Kate?

— Lucern? *Lucern?*

Ele desistiu e virou sua atenção para Bastien.

— Onde você está? — Ele perguntou.

— Estou na Europa. Recebi sua mensagem, mas não me disse qual era o problema. O que...?

— Desligue o telefone. — Kate estava repentinamente a seu lado. Deveria ter fechado a porta. Parecia que se recuperara da impressão e a julgar pela expressão, não era uma campista feliz.

— Só um momento Kate. — Lucern franziu o cenho. — Vá esperar no outro quarto.

— Não. Quero falar com você. Agora. — Kate agarrou o telefone, mas Lucern partiu dando meia volta, movendo-se fora de seu alcance.





— Olhe Bastien. Eu... — Fez uma pausa e ficou olhando o telefone em sua mão, depois de escutar um click na orelha.

— O que você estava fazendo com Chris?

Lucern se virou.

— Você desligou o telefone. — Olhou boquiaberto para Kate.

— Tem toda a razão. — Ela vaiou. Olhou para o outro quarto. A risada gravada do Black Adder se escutava no fundo. Encarou-o e o acusou em um rude sussurro. — Te deixo sozinho por algumas horas e volto para te encontrar fazendo insinuações amorosas ao meu amigo. Para sua informação, ele não é gay, assim está perdendo seu tempo. Não posso acreditar que você agiu desta maneira, mas você vai se explicar agora mesmo.

Lucern foi para trás como se ela o tivesse golpeado.

— Não fazia insinuações amorosas a seu amigo. Que tipo de homem pensa que sou?

— Bem, que tipo de homem eu tenho que pensar então? Nunca mostrou um pouco de interesse por mim, e volto aqui e te encontro sobre o Chris.





Lucern ficou encarando-a por um momento, logo pendurou o telefone sem linha em seu suporte. Pegando-a pela cintura, ele a puxou para seus braços. Kate deixou escapar um suspiro de surpresa antes que sua boca cobrisse a sua.

Não foi uma tentativa de beijo suave. Lucern tinha algo a que provar. Além disso, desejava-a desde fazia tanto tempo que não podia ser suave embora quisesse. O beijo era tomado; devastando sua boca, forçando-a a abrir seus lábios para empurrar sua língua dentro, seu corpo se aferrou a seu sabor. Era doce e quente como imaginava.

E ela estava disposta. OH, não a princípio. A princípio Kate estava rígida e quieta em seus braços, mas logo deu um gemido de rendição e se derreteu contra ele, seu corpo aderindo como um suave suéter.

Seus seios roçando seu peito enquanto ela deslizava seu braço livre para colocá-lo ao redor de seu pescoço e inclinar ligeiramente a cabeça para beijá-lo de volta.

Isso só serviu para avivar a chama de desejo de Lucern. Esquecendo seu intento original para provar que não era gay, ele soltou sua cintura e deslizou seus braços ao redor dela. Deixando suas mãos deslizarem por suas costas até seu traseiro em forma de coração, rodeou essas curvas redondas





e a elevou contra ele até que estivesse virilha contra virilha. Logo girou seus quadris para pressionar contra o dela. Kate era quente como o sol em suas mãos, arqueando-se e pressionando-se contra ele até gemer. Sua boca se abriu, logo chupou a sua quase freneticamente.

— Lucern. — Ela ofegou seu nome em sinal de protesto quando ele se deteve para dar uma olhada ao redor. Mas Lucern não estava parando. Não tinha intenção de deter-se; somente queria saber onde demônios se encontrava a cama. Queria tocá-la mais. Queria tomá-la. Não a tocaria nem tomaria enquanto estivessem em pé.

Vendo a cama diretamente atrás de Kate, ele urgentemente a deitou na cama, seu corpo pressionando intensamente o dela e baixou sua boca para beijá-la de novo. Kate relaxou imediatamente, suas mãos perambulando por suas costas e seus braços. Lucern a sentiu tirando sua camisa, fazendo um intento consciente ou inconsciente de tirar suas calças, e estava repentinamente agradecido de que tirara a jaqueta e a gravata antes. Assim havia menos o que tirar.

Kate é claro, tinha *muita* roupa. Decidiu ajudá-la com esse problema; mas quando começou a romper o beijo, ela





protestou com um forte gemido e cravou suas unhas em seu traseiro, tratando de retê-lo em seu lugar.

Lucern riu ofegante em sua boca, agradado com sua paixão. Deu-lhe outro profundo beijo, enchendo sua boca com sua língua, então ficou imaginando o que viria. Rompeu o beijo e deu pequenas mordidinhas em seu queixo, através de sua garganta enquanto começava a trabalhar nos botões de sua blusa. Vacilou quando seus lábios encontraram a veia que pulsava em sua garganta. Podia sentir a excitação em seu sangue, quase podia prová-la. Queria mordê-la. Queria alimentar-se. Mas esperaria. Tomaria seu sangue ao tomar seu corpo. Ambos encontrariam o êxtase dessa maneira. Seria melhor esperar.

Lucern deixou que sua boca se movesse, beijando a tenra carne de Kate até alcançar as redondas pontas de seus peitos tirados de seu soutien. Suas mãos tinham estado ocupadas. Sua blusa estava aberta até onde estava metida em suas calças. Lucern se levantou, pondo os joelhos a cada lado de seu quadril, e liberou a blusa abrindo-a totalmente para que descansasse a cada lado dela. Jazia nua exceto por seu soutien branco de algodão.

Lucern havia visto muitas mulheres em diversos estados de nudez. Tinha visto mulheres em espartilhos que





tinham feito com que seus dedos se enroscassem em sigilosos negligês franceses que o tinham deixado sem fôlego, em pequenas quantidades de nada que realmente poderia ser chamado de roupa; mas nunca pensou que veria algo tão sexy como Kate com seu soutien de algodão. Seu chapéu de cowboy se derrubou completamente a um lado, seu cabelo era uma desordem emaranhada ao redor de suas bochechas ruborizadas, e seus olhos estavam sonolentos com desejo. Queria comer-lhe. Queria entrar em seu corpo e mantê-la lá pela eternidade. Queria *Kate*.

Ela se moveu debaixo dele, suas mãos chegando perto da sua barriga através de sua camisa e Lucern a contra gosto deixou de olhá-la. Inclinando-se para frente, agarrou-a pelos braços e a puxou até ficar sentada; logo a beijou ao escorregar suas mãos ao redor para desabotoar o soutien. Ele só queria rasgá-lo, mas seria uma vergonha não voltar a vê-la com ele novamente.

Kate não ficou inativa enquanto ele trabalhava. Terminou de tirar sua camisa da calça e percorreu suas mãos por baixo, sobre suas duras costas, logo ao redor de seu peito.

Lucern sorriu contra sua boca. Soltou o último gancho e sentiu o tecido escorregar-se. Rapidamente tirou a camisa,





empurrou-a sobre a cama e tirou o sutiã para poder vê-la apropriadamente.

— Perfeita. — A palavra saiu de seus lábios ao alcançar seus peitos. Kate gemeu e arqueou as costas, pressionando, procurando seu toque. Lucern era todo urgência, necessidade; trocou de posição para tomar um perfeito mamilo endurecido em sua boca. Seus olhos se fecharam com prazer enquanto ele chupava e o sentiu ficar ainda rígido pela excitação. Lucern cedeu a sua ordem. Trocando para beijá-la, deslizou sua perna entre as suas. Pressionou para cima, roçando sua coxa contra seu sexo ao beijá-la.

Kate respondeu acaloradamente, esfregando em troca e puxando violentamente sua camisa. Vários botões pularam. Lucern de repente achou sua camisa aberta, e ele empurrou mais para perto, para que sua carne se encontrassem. Os mamilos de Kate raspavam no pelo de seu peito, então a sua pele, envio arrepios através dele. Sentiu sua mão deslizar para baixo sobre seu estômago para sua virilha.

Lucern se tornou um pouco selvagem. Ele empurrou contra ela, esfregando mais perto, sua mão presa entre eles.

O telefone começou a tocar. Lucern o escutou, mas era um som afastado, uma preocupação distante pela qual não se preocuparia. Kate enchia sua mente. Ela era tudo o que





via ou escutava, seus ofegos e suaves suspiros, sua essência, seu toque. Afligia-o. O mundo podia ir para inferno e não lhe importava. Kate estava com ele, e a queria aí para sempre. Para mais que sempre.

Levantando sua boca da sua, Lucern se moveu para seu pescoço, encontrou seu pulso e enterrou seus dentes em sua carne. Kate gritou seu pescoço arqueando-se e Lucern fechou os olhos esfregando seu quadril contra ela. Seu sangue da vida enchendo sua boca. Sabia que era doce apesar de seu magro corpo. Lucern sempre preferiu as mulheres grandes, encontrando seu sangue grosso, rico e satisfatória. Mas o sangue de Kate era diferente, era inebriante. Sentiu pressa para se encher dela.

— Hey, Lucern. Um tipo chamado Bastien... OH, Uh, Sinto muito.

Lucern se endireitou abruptamente, levantando-se sobre seus joelhos na cama. Girando ele pegou um vislumbre de Chris afastando-se rapidamente da porta aberta. Ficou assombrado, incapaz de acreditar que se deixou levar e tinha esquecido-se de fechar a porta e estava até mais assombrado de que tinha perdido o controle sobre a mente do editor. O pior de tudo é que tinha permitido que Chris os encontrasse — a Kate e ele juntos. Não tinha medo de que o homem





soubesse que estava se alimentando, mas as outras hipóteses de Chris seriam igualmente más. Certamente Kate não gostaria disto. E Lucern não tinha desejos de lhe causar desconforto com seus colegas de trabalho.

Então compreendeu o que o homem lhe disse, e Lucern pensou no timbre do telefone. Bastien estava na linha, chamando de novo. Lançando-se fora da cama, Lucern se apressou para ver Chris pendurar o telefone.

— OH. —Disse o editor, espiando-o na porta. — Disse -
lhe que estava ocupado.

Lucern amaldiçoou entre dentes. Abrindo sua boca para responder bruscamente ao jovem homem, deteve-se o dar-se conta que o editor evitava olhá-lo na cara. Keyes também estava ruborizando-se furiosamente. Lucern olhou para baixo e fez uma careta quando se deu conta que Kate não só tinha aberto sua camisa, também tinha conseguido abrir suas calças. O cinto estava solto. O botão aberto e suas calças estavam na metade de suas coxas.

Duvido que isso fora o que tinha feito Chris ficar chateado, entretanto. Sem dúvida o homem estava incomodado ao encontrar Kate com as mãos na massa com um de seus escritores.

Lucern estava decidindo o que fazer quando foi





repentinamente empurrado por atrás. Mudando para o lado, deu-se meia volta para ver Kate sair apressada do quarto. Sua blusa estava abotoada e seu chapéu estava de volta em sua cabeça, e o vislumbre que obteve de sua cara era vermelha cereja de vergonha.

Lucern tratou de agarrar sua mão, mas estava fora de alcance. Kate disse algo ininteligível salvo pela palavra “cama”, logo desapareceu dentro do quarto. A porta se fechou com um estalo, seguido pelo *ruído* da fechadura. Definitivamente queria ficar sozinha.

Lucern suspirou infeliz e passou uma mão por seu cabelo. Ele tinha feito uma bagunça com tudo.

— Bem, eu acho que eu... Er... Vou para a cama também. —Anunciou para Chris. Logo desapareceu.

Sacudindo sua cabeça, Lucern caminhou até o bar. Serviu-se de uma bebida, logo a levou ao seu quarto, fechando a porta atrás dele.

— Agora isso não tem importância. — Murmurou para si mesmo ao caminhar para a cama. Tinha estragado tudo e sabia.

Que podia fazer agora? Não tinha nenhuma pista do que Kate estava pensando. Estava consciente de que a tinha





mordido. Usualmente às pessoas não o tem, mas ele normalmente controlava suas mentes ao fazê-lo, lhes devolvendo o prazer que lhe davam ao alimentar-se. Normalmente era uma experiência muito erótica para eles. Para as mulheres de todos os modos. Não se incomodava em fazê-lo com homens, simplesmente lhe apagava a mente para que não pudessem recordar o que tinha acontecido. Simplesmente eram deixados com dois pequenos orifícios em seu pescoço e sem nenhuma idéia de como chegaram lá. Lucern tinha aberto sua mente ao morder Kate, mas não estava seguro se havia sentido seu prazer como o dela. Havia sentido sua mordida? Tinha sido dolorosa? Ou simplesmente sentiu prazer e exaltação?

Se ela tivesse sentido a dor da mordida, Kate provavelmente pensaria que era um louco insano. Pensaria que escrevia sobre vampiros porque equivocadamente acreditava ser um deles. Ela se perguntaria o que é que tinha nas mãos. Ou pior, saberia a verdade. Mas Lucern suspeitou que seria a coisa do louco. Uma sensata mulher moderna como Kate nunca acreditaria em vampiros.





Capítulo 09

Kate acordou sentindo-se terrível. No início não entendia porque, mas depois as memórias bateram como um martelo: voltando para encontrar Lucern suspenso sobre Chris. Sua ida ao quarto para atender ao telefone. Ela o apoiava, a raiva a consumiu. *Como ele ousa ser gay?* Ela estava pensando. *Como ele se atreve?* A idéia havia mexido com ela. Ela era atraída por ele. Tinha sonhos eróticos com ele. Ele não poderia ser gay!

E parecia que não era. Ela ainda podia sentir seus lábios nos dela.

Sua primeira reação á seu assalto sensual tinha sido de choque, então sua raiva se transformou em alívio, e, tão rapidamente, em desejo.

O homem sabia beijar. Ela lembrou o seu beijo enquanto empurrava as cobertas de lado e deslizou para fora da cama. O homem podia beijar como ninguém que ela já conheceu. Seus beijos chegaram lá no fundo de sua alma e tirou o que todos querem, cada desejo, cada gota de desejo que residem dentro de seu corpo, e o trouxe para a





superfície. Ela o queria. Ela ainda queria. Seus mamilos estavam eretos apenas na memória. E ele definitivamente estava animado também. Ela sentiu como se tivesse uma grande barra de aço em sua calça quando ela colocou a mão lá.

O que foi ótimo. Exceto por ela ser sua editora e não tinha nada que saber o quão grande era a sua vara de aço. E seu colega tinha pegado eles próximos ao ato!

Gemendo, ela caminhou até o banheiro, ligou a água fria no chuveiro e entrou. Ela não tinha idéia de como ia enfrentar um ou outro homem novamente. Mas de alguma forma ela tinha que fazer. Se ela agisse como se nada tivesse acontecido? Se ela falar com Chris sobre isso? Se ela falar com ambos? E se ela conversar com um deles, o que poderia dizer? Ela sabia o que *deveria* dizer para Lucern. Ela deveria dizer que foi uma anormalidade e que nunca poderia acontecer novamente. Mas ela não queria dizer isso. E com Chris, ela não tinha a menor idéia. Não havia realmente nada a dizer.

Suspirando, Kate desligou a água e pegou uma toalha fora do cabide. Ela a enrolou no estilo turbante em torno de seu cabelo molhado, então pegou uma segunda toalha para secar. Em seguida, ela pegou o roupão atalhado que o hotel





tinha prestado e incluído, na medida em que ela caminhou até o espelho e fez uma careta para ela. Ela tinha que secar o cabelo, seu rosto, se vestir em seguida, sair e ver Chris e Lucern. Ugh.

Kate estendeu a mão para a toalha em torno do cabelo, tirando o excesso da água antes de secar ele com secador, quando percebeu as marcas no pescoço. Parando, ela olhou por um momento. Então, inclinando-se para o espelho e virando a cabeça para o lado, ela olhou pelo canto dos olhos dela para seu pescoço.

Durante muito tempo ela só olhava para as duas marcas de perfuração pequena, todos os tipos de pensamentos passando por sua mente: livros de Lucern, com todos os personagens tendo os mesmos nomes de sua família. O casamento à noite. Lucern e sua mãe serem alérgicos ao sol. O ferimento na cabeça tinha parecido sangrar em abundância, mas que ela não pôde encontrar e que não pareceu incomodar Lucern depois que ele lavou com água. A maneira como ele estava inclinado sobre Chris quando ela voltou sua boca contra o pescoço de seu amigo. O fato de que Chris sequer parecer estar ciente da sua presença, e não havia reagido à volta de Kate. No entanto, ela não se lembrava de Lucern mordendo na última noite. Será que ela...?





Oh. De repente, ela viu uma imagem de estar semi-nua nos braços de Lucern, seus seios roçando o peito duro quando ele empurrou-se contra a mão dela e mordiscava o pescoço dela. Ela assumiu que estava dando-lhe um chupão, talvez, não teve cuidado, se sentia tão bem. — Querido Deus, ela gemeu. E — Não pare. Ela ainda virou a cabeça para lhe permitir um melhor acesso.

Suas mãos caíram para os lados. Ele a tinha mordido. Não só era Lucern Argeneau um vampiro, como ele teve a coragem de *mordê-la*!

Dando meia volta, ela saiu do banho.



— Você me mordeu!

Os olhos de Lucern se abriram, e ele pulou de pé sobre a cama ao olhar para a mulher na porta. Seus olhos estavam embaçados com a exaustão. Ele não tinha dormido nada bem esta noite. Um corpo não pode levar 600 anos dormindo durante o dia e passar a dormir na noite desse jeito. Ele tinha se deitado na cama acordado para a maior parte da noite, querendo saber se Kate estava muito chateada com ele





e quando ele seria capaz de colocá-la em seus braços novamente. A julgar pela sua expressão agora, ele adivinhou que não seria em breve. Suspirando, ele caiu para trás na cama com um gemido. Ele não tinha energia para lidar com Kate no momento. Ele tinha tido apenas um par de goles de Chris antes que ela houvesse retornado, em seguida, mal tinha conseguido mais um par de Kate. Ele estava *faminto*, droga.

— Você não me ignore, Lucern Argeneau! — Kate estalou investindo para frente. — Você me *mordeu*.

Suas palavras fizeram o seu caminho através de sua mente de semi-acordado e piscou os olhos abertos novamente. Droga. Ela havia notado. Ele viu a sua abordagem, então notou Chris pairando preocupado fora da porta.

— Feche a maldita porta, — ele retrucou.

Kate se voltou surpresa à porta. Reconhecendo Chris lá, ela olhou para seu pescoço. Havia marcas lá também. Sobrancelhas de Chris subiram ao ver sua expressão de raiva. Agarrou a maçaneta da porta e começou a puxá-la fechada. — Eu vou fechar isto.

— Espere um minuto. Deixe-me ver seu pescoço, — Kate exigiu. Ela estava na porta em um instante e sacudindo





a cabeça para o lado. Ela olhou para sua garganta por um minuto, depois virou furiosamente em Lucern. — Seu filho da puta.

— Nossa Kate. Tome um comprimido. Não é culpa de Lucern. Cortei meu pescoço ao me barbear.

Ela se virou de volta para Chris em estado de choque. Ele já estava fechando a porta atrás dele ao se retirar-se.

O quarto ficou às escuras por um momento, logo Lucern acendeu o abajur do lado. Kate o olhava.

— O que você fez com ele? Como você poderia fazê-lo pensar que é um corte de barbear?

Sua imprudência foi uma tolice. Ela chegou muito perto e mesmo assim, Lucern se levantou da cama, pegou-a pelos braços e arrastou-a por cima dele até que ela caiu sobre o colchão. No momento seguinte, mudou-se para cobri-la.

— Saia de cima de mim. —Queria que soasse como uma ordem. Em vez disso sua voz saiu fraca e sem fôlego. Kate fez uma cara feia para tentar reforçar as suas palavras. Ela não estava com medo exatamente, mas havia um tremor em sua voz. Os olhos de Lucern voltaram-se a cor prata, embora não com raiva. Ele parecia um predador, e Kate tinha certeza que ela estava presa. O problema era que ela





não tinha certeza de não querer ser. Seu corpo já estava respondendo a ele e a sensação de pressioná-la.

Lucern hesitou logo suas pálpebras se fecharam sobre seus olhos. Parecia como um leão sonolento. Realmente não estava muito melhor.

— Sinto muito. —Disse ele, em seu Inglês adequado. Outra pista para seu vampirismo pensou Kate infeliz. Provavelmente era realmente velho.

— Por quê? —Perguntou depois de vários segundos de silêncio.

— Por te morder. —Respondeu prontamente, logo acrescentou. — Sem sua permissão.

Kate fez uma careta.

— E sobre Chris?

— Só foi uma dentada. —Disse com indiferença. — E disse a ele o que foi se necessitasse de uma desculpa.

— Não quis que ele soubesse que o mordeu. — Gritou Kate.

Lucern teve a audácia de sorrir.

— E o que deveria fazer?





— Poderia haver...

Quando caiu em um confuso silêncio. Perguntou:

— O que? Por exemplo, “ouça Chris se importaria se eu pegar um litro de seu sangue enquanto come amendoins? Estou sedento neste momento.” Fez uma careta. — Não pôs meu nome no quarto, assim o sangue que tinha que ser entregue aqui foi devolvido. Tinha fome. — Explicou simplesmente.

Kate olhou para ele, sua boca ficou seca. Ele era realmente um vampiro. De repente, ela percebeu que ela não tinha realmente acreditado ainda. Agora ela acreditava. Totalmente. Mexendo-se debaixo dele, ela perguntou: — Mostre-me seus dentes.

Ele descobriu-os. Eles pareciam perfeitamente normais para ela. Seus caninos eram um pouco pontiagudos, mas não excessivamente longos e ela murmurou: — Não são afiados, pontudos, os dentes caninos...

— Ah, esses dentes. — Lucern abriu sua boca de novo. Para seu horror, as presas saíram de suas gengivas como garras de gato.

— OH, Deus. — Choramingou Kate.

Lucern retraiu os dentes imediatamente.





— Está tudo bem Kate. Nunca te machucaria.

— Me mordeu. —Gritou. E foi seguido por outro coro de — Oh Deus, oh Deus, oh Deus. —Parecia que não podia deixar de dizer isso.

— Mas não te machuquei. —Argumentou. — Machuquei?

— Oh Deus. Sai, sai, sai. —Começou a mover-se debaixo dele, mas foi um intento inútil. Ele era maior que ela. E forte. Deixou de lutar, tratando de acalmar-se, logo disse: — Por favor.

Lucern a olhou fixamente por um momento, suspeito. Logo sacudiu a cabeça.

— Não posso. Não até que me prometa que não dirá a ninguém sobre isto.

Abriu sua boca, mas ele se antecipou dizendo:

— É por seu próprio bem Kate. Todo mundo pensará que está louca.

Ele provavelmente estava certo sobre isso, ela percebeu. Todos pensariam que ela estava trabalhando demais e perdendo a cabeça. A mudança de baixo para cima chamou sua atenção para o fato de que algo estava se movendo lá em





baixo, e não era Lucern. Ao menos não a maioria dele. Querido Deus, ele estava ficando excitado. Podia senti-lo crescendo e pressionando contra ela. Kate limpou sua garganta.

— Humm, Lucern?

— Me chame de Luc. —Sugeriui. Deu-lhe um sorriso malvado. — Lucern soa tão formal, e estamos um pouco, além disso.

Kate não sorriu. Esclareço-se garganta de novo.

— Luc. Se está morto como pode ficar... —Moveu seus olhos para baixo. Lucern entendeu a idéia sem que tivesse que explicar, menos mal, e se moveu para não estar pressionado tão intimamente contra ela.

— Peço desculpa, mas eu temo que a encontre bastante atraente, — disse ele com muita dignidade.

— Sério?

— Sim.

— OH. —Ela não tinha certeza se deveria estar feliz com isso ou não, então ela voltou para a pergunta. — Mas se está morto...?





— Não estou morto. —Informou Lucern pondo os olhos em branco.

— Não está? —Perguntou. Ele moveu sua cabeça solenemente, ela continuou. — Então não está sem alma?

— Não. —Um sorriso saiu de seus lábios.

— E o resto de sua família...?

Ele balançou a cabeça solenemente.

Kate processou as notícias, sua mente processou que tinha escrito livros de história factual antes de seus romances vampiros. Processou que em seu primeiro romance de vampiro os personagens tinham os mesmos nomes de seus pais, o segundo se tratava da Lissianna e Gregory, uma Assistente social e um terapeuta, como os reais Lissianna e Gregory; e o terceiro se tratava do Rachel e Etienne, uma médica legista e um design de jogos. Pareceu bastante óbvio que seguia escrevendo feitos históricos.

— Que idade tem?

— Seiscentos e doze. —Respondeu serenamente. Como se fosse uma idade bastante normal. Caro Senhor, Kate percebeu com espanto. Ela *tinha* perdido sua mente. Ela gemeu de novo.





— Está tudo bem Kate. — Luc retirou o cabelo de sua cara. — Sei que é muito que aceitar, mas está tudo bem.

— Como pode estar bem? É um vampiro. E me mordeu. — Ainda não podia acreditar que o tivesse feito. E porque se sentiu tão bem.

— Foi uma pequena mordida. —Disse. Quando fico olhando, tentou-o de novo. — Sinto te haver mordido, mas tinha fome... E cheira tão deliciosa. —Seus olhos caíram a seu pescoço enquanto falava e o desejo cruzou sua cara. O alarme a percorreu e Kate cobriu seu pescoço com ambas as mãos.

Para sua irritação, ele começou a rir. Seu peito se chocou com o seu.

— Isto não é engraçado. — Ela retrucou. — Como se sentiria se fosse um pedaço de vitela?

— Querida Kate. Não é um pedaço de vitela. —Disse. Forçando uma expressão solene disse: — Ao menos é um bife.

Sua estava boca aberta, horrorizada. Lucern se aproveitou do momento e fechou a boca sobre a dela. Para o desgosto de Kate, a paixão que tinha inflamado na noite anterior de imediato inflamou a vida novamente.





Aparentemente, o corpo dela não se importava que ele fosse um demônio sugador de sangue. Ela gostava muito dele. Mais do que gostar. E agora, Kate tinha que lutar contra ambos tanto ele quanto ela. Foi uma batalha perdida. Um momento vazio se passou antes que ela desse um doloroso gemido deslizando seus braços ao redor de seu pescoço.

Era pelo que Lucern estava esperando, aparentemente, um segundo mais tarde, ela se encontrou sem o lençol entre eles e com seu roupão aberto. Que não só a deixou nua debaixo dele, mas alertou para o fato de que Lucern Argeneau dormia nu. Seus olhos se arregalaram. Dormia nu e em uma cama. Quando quebrou o beijo para morder sua orelha, Kate ficou sem fôlego.

— Onde está seu caixão?

— Eu deixei em casa. — Sua voz era um rugido de veludo atado com riso.

Kate não tinha certeza se ele estava brincando ou não, mas ela parou de se preocupar com isso quando sua mão se fechou suavemente ao redor dos seus seios e apertou. Gemendo, ela arqueou na carícia quente, então seus olhos se abriram.

— Por que não está frio? Pensei que os vampiros fossem frios.





— Eu te disse. Não estou morto. —Lucern lembrou-a.

— Oh, Sim. —Murmurou Kate. Luc firmou os lábios novamente. Mudando para baixo de seu corpo, ele fechou em um seio sua boca quente e úmida. Ele mamou sobre ele como um bebê faminto, a língua estalou seus mamilos. Kate, de repente não se importava de ser o jantar. O que a fez pensar. — O que há sobre alho?

— Amo-o. —Disse, trocou a boca ao outro seio. —
Algum dia vou esfregá-lo por todo seu corpo e o lamberei como prova.

Kate se retorceu pela erótica imagem, logo se deu conta que era similar ao que já estavam fazendo. Estava nua. Ele a estava lambendo. *Querido Deus*. Perdeu o fio de seus pensamentos quando a mão dele se deslizou entre suas coxas.

— Luc. —Mas, para seu espanto, ele parou, deu um suspiro e passou a se sentar ao lado dela.

— Tudo bem. Vamos tirar isso a limpo. Não vamos, obviamente, chegar a lugar nenhum até que o façamos, — disse ele, exasperado.





Dando-se conta que ele pensou que ia fazer outra pergunta, Kate abriu a boca para corrigi-lo, logo trocou de opinião. Realmente queria entender.

— Meu tataravô era do que chamam a Atlântida.

Kate recuou. Esta era a última coisa que esperava que ele dissesse. Parecia um louco.

Lucern ignorou a reação dela. — Como alguns têm especulado, a Atlântida era muito avançada cientificamente. Meu tataravô era um cientista. Assim, antes da queda da cidade, ele desenvolveu o que as pessoas de hoje chamam de micro-nanos aparelhos computadorizados. Eu não vou perder meu tempo explicando tudo, mas basta dizer que ele combinou a ciência de nanos com a microbiologia criando microscópicos nanos, (um tipo de vírus) que quando chega à corrente sanguínea, vive lá e se multiplica. Eles são uma espécie de parasita. —Explicou-lhe. — Vivem dentro do hospedeiro, mas em troca reparam e o regeneram. O que mantém o hospedeiro e o transforma em jovem e vital por um período de tempo indeterminado.

— Um vírus? — Kate perguntou com nojo.

— Não pode se pego por tocar e tampouco ao beijar.





— E morder? —Perguntou, sua mão foi inconscientemente á seu pescoço.

— Não. Não é através da mordida. O nanos tem de ser disparado diretamente na corrente sanguínea ou consumido.

— Como quando Drácula corta-se e aperta-lhe o pulso na boca da Mina?

— Drácula. — Lucerna soltou um suspiro. — O personagem de Bram baseou-se em um cruel, sacana, prepotente bárbaro. E se ele tivesse mantido a boca fechada enquanto bebia Bram Stoker nunca teria escrito aquele maldito livro que era mais errado devido ao fato de que seu informante foi arrastado para fora antes que ele pudesse dizer mais coisas.

Kate ficou com o olhar fixo, insegura de acreditar em Luc ou não. Possivelmente ambos perderam a lucidez.

— Estou vivo não morto. Tenho alma. Posso cheirar comer e tocar o alho. As cruzes não têm efeito em mim, posso entrar na igreja como bem sabe já que assistiu ao casamento do meu irmão.

— Mas não pode sair ao sol. —Disse Kate

— Posso. —Corrigiu-a. — É justo que o sol faz um grande dano a carne, o que significa que mais sangue é





necessário para o nanos repará-lo. Bronzeamento artificial não é muito bom para as pessoas. Envelhece a pele. Nossos corpos não se bronzeiam, e os nanos tratam de substituir a pele quando esta envelhece. Isso consome um pouco de sangue. Quanto mais a pele exposta e quanto maior a exposição, mais sangue é necessário. Antigamente não havia bancos de sangue, o que significava que tínhamos que tirar o sangue de humanos e aumentou o risco de chamar a nossa atenção. Era mais fácil evitar a luz do sol e limitar nossos requisitos de sangue. Também era mais fácil caçar de noite.

— E caçava humanos.

Ele assentiu.

— Assim não é humano?

— Sim, Bem... —Franziu o cenho. — Sou um atlântico. Mesma espécie, raça diferente.

— Oh. —Ela deu um suspiro, então ficou ali, digerindo tudo, até que seus olhos se moveram para a perna de Lucern. Sua perna estava muito pálida. Ela supôs que a sala de bronzeamento estava fora de questão, e lembrou que às vezes ele estava muito pálido e outras vezes estava com cor. — Então, quando você está realmente pálido é por que...





— Porque preciso me alimentar. — Terminou. — Estou desidratado, e o sangue se moveu para meus órgãos para mantê-los funcionando. Quando estou ruborizado é por que me alimentei.

— Desidratado. — Inclinou a cabeça. — Por que não pode simplesmente beber muita água? Por que tem que ser sangue?

— Os nanos utilizam sangue para reparar e reproduzirem-se eles mesmos. O corpo não pode produzir o suficiente de sangue. O nanos causam a fome de sangue quando eles precisam de mais, criando uma espécie de reação química no corpo.

— E os dentes?

— Eles criam os primeiros. É uma espécie de codificação genética. — Ele suspirou. — Kate, eu estou confiando a minha vida e a vida de minha família, dizendo isto. Se você contar a alguém bem, a maioria das pessoas vai achar que é loucura. Mas é possível que alguém possa acreditar, e apenas uma pessoa é suficiente para pôr em perigo todo o meu povo.

— Quantos de vocês existem?

— Menos de quinhentos.





Escapou uma expressão de surpresa. — Tão poucos!

— Sim. Seria perigoso ter muitos. Cada um de nós sozinho tem permissão de ter um filho por século para manter a população baixa.

— Mas mesmo assim deveria haver mais de vocês. Se forem quinhentos, e todos têm filhos.

— Os quinhentos incluem homens, mulheres e meninos. Fora desses, há possivelmente cem casais. E logo temos certo número de mortes em cada século também.

Kate ficou surpresa:

— Pensei que não pudessem morrer.

— Não envelhecemos. Tudo morre. Explicou pacientemente. — As doenças e os vírus não têm efeito sobre nós, e não envelhecemos. Mas há outras maneiras de morrer. Por exemplo, muitos de nós fomos queimados na fogueira da Inquisição.

— E a estaca no coração?

Lucern assentiu.

— Uma bala no coração? —Perguntou.





Negou com a cabeça. — Os nanos reparariam o dano rapidamente.

— Então por que a estaca mata?

— Bom, ela vai matar se a deixar dentro o suficiente. Os nanos tratariam de reparar o coração ao redor, mas não poderiam tirar a estaca. O coração não palpitará, não haveria sangue fresco ou novos nanos para ajuda - los e o corpo morreria.

— OH, já vejo. — Kate baixou o olhar e viu-se olhando para seu pênis flácido. Toda essa explicação arruinou um pouco o humor, que foi uma pena. Esclareceu a garganta, ergueu o olhar para seu rosto novamente. — Assim... Bastien enviou o sangue, mas porque deixei seu nome fora do registro foi devolvido, e agora você esta... — Vacilou. Estava pálido como a morte. Ela pareceria o inferno, se estivesse tão pálida quanto ele. Entretanto ele conseguia olhar forte e sexy. Realmente não parecia justo. — Que acontece se não receber o sangue?

— O nanos vão começar a comer o tecido para obter os nutrientes de que precisam, — ele admitiu com relutância.

Os olhos do Kate se abriram com horror. — Isso soa doloroso.





— Ê. —Disse simplesmente.

— Será que vai te matar?

— Eventualmente, mas haveria muita dor ao princípio.

— E desliguei na cara de Bastien ontem à noite. —Deu-se conta com horror. — Foi capaz de dizer que te enviasse mais...?

— Não. —Lucern de repente soou um pouco irritado.

— Você ligou de novo?

— Não sei onde esta. Tudo o que disse foi que estava na Europa antes que você desligasse.

— OH Deus. — Disse fracamente. — Quanto tempo falta para que comece a doer?

— Quatro horas da manhã.

Kate fechou os olhos. *Ótimo!* Isso significava que os nanos já estavam comendo-o. Ela tinha um vampiro com fome em suas mãos. Aquele que estava com tanta fome que já estava com dor. E ela o tinha em um hotel com mais de duas mil fãs românticas à espera de lançar-se para ele. Seria como levar um leão para uma fazenda de porcos. Kate soltou um suspiro. Isso tudo foi culpa dela, é claro. Ela supôs que tinha que fazer o melhor para consertá-lo.





— Tudo bem. Quanto sangue você precisa, até podermos pensar em uma maneira de obter mais?

Ele pareceu surpreso. — Um litro total seria suficiente para passar o dia, talvez. Mas eu preciso...

— Um litro. — Kate gritou. *Deus bendito.* — Um litro. Isso é como uma caixa de leite.

— Sim, aproximadamente.

Kate considerou o fato seriamente, não tinha doído ontem à noite quando a mordeu. De fato se tinha sentido condenadamente bem. Mas um litro.

— Isso é o que tiram quando doa sangue. — Ele disse amavelmente.

— É? — Nunca tinha doado sangue. Mas tinha visto muita gente pelo televisor doando. Supunha que estava dizendo a verdade.

— Sim, é, — o garantiu. — Eu realmente preciso de muito mais, mas isso é tudo o que é seguro tomar sem efeitos colaterais. E ele ia me pegar por pouco, — ele suspirou. Kate estendeu seu braço, seu pulso para cima em sua boca.

— Vá em frente.





Lucerna piscou os olhos, o nariz um pouco trêmulo. Ela perguntou se ele podia sentir o sangue dela. A idéia de que ela cheirava a jantar era bastante infeliz.

— Vá em frente? — Repetiu incerto.

— Vá em frente e me morda. —Disse impaciente. Virando a cabeça, olhou de esguelha em caso de que esta ocasião doesse. Era seu pulso, depois de tudo, não seu pescoço. Possivelmente deveria dar seu pescoço.

Ela ficou rígida quando ele a tomou em seus dedos. Kate prendeu a respiração, esperando pela mordida. Seu coração parou, e ela quase arrancou a mão dela quando ela sentiu seus lábios tocarem a pele sensível de seu pulso. Mas não houve uma grande dor aguda, mas apenas sentiu como se estivesse beliscando a pele.

Bem, pensou, enquanto a sensação de morder movia-se lentamente ao longo de seu pulso, não foi tão ruim. Muito melhor do que doar sangue no banco de sangue, ela tinha certeza. Muito mais agradável. Emocionante mesmo. Ela se encolheu um pouco quando o morder atingiu a curva de sensível no interior de seu cotovelo. Obviamente, ele não tinha mordido ainda. Ou tinha? Piscando um olho aberto, ela olhou para ele. Tudo o que podia ver era a cabeça





inclinada sobre o braço. Ele tinha um cabelo bonito. Espesso e escuro e...

— Oh. —Ela respirou enquanto tomava um pequeno gole de sua pele. Não doeu, só assustou em uma espécie de forma sexy. Mas Kate não achou que ele tinha tirado sangue ou qualquer coisa. Ele já estava se movendo mais para cima do braço. A veia não deveria ser boa lá, pensou vagamente, olhando a cabeça subir mais e mais. Quando chegou ao interior de seu braço, mesma altura do peito, ele de repente se deslocou para o lado e trancou em seu mamilo. Ela começou com surpresa. Ela quase protestou, mas quando ele fez sua pele ficar sensível, ela decidiu que seria melhor se ele a mordesse lá de qualquer maneira. Não iriam descobrir. Ele lambeu e amamentou, em seguida, puxou Kate profundamente em sua boca, e decidiu que se ele estava mordendo ela, ele poderia fazê-lo a qualquer momento.

Uma de suas mãos se deslizou ao longo de seu estomago para encontrar o outro seio. Kate lentamente foi para trás na cama, dizendo-se a si mesma que não era para sentir-se enjoada depois de que Lucern tomasse o litro, mas a verdade era que seu corpo estava tremendo terrivelmente, seus músculos estremecendo-se com excitação. Não pensou que pudesse haver ficado em posição vertical sob seu sensual ataque embora tivesse querido.





Lucern a seguiu abaixo e se equilibrou com um cotovelo ao continuar dando prazer. Kate fechou seus olhos e deixou que suas mãos se enterrassem em seu cabelo. Ataram e puxaram fortemente por vontade própria. Não tinha intenção de interromper sua comida, mas teve uma fome por sua conta, desesperadamente queria que a beijasse. Quando levantou a boca de seu mamilo, Kate viu que sua pele ainda estava intacta. Ainda não tinha sido mordida. Parecia que a alimentação era uma experiência complicada. Deveria saber. Lucern não era do tipo comer-e-correr.

Sua boca desceu sobre a dela como ela queria e Kate suspirou para o beijo. Ela também permitiu que as mãos à deriva descessem sobre as costas dele para encontrar as deles atrás e empurrou-o apertado contra ela, mesmo enquanto arqueava-se para encontrá-lo. Ele se esfregou contra ela, sem entrar, mas ela parecia excitá-lo tanto quanto ela, pois seu beijo cresceu duro a boca exigente.

Kate gemeu quando separou seus lábios e tocou o seu pescoço. De alguma forma, ela sabia que a hora havia chegado para morder e sentiu-se enrijecer em preparação. Então, ela se distraiu com a maneira como ele mudou-se sobre ela, separando as pernas. Fixou-se na base das coxas, a sua dureza pressionando contra ela.





— Eu quero você. —Sussurrou em sua orelha, logo mordeu seu tenro lóbulo, um dente afiado deslizando-se ligeiramente por sua pele. Kate de repente teve a louca idéia que, suas orelhas não estavam perfuradas, ele poderia as perfurar por ela.

— Kate.

Ela se forçou a se concentrar. Ele estava pedindo permissão. Ela não tinha certeza do que exatamente. Para mordê-la, ou para afundar o corpo no dela? Provavelmente ambos. Kate abriu a boca para dizer-lhe vagamente para ir em frente quando houve uma batida na porta.

— Olá? Ouçam. Vocês dois. —Chris chamou através da porta. — Olhem. Detesto interromper, mas o café da manhã de boas-vindas e os prêmios RT começam dentro de quinze minutos. Estão preparados?





Capítulo 10

— Esta bem Lucern? Está terrivelmente pálido.

Diante o comentário de Allison, Kate percorreu inquietamente com os olhos seu escritor. Luc *estava* terrivelmente pálido.

Ela tinha pensado isso em seu quarto, mas agora ficava ainda mais evidente sob as luzes, na grande área de recepção durante o brunch¹⁴ de boas vindas. Deveria ter insistido que ele a mordesse. Ela tinha tentado. Tinha dito a ele justamente para fazer, mas Chris tinha batido na porta insistentemente, e Lucern tinha recusado. Ele temia que ela ficasse fraca depois, e não queria que estivesse com tonteiras e provavelmente tendo desmaios. Além disso, não tinha tempo, ele tinha dito. Faria mais tarde.

Agora, ao ver a palidez de sua pele, reprovava a si mesma por não ter sido mais insistente.

¹⁴É uma refeição de origem estadunidense que combina o café da manhã com o almoço. É normalmente realizada aos domingos, feriados ou datas comemorativas, quando toda a família se reúne entre 10 e 14 horas em torno da mesa, para celebração de algum evento.





— Kate?

Ela se virou e forçou um sorriso para sua chefe.

— Ele tem um pouco de fadiga¹⁵. Ficarà bem

Allison aceitou a mentira e voltou sua atenção para a sua comida, deixando que Kate se preocupasse com Lucern. A primeira coisa que iria fazer ao terminar o brunch, seria fazê-lo a morder, poderiam subir rapidamente as escadas antes de irem para a recepção dos leitores. E então, teriam que encontrar uma maneira de conseguir uma fonte real de sangue. Ela tinha considerado a questão, e mesmo que eles pudessem manter contato com Bastien hoje, estava segura que não seria até de manhã que ele poderia arranjar outra remessa pra ser entregue.

Kate franziu o cenho quando se deu conta de que Bastien podia estar ligando nesse momento, e não tinha ninguém em seu quarto para atender. E não haveria o dia todo. Muito menos hoje à noite se eles assistirem a reunião de modelos de capas. Talvez eles pudessem faltar essa reunião. Não era exatamente necessário que Lucern estivesse ali. Todas as fãs estariam interessadas nos modelos

¹⁵No original: Jet-lagged: que é fadiga, segundo o wikipedia;)

(http://pt.wikipedia.org/wiki/Jet_lag)





masculinos das capas e poderiam não notar a sua ausência. Allison e Chuck notariam, no entanto. Kate franziu a testa, olhando para seu prato. Allison não prestaria atenção, mas Chuck prestaria. Tanto quanto lhe dizia a respeito, a empresa tinha pagado à Lucern para estar ali, e ele queria o valor do dinheiro.

— Ele fala?

Kate olhou intensamente para enfrentar a ácida pergunta de Chuck. Ela tinha assegurado que Chris estava de um lado de Lucern e ela no outro. Allison estava diretamente à direita dela, e Chuck estava ao lado de Allison, mas o editor estava inclinando-se sobre a diretora editorial, seu queixo quase repousando sobre seu peito quando ele falou. Allison estava com raiva, e Kate não podia culpá-la. Chuck era um porco, tocando em todas as mulheres do escritório, e tratando de dar uma boa olhada em seus seios. Ele não era muito querido pelo corpo administrativo, e mal podiam esperar pra que ele fosse substituído. Pela regra geral, os presidentes de Roundhouse eram alterados quase anualmente. Kate só esperava que Chuck Morgan não fosse uma exceção. Ninguém em Roundhouse esteve feliz quando ele chegou para substituir George Sassoon. Seu último presidente tinha sido um homem excepcional que tinha mudado a publicação do rádio e da televisão, trazendo toda





essa erudição com ele. Havia feito coisas maravilhosas para Roundhouse. Ninguém ficou surpreendido quando ele tinha sido solicitado por uma companhia maior. Chuck Morgan era um substituto ruim.

Sua olhada flutuou, passando o rosto zombeteiro até Jodi Hamptom, a escritora que se sentou ao lado dele. Jodi estava lançando olhadas curiosas a Lucern. Kate não estava surpresa. Além do mais, ele era um homem atraente. Lucern recebia uma incomum quantidade de atenção VIP. Os editores e os funcionários da Roundhouse estavam distribuídos entre um par de mesas, afim de que todos os escritores se sentissem incluídos. Mas Chris e Kate não haviam saído do lado de Lucern por toda a semana, e Allison e Chuck queriam encontrar com o misterioso Mr. Argeneau, então todos estavam agrupados em torno dele. O que deixou apenas a Deeana Stancyk e Tom Duchamp, o VP de Promoção, para circular entre a platéia e outros trinta escritores da Roundhouse.

— Perguntei se ele fala.

O olhar de Kate voltou a Chuck. Ele era um daqueles poucos homens cujas características refletiam sua natureza desagradável. Ele tinha um rosto com marcas de catapora, corado, um bigode cinza, e uma cabeça calva.





Kate considerou a pergunta. Infelizmente, Lucern era bastante taciturno nos melhores momentos. Neste momento, ele estava silencioso como uma pedra. Ela abriu sua boca para oferecer uma desculpa por seu silêncio, então rapidamente mudou de idéia. Eles o queriam aqui, ela o tinha trazido. Talvez se eles não ficassem felizes com o desempenho dele, não o incomodariam no futuro. Apenas deu de ombros e disse.

— Não muito.

Chuck não pareceu satisfeito. Kate não se importou. Essa era a verdade, e ela não podia se responsabilizar pela natureza de Lucern. Seu olhar deslizou para o escritor outra vez. Chris estava falando, e Lucern inclinava a cabeça lentamente. Tinha linhas de tensão ao redor de seus olhos que a preocupavam. Perguntou-se se ele sentia muita dor. Imediatamente começou a pensar em uma forma de conseguir sangue, e mais sangue do que o pouco que ele tinha dito que seria seguro para ela dar a ele. Considerou brevemente encontrar uma linha de vítimas para ele morder, mas mesmo quando desfrutou com a idéia de colocar a Chuck nessa linha, não tinha mais ninguém que ela queria que ele se alimentasse.





Kate estava mesmo considerando cuidadosamente o problema quando os pratos foram coletados das mesas e a cerimônia de prêmios começou. Ela escutou sem entusiasmo, os candidatos serem nomeados para cada categoria, seguido pelo vencedor. Kate bateu palmas quando os outros fizeram, mas ela estava perdida em seus pensamentos.

— E o nomeado final é *Love Bites* Luke Amirault.

Kate endireitou-se na sua cadeira enquanto era mencionado o pseudônimo de Luc. Ela não estava surpresa de que Lucern estava fazendo a mesma coisa ao seu lado. Havia se esquecido de contar que seu livro foi indicado em três categorias diferentes. Ela sobressaltou-se quando ele se virou com uma olhada acusadora para ela.

— Está nomeado. Isso significa que pode ganhar. — Kate disse suavemente.

— E o vencedor é Luke Amirault por *Love Bites*!

— *Merde.* — Lucern murmurou

— Merda. — Imitou Kate em inglês. Ela hesitou por um momento, mas quando Lucern não mostrou nenhum sinal de que ia levantar, ela se inclinou sobre ele para explicar:

— Tem que ir pegar o seu prêmio.





— Não quero.

Kate sentiu seu coração apertado diante da queixa infantil. Seiscentos anos de idade e ainda parecia um bebê. Os homens eram os mesmos, independentes da espécie... Ou isso era uma raça? O que seja. Pegando seu cotovelo em suas mãos, ela se levantou abruptamente, fazendo-o levantar com ela.

— Eu muito menos. Então vamos fazer juntos.

Para seu grande alívio, ele permitiu forçar seus pés e logo foram para o lugar mais distante do salão. As pessoas aplaudiram e o chamaram para cumprimentá-lo, alguns gritavam que realmente gostaram do seu livro. Lucern parecia ter esquecido todos. A pele de seu rosto estava tensa, sua expressão quase afligida enquanto ele caminhava obstinadamente para frente. Kate não podia decidir se isso era devido à fome ou a reação de ser o centro das atenções. Ela sabia que ele devia odiar esse tipo de coisa. Ela tinha ouvido falar de seus hábitos solitários enquanto esteve em Toronto. E se ela não tivesse se dado conta depois de três dias em sua companhia, então sua mãe e a irmã tinham revelado bastante sobre ele no casamento.

Kathryn Falk, Lady Barrow, a mulher por trás do Romantic Times Book Club, da conferência, e outros diversos





assuntos; estava esperando no palco para presenteá-lo com o prêmio ela mesma. Ela sorriu amplamente enquanto Kate e Lucern subiam as escadas para o palco, então a preocupação flutuou para seu rosto quando ela notou seu comportamento estranho. Kate tentou um sorriso brilhante para reconfortar a mulher, mas ela poderia ter usado um pouco de tranqüilidade para ela mesma. Lucern não tinha preparado um discurso, e algum tipo de discurso era de se esperar.

— Parabéns. Senhor Amirault — Lady Barrow disse, enquanto lhe entregava o prêmio. — Eu realmente gostei de sua série de vampiros.

Lucern grunhiu, pegou o prêmio e começou a caminhar para fora do palco. Kate abriu a boca atrás dele, respirou fundo e se apressou atrás dele para pegá-lo pelo braço.

— Você tem que agradecer. — Ela protestou, pedindo a ele para voltar para Lady Barrow no palco.

— Não quero.

Kate franziu a testa por causa da fragilidade em sua voz. Ela quase preferia seu “não” e teve que se perguntar o quanto a falta de sangue poderia afetar a sua mente. Se ela não encontrar um pouco de sangue em breve, ele poderia se perder completamente e ficar louco? Se encolheu de medo por causa do pensamento.





— Só agradeça. — Ela ordenou firmemente, levando ele ao palco.

— Ele está bem? — Lady Barrow perguntou sussurrando, enquanto Lucern parava diante do microfone. Ele olhou inexpressivamente para o mar de rostos. Kate se perguntou se a platéia parecia um banquete de carne, logo balançou a cabeça.

— Está emocionado. — Ela mentiu

— Esta segura de que isso é tudo? — Kathryn parecia duvidosa, e Kate acrescentou:

— E um pouco de mal estar no estômago, eu acho. — Então ela desistiu, admitindo — Ele não está muito bem.

— Oh, querida. — Lady Barrow murmurou.

— Mas nós esperamos que passe rapidamente. — Confortou a mulher. — Poderíamos perder a reunião das modelos de capas para ir ao médico.

— Ao médico? À noite?

— Foi á consulta que pudemos obter — Kate mentiu.

— Ah — A senhora Barrow negou com a cabeça, depois pareceu perceber que Lucern tinha estado parado





silenciosamente ao microfone por vários segundos. A sala tinha caído em um silêncio de expectativa.

Kate ficou ao seu lado o cutucou.

— Diga obrigada.

— Obrigado. — Ele disse respeitosamente. Foi um gemido um pouco ingrato. E ele imediatamente deu um passo para trás depois de dizer isso.

Kate se encolheu. Mas Lady Barrow salvou a situação dando um passo para eles e tomando seu braço. Ela pediu que ele fosse para frente outra vez, em seguida, assumiu o microfone e disse:

— Senhoras... E cavalheiros. — Ela acrescentou o último com um sorriso aberto para a mesa de modelos masculinos, os únicos homens presentes, além de um punhado de funcionários homens do editorial e ocasionalmente o marido de uma escritora. — Como vocês podem ver por sua palidez, o senhor Amirault não se sente bem, mas ele insistiu em assistir a cerimônia de hoje para agradecer a todos vocês pelo apoio. — Ela deixou passar um momento, então continuou. — Eu estou agradecida por premiá-lo. Demos uma salva de palmas e agradeceremos por suas maravilhosas histórias. Obrigada, Luke. — Kathryn





Falk começou a abraçar ele, e a multidão irrompeu em aplausos.

O alívio correu através de Kate. Lady Barrow tinha salvado a situação! Então ela percebeu que as narinas de Lucern se expandiram, e que ele abaixou o rosto para o pescoço da mulher. Ainda mais desconcertante era o brilho prata em seus olhos. Seus lábios avançaram para a para a pele de Lady Barrow em busca de uma veia pulsante.

Kate arregalou os olhos em horror. Ele estava a ponto de morder a Lady Barrow, ali mesmo no maldito palco!

— Não! — O grito saiu dos lábios de Kate quando ela viu os dentes de Lucern se estenderem. Foi um grito forte. O salão inteiro caiu em um silêncio sepulcral. Mas Kate não se importou, porque Lady Barrow se afastou dos braços de Lucern e se virou espantada. Lucern a olhou com uma careta, por causa da interrupção de sua refeição.

— Er — Kate disse em meio ao silêncio ensurdecedor. Movendo-se para o microfone, ela acrescentou — Não há nenhuma necessidade de agradecer. Lucern é... Ele está completamente agradecido de que ele... Er... Ter esta oportunidade para agradecer a todos vocês. Er... Obrigada.

A multidão começou a bater palmas ruidosamente outra vez, mas Kate apenas aplaudiu cuidadosamente.





Lucern estava se aproximando mais de Lady Barrow, com a aparência faminta em seus olhos. Forçando um sorriso, Kate puxou seu braço e andou com ele.

— Você ia morder ela. — Ela o acusou.

— Eu só queria um pouco. — Ele soou sombrio.

— Só um pouco? — Exclamou ela. — Ali mesmo no palco para todo mundo ver?

— Eles pensariam que era uma façanha publicitária. — Ele se defendeu. Então suspirou admitindo miseravelmente. — Não poderia me ajudar mesmo. Ela tem o sangue forte, doce.

Kate cravou seus olhos nele.

— Você não...

— Não, você me parou a tempo. Mas eu posso dizer pelo cheiro. — Kate fez uma careta, então percebeu que as linhas ao redor de seus olhos tinham se aprofundado e estavam ao redor de sua boca também.

— Quão ruim é sua fome agora? — Foi uma pergunta estúpida. O homem quase tinha mordido Lady Barrow. A fome era forte. O que ela realmente quis saber foi — Quer dizer, é doloroso para você?





Ele acenou com a cabeça gravemente.

— Essa pequena quantidade de luz do sol à tarde causa muito problema? — Perguntou. Se assim for, parecia que os vampiros eram mais fracos que os humanos em alguns aspectos. Bastante frágeis, pelo menos nesse aspecto.

— Essa pequena quantidade de luz do sol à tarde, o cara sentado ao meu lado no avião que estava com um resfriado e ficou tossindo, o...

— Estar perto de pessoas doentes gasta mais sangue? — Kate perguntou alarmada. Estavam em um hotel com dois mil germes de pessoas soltos por aqui. Não era de se admirar que ele estivesse tão isolado.

— Sim. — Lucern assentiu com a cabeça. — Os humanos aparentemente estão rodeados de doenças e morte, mas isso exige mais...

— Sangue. — Kate completou infeliz.

— Sim. E então há luz solar hoje aqui.

Kate olhou com atenção e surpresa ao redor o salão iluminado. As paredes eram sólidas sem janelas, mas tinha clarabóias em cima. Clarabóias cristalizadas, e não lhe ocorreu que poderia ser um problema. Devia ter pensado nisso. Seu olhar se moveu para a mesa em que estavam





sentados, e Kate quase gemeu quando se deu conta de que tinha escolhido uma mesa que estava diretamente embaixo de uma clarabóia.

— O álcool de ontem à noite não me ajudou também — Lucern continuou. — Desidrata o corpo.

Kate franziu o cenho. Ela tinha notado as latas de cerveja, a caixa de pizza vazia e a pilha de cascas de amendoim em torno da mesa de café em frente à TV esta manhã. Era como se Chris e Lucern tivessem aproveitado a noite como crianças. Agora Luc estava pagando por isso. Parecia que sua condição era o resultado de muitas coisas. O último motivo era culpa sua, no entanto.

Quase tinham alcançado a mesa. Kate dirigiu Lucern para uma das saídas.

— Vamos.

— Aonde vamos? — Ele parecia confuso.

— Encontrar comida. — Ela chegou a um ponto, fora do salão de recepção e olhou com atenção ao redor. Na verdade, não tinha tempo de ir para o quarto. Era necessário um lugar mais perto. Ela o arrastou para o banheiro dos homens.





— Entra e veja se está vazio. — Ela sugeriu. — Se não, faça com quem que esteja aí dentro saia. Você pode fazer isso, certo? Você sabe controlar sua mente, e...

— Sim, mas...

— Apenas faça isso. — Kate insistiu.

Lucern sacudiu a cabeça, mas andou para dentro. Poucos minutos depois, a porta se abriu e um homem saiu. Kate o reconheceu como um dos modelos. Ela sorriu nervosamente para ele, mas ele não retribuiu, ele nem pareceu notá-la. Seus olhos estavam vidrados, a expressão em branco.

Ela observou ele se afastar, dando meia volta, depois entrou no banheiro aliviada por encontrar Lucern sozinho.

— Bem. — Ela caminhou determinada na direção dele. — Vamos fazê-lo.

Lucern sacudiu a cabeça enquanto ela segurava seu pulso.

— Eu não posso.

— O que significa isso de “você não pode”? — Ela retrucou, exasperada. — Você já mordeu Chris e eu uma vez,





Então é claro que você pode. Basta colocar os dentes pra fora.

— Kate, eu não posso, doerá.

— Não doeu ontem. — Apontou ela.

— Isso foi porque estava sobrecarregada com o desejo sexual

Kate corou, mas não se incomodou em negar. *Ela tinha estado muito quente e desconfortável.*

— O que isso tem a ver? — Seus olhos se estreitaram.
— Chris não estava...

— Claro que não. — Ele começou a soar impaciente. — Mas eu pude controlar a sua mente.

— Controle a minha.

— Eu não posso Kate. Sua mente é muito forte

— É? — Ela sentiu se sentiu cheia de prazer. Sua mente era muito forte. Não era legal? Ela tinha uma mente forte. Oh, de repente percebeu que tinha uma mente mais forte do que a de Chris, porque pelo o que tinha visto ao voltar ao quarto ontem à noite, Lucern não teve dificuldade em controlá-lo. Ela gostaria de desfrutar disso, mas Lucern ainda estava falando.





— O único momento que consigo entrar na tua cabeça, é quando esta dormindo, ou quando esta envolvida na paixão. Pelo menos, acho que posso assim. Não senti alguma dor quando te mordi na noite passada?

Kate negou com a cabeça.

— Não. Não senti dor.

Ele balançou a cabeça.

— Então sua mente deve ter ficado aberta o suficiente para eu enche-la com prazer.

— Hmmm. — Kate assimilou isso. — Como você sabe que pode entrar na minha cabeça quando eu durmo?

A culpa cruzou o rosto de Lucern, e Kate repentinamente se lembrou do sonho erótico que havia tido em sua casa.

— Você não fez... — Ela disse

Ele se sobressaltou com a acusação, em seguida, ergueu as mãos apaziguadoramente.

— Eu só estava checando. Você parecia tão doce e sexy, que comecei a pensar sobre o que eu gostaria de fazer, e eu não me dei conta de que estava recebendo teus





pensamentos, até que... Er... — Ele deu de ombros, inquieto. — Eu parei imediatamente.

Kate o olhou, sentindo-se vulnerável e exposta. O sonho que ela teve em sua casa, não tinha sido exatamente um sonho. Ou teria? Sua fantasia? Foi isso um sonho? Um sonho acordada? Isso não tinha vindo dela.

A porta do banheiro abriu, e ela e Lucern olharam irritados, enquanto um homem de meia idade começou a entrar. Lucern o olhou sombriamente, seus olhos brilharam com um fogo prateado.

O homem parou bruscamente, seus olhos vidrados; em seguida, mudou de direção, e obediente saiu do banheiro.

No minuto em que estavam só outra vez, Kate agarrou a mão de Lucern, e o empurrou para uma das cabines. Ela apenas poderia alimentá-lo antes que alguém entrasse no banheiro.

— Apenas faça isso, Luc. Você precisa de sangue. Esta parecendo um morto-vivo.

— Não quero te machucar.

Ela suspirou com exasperação, mas estava secretamente contente de que ele estava tão relutante em lhe causar dor. Especialmente quando estava obviamente





sofrendo tão horrivelmente por algo que ela pode aliviar. A dor seria o equivalente a um tiro, Pelo menos, ela esperava que fosse dessa magnitude.

— Olha. O que acontece se eu abrir minha mente para você? — Ela sugeriu, mas não tinha nenhuma idéia de como fazer isso. Imaginou que bastaria ter pensamentos livres. — Vamos fazer uma tentativa? Abrirei minha mente e...

— Kate — Lucern começou, e ela sabia que ele ia recusar. Ela estava parada, em um maldito banheiro de homens, em uma cabine, nada menos. Oferecendo a esse estúpido homem o seu sangue, como se ela fosse alguma aberração do fenômeno de Renfield¹⁶, e ele estava parado, se comportando como um cavalheiro do Velho Mundo¹⁷. Devia ser realmente velho. Em sua experiência, os homens dos dias atuais tomam o que os oferecem sem se importarem se era bom ou não para a mulher. Caramba, algumas vezes tomam até o que não é oferecido.

— Maldição, Luc. — Ela interrompeu impaciente. Agarrando a gola de seu vestido, á retorceu mais para revelar o pino que ela tinha usado para pregar o sutiã ao vestido.

¹⁶Rm Renfield é um personagem fictício do romance Drácula de Bram Stoker. (<http://en.wikipedia.org/wiki/Renfield>)

¹⁷Velho Mundo: é um termo generalizado e relativamente recente que define o mundo conhecido pelos europeus até ao Século XV (http://pt.wikipedia.org/wiki/Velho_Mundo)





— O que você está fazendo? — A olhou carrancudo novamente.

Maravilhoso, ela pensou irritada. Estava sentindo-se bastante mal humorada, por ela mesma. Tinha pensado que só os bebês precisavam ser alimentados com colher. Tirando o pino, ela o tirou do seu sutiã, rapidamente picou a si mesma na ponta do dedo, então pressionou cruelmente até que uma gorda gota de sangue saiu à superfície. E o colocou firmemente abaixo de seu nariz.

— Esta com fome? — Perguntou. Ela o seguiu quando ele andou para trás, até a parede da cabine, tentando evitar seu dedo, depois acenou com ele em baixo de seu nariz. Triunfo aumentou dentro dela quando viu as narinas dele se abrirem. — Vamos. Você está com fome. Faça um teste. Só uma lambida. Se não gostar, então encontraremos outra pessoa. Se gostar, uma pequena mordida em meu pescoço te fará se sentir melhor. Vamos Lucern, prova um pouco de Kate para o café da manhã, e... — Suas palavras morreram em um grito sufocado de surpresa quando ele lambeu o sangue que tinha saído de seu dedo. Foi uma raspagem de língua tão rápida pelo seu dedo que mal sentiu, mas para sua satisfação seus olhos brilharam prateados. Ela o tinha.





Kate inclinou sua cabeça para o lado e olhou para os lados se preparando para o que estava por vim, então se lembrou de abrir sua mente. *Ela pensou, minha mente é acessível. Lucern pode entrar. Minha mente está acessível. Lucern pode entrar.*

Aparentemente, abrir sua mente não era tão fácil. Ela sentiu as mãos de Lucern em seus braços, em seguida, o roçar de lábios contra o seu pescoço, depois a dor agonizante quando começou a inserir seus dentes.

— Ai, ai, ai. — Kate começou a lutar. Lucern se afastou imediatamente. Ele ainda a segurava, suas mãos prendiam seus braços, sua respiração ficou pesada. O fogo prateado em seus olhos brilhava enquanto ele lutava pra controlar sua sede.

Kate mordeu os lábios, envergonha pelo o que tinha feito. Mas ele tinha a machucado muito. Nenhum tiro devia ser tão ruim. Mas, então, as balas não chegavam nem perto de serem tão grandes como os dentes de Lucern. Ela pressionou uma mão sobre sua garganta.

— Eu acho que não sei como abri minha mente.

Lucern afastou suas mãos.





— É melhor sair. Não acho que posso me controlar por muito mais tempo.

Kate hesitou, então deu passo e foi para frente, deslizando os braços em volta de seu pescoço.

— O que você está fazendo? — Perguntou asperamente.

— Bem, se eu tenho que estar excitada sexualmente para te deixar entrar na minha mente, para me morder sem que isso doa, você me manterá ocupada e me excitará. — Ela disse.

— Kate estamos em um banheiro. Isso é apenas um lugar para...

— Você não era muito aventureiro? — Perguntou — Esqueça onde estamos e vamos conseguir amigo. Isso é um banheiro público, alguém poderia entrar a qualquer momento. — Ela apontou. Apoiando-se para cima, ela pressionou os lábios contra o dele. Isso era tudo o que tinha que fazer. Lucern de imediato começou a beijá-la de volta, com os braços fechados em torno dela como uma corrente de aço.

Kate supôs que o que se seguiu foi uma versão vampiro de uma rapidinha. Não foi como os apaixonados momentos que eles tinham compartilhado em sua suíte. Não podia





explicar, mas havia um propósito por trás de cada uma de suas ações, como se ele não estivesse totalmente envolvido, mas fazia certas coisas para excitá-la, conforme os passos necessários para mordê-la. Ele parecia distante de certa forma. Não envolvido. Seus beijos eram praticados, e ainda excitantes, mas mesmo quando ela gemeu em resposta e se abriu para ele, ela estava consciente de que ele não estava completamente ali. Pelo menos, percebeu isso em primeiro lugar. Quando empurrou sua língua dentro de sua boca, ela não teve tempo de se preocupar com isso.

Lucern arrancou os botões que desciam a frente do vestido dela e colocou a mão dentro, logo abaixou seu sutiã para pegar seu seio com sua mão gelada. Kate gemeu em sua boca. Ela estremeceu quando seu polegar deu uma apertada em seu mamilo.

Depois ele colocou sua perna entre as dela, levantando seu vestido até que sua coxa roçou o centro dela. Kate suspirou, em seguida, o beijou quase freneticamente. Quando Lucern se afastou, ela gemeu, sua cabeça caiu para trás quando ela arqueou o corpo e se moveu contra sua perna, querendo mais. Ela sentiu seus lábios mordiscando ao longo de seu pescoço, mas se sentia tão bem, que apenas sussurrou seu prazer e inclinou sua cabeça para lhe dar melhor acesso.





Logo estava ciente dele chupando seu pescoço. Desta vez ela não confundiu, mas não teve dor até que seu cérebro nebuloso lhe disse o que ele estava fazendo e que deveria estar doendo. A excitação começou a desaparecer.

Somente quando Kate sentiu primeiro fraco começo de dor, Lucern pareceu notar o que estava acontecendo e isso o perturbou. Ele deslizou sua mão por baixo da saia do vestido dela, seus dedos subindo agilmente para sua coxa, fazendo com que ela abrisse as pernas um pouco mais. Então, afastou o tecido fino de sua calcinha e a acariciou. Kate se esqueceu completamente sobre o que acontecia com seu pescoço. Ela suspirou e murmurou de prazer, se contorcendo com seu toque, gemeu quando ele deslizou um dedo dentro dela.

— Oh, Luc. — Ela ofegou, deslizando seus dedos através de seus cabelos e agarrando sua cabeça com força contra ela, como se fosse a sua âncora a sanidade. Ela gemeu com o movimento de sua mão, seu corpo formigando de excitação tão ferozmente, que suas pernas enfraqueceram. Kate abriu os olhos e tentou avisar que suas pernas estavam cedendo, mas estava tão distraída pelo fato de que tudo parecia irreal. Queria dizer isso a Lucern, também, mas parecia muito esforço. Um estranho cansaço tomou conta dela.





A parede da cabine em suas costas vibrou quando a porta do lado fechou ruidosamente. Kate presumiu que alguém estava no banheiro com eles. Não se preocupou muito, mas então Lucern levantou sua cabeça e franziu o cenho. Olhou para trás de Kate, e a preocupação cobriu sua expressão.

Praguejando baixinho, ajeitou em seus braços e virou Kate, abaixando ela para se sentar no vaso. Ele não disse nada, mas sua expressão era sombria enquanto endireitava suas roupas e abotoava seu vestido, em seguida. Assim que ele acabou, destrancou a porta da cabine, e olhou atentamente para fora, então a colocou de pé, puxando seu braço sobre seu ombro, e meio andando, meio carregando-a, tirou ela da cabine. Kate não viu ninguém, mas a porta da cabine ao lado deles era a única que estava fechada e podia ver pés por baixo. *Alguém tinha entrado*, ela percebeu isso com um vago interesse.

— Aqui está! Procurei vocês em todos os lugares.

Kate olhou em volta com atenção e descobriu que Chris estava vindo na direção deles. Sua expressão era tensa, sua voz urgente.

— Chuck está chocada. Lucern venceu duas outras categorias para as quais foi indicado, e não estava lá para





receber. Jesus! Kate está tudo bem? Parece ter saído do inferno.

— Ela não está se sentindo bem. — Lucern explicou, se repreendendo mentalmente. Era sua culpa. Ele tinha tomado muito sangue, não tinha sido capaz de se controlar. Uma vez que o líquido doce, quente explodiu em sua língua desidratada e em sua boca, ele tinha perdido. Se alguém não tivesse interrompido, ele não sabia o que poderia ter acontecido. Seu olhar ansioso se moveu para o rosto pálido de Kate, e se repreendeu novamente. Felizmente, ele não tinha tomado o suficiente para causar danos graves, mas Kate ia se sentir fraca, e...

— Pensei que era você que não estava se sentindo bem — Chris disse confuso. O editor se moveu para pegar o outro braço de Kate e uma parte de seu peso.

— É contagioso — Lucern murmurou. Ele caminhou em direção aos elevadores.

— Ótimo — Chris disse — Então tenho certeza que sou o próximo — Ele declarou. — Mas você parece estar melhorando. Tem alguma cor em suas bochechas novamente. Pelo menos passa depressa.

Lucern vacilou culpado. A cor em suas bochechas era graças ao sangue de Kate. Essa também era a razão que ela





agora estava tão fraca. Ele se sentiu um pouco melhor. Um pouco. Sabia que se conseguisse obter mais dois litros de sangue, então voltaria a seu antigo eu.

— Para onde vamos? — Chris perguntou, enquanto esperavam o elevador chegar.

— Estou levando-a para cima, para que ela se deite.

— Não. — Kate de repente obrigou a si mesma a se ajeitar — Devemos voltar ao salão de recepção.

— Você não está em condições para ir a nenhum estúpido salão de recepção. — Luc argumentou. — Precisa de algo doce e descanso. Para reconstruir... — Ele fez uma pausa, ele não tinha vontade de dizer mais alguma coisa na frente de Chris.

— Eu só tenho que ficar sentada lá. Terão refrescos. — Kate insistiu. Ela se virou para Chris. — Já está quase terminando as premiações?

— Sim. Em meia hora, eu acho. — O editor olhou Lucern enquanto as portas do elevador se abriam, e eles ajudaram Kate a entrar — Deverá ficar bem no salão de recepção. Podemos vigiá-la. Chuck vai ter um ataque se não aparecer.





Lucern permaneceu em silêncio enquanto Chris pressionava o botão de descer. Ele não estava feliz com a decisão, mas não queria comprometer o trabalho de Kate. E ele poderia vigiá-la.





Capítulo 11

Kate derrubou as bolsas e viu tudo o que ela havia comprado cair em cima da cama, então, ela começou a separar através da pilha. Arrancando o suéter preto e o chapéu de lã preta, ela correu para o armário e pegou sua calça preta. Ela a vestiu rapidamente, colocando também seu suéter, mas enfiando o chapéu em seu bolso. Então, ela correu de volta para a cama e começou a jogar as coisas em sua nova mochila preta. Depois que estava pronta, ela checkou o relógio.

Kate passou a maior parte da tarde sentada em uma cadeira ao lado de Lucern no salão de recepção da Roundhouse, comendo toda a comida que ele empurrava para ela e bebendo obediente mente o suco de laranja que ele tinha feito Chris sair e encontrar. Kate começou a sentir-se melhor rapidamente depois de beber o suco de laranja e comer, pelo menos fisicamente melhor, entretanto, Lucern pairou ansiosamente em volta dela. O homem agiu como uma mãe pássaro.





Lucern também exalava culpa, visto que Kate poderia tê-lo chutado. Ele não tinha nada para se sentir culpado — ela praticamente o obrigou a tomar seu sangue. Sim, isso havia prejudicado-a momentaneamente, mas não a havia machucado no fim. Ainda assim, ela não tinha desejo de estar novamente no menu do jantar. Mesmo que a maior parte tenha sido prazerosa, ela evitaria a oferecer-se como outra refeição. Então ela havia se preocupado com o problema de como alimentá-lo durante toda tarde.

Kate tinha ido a várias conferências e nunca tinha visto o salão de recepção da Roundhouse tão ativo. Os fãs chegaram em massa, enchendo a sala até estourar, transbordando para o hall. Chuck estava claramente satisfeito. Allison, Tom e Deeana ficaram completamente ocupados respondendo às perguntas, e dando pequenos chaveiros com livros em miniatura para os leitores. Chris tinha sido forçado a deixar Lucern e Kate várias vezes para conversar com alguns de seus próprios escritores, mas tinha ficado tudo bem, eles fizeram muito bem feito. Com Lucern, os fãs foram abençoadamente gentis. Talvez tenha sido por causa do anúncio da Senhora Barrow de que ele não estava se sentindo bem, ou talvez fosse porque, embora ele já não parecesse ser um cadáver ambulante, Lucern ainda estava pálido e aparentemente frágil. Seja qual for o caso, os fãs,





que Kate temia poderem dominá-lo, tinham sido gentis e doces. Eles também tinham feito mais do que falar, dizendo à Lucern o quanto apreciavam seu trabalho e não parecendo perceber quão pouco ele falou em resposta.

Foi no salão de recepção que Kate tinha pensado em seu plano. Era arriscado e perigoso e absolutamente insano, mas foi a única coisa em que ela pode pensar. Sabendo que Lucern hesitaria, ela havia mantido o plano para si. Pediu para Cris acompanhá-lo para o jantar de reunião dos modelos de capa e tinha escapado para recolher o que eles precisavam. Sendo assim, ela examinou para ter certeza de que tinha tudo e olhou seu relógio novamente.

Ela havia instruído Chris a trazer Lucern de volta para o quarto logo após o jantar e ignorar o resto da noite. Isso deveria ser em breve. Seu olhar foi até a janela do hotel. O sol se pôs, enquanto ela estava sobre a sua tarefa; a noite estava escura lá fora. Isso era bom. Eles precisariam de escuridão.

O riso que veio do outro quarto disse a Kate que os homens haviam retornado. Curiosa quanto à sua frivolidade, ela deslizou para dentro da sala de estar. Suas sobrancelhas se levantaram quando viu a expressão desapontada de Lucern e o divertimento de Chris.





— Se divertiram? — Sua curiosidade cresceu no momento em que Chris riu novamente.

— Você não vai acreditar Kate. — seu amigo exclamou. — Eu nunca vi nada parecido. Quero dizer, você sabe como as mulheres podem se amontoar em volta dos poucos homens presentes como abelhas em torno de uma flor, mas esta foi uma loucura. Eu juro uma mulher realmente jogou-se no colo do Luc e se ofereceu a ele para todo mundo ouvir. Eu pensei que ele estivesse entrando em parafuso. — Ele riu novamente. — Luc parecia apavorado!

Lucern fez uma careta e assim que Chris passou a descrever vários outros avanços, ele teve que desviar. Tinha sido uma loucura lá em baixo. Lucern detestava as mulheres modernas, com seu comportamento agressivo, com exceção de Kate, é claro, que só foi agressiva na maneira mais agradável possível. Mas a mulher que ele e Chris tinham acabado de escapar... Meu Deus! Lucern não esteve tão incomodado desde a época, quando ele era um menino, e os moradores tinham atacado o castelo, tochas e tridentes nas mãos.

Ele estremeceu quando Chris contou a história da mulher que tinha saltado para dentro do elevador atrás deles. Ela realmente implorou para Lucern ser o pai de seu





filho, alegando que ela queria desesperadamente um filho tão talentoso como ele. Apesar do corpo roliço e dos estupendos seios da mulher, Lucern não teve problemas para recusar a generosa oferta. Ele, no entanto, teve problemas para resistir à vontade de uma pequena prova do gosto de seu sangue. Se Chris não estivesse lá, ele bem que poderia ter tentado, apesar do risco. A ajuda que Kate lhe havia dado anteriormente não durou muito tempo. Seu corpo estava realmente necessitado. Ele estava novamente, completamente desesperado para se alimentar. Era tão ruim que ele decidiu ir para seu quarto, deslizar através da porta que conduzia diretamente para o corredor, e ir encontrar ele mesmo um aperitivo. Vários aperitivos. Embora tivesse que se lembrar de não beber tão profundamente, como ele fez com Kate. Sua mãe e seu pai haviam lhe ensinado há muito tempo que não se abate as vacas que produzem o leite.

— Eu volto já.

Lucern voltou sua atenção para o que estava acontecendo ao seu redor.

Chris moveu-se até a porta.

— Disposto a enfrentar aquelas mulheres de novo? — Kate brincou.

Seu amigo sorriu.





— Eu tenho que falar com alguns dos meus autores. Além disso, eles não estavam me incomodando. Não com Lucern lá. Talvez eles façam sem ele — acrescentou com uma piscadela. Mas assim que ele abriu a porta, ele quase foi atropelado.

Lucern ficou pasmo de horror quando ele de repente se viu cercado por um bando de animadas mulheres, falando sem parar.

Cada uma delas estava empurrando e agarrando-o. Lucern recuou até que se encontrou contra uma parede, mas elas ainda amontoaram-se para à frente, pressionando contra ele, o cheiro doce do seu sangue, a única coisa na qual ele poderia realmente se concentrar. Ele pegou pedaços de palavras e frases aqui e ali, mas nada disso fazia sentido.

— Adoro seus livros...

— Não podia me dar ao luxo de assistir à conferência, mas permanecer aqui...

— Esperei ao redor do lobby...

— Reconheci você pela sua imagem na parte de trás do livro...

— Segui você até seu quarto...





— Eu te amo!

— Por favor, me morda. Me transforme em uma vampira...

— Autógrafo meus seios?

— Fora!

Lucern definitivamente ouviu e até mesmo entendeu o grito de Kate. Ele também ouviu as próximas palavras estridentes:

— Um pouco de sua ajuda especial não faria mal aqui, Luc!

Lucern sorriu. Ele adorava quando ela o chamava de Luc. Então o entendimento golpeou-o. Ela queria que ele usasse seu controle mental para convencer as mulheres a saírem. Ele só esperava que ele pudesse se concentrar o suficiente para fazê-lo.

Fazendo o seu melhor para ignorar a sua fome, Lucern tentou se concentrar. Ele enviou a mensagem para as mulheres de que elas queriam sair.

Kate e Chris, ambos ajudaram, cada um pegando duas mulheres por um braço e exortando-as em direção à porta.





Lucern lidou com as outras pelo controle da mente, liberando suas mentes no momento em que porta se fechou atrás delas.

— Nossa! —Chris murmurou quando ele virou a fechadura. — Morda-me? Me transforme em vampiro? Essas mulheres têm que aprender a diferença entre realidade e ficção.

Lucern e Kate trocaram olhares, mas não disseram nada enquanto Chris caminhou em direção à porta do seu quarto.

— Acho que vou fugir pela porta do meu quarto. Felizmente, as mulheres não estão vigiando essa. Vou parar na recepção do hotel e pedir aos homens da segurança enviar alguns para retirar as mulheres do salão.

— Tudo bem. Obrigada. — Kate acenou para ele ir embora. Ambos, Lucern e ela, estavam em silêncio, enquanto esperavam pelo som de abrir e fechar da porta.

Kate suspirou quando a porta bateu. Ela se virou para Lucern, com uma determinação de que, mesmo em seu estado de esgotamento, ele sabia que não podia ser bom. Suas primeiras palavras não o tranqüilizaram.

— Eu tenho um plano.





— O que você tem na bolsa? — Lucern perguntou com espanto assim que eles deixaram o hotel.

— Coisas — Kate respondeu um pouco bruscamente. Ela não estava satisfeita com ele no momento, porque ele não tinha seguido seu plano imediatamente. Ele a ouviu, uma expressão de descrença no rosto, em seguida, tentou conversar com ela sobre isso.

Ele tinha feito seu melhor para convencê-la a deixá-lo simplesmente morder um casal de convidados da conferência, vendo isto como um plano muito mais sensato, mas ela parecia ofendida por ele sequer pensar nisso.

Ele rapidamente se perguntou se ela poderia estar chateada porque ela não gostou da idéia de ela conceder a outra mulher às delícias que ele fez com ela, mas então ele deixou esse pensamento de lado. Ela já sabia, graças ao flagrante em que ele estava tentando se alimentar de Chris, que ele não precisava se preocupar com tais métodos. Ele supunha que ela estava apenas comumente ofendida em nome da própria humanidade. Os seres humanos não se importavam com o abate em massa de bezerros, mas pareciam irritados com a idéia de ser o alimento.

— Se estiver muito pesado, eu ficaria feliz em levá-la, como eu disse lá em cima — acrescentou Kate, entre dentes.





Lucern sentiu um sorriso ameaçando a sua irritação. Ele o forçou de volta imediatamente. Ele raramente sorria. Transpondo seu desejo de fazê-lo agora como apenas um sintoma do seu estado de falta de sangue, ele mudou sua bolsa para a outra mão. A mulher não ia desistir disso facilmente. Depois de uma hora argumentando, Lucern havia finalmente cedido ao seu plano. Principalmente porque ele estava com fome, ela era teimosa, e era a única maneira de sair do seu quarto. Ele sabia muito bem que ela poderia caçá-lo até que ele concordasse.

Ter cedido e concordado em tentar o seu plano de colher para ele uma refeição one-stop, não significava que Lucern havia desistido da educação. Quando ela produziu seu "saco de truques", como ela se referiu a ele, ele imediatamente insistiu em levá-lo. Kate parecia ver o movimento como uma desfeita a sua força. Ela pode cuidar de seus próprios sacos, muito obrigado. Mas ele não deixaria.

Meu Deus pensou Lucern. A mulher moderna certamente era um tormento.

— Aqui estamos. — Kate anunciou, levando-o a um táxi. Ela deu ao condutor um endereço enquanto Lucern a seguiu para dentro. Aparentemente, ela tinha feito a sua





investigação. Ela obviamente acreditava estar preparada — assim como Bastien.

Apesar da dor que ele estava sofrendo, Lucern sentiu os lábios dele estremecer com diversão. Ele não poderia remediar isso, Kate estava simplesmente tão deliciosamente atraente.

Não foi uma longa viagem. Quando o táxi parou e Lucern saiu, foi para descobrir que eles haviam descido em frente a um restaurante, de todos os lugares. Luc ficou olhando para o edifício estupefato enquanto Kate veio atrás dele.

— Kate, acho que estamos no lugar errado — disse ele, enquanto o táxi se afastou. — Eu não vejo...

— Por aqui. — Ela pegou seu braço e o guiou até a rua. — Eu não queria que o táxi nos deixasse na frente, no caso de nossa pequena aventura gerar notícias amanhã. O taxista teria se lembrado de nos pegar e largar lá fora, e eles seriam capazes de nos rastrear de volta para o hotel. Agora, isso não é uma preocupação. — Sua voz era frágil. Apesar de esta ser a sua idéia, ela parecia extremamente tensa.

— Ah, bom pensamento — Lucern murmurou. Ele não queria salienta que a forma como eles estavam vestidos — para não mencionar o tilintar metálico da mochila que ele





carregava — deveria torná-los memoráveis em qualquer lugar. E ser deixado há um par de edifícios de distância seria de pouca ajuda. Ainda assim, isso não seria uma preocupação. Lucern daria um jeito nisso. Ele não tinha intenção de pôr Kate em perigo.

Ele viu o edifício que buscavam, mas Kate agarrou seu braço e conduziu para trás dele. Ele estava prestes a perguntar por que, quando de repente ela virou em um beco que percorria ao longo do lado oposto do edifício.

— Eu examinei o local antes de ir às compras, — ela sussurrou, enquanto se escondia no beco, arrastando-o atrás dela com uma mão que parecia uma garra capturando seu pulso. Ela estava andando da forma mais peculiar, agachada, como se pensasse que iria reduzir a chance de ser vista.

Lucern observou seu comportamento com alguma perplexidade, e se perguntou se sua mente normalmente sensata tinha explodido. Certamente, ela entendia que caminhar daquela forma não a fazia menos visível, e também fazia parecer que ela não era boa. Aparentemente não.

Ele suspirou quando a ponta de seu sapato golpeou uma pedra e enviando-a ao longe, que passou quase roçando Kate. Ela irrompeu em uma corrida, arrastando-o com ela





até que alcançaram os contêineres de lixo na metade de caminho do beco. Colocou-o detrás destes, logo se agachou ali, olhando com temor ao seu redor.

— Você escutou isso? — Ela perguntou em um sussurro. — Pensei que tinha ouvido algo. Não vejo ninguém, entretanto. Talvez só um gato ou alguma coisa.

— Ou um rato. — Lucern se inclinou para lhe sussurrar em seu ouvido. Sabia que era malvado pelo que acabava de fazer, especialmente quando ele sabia o que ela tinha ouvido. Mas simplesmente não podia deixar isso passar. Ela era tão fácil de brincar. Não tinha tido muita diversão desde... Bom, séculos, compreendeu com certa surpresa.

— Um rato! — Kate se endireitou bruscamente, o topo de sua cabeça golpeando seu queixo.

Lucern cambaleou para trás. Estremecendo, esfregou o ponto aonde batera no mesmo tempo que Kate agarrou sua cabeça, emitindo um grito de dor. Que ela cortou quase imediatamente, certamente, mas ainda, Lucern não podia pensar que possivelmente a cautela estava além de todo este esforço. Kate não era muito boa nos negócios de crimes.

— Shh. — Disse ela severamente, como se Luc tivesse sido o que acabara de soltar o grito. Lucern a deixou passar com isso, invés disso assistiu com interesse enquanto ela





puxava dois gorros de lã de sua mochila. Colocando um sobre sua cabeça e tampando parte de sua cara. Era um mascara de ski. Quando ela teve os buracos ajustados a seus olhos e lábios, Kate deu o outro a ele.

— Coloque isso. — Tomando a mochila que ele sustentava, ela a colocou no chão com um som seco e metálico.

— Eu não vou pôr isto. — Disse ele com desdém.

Kate se levantou com um suspiro de impaciência.

— Coloque isso, Lucern. Não quero abrir os jornais manhã e encontrar sua pálida cara me fulminando com o olhar.

— Como poderia.

— Câmeras de Segurança. — Ela interrompeu com gravidade.

Lucern grunhiu.

— Eles dificilmente terão câmeras de segurança em um

— Todo mundo tem câmaras de segurança hoje em dia.
— Interrompeu-lhe outra vez — Isso abaixa o seguro ou alguma coisa.





Resmungando por baixo da respiração, Lucern se rendeu. Assumindo que era uma coisa estúpida, se sentia como um idiota, e estava agradecido que nenhum membro de sua família estivesse aqui para testemunhá-lo. Etienne em particular teria desfrutado em provocá-lo durante décadas. Saber que Kate não podia ver seu cenho franzido não evitou que lhe dirigisse um olhar particularmente feroz para ela. Não, ela não o notou; estava realmente ocupada examinando o que havia no interior de sua mochila. Havia uma horrível quantidade de coisas que se golpeavam e soavam continuamente.

Que diabos ela havia trazido? Perguntou-se com irritação.

— Em seus anos de vida, — ela começou a dizer com um tom tenso — Suponho que não aprendeu nada sobre arrombamento, verdade?

— Uma coisa ou duas. —Admitiu Lucern.

— Bom. —Pareceu um pouco aliviada. — Por que tudo o que sei sobre isso é o que vi pela TV.

Lucern arqueou uma sobrancelha, mas já que desta vez ele já sabia que ela não podia vê-lo, disse em um tom solene.

— Ninguém acreditaria nisso.





— É a verdade. —Disse-lhe com seriedade. — Eu gosto bastante de programas policiais, e somente me fixo neles. Espero ter conseguido o que necessitamos. Não tinha certeza — Eu só fui a uma loja de ferragens e agarrei tudo o que me parecia útil.

Ah. Isto explicava por que ela não tinha assistido à reunião. Lucern se ajoelhou a seu lado e olhou atentamente o que havia em sua mochila. A primeira coisa que viu foi vários objetos largos, bicudos. Pareciam se com chaves de fenda, mas com a ponta afiada. Havia vários deles, em vários tamanhos.

— Chaves de fendas? Para que são?

— São afiadas, com sua ponta rompiam coisas na TV. — Explicou Kate —Para abrir fechaduras. — Ela fez uma pausa, com expressão pensativa. — Ou com cartões de crédito. — Franziu o cenho brevemente, então amaldiçoou. — Sabia que deveria ter trazido a bolsa.

Lucern realmente não estava prestando atenção; continuava revisando a mochila.

— Uma chave inglesa? —Perguntou, levantando o maior e mais pesado instrumento de um encanador.





Kate mordeu o lábio e trocou de posição desconfortavelmente.

— Pensei que talvez se não conseguíssemos abrir as fechaduras, poderíamos quebrar uma janela.

Lucern arqueou sua outra sobrancelha, logo tirou um emaranhado de...

— Corda? Corda, Kate? Para que precisamos de corda?

— Em caso de que tivesse que sair por uma janela do segundo andar. — Explicou defensivamente.

— É um edifício de um andar. — Indicou.

— OH, sim. — Olhou atentamente ao edifício descontente, como se o edifício tivesse perdido um andar enquanto ela não o olhava.

— Pensei que você tinha investigado o lugar.

— E o fiz. Somente... — Ela agitou suas mãos nervosamente. — Okay, então você não terá que descer por nenhuma janela. Poderia amarrar alguém, então.

— Hmm. — Lucern alcançou o seguinte artigo. — Fita adesiva? — Tirou um cilindro da fita prata. Inclusive na escuridão, podia ver seu rubor.





— Papai sempre me dizia que não havia trabalho onde uma fita adesiva não fosse prática. — Disse sem muita convicção. Logo endireitou seus ombros e adicionou. — Você pode passar fita no vidro antes de quebrá-lo. Isto reduziria o ruído e os cristais. Ou se tivermos que amarrar alguém, com a fita seria impossível desatar-se.

— Pensei que a corda era para amarrá-los.

— Está bem. — Disse com irritação. — Use a corda para amarrá-los. Pode utilizar a fita para amordaçá-los e assim ter suas bocas fechadas.

Lucern quase riu em voz alta, mas conseguiu conter-se. Obviamente ela tinha considerado cada eventualidade. Exceto uma. Não necessitava nenhuma destas tolices. Colocou todos os objetos dentro de sua mochila a fechou, e se levantou.

— Espere aqui. — Ordenou e aproximou-se pelo beco até a porta lateral.

Como sempre, a mulher não o escutou, já que foi atrás dele. Sua voz lhe saiu alarmada quando perguntou.

— O que vai fazer?

— O que viemos fazer aqui. — Respondeu. — Roubar o banco de sangue.





Ele bateu na porta. Kate não podia acreditar nisso. *Não conseguia* acreditar. A idéia de Lucern de roubar o banco de sangue era bater na porta? Tinha que lhe conseguir uma televisão para que visse o que era a realidade. Ninguém bate e entra pela porta.

Talvez ele tenha perdido o juízo, pensou pesarosamente. Ao ter esse pensamento, Kate o considerou seriamente. Isto era definitivamente possível. A fome e a dor causada por sua carência de sangue poderiam tê-lo empurrado até o limite. Agora ele poderia ser um louco, pensou. Então lhe disse.

— Você está louco. — Resmungou no silêncio quando golpeou outra vez. — A sede de sangue te conduziu até o limite. Você—

Ela fechou sua boca quando a porta lateral se abriu. Kate estava tão surpreendida que simplesmente, esperou até o homem aparecer. Cabelo loiro avermelhado e mais ou menos com a sua mesma idade, usava um jaleco e uma expressão de interrogação como se fosse normal que as pessoas batessem na porta traseira a estas horas inoportunas.

Kate realmente não tinha esperado que ninguém respondesse, mas, se o tivesse, teria esperado outra classe de





trabalhador nos bancos de sangue. Eles deveriam estar todos em casa, verdade? Tinha esperado um guarda de segurança, ou talvez um membro da equipe de limpeza.

Seus pensamentos se distraíram quando o moço pareceu notar sua mascara de ski. Estava bastante segura de que isso era a causa do repentino pânico na cara do homem. Então ele começou a fechar a porta, Kate jogou uma olhada a Lucern e lhe deu uma cotovelada. Aparentemente, ela não tinha que ter-se incomodado. No próximo instante, o homem parou. Lucern já estava controlando sua mente.

Só havia silêncio enquanto Lucern simplesmente olhava fixamente ao homem, cuja cara lentamente ficou pálida. Lucern perguntou em tom muito agradável.

— Está sozinho?

— Sim — A voz do trabalhador saiu lenta, como se estivesse drogado.

— Tem câmeras de segurança aqui? — Perguntou Lucern.

Kate se sentiu justificada em ter insistido nas mascaras de ski quando o homem disse sim. Embora, Lucern, parecesse menos agradado. Ela supôs que ele tinha esperado tirar a mascara.





— Seria tão amável de nos mostrar a localização do suplemento de sangue? — Perguntou Lucern depois. Kate pôs os olhos em branco por sua cortesia do velho mundo. Parecia que este homem fazia tudo assim. Inclusive bater e entrar.

Quando o trabalhador do banco de sangue virou e percorreu o corredor, Lucern olhou para Kate.

— Espere aqui. Voltarei imediatamente.

— Sim, claro. — Foi sua resposta. Ela levantou sua mochila pôs sobre seu ombro e o seguiu para dentro. Isto tinha sido sua idéia; ela estaria muito brava se tivesse que esperar no beco, retorcendo as mãos como alguma heroína de débil caráter de uma novela romântica.

Lucern a olhou. Ela o fulminou com o olhar jogando a cabeça para trás. Movendo-se para seguir ao homem de jaleco, deixando Luc um passo detrás dela.

Ela olhou nervosa ao redor, quando se aproximaram do corredor. O banco de sangue estava tão silencioso quanto uma tumba. Não foi um pensamento feliz, decidiu, mas isto trouxe para sua memória caixões e se perguntou onde estariam os dele. Obviamente, Lucern não tinha que dormir em um. Enquanto que ele reforçasse a escuridão em sua habitação no hotel pendurando uma manta sobre as





cortinas, não teria que dormir em um caixão. Supôs que era algo mais que Stoker tinha entendido mal. Mas, claro, segundo Lucern, ele não necessitava um caixão porque não estava morto. Ele só estava velho.

Kate franzia o cenho, enquanto Luc e seu guia entravam em uma habitação com refrigeradores metálicos e com um cristal a seu redor. Luc *era muito velho*. Ela geralmente preferia sair com homens de sua idade. Lucern não entrava naquela categoria. Certamente poderia dizer que era o homem mais velho com o que ela alguma vez saiu. Talvez fosse o homem mais velho com o que alguém alguma vez já saiu.

Ela fez uma pausa justo no marco da porta e olhou como Lucern andava por ela por volta de um dos refrigeradores. Abriu a porta, revelando as filas do líquido vermelho que ele tanto necessitava.

Kate olhou atentamente o homem de jaleco. Ele parecia completamente alheio a tudo isso, como um zumbi a mercê de Lucern, e ela sentiu gratidão nesse momento por ter a mente tão forte. Se não, Luc poderia ter posto seus maléficos olhos sobre ela e conseguido dela tudo o que desejasse. Foi um pensamento alarmante.





Ela virou sua atenção para Lucern, que estava olhando com interesse, enquanto ele selecionava uma bolsa de sangue, e apertava seus dentes nisso. O procedimento foi bastante limpo. Ele aparentemente era capaz de solver o sangue diretamente por cima de seus dentes como um canudinho, porque ele somente ficou ali, com os dentes inseridos enquanto o sangue sumia. Foi relativamente rápido. Ao final Kate se encontrou olhando nervosamente por cima de seu ombro para o corredor enquanto acabava.

Lucern sorveu oito bolsas dessa maneira, uma depois da outra. Quando ele tinha terminado com a última, começou a fechar a porta do refrigerador. Mas Kate se precipitou para frente e o parou.

— O que você está fazendo? — Ele perguntou quando ela abriu sua mochila. E começou a introduzir bolsas em seu interior.

— Levando alguns para a viagem. Você precisara de mais amanhã. — Advertiu-lhe — E não quero experimentar isto outra vez.

Lucern assentiu.

— Pegue as bolsas vazias, também. — Instruiu-a. Então ele se moveu para o trabalhador do banco de sangue, murmurando algo que ela não podia ouvir.





— O que você disse? — Perguntou Kate enquanto eles se apressavam pelo corredor por onde tinham entrado.

— Instruí-o para que trocasse os registros para refletirem a diferença, para que não notassem o sangue que falta.

— OH. — Kate se calou quando deu um passo fora do recinto. Sentiu o ar fresco sobre seu rosto no momento que tirou a máscara com alívio, e notando que se esvaziava um pouco a tensão sofrida. Mas ela não relaxou completamente, não até que eles estivessem em um táxi e se dirigindo até o hotel. Sentia cada hora do relógio, tinha estado fora o dia todo. Ela não podia acreditar que tinha sido tão fácil. Batendo na porta? Jesus que fácil.

A mão de Lucern se fechou sobre a sua, e Kate o olhou com surpresa. O homem na realidade estava rindo. Típico. Ao menos, seu cenho habitualmente franzido tinha desaparecido. Isto era o equivalente de um sorriso para este homem, pensou agora suas bochechas estavam avermelhadas com a cor e as linhas de dor tinham desaparecido de sua cara. Não podia acreditar quanto sangue tinha bebido, mas pareceu ter funcionado. Ele parecia mais saudável do que jamais tinha visto.





Seu olhar caiu sobre a mão que cobria a sua, e girou a sua para entrelaçá-las. Sabia que ele havia sentido a tensão que sofria pelo agarre, e ele tentava lhe dizer sem palavras que estava tudo bem. Mas se sentia como uma adolescente segurando a mão de seu namorado pela primeira vez. Logo se arrependeu quando chegaram ao hotel e ele a liberou para pagar ao condutor.

Caminharam em silêncio enquanto percorriam o trajeto até o elevador e até seu andar, Kate se perguntava se ele a beijaria e lhe agradeceria sua ajuda uma vez que chegassem ao seu destino. Esperava isso dele. Também esperava dele algo mais que isso. Mas ela sabia que não seria assim quando entraram na suíte e escutaram a televisão. Chris estava de volta, relaxado no sofá.

— OH, Hey! Perguntava-me onde vocês dois estavam. Uma entrega chegou quando não estavam. — Ele apontou para uma caixa grande que estava sobre a mesa perto da janela. — Está dirigida à Lucern Argeneau ou Kate C. Leever. Acredito que seu irmão deve ser o remetente. Ele deve ter adivinhado tudo sozinho. — Ele viu como franziam o cenho por suas palavras, logo sacudiu sua cabeça. — Embora, acredite que a primeira caixa não deve ter chego de volta para ele ainda — só se passou um dia. — Ele encolheu os ombros. — Simplesmente deve ter enviado algo mais.





Kate já não escutava. Ela estava encarando a caixa em cima da mesa com incredulidade. Tinha “B.S. A” escrito em um lado. Banco de Sangue Argeneau? Deus querido. Toda aquela tensão nervosa e ansiedade tinham sido por nada.





Capítulo 12

Lucern deu uma olhada pelo salão de recepção em que Kate estava falando com Deanna Stancyk. Kate era fácil de localizar com sua saia amarelo brilhante e jaqueta de time, radiando vida e vitalidade, sorridente, seu rosto vigoroso, suas mãos se movimentando enquanto falava e ria. Ela era linda. Só olhá-la causava dor no peito de Luc. Embora pudesse ser indigestão, ele pensou ao se recordar do oleoso café-da-manhã.

Kate tinha estado terrivelmente silenciosa com ele desde que haviam voltado para a suíte na noite anterior e tinham encontrado a caixa enviada por Bastien. Ela nem havia seguido-o até seu quarto para saber o conteúdo da caixa, ela simplesmente lhe deu a mochila com as seis bolsas de sangue roubadas, murmurou-lhe boa noite e foi para seu quarto. O qual tornou a noite monótona para Lucern.

Ele esvaziou a caixa em seu quarto e guardou todo o sangue — tanto de suas aventuras como os de Bastien — no frigobar. Ele teve que retirar tudo que havia no frigobar para isso. Ele amontoou as latas de refrigerante, as garrafinhas de





álcool e os salgadinhos na penteadeira e então vagueou até a sala de estar e se jogou no sofá para ver TV com Chris por um tempo, na esperança de que Kate reaparecesse. Ela não reapareceu.

A tentação de ir até ela tinha sido forte. Com sua necessidade de sangue saciada, Lucern havia percebido outros desejos que o atormentavam — o principal dentre eles era simplesmente estar na presença de Kate. Sua companhia de alguma forma o fazia se sentir mais leve, jovem. Como se ele não tivesse existido por 600 anos e se sentido cansado de viver. A mulher estava causando uma devastação em sua mente.

Após assistir um péssimo filme de vampiros — *Querido Deus, porque os vampiros sempre são os vilões?*— Lucern deixou Chris ir e foi para sua cama. Levantou cedo, consumiu mais duas bolsas de sangue, colocou o “Não Perturbe” na porta para o corredor e na porta que dava para a sala de estar — para que a arrumadeira não encontrasse as bolsas de sangue no frigobar e desse um ataque — então se juntou à Kate e ao Chris para saírem para o café-da-manhã.

Os três comeram na parte principal da sala de jantar, junto com alguns escritores do RoundHouse. Lucern não





havia falado muito durante a refeição, apenas prestou atenção à conversa de Kate e Chris com os outros. Foi então que percebeu o quanto do tempo deles ele estava monopolizando. Estavam se fazendo de babá como se ele fosse uma criança. Ele quase sentiu vergonha.

Seu orgulho o fez reconhecer isso, então, quando eles foram para o salão de recepção, Lucern insistiu para que Kate transitasse livremente e conversasse com os outros escritores, dizendo que poderia cuidar de si mesmo. Ela pareceu despedaçada, mas no final cedeu à necessidade de passar o máximo de tempo possível com os escritores que pudesse. Ela dava uma olhada em sua direção freqüentemente, parando ocasionalmente para se assegurar de que estivesse bem, mas tinha passado a maior parte do tempo movendo-se pelo aposento, conversando e rindo, reconfortando e elogiando.

Chris também saiu para resolver seus negócios, cuidando de seus próprios escritores, deixando que Lucern se sentasse com os escritores que haviam tomado café. Luc havia gasto a maioria da manhã apenas escutando, fazendo um único comentário de vez em quando. Eram mulheres agradáveis, interessantes e criativas e o haviam incluído em seu círculo sem questionar. Mas também tendiam a agir de





maneira protetora com ele, o ajudando a dirigir sua multidão de fãs.

Ele apreciou sua assistência, mas Lucern estava começando a ter um complexo. Porque todo mundo pensava que ele precisava de proteção? Estavam agindo como se fosse frágil e — ele estremeceu — sensível. Lucern era o último homem sensível que ele conhecia. Porque em sua juventude tinha sido um guerreiro, pensando em nada mais do que derrubar homens com sua espada. Quando as pistolas tinham sido criadas, tinha participado de incontáveis duelos, matando homens com um disparo e cavalgando rapidamente para seu clube para tomar o café-da-manhã. Podia cuidar de si mesmo. Mas Kate e os outros pareciam não se dar conta disso. Kate ainda lhe vigiava tão protetoramente como se fosse uma mãe pássaro com sua cria quando fazia seu primeiro vôo e que vôo. Ele não tinha dúvida de que se precisasse ela estaria ao seu lado imediatamente.

Kate dirigiu o olhar em sua direção justo no momento em que pensava nisso, por isso Lucern a olhou tão furiosamente por confiar tão pouco nele.

— Kate é uma bela mulher. — Disse brandamente Jodi Hampton ao ouvido de Luc. — Também é muito doce e





generosa. Muitos de seus escritores estariam realmente angustiados se alguém a machucasse. E isso me inclui.

Lucern se voltou para a mulher com surpresa. Jodi tinha estado ao seu lado durante o café-da-manhã e tinha permanecido lá uma vez que tinham chegado à sala de descanso. Com cinqüenta anos, mas com uma vitalidade de uma mulher bem mais jovem, Jodi Hampton era uma das escritoras principais da Roundhouse Publicações. Ela tinha construído sua carreira por um duro caminho, aumentando o número de assinantes livro por livro para então fazer um repentino destaque e o tinha feito de tal forma que seus cinco últimos livros tinham entrado na lista dos mais vendidos do New York Times. Possivelmente por isso não era de surpreender que, além de atraente, fosse interessante e estivesse segura de si mesma. Era menos óbvio, embora Luc tenha se dado conta rapidamente, de que era também incrivelmente amável, embora agora soasse como uma mãe advertindo a um urso predador para que ficasse longe de seu filhote. Lucern gostava disso. Finalmente, havia alguém que não lhe via como indefeso, mas sim como um possível perigo. Embora apenas emocionalmente.

— Nunca faria mal a Kate. — Assegurou à mulher, sentindo afeto por ela. Gostava de mulheres inteligentes.





Jodi assentiu lentamente.

— Espero que não, Luke Amirault, porque eu gosto de você.

— Meu nome real é Argeneau. Lucern Argeneau. — Disse-lhe. — Só escrevo como Luke Amirault.

Jodi assentiu novamente e estendeu a mão.

— E meu nome real é Teresa Jordan. É um prazer lhe conhecer, Lucern.

— Chame-me Luc — Ele estreitou sua mão e sentiu que seus lábios se torciam em uma imitação de um sorriso. — Deduzo que escreve romances históricos, não é Teresa?

— Sim. E tenho todos seus textos históricos para me ajudar com a investigação. É muito mais jovem do que esperava. Embora suponha que deveria ter me dado conta. Seus livros não são como a maior parte desses livros empoeirados. Você trouxe outras eras à vida. Seus livros convertem a investigação em um prazer.

Lucern sentiu que sua boca se torcia novamente em um sorriso agradável. Sentiu-se estranho. Não estava acostumado a sorrir tanto. Só tinha começado a fazê-lo com a chegada de Kate em sua vida. Mas pensou que poderia acostumar-se.





Consciente de que o fluxo de fãs dentro da sala de descanso tinha diminuído, Lucern relaxou um pouco e começou a discutir história com sua nova amiga. Logo o grupo inteiro de escritoras de Roundhouse se juntou a eles.



— Está ficando mais quieto.

Kate assentiu quando Chris apareceu ao seu lado. Tinha sido uma longa manhã, mas produtiva. Kate estava bastante segura de que tinha conseguido trocar palavras com cada um dos escritores presentes no congresso. Agora merecia um descanso.

— É hora de comer. — Assinalou ela. — Provavelmente todo mundo está comendo. Reiniciarão tudo após o intervalo.

— Possivelmente deveríamos nos juntar a Luc e ir almoçar também. — Sugeriu Chris.

— Boa idéia. — Kate se voltou para localizar Lucern e o viu absorto em uma conversa com Jodi.

— Tenho certeza de que esteja mais relaxado agora que se sente melhor. — Sussurrou Chris enquanto cruzavam o





cômodo. — Não é tão difícil como dizia Edwin. Ou isso ou você tem sido uma boa influência para ele.

Kate soltou uma risada seca.

— Mais possivelmente foi á noite de meninos que vocês passaram que o deixou mais relaxado.

Chris riu.

— Não podia acreditar que ele não tivesse visto televisão. Entretanto, inundou-se nela como um patinho na água. Tem um grande senso de humor sob essa personalidade inglesa correta e ultrapassada. Eu gosto.

— Eu também. — Respondeu Kate automaticamente, descobrindo de repente que era verdade. Gostava de Lucern. Não estava segura do porque, mas era assim. E não era só por seus beijos ou por sua importância para sua carreira. Meditou porque gostava enquanto se aproximavam do grupo de escritores que debatia e esperou o momento apropriado para que sua presença fosse notada.

Lucern tinha sido rude e áspero a primeira vez que ela se apresentou em sua porta, mas não o suficiente para mandá-la para casa ou enviá-la para longe. O que tinha todo o direito de fazer. Tinha-lhe permitido que lhe arrastasse as compras, seguindo-a sem queixar-se por todo mercado e





comido sua comida. Tinha sido difícil sobre aquelas cartas, mas Kate entendia agora que não tinha sido proposital.

Ela recordou ter lido a carta de uma leitora perguntando se Lucern a converteria em vampiro e o abrupto “não” de Luc. Também se recordou da carta da leitora que se apaixonou por Etienne e a resposta do Luc: “Está comprometido” Nesse momento, ela tinha pensado que estava sendo deliberadamente difícil, mas agora tudo estava claro. Quase riu em voz alta, embora então lhe tivesse gritado.

Luc era um homem honesto, um homem de palavra. Tinha prometido fazer uma promoção e apesar de ter sido enganado lhe dizendo que era apenas uma entrevista, tinha mantido sua palavra. Agora estava assistindo a um congresso quando sabia que não havia poder na terra que o houvesse levado lá se não tivesse dado sua palavra. Era um homem de honra. Também era cavalheiro e gentil. Só de olhar como tinha se recusado a mordê-la e lhe causar dor embora sentisse uma grande necessidade.

E óbvio, estava começando a suspeitar que tivesse um malvado senso de humor sob sua correta fachada. Algumas vezes via um brilho em seus olhos, normalmente quando





estava sendo mais obtuso, que a fazia pensar que estava provocando-a propositalmente.

— Oh. Olá.

Kate se arrancou de seus pensamentos e sorriu quando Jodi a saudou.

— Estávamos pensando em sair para comer enquanto está tranqüilo. — Chris disse. — Alguém quer ir?

As escritoras estavam todas em pé imediatamente, agarrando suas coisas. Parecia que todo mundo estava preparado para um descanso. Kate sorriu para Lucern, que se moveu para seu lado e pegou seu braço. A ação soou proprietária, quase possessiva, mas Kate suspeitava que fosse apenas sua educação. Seu cavalheirismo natural.

Alguém sugeriu deixar o hotel e escapar da atmosfera do congresso por um momento, mas Kate se sentiu preocupada com o efeito do sol em Lucern. Parecendo sentir sua preocupação, Luc a olhou furiosamente. Resmungou que estaria bem; tinha seu “remédio”.

— Que remédio? — Perguntou Jodi.

— Lucern tem um tipo de alergia ao sol. — Explicou Kate á contra gosto. Logo se apressou a acrescentar. — Mas ele tem um... Er.... remédio lá em cima, assim estou mais





segura de que ficará bem. Podemos encontrar um restaurante aqui por perto se quiserem.

— Não. Não tem porque ficar arrastando ele enquanto procuram um lugar. Não queremos que fique doente. Não comemos ainda no bar do hotel. Podemos provar. — Sugeriu Jodi. As outras mulheres estavam de acordo.

Conforme foram retornando, as outras escritoras começaram a fazer brincadeiras com Lucern, comentando que escrevia romances de vampiros e era alérgico ao sol.

— Huummm. Possivelmente deveríamos olhar nossos pescoços. — Brincou Jodi.

Kate estava horrorizada. O que tinha começado? Cada vez ficava mais tensa e ansiosa pelas brincadeiras, mas Lucern parecia não dar importância a elas. Finalmente a conversa se direcionou a outros temas. Chegaram ao bar e se sentaram.

A comida era deliciosa, um prazer acrescentado pela companhia. Quando terminaram, todo mundo parecia relutante em ir, assim Kate decidiu que um pouco de diversão não ia ser ruim antes que guiasse a todos de novo a sala de descanso.





— Possivelmente poderíamos dar uma olhada nos outros eventos que estão sendo realizados por aqui. — Sugeriu ela.

Jodi tirou sua agenda do congresso e leu as opções. Havia programas educativos para escritores, uma demonstração de cozinha chamada “Cozinhar com Amor”, leituras de mente e astrológicas e aulas de dança.

Duas das escritoras queriam olhar os programas para escritores, mas prometeram que voltariam para a sala de descanso mais tarde. Duas mais se foram para a demonstração de cozinha e prometeram o mesmo. Alguém queria ir às aulas de dança e arrastou a força e grunhindo Chris. O que deixou apenas Jodi, Kate e Lucern.

— Bom, nos resta olhar a leitura de mente e a astrologia. — Anunciou Jodi, fechando a agenda e deslizando-a em sua bolsa.

— Parece divertido. — Kate empurrou sua cadeira para trás para se levantar. Ao olhar casualmente para Lucern, ficou surpresa ao ver que parecia em dúvida. Jodi notou também.

— Qual o problema, Luc? Assustado de que a vidente veja algo ruim em seu futuro? — Brincou a escritora.





Lucern fez uma careta.

— Ou no meu passado.

Ele tinha falado em seu habitual tom áspero, mas havia um brilho brincalhão em seus olhos que Kate notou que estava começando a reconhecer. Aparentemente Jodi o reconheceu também, porque riu. *Se acalme*, Kate desejou. Lucern tinha um longo passado. Seiscentos anos. Era muito tempo. Encontrou-se se perguntando sobre todos os anos que havia vivido. Tinha amado alguém? Estado casado? Tido filhos? Agora estava solteiro, ou ao menos era o que parecia. Querido Deus, ela nem tinha certeza disso. Ele poderia ter uma mulher. Poderia ter filhos. Poderia...

— Então, como conseguiu evitar se casar por tanto tempo, Lucern? Ou está casado? — Perguntou Jodi, como se tivesse lido os pensamentos de Kate. A mulher sempre tinha uma forma de fazer isso, o que convertia Kate a um bebê nervoso. Possivelmente a escritora tinha alguma habilidade psíquica. Pro inferno que poderia ler mentes e soube que Lucern estava abrindo a mente de Kate para todas as possibilidades das quais teria rido antes. Kate decidiu que guardaria seus pensamentos diante da mulher de agora em diante... Só por segurança.





— E quantos anos tem, afinal? — Continuou a escritora. — Trinta e cinco ou algo assim?

Kate viu a boca de Lucern esboçar um estranho sorriso torcido.

— Algo assim. — Respondeu ele. — E não, nunca estive casado.

— Porque não? — Aparentemente Jodi não tinha problemas em ser curiosa. Para o assombro de Kate, Lucern parecia se divertir com tais perguntas feitas. Parecia que Chris tinha razão. Luc estava se tranqüilizando.

— Quem iria me querer? — Perguntou levemente. Havia um brilho malévolo em seus olhos.

Jodi dirigiu então o olhar para Kate e Kate se sentiu ruborizar. Ela tinha notado sua atração por Lucern? Querido Deus, ela realmente teria que ter mais cuidado.

— Aqui estamos. — Anunciou com decidida alegria. A frente estava o sinal que indicava a sala com as leituras astrológicas e da mente.

Havia um conjunto de mesas pequenas distribuídas ao redor do cômodo. Cada mesa estava atribuída com um vidente ou um astrólogo, com seus signos e sua parafernália distribuída ao redor deles. Havia apenas uma cadeira em





cada mesa além da do leitor. Um cliente de cada vez, obrigada. Havia também mesas onde se podiam comprar cristais e coisas do gênero. Era mais como uma feira paranormal.

— Vou a quem tire minha carta astral. — Anunciou Jodi. — Depois vou pedir uma leitura astrológica. E também uma da mente. — Os olhos verdes da escritora brilharam. Estava obviamente entusiasmada.

Kate nunca tinha estado em uma vidente em sua vida e não tinha nenhuma pista de por onde começar. O olhar de Lucern mostrou que estava aborrecido, assim Kate fez gestos a Jodi e sorriu.

— Lidere MacDuff.



— É uma alma muito jovem, luminosa e transborda amor e entusiasmo por experimentar tudo que o mundo tem a oferecer.

Lucern permaneceu em silencio enquanto a suposta vidente batia suas pestanas diante dele, mas Kate bufou com ironia atrás dele. A vidente deixou de revoar sua mão tempo suficiente para olhá-la, logo continuou.





— Viveu muitas, muitas vidas.

Kate bufou novamente.

— Quando teve tempo?

— Como diz? — A vidente a olhou de maneira desagradável.

— Pensei que fosse uma alma jovem. — Assinalou Kate. — Como pode ser uma alma jovem se viveu muitas vidas? — Ela tocou o braço de Lucern. — Vamos. Isto é um desperdício de dinheiro.

Lucern ficou de pé imediatamente, conduzindo Jodi e Kate para longe do olhar venenoso da vidente. Estavam se dirigindo para a saída quando Jodi parou, forçando Kate e Luc a pararem também.

— Não, espere. Quero leitura dela. — A escritora apontou para uma mesa onde uma anciã de cabelo branco se sentava sozinha, sem fila alguma como as outras mesas. Kate supunha que era a falta de uma cristaleira vistosa que a tinha feito menos popular. O resto dos videntes usava roupas brilhantes e tinham pôsteres dramáticos e toalhas de mesa gritantes; esta mulher não se incomodou sequer em por uma toalha e usava um traje bege que lhe garantia desvanecer-se por entre a multidão e um simples símbolo.





— Ela? — Perguntou Kate com desconfiança. A mulher não parecia ter muito êxito, embora estivesse serena.

— O talento verdadeiro não se incomoda com brilho. — Disse Jodi. Todos se aproximaram.

Kate e Lucern observaram solenemente como a mulher tomava a mão de Jodi. Disse que Jodi era uma escritora, o que Kate pensou que não era difícil de adivinhar, já que este era um congresso de escritores. As possibilidades se repartiam aos cinqüenta por cento entre escritora e leitora. A mulher depois falou que ela era bem sucedida e que TAM pouco era uma revelação muito surpreendente. Podia ter reconhecido a foto de Jodi nas fotos detrás do livro.

A seguinte declaração surpreendeu Kate. A vidente disse a Jodi que ainda sofria por uma dolorosa perda que tinha ocorrido já fazia um tempo, a de seu companheiro de alma. Kate sentiu arrepiar os pelos da nuca. Não era do conhecimento do público, mas o marido de Jodi tinha morrido fazia quatro anos, um ano antes que começasse a publicar. Kate também sabia que Jodi ainda chorava por ele. Afirmava que tinha sido seu único verdadeiro amor.

A vidente esfregou a mão de Jodi tranquilizadamente e lhe disse que seu amor estava ali com eles nesse momento e que sempre estava perto. Mas também lhe disse que ele





queria que Jodi continuasse vivendo. Alguém entraria logo em sua vida e embora não fosse seu companheiro de alma como tinha sido seu primeiro amor, seria o amigo mais querido, seu amante e companheiro para o resto de sua vida e a vidente disse que o primeiro amor de Jodi desejava que fosse assim.

Os olhos de Jodi se cobriram de lágrimas. Levantou-se e se dirigiu para perto de Lucern e Kate. Kate estava tentando encontrar algo para dizer que animasse o ambiente quando Lucern comentou de repente.

— Bom, parece que depois de tudo terá relações sexuais antes de morrer.

Kate lhe dirigiu um olhar horrorizado. Nunca tinha ouvido esse homem falar de uma forma tão crua. Nem sequer lhe tinha ouvido utilizar essas expressões modernas. Ela virou para Jodi ainda em choque, mas a escritora só explodiu numa risada.

— Sim, parece que sim. Isso não é bom? — Jodi suspirou e tocou o braço de Luc. Então explicou a Kate. — As mulheres tinham falado de sexo, é óbvio, quando voltaram para a sala de descanso. Beth se lamentava do fato de que seus personagens tivessem melhor sexo que ela e eu bufei e lhe disse que pelo menos ela tinha algo que eu





duvidava voltar a ter antes de morrer. Mas agora parece que vou ter sim!

Ela sorriu para Lucern e logo o convidou para sentar-se na cadeira.

— Sua vez, amigo. Quero ouvir o que ela tem a dizer a seu respeito.

Kate assistiu á anciã fatigar enquanto Luc se sentava. Por um momento, sentiu um toque de desconforto. Era óbvio que o casal tinha desenvolvido certa amizade esta manhã e Kate se envergonhou ao descobrir que o que sentia era ciúmes. Não fazendo caso de seus pensamentos mesquinhos, voltou sua atenção a vidente, que tinha reclamado a mão de Luc e agora estava movendo seus dedos ligeiramente sobre ela. Seus olhos estavam fechados para se concentrar.

— Você é muito velho. — Disse a mulher em tons tranqüilizadores. Abriu os olhos para olhar seu bonito e jovem rosto, mas franziu o cenho em confusão, então os fechou novamente. — É sua alma que deve ser velha. — Corrigiu. — Muito velha. Você teve muitos amores.

Kate sentiu que algo se apertava em seu peito antes que a mulher corrigisse o que havia dito.





— Não, amores não. Amantes. Teve muitas. Muitas muitas. — Acrescentou ela, soando surpreendida novamente. Então piscou os olhos exageradamente para perguntar com certa mortificação. — Quando teve tempo para dormir?

Os lábios de Kate se torceram. Supunha que Luc tinha estado com muitas mulheres. Era um homem saudável de uns seiscentos anos. Ainda que tivesse tido uma amante por ano, isso fazia seiscentas. Se tivesse tido mais de três por ano sua mente se sobressaltou. Com um horror, decidiu que teria que perguntar se os vampiros podiam adquirir e transmitir uma DST. Esperava que não, mas honestamente era algo que precisava saber.

— Tinha começado a se cansar da vida. — Continuou a vidente, captando a atenção de Kate. — Tudo parecia tão duro e as crueldades do homem tinham começado a te esgotar. Mas algo, não, não algo a não ser alguém, alguém te revigorou. Tem te feito sentir de novo que viver vale à pena. Que ainda há alegria para ter.

A língua de Kate pareceu prender no céu de sua boca. Alguém? Quem? Algo secreto em seu interior esperava que fosse ela. Ao mesmo tempo a idéia a aterrorizava. Sentia-se atraída por Lucern. Tinha chegado inclusive a gostar e lhe respeitar, mas...





— Agarre-a. — A mulher tinha o olhar profundamente cravado nos olhos de Luc. — Terá que lutar por ela, mas não da forma que está acostumado. As armas e a força física não lhe ajudarão nesta batalha. Terá que combater seu orgulho e seus próprios medos. Se falhar, seu coração se murchará em seu peito e morrerá como um homem sozinho, velho e amargurado, lamentando pelo que não fez.

Lucern sacudiu com força sua mão para libertá-la então ficou de pé e se afastou. Kate ficou de pé para segui-lo, mas a vidente de repente pegou sua mão.

— Espera. Seu homem estará bem em um minuto.

Kate endureceu. — Ele não é meu homem.

A expressão da vidente sugeriu que Kate não estava enganando a ninguém.

— É especial, seu homem. — Disse-lhe a mulher. — Mas para estar com ele terá que fazer uma escolha. Terá de desistir de tudo. Se tiver coragem, tudo o que desejou alguma vez será seu. Se não... — Ela encolheu os ombros e liberou a mão de Kate. — Agora vá com seu homem. Apenas você pode acalmá-lo.

Kate correu atrás de Lucern, consciente de que Jodi estava em seus calcanhares. A pele de seu pulso latejava





onde a vidente a havia tocado, ardendo como se tivesse tomado um choque. Kate esfregou distraidamente, com seus pensamentos dispersos. Teria que deixar tudo, mas conseguiria tudo o que tinha sonhado? Como poderia ser possível? Afastou a preocupação para longe enquanto se apressava para fora do cômodo e avistava Lucern desaparecendo na esquina.

Quando as duas mulheres lhe alcançaram na sala de descanso de Roudnhouse Publicações, Luc estava sentado em uma mesa, rodeado de fãs.

Allison estava fazendo gestos a Kate para que se unisse a eles no outro lado da sala. Kate olhou com incerteza de sua chefe a Lucern.

— Eu verei se Luc está bem. Você pode ir ver o que seu chefe quer. — Sugeriu Jodi, lhe dando um empurrãozinho em direção ao editor chefe. — Não vamos estar muito tempo por aqui, de qualquer forma. Estão fechando cedo para dar tempo a todo mundo para que se prepare para o Baile de fantasias Renascentista e o banquete.

Oh, sim, pensou Kate enquanto se aproximava de seu chefe. Esta noite era o baile de fantasias.





Lucern assentiu solenemente quando o leitor com que estava falando se levantou e foi conversar com Jodi. Já estava se acostumando a conversar com leitores. A princípio não se esforçou muito, mas o bate-papo com Kate em sua casa continuava ressonando em sua mente, como, sem eles, ele não iria ser publicado. Que ele tocara suas vidas e que eles só desejavam lhe dizer isso. Tinha aprendido a responder de uma maneira agradável aos embaraçosos cumprimentos que lhe davam de presente, mas tinha descoberto que um pouco de esforço e os leitores se abriam mais a ele. Diziam-lhe coisas, davam-lhe partes deles mesmos que não sabiam como lidar.

Uma mulher lhe tinha dito que acabara de perder seu jovem filho, que a vida lhe parecia desolada e interminavelmente cruel, mas que tinha encontrado evasão e esperança em seus livros. Possivelmente a vida voltasse a estar bem algum dia. Então tinha forçado uma risada e lhe dito que somente desejava que o vampirismo fosse real, que se tivesse acreditado nisso, teria procurado por toda a terra um vampiro que salvasse seu filho.

Lucern tinha sofrido pela mulher. Havia sentido a dor que penetrava em seu corpo. Sabia que era errado, mas não poderia deixá-la simplesmente ir embora. Entrou na mente da mulher e não removeu sua dor, mas a aliviou para que as





boas lembranças fossem mais fortes que as ruínas. Ela foi embora sorrindo.

Hoje havia se encontrado com muita gente ferida. Uma vez aberta sua mente aos outros, ele parecia tão próximo a eles que não conseguia voltar. Mas tinha encontrado muita gente que estava bem, também. Tinha achado toda essa experiência interessante, para não dizer algo mais. Tinha escrito seus livros por razões puramente egoístas, para relembrar da verdade. Mas agora via que os livros estavam tocando a vida de muitos outros. Isso o fez querer provar seu talento com genuína ficção, algo que nunca tinha considerado. Tinha começado sua vida como um guerreiro. Depois de umas centenas de anos se tornou algo como um libertino. Quando tinha se cansado disso, vestiu-se com as roupas de um personagem estudioso que teve repulsa na história. Possivelmente era hora de buscar uma profissão mais criativa. Mas seria bom nisso?

— Okay. Hora de ir. — Kate apareceu repentinamente a seu lado. — Allison está fechando a sala de descanso mais cedo para que todo mundo tenha tempo suficiente para se preparar para o Baile Renascentista.

Luc deu um suspiro de alívio. Os outros escritores pareceram fazer eco. Embora fosse gratificante falar com os





leitores, também era exaustivo. Lucern estava surpreso do quanto que estava exausto.

Enquanto caminhava com Kate para o elevador, recordou-se de se alimentar antes do baile. Era absolutamente necessário. Isso levou seus pensamentos ao assunto do baile. Um baile Renascentista.

Bom, ele tinha lembranças muito agradáveis dessa época. Por essa razão, Lucern estava seguro de que o baile da noite seria divertido.





Capítulo 13

O período Renascentista era horrível. Ao pensar sobre este período Lucern esqueceu uma coisa: as roupas que as mulheres usavam. Ele lembrou-se infelizmente exatamente no momento que Kate saía do seu quarto e entrou na sala que eles dividiam.

Ela usava um vestido de corpo inteiro Elisabetano, de brocado, cor de vinho com um laço branco. Ele possuía um corpete de veludo com um tradicional stomacher. Suas longas saias e mangas eram pregueadas. Ela parecia realmente bonita.

Mas era o corpete que realmente completou o vestido, apertando os seios de forma que eles ficaram perfeitamente levantados. A boca de Lucern começou a salivar no momento em que ela entrou. Em seguida ele percebeu que logo ele não seria o único a vê-la com aquela roupa. Kate iria usá-la em público. Ele pensou, por fim não gostando nada daquele traje.





Lucern tinha acabado de abrir a boca para dizer-lhe que não gostara da roupa, quando ela piscou olhando para ele e perguntou:

— Que diabos você está vestindo?

Ele parou surpreendido. Olhando suas vestes, seu traje azul escuro, falou — Está é uma peça tradicional do século XVI. Não foi o que você pediu?

— Sim claro, mas eu apenas disse a eles os tamanhos eu não especifiquei... — Kate parou de repente franzindo o cenho para ele.

— Você não gostou?

— Gostei? Bem é apenas... Você parece... Ham... Frufru. — Ela disse por fim. — Eu quero dizer... Essas calças collant preta, modelam muito bem as pernas, mas...?

— Elas são chamadas de trunk hose¹⁸. — Lucern informou. Ele ainda estava tentando entender o que queria dizer frufru. Pareci uma coisa tão comum a forma como ela falou. Infelizmente, ele não se manteve atualizado com os eufemismos modernos. Ele realmente precisava sair mais. — Eu pensei que você editava romances históricos também. — Disse ele num tom de voz um tanto irritado.

¹⁸Estilo da calça usada a partir da idade média até meados do séc. XVII. Veja exemplo aqui <http://www.gallimauphry.com/PD/elizabeth/shakespeare.html>





— A maioria Medieval — ela explicou. — A Renascença não é muito popular. — Seus lábios torcidos de lado com um leve franzido. — Bem, então o que... Er... — ela acenou em direção da sua virilha. — essa coisa que parece de pato?

Lucern suspirou

— É um codpiece¹⁹.

— Oh — Ela lentamente balançou sua cabeça, considerando o item exagerado.

Lucern olhou para baixo considerando também o item. Era enorme, um saco reduzido e inchado ornamentado com vários pinos de jóias. Seu armazenamento era disforme e lembrava vagamente um pato. Este era obviamente um traje Renascentista. O codpiece havia saído de moda durante o reinado de Elizabeth.

— Eu li sobre eles, mas eu pensei que eles fossem... Er... Mais redondos ou algo assim. Você vai acabar se machucando. Alguém pode passar por você e acabar batendo nele e—

¹⁹Uma espécie de tapa sexo medieval

(<http://caracterescomespaco.wordpress.com/2010/02/25/na-zona-da-braguilha/>)





— Ei, vocês dois estão ótimos. — Chris saiu de seu quarto vestindo um traje vermelho e bordo, parecido com o de Lucern. Seu codpiece, no entanto, parecia mais normal.

Lucern sorriu para o jovem rapaz, sentindo a tensão ir embora. Ele não se importava por Kate falar de seu figurino, ou pior ainda ter sua atenção focada em seu codpiece. Saber que ela estava olhando fizera que aquela parte da sua anatomia se agitasse com interesse.

— Então — Chris olhou de um para o outro — vocês estão prontos para irmos?

Kate estava fazendo o melhor para não respirar, certa que seus seios iriam saltar para fora do vestido, mas todas as vezes que necessitava fazer uma reverência, ela também rezava para que eles ficassem no lugar. Felizmente eles ficaram — mas todas as vezes que ela procurava em volta por Lucern, ela notava cada homem olhando para seu decote, e achava isso bastante interessante. O que ela não estava achando nada interessante eram todas as mulheres olhando para a codpiece de Luc. O maldito brilhava por conta dos pinos de jóias, chamando a atenção, seus próprios olhos pegos, várias vezes por conta daquele brilho. Aquela distração era terrivelmente embaraçosa. Não que parecesse que Lucern notava alguma coisa. Se ele estava ciente das





duas mil mulheres curiosas olhando para sua virilha, não dava pra perceber enquanto ele caminhava com orgulho. Ela não sabia de onde vinha tanta coragem. Se ela estivesse usando cones em seus seios ela teria se encolhido tentando esconder e não mostrá-los com orgulho.

— Uau, está ótima essa festa, hem? — Chris comentou.

Kate olhou a sua volta todo o entretenimento. Havia músicos, palhaços, dançarinos e trovadores. Ela concordou que realmente parecia com o que ela imaginou que fosse naquela época. Então apertando o braço de Lucern, ela se aproximou de sua orelha e perguntou. — Era realmente assim?

Ele hesitou. — Algo parecido, é claro que a iluminação seria mais leve, já que tínhamos apenas velas, não existia eletricidade. O chão teria sido coberto por juncos. Os cães e os ratos teriam sido recolhidos e limpos para o caso de necessitarmos de mais comida. O cheiro teria sido muito menos agradável e —

—Ok— Kate interrompeu. — Eu acho nossa versão melhor.

— Humhum. — Ele balançou a cabeça.





Mal eles tinham encontrado uma mesa, quando Jodi e vários outros escritores se juntaram a eles. Espantados com a realização de Lady Barrow, este se tornou o ponto principal da conversa. Afinal os bobos eram bastante divertidos e os menestréis estavam a tocar instrumentos antigos. O jantar servido estava delicioso, um verdadeiro tradicional da Renascença.

Uma vez que os pratos haviam sido servidos e retirados a dança começou. Lucern murmurou que voltaria logo, Kate, presumindo que ele necessitava ir ao banheiro, assentiu distraidamente, sua atenção nos pares rodopiando ao som da musica no salão. Ela então se virou para dar atenção a Jodi que havia sentado ao lado de Lucern, mas parou ao perceber que Lucern ainda estava em seu assento. —Eu pensei que você fosse...

Sua voz falhou quando ela observou que suas mãos estavam em baixo da mesa. Ele parecia estar fazendo algo. — O que...?— Ela tentou dizer espantada.

— Eu estou preso a algo. — Ele falou brevemente.

Kate piscou confusa. — O que você quer dizer, você esta preso em alguma coisa?— Ela começou a imaginar,... Era melhor não fazer isso, não pensar nisso. Mas ela logo percebeu que era muito pior do que o seu pensamento.





— A toalha de mesa. — Ele comentou, afastando um pouco para o lado para enxergar melhor o problema. — Um dos pinos.

Isso era tudo o que ele precisava dizer, pronto. Kate tinha a imagem de seu codpiece preso através de um dos pinos de jóias a toalha de mesa. Mas para seu horror uma risada escapou de seus lábios.

Lucern não achou graça. — Isso não é engraçado. — disse ele severamente. — Eu preciso me aliviar urgentemente e não consigo me levantar.

— Então sua gente precisa ir ao banheiro também? — Kate perguntou com interesse.

Lucern olhou para ela como se tivesse enlouquecido. — De onde você tira suas idéias?

— Bem, — ela se explicou em sua defesa, — Bram em seus livros nunca escreveu que Drácula necessitava aliviar-se. Eu apenas nunca pensei—

— Eu duvido que ele escrever se sobre Nina aliviar-se também, — Lucern rosnou. Puxando a toalha da mesa e vendo tudo deslizar por uma polegada em direção a ele.

A conversa em torno da mesa parou. Kate olhou para cima e percebeu que todos estavam olhando para Lucern





com diferentes níveis de fascinação horrorizada. Sabendo que Lucern nunca pediria ajuda, Kate decidiu salvar seu orgulho. Ela chamou atenção para si mesma, limpando sua garganta e depois sorriu para Chris. — CK você pode ajudar Lucern? Ele está em dificuldades.

— Claro. Qual o problema? — Seu amigo começou a levantar.

— Um dos pinos de jóias do seu codpiece está preso a toalha da mesa, talvez você possa ir por debaixo da mesa e soltá-lo. — Ela sugeriu.

Chris riu e fez uma pausa. — Você está brincando, certo?

Quando ela balançou a cabeça, ele caiu abruptamente de volta em sua cadeira. — Desculpe, mas remoção de codpiece não é o meu departamento.

— Chris — Kate disse severamente.

— Kate — Chris respondeu secamente. — Ele é o seu escritor. Você abaixe na mesa e remova o codpiece, isso não é o meu departamento.

— Eu pensei que você gostasse dele. — Ela disse de forma acusadora.





— Não tanto assim. — Chris respondeu de volta. Depois ele olhou e se desculpou com Lucern. — Desculpe. Luc.

— Eu entendo, eu vou manejar isso. — Ele respondeu com dignidade, mas ele estava com as faces coradas. Kate notou com interesse. Ela não sabia que vampiros podiam corar.

Ele puxou novamente a toalha em seus esforços, Kate franziu o cenho. Ele estava a caminho de virar a mesa, ou destruir a fantasia que ela havia alugado. Nenhuma das duas opções era boa. Ela não tinha nenhum interesse em encontrar os restos do jantar em seu traje alugado, e certamente ela não queria ter que pagar para limpá-lo. Ela também não queria ter que substituir o codpiece que Lucern usava por que ele o arruinou. Ela então tomou o último gole de seu vinho, colocando o copo na mesa virou-se para Lucern.

— Ok. Tire suas mãos do meio e me deixe dar uma olhada.

Lucern hesitou, então juntou as mãos em cima da mesa. Kate prontamente inclinou-se para tentar ver o que estava acontecendo. Ela estava no ângulo errado. — Você não pode afastar-se mais um pouco? — Ela perguntou.





— Não, a não ser que eu leve a toalha da mesa comigo.
— Ele respondeu.

Ela se endireitou e olhou em volta conscientemente, não foi surpreendida ao notar que a mesa estava cercada pelos escritores todos olhando avidamente. Seu olhar encontrou Jodi do lado oposto de Lucern. — Eu não consigo ver por este ângulo. Vou ter que olhar por debaixo da mesa.

Jodi rolou os olhos; então se levantou. — Vamos lá, meninas. Não existe necessidade alguma que todos saibam o que esta acontecendo. Nós podemos agir como uma barricada.

Prontamente as outras autoras levantaram de suas cadeiras mudando de lugar. Kate sorriu com alívio ao perceber que formavam um semicírculo em torno de Lucern e de seu assento, suas amplas saias fazendo uma agradável cortina. Chris fora o único a continuar sentado. Ele assistiu a operação com os olhos arregalados, aparentemente sem ter certeza se deveria estar horrorizado ou rindo.

— Vá em frente — Jodi disse quando todos estavam em seus lugares. As outras escritoras assentiram.

Kate se sentiu ridícula como um soldado a ser enviada sozinha em uma missão secreta. Desejando desesperadamente mais vinho, ela respirou fundo, em





seguida deslizou para fora de seu assento e assim para debaixo da mesa. Embaixo da mesa estava escuro e quente ela então se ajoelhou ao lado das pernas de Lucern, a cabeça um pouco de lado tentando ver onde a jóia tinha prendido, mas o ângulo ainda não estava certo e ela não estava perto o suficiente.

Murmurando baixinho, Kate se aproximou mais das pernas de Lucern até ficar ajoelhada entre seus joelhos, então timidamente ela pegou a ponta da toalha da mesa. Ela estava determinada a não tocar em seu codpiece, ao menos que fosse estritamente necessário. Ela então levantou um pouco, mas realmente estava preso.

— Você precisa de uma vela, ou outra coisa aí em baixo? — Jodi perguntou prestativamente. Sua cabeça de repente apareceu em baixo da mesa, em seguida, desapareceu e Kate a ouviu perguntar. — Alguém tem uma dessas canetas de luz em sua bolsa? Eu costumo andar com uma, mas...

O resto do que ela disse Kate não pode ouvir quando outra mulher comentou.

— Você com certeza se mete em situações interessantes, Katie minha menina. — Kate murmurou, tentando mover o pano para que ela pudesse descobrir





exatamente onde estava preso a Lucern. Era seu trabalho ter certeza que as coisas estavam bem para os seus escritores e também ajudá-los a sair de situações complicadas. Mas em sua opinião esta situação estava além dos deveres de um editor. Se não fosse Lucern nessa situação ela nem sequer teria cogitado participar de tal situação. O que era um ponto interessante, que ela contemplaria mais tarde. Ela levou um susto quando algo tocou a parte de trás de sua mão. Era o codpiece, Kate percebeu com espanto. Foi crescendo e colidiu contra sua mão. Bem o que estava sob ele estava crescendo. Parecia que Lucern ia encontrar um calvário maior do que um simples embaraço.

Lucern desejava que o chão se abrisse para devorá-lo. Poderia mesmo ter cada um dos escritores em torno dele e Kate também, contanto que fosse fim a esta miséria, o momento mais embaraçoso de sua vida. Não era ruim o bastante que seu codpiece tivesse prendido na toalha de mesa, mas agora com Kate ajoelhada entre suas pernas tentando soltá-lo, e assim dando origem a pensamentos que não tinham nada a ver com ficar livre para ir ao banheiro dos homens. Ele estava imaginando como seria se, ao invés de soltar a toalha, ela simplesmente afastasse o codpiece para o lado, tirasse-o e então o envolvesse em torno dos lábios.





Então ele percebeu que estava duro, e pediu a Deus que ela não percebesse.

Como foi que ele acabou nessa posição? Ele era um homem que gostava de ordem e rotina. Ele não compareceu as conferências, ou bailes da Renascença. Como sua vida tinha ficado tão fora de controle? Algo empurrou contra o seu codpiece, e ele ficou em pé na cadeira, chamando a atenção das mulheres ao seu redor.

— Desculpe. — A voz de Kate chegou abafada de debaixo da mesa. Parecia que ela estava falando entre dentes. Lucern fechou os olhos em humilhação e desejou ser estacado no coração.

— Ela o furou com um alfinete? — Beth, uma das escritoras perguntou com preocupação.

Lucern grunhiu em resposta, mas saiu mais como um gemido. Levando isso como um sim, Beth bateu em seu ombro com simpatia.

— Aqui está você.

Lucern virou a cabeça para ver Lady Barrow fazendo seu caminho até ele através das outras autoras, Jodi apertou-se contra mesa ao lado de sua perna bloqueando a visão de Kate embaixo. Lady Barrow pareceu um pouco





curiosa em saber o porquê do aglomerado de mulheres em volta dele, mas não perguntou, em vez disso, ela sorriu para Lucern.

— Allison me contou que você está se sentindo melhor, mas eu quis ver por mim mesma.

Lucern olhou para ela, sabendo que seus olhos estavam tão grandes quanto abóboras. Normalmente ele teria ficado assim ante a aproximação de uma senhora, mas isso era impossível. Isso não era o motivo de seus olhos estarem redondos. O fato foi que, sem saber da presença de Lady Barrow, Kate tinha acabado de pegar seu codpiece e deslocá-lo. Ela também — sem intenção? — agarrou a parte de sua anatomia que estava em expansão, preenchendo a capacidade de seu codpiece de tamanho grande.

— Desculpe — A voz de Kate veio novamente de baixo da mesa. — Eu estou tendo problemas para enxergar onde está preso.

Lady Barrow congelou em seu sorriso. Seus olhos desceram para onde as saias de Jodi escondiam a mesa, em seguida, viajando para o rosto alarmado do escritor, parando na expressão alarmada de Lucern. Antes que ela dissesse uma palavra à voz de Kate soou novamente. Ela estava irritada e curta. — Droga, Lucern! No momento que eu





conseguir soltá-lo eu insisto que você tire essas jóias. Elas são um tremendo de incômodo sangrento.

— O codpiece de Luc ficou preso na toalha da mesa. — Jodi desabafou antes que Lady Barrow abrisse a boca. — Kate está tentando soltá-lo.

— Seu codpiece, ela quis disser. — Beth acrescentou prestativamente. — Kate está tentando soltar seu codpiece da mesa, não tirar seu codpiece.

— Eu vejo. — Lady Barrow murmurou, olhando em volta sem saber como lidar com a situação. Sua consternação durou apenas um minuto, no entanto, em seguida, ela fez um gesto para que Jodi se move para o lado, levantou a toalha tirando ela do caminho e ajoelhou-se para olhar sob a mesa. — Você consegue enxergar aí, Kate? Ou alguém pode trazer uma luz?

Lucern sentiu a mão de Kate apertá-lo em alarme, e ele fechou os olhos com um gemido.

— Lady Barrow? — A voz de Kate parecia diminuta.

— Sim, sou eu. Você precisa de alguma luz aí embaixo?

A maldição que vinha de baixo da mesa foi abafada por uma gargalhada repentina. Lucern abriu os olhos para ver Chris cobrindo a boca. O homem estava perdendo. Lucern





supostamente não podia culpá-lo. Se não fosse o centro deste desastre ele também acharia terrivelmente engraçado. Como ele era ele, apenas achou horrível.

Lucern não pode ouvir a resposta de Kate, mas deveria ter sido afirmativa, pois a mulher se endireitou, olhou ao redor e em seguida chamou um dos seus empregados, para procurar uma lanterna. O homem correu como se fosse levar um tiro, então Lady Barrow virou-se observando a expressão de dor de Lucern. Ela afagou-lhe o ombro suavemente. — Esqueça, esse tipo de coisa acontece com todos nós em um momento ou outro. — Sua boca se curvou. — Bem não precisamente assim, mas você entende o que quero disser.

Lucern gemeu e fechou os olhos novamente. Então uma voz áspera disse:

— Bem, o que esta acontecendo aqui? Por que meus escritores estão todos de pé?

Kate reconheceu a voz de Chuck Morgan e podia ter chorado. Em vez disso ela inclinou fracamente a cabeça contra o joelho de Lucern e questionou se a situação poderia ficar pior. Primeiro Lady Barrow foi testemunha deste evento humilhante, e agora o presidente da empresa havia chegado. Ah, ela realmente iria impressionar seus superiores com esta





conferência! Tudo tinha sido muito mais fácil quando Edwin estava no comando e ela era só uma assistente.

— O quê? — O rugido horrorizado de Chuck provavelmente foi ouvido de uma extremidade do salão a outra, Kate pensou julgando pelas conversas no geral e de repente risos. Querido Deus logo todos iam saber que ela estava ali.

Kate ouviu a voz de Lady Barrow, afiada e firme, e ela sorriu para si mesma. Kathryn podia ser tão amável como ninguém, mas ela não era mulher de tomar tolices, e ela não tinha medo de ninguém, na medida em que Kate a conhecia. Ela tinha apenas colocado Chuck em seu lugar, por chamar a atenção para algo que todos tinham tentado esconder e Kate poderia ter abraçado a mulher.

— Aí está você. — Ouviu Lady Barrow exclamar. — Obrigada.

A toalha levantou, e a mulher apareceu. Para surpresa de Kate ao invés de entregar a lanterna, Kathryn Falk, Lady Barrow, ajoelhou-se e deslizou para baixo da mesa ao lado dela. — Está quente aqui em baixo, não é mesmo? — Ela comentou conversando como se fizesse esse tipo de coisa o tempo todo. Então se situando Lady Barrow acendeu a lanterna que brilhou onde a toalha de mesa e o codpiece





estavam enrolados. — Faça isso menina. Quanto mais cedo você desembaraçá-los mais cedo poderemos sair daqui.

Era mais fácil dizer do que fazer. Lucern fora bem apanhado, pelo menos três das seis jóias de seu codpiece estavam presas em diferentes lugares da mesa. No início provavelmente só uma havia ficado presa, mas quando Lucern puxou prendeu as outras. Demorou um pouco e deu trabalho para libertá-lo.

Lady Barrow permaneceu todo o tempo pacientemente, mantendo a luz constante e o tecido afastado da mão de Kate, quando esta necessitava de uma mão extra, dando conselhos e contando piadas para aliviar o estresse do momento. No entanto mesmo com a ajuda dela, parecia um calvário dolorosamente longo, além de vergonhoso. Por mais que ela quisesse evitar tocar na codpiece de Lucern foi impossível e ainda mais freqüentemente do que ela se sentia confortável ela o estava segurando em sua mão. Ela estava terrivelmente consciente da carne dura embaixo enquanto ela torcia o material de um lado a outro, tentando soltar as jóias sem prender as outras uma a uma. Ela não queria nem tentar adivinhar a forma como Lucern se sentia. Tinha de ser uma terrível tortura.





Se Kate não parasse logo, Lucern positivamente estava indo envergonhar-se ali mesmo na mesa para todos verem. Ela não o estava tocando de forma sensual, mas o fato de que ela estava entre seus joelhos e deslocando-o, tinha-lhe feito agir como um adolescente. Ele viveu um longo, longo tempo, mas nunca Lucern havia se encontrado nesta situação. E ele esperava que por Deus nunca passasse por ela novamente.

— Há mais um livre.

A voz de Kate veio de debaixo da mesa, e todos em volta da mesa fizeram ruídos de incentivo a Lucern. Ele tentou não se mexer na cadeira, tentando conseguir ter domínio sobre si novamente. Geralmente suas ereções não iam nessa direção — ele imaginou que ela estivesse tentando chegar à jóia presa. Olhando para debaixo da mesa, ele pode realmente ver seus dedos ao redor do tecido. Ele olhou para Jodi e a viu de olhos arregalados, então esboçou um fraco sorriso.

— Oh Deus.

Essa expressão veio de uma das outras escritoras e chamou a atenção de Jodi. Tinha sido Beth e ela parecia completamente aterrorizada. Lucern sentiu seu coração. Ele achou que a chegada do presidente da empresa de Kate foi à





pior coisa que poderia ter acontecido, mas a expressão da escritora sugeriu o contrário.

— O que é isso? — Perguntou ela achando que essa era a melhor forma de descobrir.

— Sabe aquelas pessoas do documentário? Os que filmam tudo? — perguntou ela.

— Não. — Lucern não tinha ouvido falar de ninguém filmando documentários.

— Eles estão sempre filmando documentários nas conferências do RT — Jodi informou a ele. — Eles adoram filmar as mulheres e os adereços essas coisas.

— Sim, e não olhe agora, mas eles estão vindo para cá. E também o fotógrafo do jornal local.

— Oh, Deus — Jodi murmurou. — Eles provavelmente estão procurando Lady Barrow. Ele a seguiu a noite toda.

— Droga. — Lucern respirava. Tudo estava definitivamente piorando.

— Último — Kate contou á Lady Barrow, com um alívio que foi ecoado pela fundadora da Romantic Times.

— Bom — disse a mulher.





Kate não podia culpá-la, ela era a sua imagem, ambas estavam com a cabeça inclinada para o lado e costas imprensadas contra a parte inferior da mesa. Kate tinha de respeitar a mulher, ela não precisava ter vindo aqui embaixo com ela. Não tinha havido nenhuma necessidade, mas Lady Barrow tinha esse tipo de se tem alguma coisa a ser feita, faça você mesma. Energia e entusiasmo pareciam irradiar dela.

Suspirando Kate se forçou a concentrar na tarefa em suas mãos. Um último pino de jóia a libertar e ela poderia sair dali. Então ela iria insistir com Lucern que fosse imediatamente ao banheiro e retirar todos os pinos de jóias. Ela não conseguia imaginar por que ele os colocara em seu codpiece em primeiro lugar, e estava grata de não ter dançado com ele antes, isso poderia ter acontecido com seu vestido. Não teria sido nada engraçado ter de desembaraçá-lo ali na pista de dança para todo mundo ver. Da forma como foi, muita gente sabia que ela estava ali embaixo da mesa trabalhando no codpiece de Lucern, ela não precisava de até o último participante da conferência vendo o apuro que seu autor estava passando.

— Consegui você está livre — Kate gritou em alívio quando soltou o ultimo pino de jóia. Ela começou a se afastar, apenas para descobrir que a sua manga puxava para





cima. De alguma forma enquanto ela soltava o ultimo pino de jóia da toalha da mesa, sua luva tinha prendido em outro. Ela estava presa ao codpiece de Lucern através do pulso.

— Droga — ela disse.

— O que foi? — Lady Barrow perguntou franzindo a testa. Um tumulto iniciado do outro lado da mesa. Todo mundo parecia estar falando ao mesmo tempo.

— Eu estou presa ao seu... — Kate suspirou, correndo para frente em seus joelhos quando Lucern de repente afastou-se para trás. O rangido das pernas de sua cadeira no chão abafou o seu grito de alarme, e ela foi forçada a se apressar para fora de sob a mesa, começando a subir. Kate piscou sobre um súbito clarão, ouvindo Lucern praguejar, mas estava brevemente cega. Tinha estado muito escuro lá embaixo.

— Cuidado, Sr. Amirault — Lady Barrow alertou, rastejando para fora de debaixo da mesa. — Ela tem a manga presa em seu...

Lady Barrow ficou em silêncio depois de ver as novidades de sua audiência. Kate também havia tomado consciência dos mesmos, seus olhos se acostumando e olhando diretamente a filmadora apontada em sua direção. Havia também um fotógrafo com aparência profissional com





uma câmera. A luz havia sido ele a tirar uma foto ela concluiu.

Lucern fazendo seu melhor para ignorar a mão presa em frente a sua virilha, disse em um tom triste e educado, — Por favor, me chame de Luc, Lady Barrow.

— Meu, meu, meu, — o homem de aparência profissional com a câmera, disse. — Você não mencionou esse evento para mim, Lady Barrow.

— Quem...? — Kate começou, basta saber que ela não quis ouvir a resposta.

— O jornal local, — Lady Barrow disse severamente. Ela se levantou. — E agora que esta emergência acabou, acho que é melhor eu cuidar da próxima.

Jodi e as outras escritoras ajudaram a mulher a ajeitar suas saias, depois Kathryn Falk pegou o repórter pelo braço e começou a levá-lo para sua mesa.

— Eu aposto que ela terá o homem comendo na palma da sua mão em dez minutos — Jodi disse com admiração. Virando-se para Lucern e Kate, ela sorriu de forma encorajadora. — Essa imagem, não irá sair nos jornais. Eu garanto.





Capítulo 14

Eles estavam na primeira página do Daily News.

— Ele não deu ao seu editor, mas nem se quisesse poderia ter feito. — Kathryn Falk disse em um tom descontente. Ela havia telefonado à Kate e a Luc no início da manhã e exigiu que se encontrassem com ela no restaurante principal para um brunch. Kate imediatamente tinha suspeitado do pior. E estava certa.

Ela olhou miseravelmente para a foto do jornal. Estava Lucern, meio levantado e muito bonito em seu terno, e lá estava ela, parecendo uma vagabunda barata rastejando debaixo da mesa para agarrá-lo... Suspirou miseravelmente e leu o título mais uma vez.

Momentos medievais? Anunciava em letras garrafais.

A editora da Roundhouse Publishing, Kate C. Leever agarra com todo o entusiasmo possível o escritor de romance vampiresco, Luke Amirault, enquanto Kathryn Falk, Lady Barrow, diretora geral e fundadora da revista Romantic Times,





não parava de olhá-los no baile renascentista da noite passada.

Kate gemeu e começou a bater no jornal, mas fez uma pausa para reler uma nota do escritor. Ela olhou com maior cuidado a fotografia.

— Quando colocar minhas mãos nesse homem, eu vou... — Lady Barrow começou.

— Acho que ele está dizendo a verdade. — Kate a interrompeu, cansada.

— Parece que o flash do homem do jornal se apagou justo quando eu saía debaixo da mesa. Você ainda estava lá embaixo. Mas você está na foto.

Lady Barrow pegou o jornal e olhou para a foto do escritor com uma carranca.

— Eu acho que você está certa. Mas quem pode ter tirado? Câmeras não eram permitidas. Tínhamos contratado um fotógrafo para tirar fotos das pessoas. Os únicos convidados com câmeras eram os repórteres e... — Sua voz sumiu, seus olhos se estreitaram — Por que... — Ela cortou a si mesma, claramente chateada. — Se me dão licença, tenho algo a cuidar.

Ela se levantou, então parou e forçou um sorriso.





— Não se preocupem com isso. É uma tempestade em um copo de água. Passará rapidamente se não derem entrevistas a respeito.

Kate e Lucern assentiram, então viram que Lady Barrow saía do restaurante, e que não hesitaria em esfolar o certo fotógrafo.

Kate suspirou. Lucern também. Evitaram olhar um para o outro. Tinham estado evitando se olhar desde a noite passada. Jodi tinha ajudado a desprender a manga de Kate de seu codpiece, depois disso ele prontamente tinha se desculpado. Kate foi para a mesa onde Jodi e as outras escritoras tentaram animá-la, enquanto Chris tentou bravamente não rir dela. Chuck tinha ido duas vezes para conversar com as escritoras e chamar sua atenção. Allison havia ido pelo menos umas três vezes para se assegurar que tudo ficaria bem. Chris tentou não rir novamente. Quando Lucern não havia voltado depois de meia hora, Kate tinha se desculpado e voltou à suíte. Lucern estava justamente saindo do quarto. Seus olhos se encontraram com os dela, então rapidamente quebrou o olhar quando ele perguntou se a festa tinha acabado. Kate tinha dito que não, mas que tinha dor de cabeça e queria dormir. Ele fez um comentário compassivo, disse que tinha ido lá em cima para pegar uma





bebida, o que ela entendeu como um pouco de sangue, então disse que ele talvez relaxasse na suíte também.

Kate apenas encolheu os ombros. Sentia-se deprimida e infeliz, um fracasso gigantesco na vida, e se perguntou como tudo tinha terminado tão mal.

E isso tinha sido antes de sua loucura ser exibida pelo jornal.

Ela suspirou outra vez.

— Acho que deveríamos ir para a recepção. — Lucern finalmente sugeriu.

Kate fez uma careta. Ela o tinha arrastado para o desastre desde o primeiro dia. Agora ele estava ansioso para sair. E ela não estava. A última coisa no mundo que Kate queria era ir a qualquer lugar aonde tivesse que enfrentar Chuck Morgan. Se o editor não estava satisfeito com ela na noite passada, então hoje, depois de ver as manchetes, estaria lívido. Se ela ainda tivesse seu trabalho ao meio dia seria uma mulher de sorte.

Mas, ela disse a si mesma, não tinha sentido evitá-lo. Ela também poderia aprender com a terrível verdade.





Não foi tão mal quanto tinha temido. De alguma forma era pior. Kate ainda tinha um emprego. Na verdade, Chuck estava terrivelmente satisfeito com a publicidade. Lucern tinha estado na primeira página, depois de tudo. Como se a Roundhouse tivesse publicado. O homem a parabenizou como se a sua humilhação pública fosse uma espécie de grande esquema promocional. Kate gostaria de estrangulá-lo. Até o final do dia, ela decidiu que se ele a parabenizasse dessa maneira por mais tempo, então o faria.

Foi mais do que alívio para Kate quando eles fecharam a recepção e todo mundo estava livre para se preparar para a festa da noite de Rock 'n' Roll.

Olhou Lucern. O homem que tinha saído de sua concha com uma vingança. Cada vez que ela o tinha olhado hoje, ele tinha estado falando com um fã ou um escritor. Kate não podia ter certeza, mas suspeitava que ele houvesse tido mais conversas desde sua chegada a convenção do que deve ter tido em várias décadas atrás. Ele estava mais falante conforme os dias passavam, e hoje não tinha sido uma exceção.





Claro, não havia um só assistente do congresso que não tinha visto as manchetes. As notícias sobre a situação também tinham sido parte da conversa, e enquanto a maioria das pessoas tinha sido terrivelmente simpática com ela e Lucern, houve uns que riam maldosamente. Eles ofereceram seus “Que pena de vocês, queridos” ou seu “Como isso dever ser constrangedor para vocês.” No entanto, se engasgavam para não rir. Claro, Lucern não sofria essas pequenas risadas dissimuladas. Todo mundo parecia sentir uma grande simpatia por ele, guardando toda sua diversão para ela.

Isso era o que normalmente acontecia, pensou Kate cansada, enquanto ela caminhava para a mesa com Lucern e os outros escritores. A mulher sempre sofre o desprezo e a humilhação, enquanto o homem fica com a glória e a simpatia. Infelizmente, embora tentasse, ela não podia estar chateada com Lucern pela maneira como as pessoas agiam. Ele tinha se desculpado repetidamente enquanto Kate e Jodi haviam trabalhado em desembaraçar seu codpiece, e ela sabia que ele realmente se sentiu mal com tudo isso. Mas não havia sido sua culpa. Tinha sido somente um dos lamentáveis incidentes da vida.





Lucern a percorreu com o olhar enquanto ela se aproximava, e Kate conseguiu arrancar um sorriso das profundidades de si mesma.

— Pronta para ir? — Ele perguntou.

— Sim. — Ela sorriu para ele, e então para a mesa em geral. — É hora de se preparar para a festa de “rock ‘n’ roll”

Lucern se levantou e tomou sua mão, percorrendo seu rosto com seu olhar, com o que ela pensou que poderia ser preocupação.

— Você está cansada.

— Foi um longo dia. — Kate concordou com um pequeno encolher de ombros.

Deixaram a recepção. Não falaram outra vez até chegar à suíte. Chris não tinha voltado. E a suíte estava vazia e silenciosa.

— O que se veste para uma festa de rock ‘n’ roll? — Lucern perguntou quando fechou a porta atrás deles.

— Bem, acho que é uma festa que toca músicas antigas. Anos cinqüenta. Jeans e camisetas. Eu comprei uma jaqueta de couro e botas para você usar. — Kate





explicou. Ela tinha dito que se encarregaria de tudo, e essa era a melhor de suas habilidades.

— Uma jaqueta de couro? — Lucern perguntou, com uma sobrancelha levantada.

— Sim, você sabe o visual de Fonzie²⁰.

— De quem?

Ela franziu o cenho diante de sua expressão perplexa, em seguida, lembrou que ele não assistia televisão. Ele tinha perdido peso, ela percebeu com espanto.

— Ele é um personagem legal de uma série dos anos cinqüenta. Jaqueta de couro, calças de vaqueiros, botas de couro e o cabelo com gel para trás. Muito legal.

— Ah. Sim, lembro de um par de personagens assim daqueles dias. — Lucern assentiu. — Mas como sabia o tamanho das botas para conseguir para mim?

Kate corou e encolheu os ombros, então se voltou para a porta. Ela estava escapulindo através dela quando admitiu.

— Telefonei para sua mãe e perguntei.

²⁰Fonzie: (<http://en.wikipedia.org/wiki/Fonzie>)





Ela não esperou por sua resposta, simplesmente fechou a porta no seu rosto espantado. Então foi pegar a roupa na bolsa. Pegou a sacola, mantendo a jaqueta de couro e as botas em cima da cama, então, segurou o saco transparente sobre sua roupa para inspecioná-lo. Essa ia ser certamente uma aventura. O traje não parecia muito atraente. Ela havia apostado qualquer coisa que essas crinolinas causariam coceiras como loucas.

Realmente, tinha estado errada, Kate admitiu mais tarde quando se examinou no espelho. Usava botas de montar, meias soquete, saia rosa e um suéter creme para combinar. Ela tinha prendido o cabelo em um rabo de cavalo e passou uma maquiagem luminosa, parecia que tinha dezesseis anos. Ela negou com a cabeça enquanto ponderava, então decidiu que estava pronta e saiu para pegar a sacola com a roupa de Luc.

Chris e Luc estavam vendo televisão quando Kate se juntou a eles na sala de estar, e seu olhar se deslizou para a cabeça com óleo de um para o outro. Ela ficou imóvel com a boca aberta.

— O que vocês dois fizeram no cabelo?

Chris se virou e sorriu abertamente.





— Não é fantástico? Luc me ajudou com isso. Não trouxe uma jaqueta de couro, mas ele disse que se eu fizesse alguns furos com cigarro na manga minha camisa ia ficar legal.

Kate olhou Lucern. Ótimo. Agora ela tinha dois Fonzie em suas mãos. Ainda assim, além do corte de cabelo, estavam muito diferentes. O cabelo de Chris era claro, enquanto o de Lucern era tão escuro como a meia-noite. Chris era alto e magro, em vez de ter a estrutura muscular de Luc. A camisa de Chris era evidentemente branca, a de Lucern era preta e se ajustava ao seu peito, mostrando cada onda de seus músculos. Meu Deus, ele parecia quente. Mesmo com tanto óleo em seu cabelo suficiente para fritar um donuts²¹.

— Isso é para mim? — Lucern se levantou e caminhou em sua direção, seu olhar a percorria em uma lenta carícia.

—Sim. — Kate entregou a sacola de roupas, consciente de que seu rosto estava vermelho. Ela não só parecia uma garota de dezesseis anos, nesse momento se sentia com dezesseis.

²¹É um doce, tipo uma rosquinha.





— Você está linda. — Ele disse em um suave sussurro.
— Doce e linda. O retrato da juventude.

Doce e linda. Kate pensou sobre essas palavras, enquanto Luc desembrulhou suas botas e jaqueta, e em seguida, vestiu.

— Os cachorrinhos são lindos. E o que quer dizer com “A imagem da juventude?”

— O encaixe perfeito.

Kate olhou para Lucern enquanto ele se esticava, testando o encaixe dos seus ombros na jaqueta. Seu olhar não ficou em seus ombros, mas deslizou para seu peito onde os músculos se agrupavam.

Linda e jovem. Ela suspirou.

— Está ótimo. — Chris se juntou a eles no centro da sala. — Vamos indo. Eu tenho que parar para pegar um maço de cigarros para furar a minha manga.

Kate conseguiu tirar seus olhos do peito de Lucern. Ela inclinou a cabeça assentindo, então virou para liderar o caminho.





A festa de Rock ‘n’ Roll estava no auge, quando eles chegaram. Kate deu um olhar para os dançarinos, a maioria mulheres, e se assustou. Alguns deles eram muito bons. Outros obviamente não tinham idéia do que estavam fazendo. Kate estava temendo cair na última categoria.

— Acho que você sabe dançar? — Perguntou a Lucern. Perante sua expressão preocupada, ele sorriu abertamente com um daqueles raros sorrisos e acenou com a cabeça.

— Muito bem, na verdade. — Então, ele acrescentou. — Eu te ensino.

Para Kate, que achava ter dois pés esquerdos, isso soava como uma ameaça. Mas Lucern foi um professor muito bom e, sendo um dos poucos homens, ele foi bastante requisitado. Ele levou tudo com grande elegância que quase enviou Kate ao estado de coma. Ela o viu dançar com quase vinte mulheres de uma vez. Ele as alinhou em filas, ensinando os passos pacientemente em meio de muitas risadas nervosas, em seguida, rodou sobre as mulheres quase no ar com a força e a vitalidade de um touro. As mulheres acharam maravilhoso. Kate também. Ela não podia acreditar que era o mesmo homem que uma vez tinha fechado de um golpe a porta na sua cara. Esse homem





sorria. Tinha a paciência de Jô. Esse homem era o sonho de toda a mulher. Ela deixou que ele a ensinasse como dançar.

A festa estava muito divertida, mas Kate havia tido um dia cheio de estresse e percebeu que estava cansada muito cedo. Lucern aparentemente percebeu os bocejos que ela tentava esconder.

— Você tem que ir. — Ele disse e caminhou com ela. Então, deu um sermão em todo o caminho de volta à suíte, grande parte sobre ela não comer o suficiente. Ele aparentemente percebeu que ela estava ocupada demais falando com os escritores, dando apenas algumas mordidas no Buffet.

— Eu odeio isso. Você tem que se cuidar melhor. — Ele insistiu com firmeza. — Você gasta muito tempo e energia em nome de seus escritores, inclusive eu. — Ele reclamou.

Kate tentou se defender, dizendo que era apenas por uma semana no ano. Luc não foi tolo o suficiente para acreditar nisso.

— Jodi mencionou muitas outras convenções que são realizadas durante todo o ano.

—Ela disse.





— E, eu tenho escutado com freqüência sobre você trabalhar todas as noites e ainda nos fins de semana, editando e lendo os livros.

Kate fez uma nota mental de bloquear Jodi em seu MSN de madrugada, se precisasse falar com ela. Ela sempre mantinha em ativo o seu MSN enquanto estava no escritório, em caso de algum escritor ter alguma pergunta. Jodi às vezes reclamava com ela porque trabalhava muito, mas a última coisa que Kate precisava era que Lucern soubesse que ela não tinha absolutamente nenhuma vida social.

Claro, ele parece ter perdido o interesse em prosseguir com a paixão que brevemente tinham compartilhado. Ele não tinha tentando nada desde a primeira noite e da manhã seguinte. Isso tinha tinham sido terça-feira e quarta-feira. Agora era sexta à noite, e além de estar segurando sua mão de forma tranqüilizadora, Lucern não tinha feito nada para começar algo parecido com o que tinha ocorrido.

É claro, nem ela, Kate admitiu para si mesma. Ela o olhou considerando. Talvez...

— Você vai para cama imediatamente, assim que chegar ao quarto. Eu não quero te ver de novo, pelo menos até as sete da manhã. Isso significa dez horas de sono. Você





precisa. — Lucern disse com firmeza, interrompendo seus pensamentos, eles saíram do elevador.

Kate suspirou interiormente. Não havia nenhum “talvez” sobre isso. O homem não estava interessado em sexo com ela mais, e ele simplesmente se assegurava que ela não continuasse com a idéia. *Esses dois primeiros encontros apaixonados tinham sido causados por pura necessidade de sangue?* Talvez ele tenha deliberadamente a seduzido apenas em um esforço para “dar uma mordida”.

Talvez ela não tenha notado a sua falta de interesse verdadeiro nas duas primeiras vezes, porque ela tinha sido tão sobrecarregada, não tinha percebido que ele poderia ter excitado-a apenas para mordê-la. Ela certamente se deu conta disso na terceira vez, então teria alertado ele, mas só até que o prático e deliberado avanço de seus sentidos tinham a oprimido. Talvez ele não estivesse interessado nela como algo além de um jantar.

Por que tinha pensando o contrário? E quando isso começou a ter tanto significado?

Kate suspirou tristemente quando entraram na suíte. Era bem decepcionante não ser nada mais do que um lanche.





— Durma bem. — Lucern deu um suave empurrão em direção a porta de seu quarto, e Kate foi sem comentários. Murmurou “boa noite” antes de escorregar para dentro, mas era só por causa do orgulho. Seus ombros caíram bruscamente, seu coração doía quando começou a se despir.

Lucern observou a porta fechada atrás de Kate, e franziu o cenho para ele mesmo. A mulher trabalhava demais, comia pouco, e se matava para manter todo mundo feliz, inclusive ele. Ela precisava descansar. Precisava comer mais. E, acima de tudo, precisava relaxar. Ele poderia pensar em muitas formas de ajudá-la a fazer isso. Infelizmente, a maioria envolvia ombros nus, e ele não tinha certeza que ela iria aceitá-lo agora que sabia a verdade sobre ele. Em sua experiência a maioria das mulheres sentia repulsa por seu status como vampiro. Kate certamente não era a primeira mulher que tinha conhecido seu segredo ao longo dos anos, e ele tinha descoberto que a maioria das vezes ficavam com medo ao saber a verdade. Para manter a si mesmo e a sua família seguros, ele sempre se esforçou para colocar um véu em suas memórias, ou persuadi-las que a revelação tinha sido apenas um sonho.

No entanto, Kate não parecia assustada. Ela parecia olhar seu vampirismo como apenas um problema. Luc era um vampiro, mas ele também era um de seus escritores mais





bem sucedidos, e ele precisava de sangue. Ela tinha tido que se encontrar com ele um pouco. Ainda assim, tinha estado disposta a permitir intimidades no banheiro dos homens para ajudá-lo. Além disso, no entanto, ela não tinha mostrado sinais de interesse.

Ele se lembrou da primeira noite aqui e a primeira manhã, quando tinham se encontrado em situações de paixão. Mas isso tinha sido antes que Kate soubesse que ele era um vampiro. Ela poderia muito bem estar com repulsa, agora.

De repente consciente da tensão em seu pescoço e ombros, Lucern tirou sua jaqueta de couro e jogou sobre uma cadeira. Rodou primeiro um de seus ombros depois o outro, em seguida igualmente a cabeça, tentando aliviar os músculos.

Era por causa de Kate. Ele desejava saber o que ela estava pensando e qual era o seu ponto de vista. Queria que gostasse dele. Ele a queria. Ele fez uma careta. Era um desejo tolo. Kate era uma mulher moderna com aspirações em sua carreira e uma vida pacata em Nova York. Ela tinha deixado a vida calma em Nebraska para se dedicar a um trabalho na indústria editorial. Ela apenas deixaria isso ao se mudar para o Canadá para ter um romance, e não a





conhecia o suficiente para ter certeza que queria ter uma vida com ela. Para um humano comum, um mau casamento de quarenta a cinquenta anos, poderia ser muito, muito mais para ele.

Seu olhar deslizou para o pequeno bar no canto, e considerou beber um uísque antes de ir para cama. Mas decidiu que não. Não era muito de beber e não queria começar a relaxar com isso. O álcool tinha causado danos sérios ao seu pai, Claude, quase o matando no final.

Dando de ombros, ele decidiu que poderia muito bem ir dormir.

A primeira coisa que sentiu quando entrou no quarto foi o suave cheiro de sangue no ar. Então se deu conta de que a lâmpada do lado da cama estava ligada, e ficou rígido. Ele a tinha apagado antes de sair para a festa.

Agora estava acesa. Seu corpo começou a bombear adrenalina do mesmo modo que seus olhos varriam o quarto.

A porta do refrigerador estava parcialmente aberta, e as bolsas de sangue cortadas diante dele, explicou o cheiro no ar. Apesar disso, nada parecia estar diferente. Não parecia ter ninguém ao redor. Claro, o perfume de sangue era tão denso que sua capacidade normal de sentir qualquer coisa perto estava prejudicada.





Ele deu um passo em direção ao seu suprimento de sangue saqueado, tentando ver se algo podia ser salvo. Mas quando ele ia avaliar, escutou o sussurro do balanço da porta do quarto se fechar atrás dele. Ele se virou bem a tempo de sentir a estaca golpeando seu peito.

Kate tinha tirado suas roupas e estava dividida entre tomar um banho ou simplesmente ir para cama, quando escutou um estrondo. Fez uma pausa, inclinando a cabeça para escutar. Quando algo bateu com força contra a parede que separava seu quarto com o de Luc, ela rapidamente agarrou seu roupão, puxou para frente, e amarrou o cordão enquanto corria até a sala de estar.

A porta do quarto de Lucern estava fechada. Kate não se preocupou em bater, mas empurrou e entrou rapidamente. Ela quase se chocou violentamente com os dois homens em plena luta. A princípio, tudo o que ela via eram dois homens brigando, então viu a estaca, sua ponta enterrada no peito de Lucern, e sangue escorrendo. Ela gritou de horror, embora não tivesse percebido, ouviu o grito como um som distante.

No final, saiu de sua paralisia, e olhou ao redor freneticamente. A única arma que viu foi as lâmpadas que estavam ao lado da cama. Correu para pegar uma,





amaldiçoando quando não se mexeu. Estava presa à mesa de cabeceira. O olhar dela disparou de volta para Lucern e seu agressor. Havia mais sangue, e parecia que a estaca tinha ido mais fundo. Lucern parecia estar enfraquecendo. No entanto, ainda não tinha uma maldita coisa ao redor para usar como arma. Desesperada, agarrou um travesseiro e se lançou, batendo no agressor, então bateu na cabeça dele com o travesseiro. Seu ataque teve pouco efeito no homem. Ele nem sequer olhou ao redor.

Deixando soltar um uivo de raiva quando o seu olhar desviou para o rosto pálido de Lucern, Kate pegou cada extremidade do travesseiro e colocou sobre a cabeça do agressor, depois enterrou com um golpe na cara dele. Agarrando com firmeza tentou escalar as costas do cara. Para seu alívio, ele soltou Lucern e tropeçou para trás, tentando freneticamente agarrá-la. Ela conseguiu evitar as mãos agitadas, e se agarrou ao travesseiro como podia. Ele provavelmente não podia respirar assim, e ela rezava para que ele desmaiasse antes que pudesse pegá-la.

Ela soltou um “oomph”, mas conseguiu permanecer em suas costas quando ele cambaleou para trás, em direção a parede perto do armário. Kate se agarrou, sabendo que ela e Luc estariam perdidos se ela não o fizesse.





Kate percorreu desesperadamente Lucern com os olhos. Ele estava de joelhos sobre a cama, suas mãos segurando levemente a estaca em seu peito. Ela lembrou que ele tinha dito que uma estaca o mataria se ficasse por muito tempo, e ela sabia que tinha que chegar a ele rapidamente. Seus pensamentos se dispersaram quando o homem que estava montando bateu para trás, desta vez batendo no armário. Kate gemeu quando sua cabeça bateu.

A dor era como uma explosão dentro de sua cabeça, cegando-a com pontos brancos atrás de seus olhos.

Ela queria agarrar sua cabeça e segurá-la em suas mãos até que a agonia passasse, mas não podia soltar o travesseiro e estava pendurada cega e em agonia, agarrada à consciência por um fio.

Quando a dor finalmente começou a sumir, Kate não estava certa de quando tempo havia passado. Levou um momento antes de perceber que seu campo visual tinha mudado. Ela estava no chão. Voltou sua atenção para o homem que atingiu, e viu que ele tinha caído de joelhos, levando-a com ele. Ela deixou seus pés encostarem ao chão, voltando seu olhar para Lucern. Assombro passou por ela outra vez. Ele caiu para frente, com a cabeça baixa. Percebendo que não podia esperar por muito tempo até que





seu agressor desmaiasse de falta de ar, soltou uma ponta do travesseiro para analisar o chão perto do armário.

Tentou manter o travesseiro sobre o rosto do homem com uma mão, mas sabia que estava falhando. Ela o ouviu tomar fôlego várias vezes, e sabia que não demoraria muito para se recuperar e se tornar uma ameaça novamente. Esse pensamento mal a tinha aterrorizado quando a mão de Kate bateu em algo. Ela rapidamente o pegou, reconhecendo como um sapato, sem pensar atirou na cabeça do seu atacante.

Ele não caiu imediatamente para frente por causa do golpe, e ela percebeu que estava segurando o sapato pelo calcanhar. Perdeu as esperanças de poder manter o travesseiro daquela forma, virou o sapato e desta vez bateu com o calcanhar na parte de trás da cabeça do seu inimigo com toda a força que conseguiu reunir.

Para sua satisfação, o golpe funcionou: o homem caiu silenciosamente para frente, de cara. Deixando-o onde ele caiu, Kate se esforçou para ficar de pé, e tropeçou em cima de Lucern.

A primeira coisa que fez foi agarrar ele pelos ombros e levantá-lo. Ele caiu sobre suas costas sem fazer nenhum som. Sua cabeça bateu ruidosamente contra o chão duro, os joelhos dobrados, suas pernas presas embaixo dele. Kate





olhou para ele com tristeza. Ele estava cinza. Ela nunca tinha visto ele dessa cor. Mas ela não podia dizer que tinha perdido muito sangue. A estaca ainda se sobressaía sobre seu peito, permitindo só um pequeno vazamento. Mas ela se lembrou que ele disse que seu coração não poderia bombear com uma estaca ali, e ela sabia que se não removesse, então ele morreria.

A estaca era feita de madeira clara, e parecia como uma cravelha²² ou algo assim. O agressor de Lucern tinha comprado e afiado uma cravelha com a intenção de estacar Lucern. Agora ela teria que removê-la ou ele ia morrer.

Ela não perdeu tempo pensando no que estava fazendo, sabia que cada segundo contava. Uma vez dentro do seu alcance, ela agarrou a estaca firmemente e puxou, o que não foi tão fácil como tinha esperado. Ela realmente não tinha pensado nisso, mas se tivesse, Kate teria esperado que soltasse como uma faca na manteiga. O corpo de Lucern não era de manteiga. Houve resistência à remoção, e ela teve que fazer um pouco mais de força. O som de molhado que ela ouviu quando removeu, fez com a pouca comida que ela tinha conseguido engolir no jantar ameaçasse a voltar.

²²SilverCravelha é uma peça metálica ou de madeira que em certos instrumentos de corda permite controlar a tensão aplicada a cada corda, retesando-a ou afrouxando-a, fazendo com que seja atingida a afinação ideal. No Brasil, também é conhecida por tarraxa.





Kate engoliu com determinação. Jogando a estaca de lado, ela rapidamente cobriu a ferimento no peito de Lucern quando o sangue começou a jorrar em grande quantidade.

Fez pressão em um esforço para evitar que ele sangrasse até a morte, rezando todo o tempo para que seu sangue pudesse reparar o dano. Quando ela sentou ali, se perguntou se realmente estava ajudando a salva-lo ou matá-lo.

Ela ficou sentada por vários minutos, apenas pressionando sobre o peito, até que percebeu um gemido do agressor de Lucern. Ela se sentiu dividida entre continuar pressionando o sangue de Lucern, ou de incapacitar o homem de alguma forma outra vez.

Parecia que o homem estava se recuperando, então ela e Luc provavelmente estariam mortos. Certamente ele mataria Luc, então a mataria por ser uma testemunha. Por outro lado, ela estaria arriscando que Lucern sangrasse até a morte se o deixasse.

Seu olhar voltou ao rosto de Lucern e ela hesitou, então cuidadosamente tirou suas mãos do peito dele. Para seu grande alívio, o sangue não estava saindo como antes. Seu corpo estava se recuperando. Ela esperava isso, ou ele estaria morto.





Banindo esse pensamento, Kate firmou seus pés e olhou ao redor do quarto com atenção, para ver se encontrava algo com que amarrar seu inimigo. Encontrou a mochila preta com todos os acessórios de roubo, e o alívio se estendeu através dela. Ela tinha dado a Lucern para roubar sangue, e nunca tinha se incomodado de pedir de volta. Apressando-se para pegar, encontrou a corda, mas a deixou de lado e, em vez disso pegou a fita adesiva e a faca. Não era muito boa com nós. Além disso, suspeitava que com a fita fosse mais difícil para o homem se soltar.

Outro gemido do cara fez com que Kate corresse para o seu lado. Ela agarrou suas mãos atrás de suas costas e rapidamente começou a envolver a fita ao redor dos pulsos, passando o rolo entre suas mãos e braços por precaução. Uma vez que tinha certeza que ele não poderia se libertar, foi para seus pés e amarrou os tornozelos da mesma forma.

Então virou sobre suas costas para que ele ficasse sobre suas mãos amarradas, e começou a envolver a fita adesiva na sua boca e ao redor da cabeça. Seria doloroso tirar a fita do cabelo, mas ela não se importou. Ele merecia isso e muito mais.

Kate estava terminando quando o atacante abriu os olhos de repente. Ela deu um salto quando ele começou a se





sacudir, tentando se libertar. O ódio brilhava em seus olhos. Ela encontrou seu olhar por um momento, então logo terminou de amarrá-lo com a fita, ignorando sua luta inútil.

Se Lucern fosse um homem normal, ela teria telefonando para a polícia. Mas Lucern não era um homem normal. Como podia explicar essa situação? O olhar de Kate varreu o quarto, caindo sobre a porta da geladeira parcialmente aberta e as bolsas de sangue cortadas. Não poderia explicar isso para a polícia. Não, ela teria que agir sem ajuda de ninguém.

Forçando seus pés a se moverem, Kate voltou quase relutantemente para o lado de Lucern. Em seguida, hesitou insegura do que fazer. Ainda não parecia que houvesse tido uma grande perda de sangue. Por outro lado, suspeitou que provavelmente usasse muito sangue para reparar o dano feito a Lucern. Ele precisava de sangue.

Seus olhos foram para sua boca. Ele não parecia respirar, e muito menos ser capaz de beber dela. Além disso, ela observou que a ferida em seu peito não estava jorrando. Nenhum sangramento. Acima de tudo, ela tinha certeza que o ferimento estava menor e com menos sangue.

Kate lembrou que Lucern havia dito que tinha algo em seu sangue que era usado para curar ferimentos. Era o





sangue que estava fazendo isso? Isso poderia curá-lo e mantê-lo vivo se ele ainda estava vivo.

Kate se inclinou para frente e agarrou as bordas irregulares da camiseta de Luc, onde a estaca tinha rasgado. Ela a rasgou, e pegou uma tira grande de pano. Colocando-a no chão ao lado dela, colocou sua cabeça sobre o peito de Luc para ter uma visão mais próxima da ferida. Sim, definitivamente tinha menos sangue. Com certeza. Esse era um sinal de que ele ainda estava vivo?

Mordendo os lábios, olhou para a faca em sua mão. Ele não podia se alimentar dela. Mas ela podia alimentá-lo?

Agindo antes que pudesse pensar sobre isso e mudasse de idéia, Kate cortou seu pulso, então o manteve sobre o ferimento, deixando o sangue gotejar nele. Ficou ali, parando apenas quando começou a ficar um pouco tonta. Em seguida, ela rapidamente pegou a tira da camiseta que tinha rasgado. Usando isso, ela enfaixou o pulso com firmeza. Foi um processo complicado, mas ela conseguiu.

Por fim, Kate se inclinou para trás, e olhou para o homem que atacou Lucern. Ele estava no lugar onde ela havia deixado ainda firmemente amarrado. Se ele tivesse lutado contra amarração, então o tinha feito rápido. Notando isso com alívio, ela devolveu sua atenção a Lucern. Seus





olhos ainda estavam fechados, sua cara pálida e quieta. Ele não abriu os seus olhos e sorriu como ela esperava. A ferida não se fechou milagrosamente. Não aconteceu nada igual aos filmes. Ela desejou que tivesse.

Kate optou por uma longa vigília. Não estava completamente certa que ele abriria esses olhos de prata, mas ela não ia se render.

O cansaço a alcançou, Kate se moveu para ficar do lado dele e apoiou sua cabeça dolorida sobre seu ombro bom. Ela ficou ali em silêncio por um momento, escutando, mas não encontrou nenhuma pulsação em seus ouvidos. A estaca parou o seu coração. Ela só não tinha certeza se ele tinha parado para sempre.

— Volta para mim, Lucern. — Ela murmurou, fechando os olhos para bloquear a luz. — Por favor.





Capítulo 15

Lucern despertou com uma arfada, seu corpo sugando oxigênio profundamente para seus pulmões e rapidamente o exalou. O som de seu coração era como um tambor que ressoava em suas orelhas e seus olhos viam só escuridão. A escuridão lentamente se entregou a cor. Lucern ficou imóvel por vários momentos enquanto seu corpo lutava para se recuperar, sabendo quão próximo havia chegado da morte.

Lentamente se deu conta da pressão em seu ombro e percorreu seu olhar para baixo, aliviado por ter sua vista de volta. Pôde ver a parte superior de uma cabeça. Não podia ver o rosto, mas reconheceu as tranças loiras de Kate e sentiu um grande calor fluir através dele até ela.

Fechando os olhos, fez um check-up. Não havia dano cerebral no que ele poderia dizer; sua memória estava intacta. Kate o tinha salvado. A idéia era um pouco entristecedora. Ele era capaz de ser o guerreiro e o Salvador, o herói. Mas Kate tinha sido o herói hoje, o esquivando de seu agressor — entre todas as coisas, com um travesseiro.





Teria sido arrogante se tivesse forças para sê-lo. A mulher tinha derrubado seu agressor com um travesseiro, um agressor que havia se aproveitado dele. Isso chocou sua mente. Sua coragem e sua engenhosidade foram uma combinação formidável. Tratou de levantar sua mão para acariciar os fios suaves de Kate, querendo mais contato com ela, mas ainda não tinha forças.

Frustrado por sua debilidade e sua falta de controle, Lucern se obrigou a ser paciente. Seu corpo estaria trabalhando como louco para mandar sangue para reparar seu cérebro e seus órgãos vitais. Uma vez que estivessem trabalhando em ordem, o seu sangue se concentraria em seu descanso. Então uma parte de sua força retornaria.

Enquanto permanecia ali, perguntou-se a respeito de seu agressor. Quem era o homem? Era uma pergunta que gostaria de saber, mas Lucern também se perguntou o que teria sido dele. Só podia supor que Kate havia supervisionado seu corpo, ou ela certamente não teria adormecido. Se ela estava dormindo.

Seus olhos se abriram novamente.

Com sua experiência com lesões, Lucern suspeitou que tinha estado inconsciente por aproximadamente meia hora. Parecia relativamente um período de tempo curto para que





Kate pudesse cuidar de seu agressor, retirar a estaca de seu peito e dormir. Desta vez, quando tentou se mover, Lucern pôde ver sua mão e levá-la ao lado de sua cabeça.

Para seu alívio, Kate murmurou com sonolência. Ela se abraçou com suavidade a ele, aninhando-se a ele. A ação conseguiu relaxar Lucern. Ela estava viva. Todo o resto podia esperar. Ele fechou os olhos e se sentiu dentro de uma luz enquanto seu corpo terminava os reparos.

Quando abriu os olhos, a fome estava urgindo. Sua força não tinha retornado — Lucern ainda estava fraco, literalmente falando — mas estava forte comparando-se com um homem mediano. Movendo-se com precaução, trocou de posição para se afastar de Kate, aliviando sua postura antes de sentar reto e olhar com atenção. Ele imediatamente reconheceu seu agressor deitado no chão. O homem estava amarrado fortemente como um peru.

Os olhos de Luc foram ao refrigerador e notou quatro bolsas vazias. Ele avançou contorcendo-se. Quatro bolsas. Tinha havido oito restantes depois da última alimentação. Ficando de pé, chegou ao refrigerador, abriu a porta e olhou com atenção. Respirou com alívio quando viu quatro bolsas de sangue intactas. Ele devia ter interrompido o trabalho de





seu sócio antes que tivesse a oportunidade de destruir todo o seu fornecimento.

Lucern agarrou uma das bolsas e pôs seus dentes nela enquanto começava a examinar o quarto. Havia um pouco de trabalho a fazer. Tinha que limpar o sangue do tapete e pôr sob custódia o cavalheiro que parecia a imitação de um urso no tapete.

Contemplou o que fazer com seu agressor enquanto ia pegar mais duas bolsas de sangue. Finalmente, decidiu que teria que encontrar mais antes de tomar uma decisão. Precisava saber se esse tinha sido um ataque a Luke Amitault o escritor de vampiros, ou Lucern Argeneau o vampiro. A diferença poderia afetar a segurança de sua família.

Lucern estava melhor quando terminou sua terceira bolsa de sangue. Decidiu deixar a quarta e última bolsa para mais tarde e fechou a porta do refrigerador para trabalhar. Encarregou-se o melhor que pôde, incluindo manipular seu agressor, logo fixou sua atenção em Kate, que ainda dormia no meio do chão. Pensou em levá-la para o quarto, mas a última coisa que ele tinha visto era que ela havia batido a cabeça no armário. Não gostou da idéia de sair e deixá-la sozinha a noite toda. O que ocorreria se a lesão lhe causasse





algum problema mais para frente? Ela devia passar a noite em seu quarto, não no chão.

Indo na sua direção, Lucern ajoelhou-se e deslizou suas mãos sobre ela, logo a colocou em seus braços. Ela apenas se moveu quando ele a pôs em cima da cama. Ele notou a tira de roupa que cobria seu peito quando ele começou a arrumá-la. Agarrando sua mão, desenrolou a bandagem provisória. A preocupação lhe cobriu. A ferida em sua carne se coagulou e já não sangrava, mas ele não podia nem pensar no quão profunda era. Não pensou se precisava de pontos, já que estava fechada, mas.....

Agarrou o telefone e pediu na recepção bandagens e anti-séptico, logo considerou cuidadosamente como poderia ter recebido ela a lesão. Quão único ele podia pensar era que ela a tinha recebido de alguma forma durante a briga. Agora lamentava abandonar o agressor tão rapidamente. Ele deveria ter feito...

Seus pensamentos se entrecortaram com a batida na porta exterior. Os itens de primeiros socorros haviam chegado. Ele foi até a porta e os pegou sem deixar que o entregador entrasse, então voltou para cuidar de Kate. Ele limpou seu ferimento e cuidadosamente a enfaixou, logo colocou sua mão amavelmente em seu pulso e a cobriu.





Deixou-a adormecendo enquanto retirava suas roupas arruinadas e limpava o sangue. Depois deslizou na cama também, tomando cuidado para que ficasse o mais longe dela possível. Não queria arriscar-se esbarrando no braço de Kate ou deixá-la irritada caso a acordasse. Ele dormiria em seu lado da cama.

É claro que ele não havia dado a impressão de que Kate não poderia ficar ao seu lado. Justamente quando tinha começado a adormecer, Kate rolou na cama, jogando sua mão sobre seu peito e aninhando-se como se pertencesse aquele lugar. Por mais estranho que parecesse, sentiu que ela o faria.

Kate estava lenta quando despertou, relutando em encarar o mundo. Levou um momento para que seu cérebro nebuloso recordasse o ocorrido; logo a imagem de Lucern escorregou em sua mente. Ela se endireitou e abriu os olhos. A primeira coisa que olhou foi o queixo de Lucern. Ela encarou por um momento, então relutantemente baixou a vista para seu peito com medo de encontrar o buraco aberto ali. Quando ela viu a roupa de cama, se sentou abruptamente, sobressaltando-se ao se encontrar na cama com ele. Seu olhar fixo varreu o quarto, confusa ao encontrá-lo em ordem. Tinha tudo aquilo sido um sonho? Perguntou-se vagamente.





Seus olhos foram até o tapete diante do mini frigorífico e sua língua se prendeu ao céu da boca. Obviamente, alguém tinha tratado de limpar com água o sangue e tinha conseguido tirar o pior, mas ainda havia uma mancha grande, débil. Voltando a olhar Lucern, Kate tirou os cobertores.

Um ruído de surpresa e assombro escapou de sua garganta quando avistou seu peito intacto. Suspirou aliviada e assombrada, acariciou seus dedos agilmente sobre a pele perfeita, logo fechou seus olhos e tratou de acalmar seu coração que pulsava selvagememente. Ele estava vivo!

Uma mão quente se fechou sobre a sua e Kate abriu os olhos outra vez. Lucern estava acordado e olhava-a fixamente apertando sua mão.

— Salvou minha vida. — Disse ele solenemente. — Obrigado.

Kate afastou o olhar, se voltando fixo no armário e no piso vazio diante dele.

— O homem que te atacou...

— Limpei sua mente e o enviei para casa.

Ela cravou os olhos nele horrorizada.





— Enviou-o para casa? Ele te atacou.

— Não podia telefonar para a polícia e tentar explicar a situação. — Assinalou Lucern, encolhendo os ombros e adicionando: — Além disso, ele não estava bem. Sua mente estava errada.

— Porque ele te atacou? Ele estava no congresso? Ele...

— Não, ele não estava no congresso. Ele vive aqui na cidade. Aparentemente, sua esposa era uma grande fã romântica. Quando ela o deixou, ele quis alguém para culpar. Decidiu que foram todos esses livros que ela lia. — encolheu os ombros. — Ele começou a lê-los por sua conta e acreditou que eu era um vampiro. Ele viu nossa foto no jornal e soube que estava na cidade, decidiu que eu tinha assumido o controle da mente de sua esposa e a tinha afastado dele. Começou a acreditar que se me destruísse, a libertaria. Acreditou que ela retornaria a ele.

Kate olhou Lucern, seus pensamentos correndo a toda velocidade. Ele souu tão entendido do assunto.

Ela havia se sentido indefesa e inútil ontem à noite e tinha sofrido um grande sentimento de perda ante a possibilidade de que ele poderia ter morrido — mais perda do que o apropriado para um de seus escritores. Não havia necessidade de lutar mais. Kate sabia que seus sentimentos





para com esse homem eram profundos. Ela tinha pensado que ele era brilhante e talentoso antes de reunir-se a ele, havia sido áspero e rude ao chegar a sua casa, logo tinha visto lados contrários dele que lentamente se deixavam ver, como as pernas, braços e cabeça de uma tartaruga. Ela tinha chegado a ver que a concha dura que ele mostrava ao mundo era apenas isso, uma concha, um escudo para protegê-lo. Ele era esperto e forte, mas também compassivo e amável. Um homem quase o tinha matado, mas Lucern encontrou em seu coração lástima por ele. Ela ouviu a compaixão em sua voz. Era tão suave e aberta como sua expressão. Seu escudo parecia falhar inteiramente esta manhã e ela não tinha idéia do por que. Quase desejou que não estivesse assim. Possivelmente logo ela poderia lutar contra a magnitude dos sentimentos que fluíam dentro dela.

— Kate?

Ela olhou com atenção para seu rosto.

— Como está sua cabeça? — Perguntou ele — Vi que bateu contra o armário antes de perder a consciência ontem à noite.

— Minha cabeça está em péssima forma. — Disse solenemente.

Olhou-a com preocupação.





— É isso? — Ele sentou e tentou alcançá-la, seus dedos tocando amavelmente atrás de sua cabeça. — Dei uma olhada ontem à noite, mas não havia nenhum galo. Pensei... — Ficou silencioso quando ela colocou a mão em seu peito onde tinha estado á estaca. A roupa de cama estava ao redor de sua cintura, deixando uma parte da carne crua a vista.

Ele parecia estar bem. Kate sabia que ele precisaria reabastecer o sangue usado para reparar seu corpo. Ela também teria que substituir as bolsas de sangue que o assaltante tinha destruído. Luc necessitava de suficiente para voltar para o resto do congresso. Era manhã de sábado, às seis da manhã, ela viu á hora no relógio ao lado da cama. Tinha só esse dia e o seguinte, mas Lucern tinha sido ferido e necessitaria de uma transfusão grande. Ela estava disposta a lhe oferecer o dela. Diferente de ontem à noite, dessa vez daria com prazer. Ele se asseguraria disso, tinha certeza. Seus dedos percorreram seu peito.

Sua pele estava ligeiramente fria ao toque, mas só um grau ou dois mais fria que a dela. Parecia agradável. Kate quase se sentiu como se sua temperatura subisse, soube que não tinha nada a ver com sua saúde, a não ser com o homem nu na cama ao seu lado. Estava certa de que ele dormia nu e vagamente recordou o roçar de suas pernas





nuas quando ela tinha trocado de posição esta manhã. É claro que ele usava cuecas tipo boxer ou coisa do tipo.

Lucern agarrou sua mão fazendo acabar seu debate mental referente a se estava nu ou não. Kate tirou seu olhar de seu corpo onde tinha ido à deriva. Ele apanhou seus olhos com os seus enquanto levava sua mão à boca e pousava um beijo em sua palma.

A respiração de Kate parou. Sua carícia causou um formigamento em sua palma que subiu por seu braço, produzindo como resposta um pequeno tremor.

— Dói muito sua cabeça? — Perguntou ele.

Kate lentamente negou com a cabeça.

— Isso não é o que quis dizer por estar em más condições, Luc.

— Então o que?

Kate ignorou sua pergunta e acariciou sua bochecha. A bandagem limpa em seu pulso a surpreendeu.

— Você?

— Sim. — Ele apanhou sua mão e a levou a sua boca. Outra vez beijou sua palma justamente em cima da borda da





bandagem. Houve uma piscada de cólera em seus olhos. — Ele fez isso?

— Não. — Admitiu. — Para ajudá-lo.

Seu olhar fixo seguiu o dela até seu pulso e fez uma careta. Aliviou a cólera de um momento atrás.

— Kate. — Começou ele, com voz quebrada. Mas ela não queria gratidão. Ela não tinha feito isso totalmente por ele. Suas razões eram muito mais complicadas e parcialmente egoístas. Ela tinha feito por si mesma. Porque não podia imaginar um mundo sem ele. Ela não quis e não queria seu agradecimento. Quis lhe dar a oportunidade de tomar seu sangue que ele sem dúvida precisava e ela o queria.

— Quero você. — Admitiu ela — Você é um dos meus escritores, um vampiro com uma séria necessidade de sangue, que quase morreu ontem à noite, ambos poderíamos ter morrido e ainda agora, esta manhã, não me preocupo por isso. Quero te empurrar de volta para cama, engatinhar por cima de você e tê-lo dentro de mim.

Lucern cravou os olhos em Kate, sua mente imaginando suas palavras, enchendo-se das imagens que ela criou. Ele podia vê-la jogando-o para trás, arrastando os lençóis e as mantas para um lado, levantando a camisola que





estava vestindo, logo trocando de posição sobre ele e alcançando-o para guiá-lo para dentro dela.

Um momento antes, o que havia sugerido teria sido impossível. Seu corpo não teria cooperado. Agora, entretanto, ele estava acordado e na expectativa embaixo das cobertas. Demônios pensou ele com assombro, havia definitivamente algo a dizer das mulheres modernas, agressivas.

Esclarecendo a voz, Lucern mostrou um sorriso.

— Acho que essa idéia tem seu mérito. — Disse

Raramente, suas palavras formais conseqüentemente faziam Kate rir. Lucern tratava de se decidir se iria se unir a ela ou ofendê-la quando ficou séria, endireitou-se ao lado dele na cama e soltou sua camisola. Ela escorregou por seus ombros. Quando ficou ao redor de sua cintura, disse solenemente:

— Espero que tenha camisinha.

Lucern cravou os olhos na carne cremosa e pálida de seu corpo. Ele a havia trazido quase nua só uns dias atrás nesse quarto, mas não tinha tido a vista que tinha agora. Kate era magra, e bem proporcionada, suas curvas generosas, mas não excessivas. Tinha mamilos rosados, os quais coroavam seus seios como um par de binóculos. Ele





quis estender a mão e agarrá-los como o faria se fossem binóculos, mas em vez de olhar através deles, ele quis desesperadamente lambê-los, sugá-los e...

— Uma camisinha? — Perguntou ele, como se nunca tivesse ouvido essa palavra antes. Felizmente, sua mente se esclareceu o bastante para captar o significado: Ela estava preocupada com as enfermidades sexuais do dia-a-dia. — Oh. Não se preocupe. As enfermidades não podem sobreviver em meu corpo.

Ele sorriu com um de seus sorrisos estranhos, quis poder passar adiante essa informação. Não ter uma camisinha não seria um problema. Além disso, nesse momento, ele sabia que uma camisinha não seria suficiente. Seriam necessárias muitas. Muitas, muitas, pensou enquanto estendia a mão para posar um dedo sobre um de seus mamilos eretos.

Ele olhou para cima quando Kate afastou sua mão fora dali. Para sua decepção, ela não se mostrou impressionada com seu anúncio. Ela franzia o cenho.

— Mas os vampiros não têm esperma?

Lucern teve que pensar nessa pergunta por um momento antes que sua pobre e atordoada mente entendesse. Esperma? Sexo. Bebês. Oh!





— Oh! — Ele percorreu o olhar grosseiramente ao redor do quarto, sua mente trabalhando freneticamente. Não tinha uma camisinha. Não usava camisinhas. As DST's não eram uma preocupação para ele e gravidez nunca tinha sido de seu interesse. Era estranho que um humano e um de sua classe pudessem ter um bebê. Seu primo, o cientista louco do clã, tinha explicado, mas ele não podia lembrar. Embora, pensou que Kate não tomaria esse estranho risco. Necessitava de camisinha.

— Uh, um momento. Apenas... Uh... — Apartando os cobertores, saiu da cama e agarrou as calças manchadas de sangue que havia removido ontem à noite. Ele começou a procurar entre os bolsos. Quando encontrou sua carteira, agarrou-a e fez um sorriso atormentado. — Só tenho que... Er... só um minuto.

Ele correu para fora do quarto e entrou na sala de estar. Fez uma pausa na metade do vestíbulo quando ela gritou:

— Não vai comprar agora, vai? Você está nu, Luc!

Ele parou.

— Luc?





— Não. Não, só um minuto. — Terminou finalmente, sua mente febril. Ele considerou vestir-se, mas então uma imagem de Kate aumentou em sua mente. Não, não havia tempo para vestir-se. O que ocorreria se ela mudasse de idéia? Se tivesse dúvidas? Não podia arriscar-se. Seria mais rápido se...

Apressando-se ao telefone, agarrou-o rapidamente e chamou a recepção.

— Bom-dia. — Disse uma alegre voz feminina da recepção. — Posso ajudar?

— Camisinhas. — Luc revelou.

— Perdão, senhor?

— Camisinhas. Preciso de camisinhas. — Ladrou.

— Já vejo senhor. — A alegria saiu da sua voz. — Que tamanho?

— Tamanho? Têm tamanhos? — Lucern olhou com atenção para baixo. — Grande.

— É obvio senhor. São sempre grandes. — Disse a voz secamente. — Suas escolhas são: ajustado, regular, grande e extragrande.





Lucern ficou com o olhar fixo abaixo de si mesmo outra vez. Ele parecia pequeno depois de uns momentos. Sua ereção minguava. Ele decidiu privar-se dos maiores.

— Grande.

— Luc? O que está fazendo?

Lucern virou para Kate nua no portal do quarto, movia-se nervosamente entre ele e a porta do quarto de Chris. Seu olhar fixo a varreu dos pés à cabeça, ele agradeceu que sua vista não tivesse sido danificada ontem à noite. Nem seu olfato. Seu perfume doce, temperado com especiarias estava flutuando no ar, lhe rodeando com suculência. Ela cheirava bem o suficiente para comer. Esse pensamento evocou outros pensamentos: lambendo cada milímetro de sua carne e...

— Luc? — Kate começava a ficar preocupada. — Está tudo bem? Parece estranho.

— Senhor?

O olhar fixo de Lucern desceu para sua ereção. E disse ao telefone.

— Que sejam extragrandes.





— Extragrandes o que? Lucern, o que está fazendo? — Perguntou Kate. Começava a soar irritada.

— Um momento. — Ladrou Lucern ao telefone. Colocando-o na mesa, apressou-se para ir em direção de Kate para agarrá-la pelos braços. —daqui a pouco irei contigo. Volta para a cama. Está com calafrios. — Ela os tinha em todas as partes, nos braços que suas mãos distraidamente acariciavam, em seus seios que seus olhos acariciavam possivelmente os extragrandes não seriam suficientemente grandes.

Negando com a cabeça, Lucern deu a volta em Kate e assinalou com o dedo para a cama.

— Estarei ali. Prometo.

— Mas.

Lucern fechou a porta com protesto e voltou rapidamente para o telefone.

— Olá?

— Sim, senhor. — A mulher estava definitivamente irritada esperando. — Agora, que tamanho você quer? Temos pacotes de: seis, doze, vinte e quatro e trinta e seis.





— Seis, doze, vinte e quatro e trinta e seis? — Repetiu Lucern. Isso era como um teste. Deus querido. Ele não podia pensar. O perfume de Kate ainda o envolvia e seu cérebro estava impreciso. Perguntou-se brevemente se não deveria ter consumido mais sangue. Possivelmente tinha perdido mais do que tinha pensado e seu fornecimento de sangue estava baixo já que seu corpo tinha que tomar sangue de outro lugar para dar suporte a sua ereção. Se for assim, definitivamente a escolha foi tirar seu cérebro. Seus pensamentos derretiam como água.

— Senhor?

— Todos eles. — Disse no fim das contas, quanto mais, melhor.

— Lubrificado ou pouco lubrificado?

— Urgh. — Suspirou ao telefone.

— Muito bem. Lubrificado. — Disse a mulher. — Agora quer: Para seu prazer, Maior-adaptação, extra Resistência, Maior prazer, Sensação compartilhada, Textura, Sensível, Maior-magreza, Máximo, Superior, Prazer estendido ou Máximo extragrande? — A mulher soou como se passasse um bom tempo.





Lucern não. Ele olhou com atenção sua ereção a qual estava definitivamente afetada por essa inundação de perguntas. Era uma vista triste e choramingou ao telefone.

— Enviar-lhe-ei uma variedade, tudo bem?

Lucern se apoiou na mesa com alívio quando ela adicionou.

— Não demorará mais de meia hora. Que tenha um bom dia, senhor.

Lucern ficou ereto imediatamente. Bom, seu corpo estava. Seu pênis começou a decair quando ele rugiu: “meia hora?”, ao telefone.

Sua resposta estava no sinal de discagem.

— Luc?

Ele desligou de repente o telefone e começou a andar em direção a porta do dormitório outra vez. Kate estava outra vez de pé ali. Mas, vestida com sua camisola. Ele notou isso com espanto, seu coração naufragou lhe dizendo que o momento estava passando. Se ele não fizesse algo logo então ela iria mudar de idéia. O qual já expressava em seu rosto.





— Talvez devêssemos deixar isso acontecer naturalmente. Você é um de meus escritores e provavelmente não é muito profissional.

Lucern quase gemeu em voz alta. Isso era exatamente o que tinha temido que pudesse acontecer. Confrontando-o agora, ele fez a única coisa que poderia pensar. Cruzando o quarto, agarrou-a em seus braços e a beijou. Não era um beijo “bom dia, feliz em te ver”. Era “quero seu corpo quente, suado e emplastado contra o meu”. Kate vacilou por um momento, logo para alívio de Lucern cedeu com um gemido. Ela se derreteu contra ele.

A ereção de Lucern lhe deu uma aprovação. Roçou na camisola de Kate. Isso foi suficiente para apressar-se a agarrá-la em seus braços e levá-la pra cama. Colocando seus pés ao lado dela, ele rapidamente tirou sua camisola e a jogou para um lado, logo se dispôs a convencê-la de que não se equivocou ao admitir que o queria.

Seu plano começou, a adorar seu corpo, para prolongar a estimulação sexual até que as camisinhas chegassem. Meia hora não deveria ser um problema. Levaria isso para conhecer cada parte do corpo dela. Ele começou com seus seios, passando suas mãos por debaixo deles e apanhando suas pontas com seus polegares enquanto o resto de seus





dedos se fechava aos lados. Logo ele dobrou sua cabeça e tomou um mamilo perfeito em sua boca. Ele persuadiria com paciência até que retornasse à sua anterior condição de ereção.

Kate gemeu e se estremeceu com seu mamilo se endurecendo na boca de Lucern. Ela tinha começado a pensar que não era uma boa idéia quando voltou para o lado de Lucern, mas agora, enquanto ele sugava seu seio, desenhando seu bico com a boca e realçando seu desejo, ela deixou suas dúvidas para trás. O queria... Oh, sim, como o queria.

Suas mãos vagavam por seus ombros e abaixo de suas costas, arranhando sua carne enquanto lhe mordida alegremente.

Lucern riu contra seu seio e a encorajou a ficar em cima da cama. Ele ficou encima dela imediatamente, sua boca encontrando a dela e devorando-a. Kate o beijou com cada parte de seu ser, deslizando suas mãos em seu cabelo e o sujeitando ali. Logo ela deslizou suas mãos por todo seu corpo.

Lucern se esticou contra Kate, seus olhos fechando-se com prazer quando seus dedos envolveram sua ereção. Ela





apertou amavelmente antes de deslizar sua mão em todo o comprimento.

Ah, a mulher moderna agressiva, pensou ele vagamente. As mulheres renascentistas e da regência tinham sido muito mais tímidas. Não todas elas, claro, mas a maioria tinha dado ao homem permissão de ajustar o passo e fazê-lo trabalhar mais. Não sua Kate entre tanto. Agarrava-lhe com entusiasmo, o tocando, e outra vez Lucern viu que havia algo que dizer das mulheres modernas depois de tudo. Elas eram preparadas, negociadoras, eróticas como o inferno e não se assustavam ao ir atrás do que queriam. Elas...

Horrível, pensou repentinamente quando sentiu suas carícias. Tinha meia hora pra matar antes que as camisinhas chegassem. Não tinha estado com uma mulher há muito tempo. Várias centenas de anos de sexo tinham feito que não fosse já uma novidade, e ele se cansou fazia mais de cinqüenta anos. Ele tinha levado uma vida bem assexuada depois. Entretanto, Kate lhe tinha revigorado com uma vingança. Se ela continuasse toque e acariciando-o dessa forma, ele ia perder o controle como um adolescente. Oh, isso não era nada bom.

Alcançando-a abaixo, Lucern a agarrou pelo pulso e afastou sua mão. Ele rompeu seu beijo e moveu seu corpo,





desviando sua ereção fora de seu alcance. Decidiu mantê-la ocupada e excitada até que as camisinhas chegassem.

Kate gemeu com desagrado e desejo misturados quando a boca de Lucern se deslizou sobre a dela e ele começou a lamber e morder seu corpo. Ela teve o breve pensamento de que era uma pena que ele não tivesse duas bocas, assim ela poderia continuar beijando-o enquanto ele fazia estragos a sua carne.

Apanhando a mão que tinha detido a sua, ela a levou para sua boca. Agarrando um dedo grosso, Kate o chupou em sua boca e o mordeu. Lucern tomou uma pausa para prestar atenção especial em seus seios.

Seu corpo tremia e Kate trocou de posição inquietamente sob Luc, agarrou firmemente sua mão enquanto pousava a boca em seu estomago. Os músculos de seu estomago estavam contraídos e ondeavam sob seu ataque; logo se apertaram quando ele se moveu mais para baixo e separou suas pernas. Oh, isso era... Ela esperou que ele não a mordesse ali.

O pensamento, por mais bobo que fosse fez que aflorasse uma risada ofegante em seus lábios, mas morreu tão rapidamente como tinha nascido. O que ele estava fazendo nela deixava-a sem respiração e nesse momento não





lhe importaria se ele a mordesse desde que não parasse de fazer o que estava fazendo.

Querido Deus, ele poderia matá-la com prazer e ela estaria feliz em sua morte, pensou ofuscadamente.

Logo, perdeu a capacidade para pensar enquanto seu corpo implorava, ela gritou, arqueando seus quadris para cima e rasgando os lençóis. Ela estremeceu fora de controle, agarrando os ombros de Lucern enquanto ele se movia. A única coisa melhor do que isso era tê-lo dentro dela. Ela tinha certeza disso.

— Por favor, Lucern. — Disse ofegante.

— O que quer doçura? — Perguntou enquanto estava entre suas pernas.

— Quero você dentro de mim. Ponha a camisinha. — Implorou.

Quando ele ficou rígido e parou, ela franziu o cenho. — Luc?

— Er... — Para sua súbita desilusão ele se separou dela. — Eu, er...

— Não conseguiu a camisinha? — Perguntou — Pensei...





— Sim, sim. Eu, er... só me esqueci no outro quarto. —
Reconfortou rapidamente. Levantando-se da cama,
adicionou. — Eu... Er... Será só um momento. Fique aqui.

Logo ele saiu correndo do quarto, fechando a porta
atrás dele.





Capítulo 16

Lucern abriu a porta espiando o corredor, ele esperava encontrar algum funcionário com pacotes de camisinha na mão, mas claro que não havia tal situação. O corredor estava vazio. Ele bateu a porta em frustração, em seguida virou-se olhando em volta. Deveria haver preservativos em cada quarto. Os hotéis deveriam estocá-los como fazem com doces e bebidas. Realmente Luc não entendia como ninguém ainda havia pensado nisso.

Um pequeno suspiro e o farfalhar de lençóis, atraiu seu olhar para a porta de seu quarto. Sua audição estava trabalhando excepcionalmente bem no momento. Todos os seus sentidos estavam zumbindo. Seu corpo inteiro estava pulando de entusiasmo, e tudo isso, cada pequeno centímetro dele queria ficar com Kate. Isso foi como uma espécie de inferno. Algum tipo de...

Lucern fez uma careta para o seu quarto e para a delicada mulher em sua cama, ele sabia que essa conferência seria uma excursão ao inferno. Agora ele percebia que seria uma tortura ainda maior para o seu corpo.





Um ronco vindo do quarto de Chris Keyes chamou sua atenção. Claro o homem estava dormindo pacificamente. Ele não estava sofrendo a tortura dos condenados e — Chris é um homem.

O pensamento interrompeu o discurso interno de Lucern, o colega de Kate poderia ter um preservativo, ele pensou olhando para a porta. Ele acreditava que Kate teria contado ao seu amigo Chris sobre o que eles estariam fazendo, mas a ele tinha certeza de que ela não gostaria nada que ele fosse até o seu amigo pedir um preservativo.

Outro suspiro vindo de seu quarto, seguido pelo farfalhar dos lençóis. Ele podia apenas imaginar Kate se deslocando sem descanso pela cama, seus mamilos ainda duros, seu rosto amolecido pelo desejo e —

Lucern decidiu, ele não diria a ela de onde veio a camisinha. Apressando-se para a porta de Chris, ele simplesmente entrou, sem bater ou fazer qualquer ruído que Kate pudesse ouvir. Ele correu até a cama onde o editor dormia, agarrando-o pelos ombros e o sacudiu violentamente.

— Acorde — ele disse.

Chris acordou os olhos piscando freneticamente em alarme.





— O que? O que aconteceu? — Ele perguntou ansiosamente. — O hotel esta pegando fogo?

—Não, eu preciso de uma camisinha, você tem alguma?

Chris piscou em incredulidade para ele.

—O que? Uma camisinha? — Ele começou a levantar sua cabeça, então seu olhar caiu no corpo nu de Lucern. Ele congelou sua boca aberta em horror. — Oh meu Deus. Oh, não aponte essa coisa para o meu lado. — Ele afastou suas mãos de Lucern, rolando para longe com nojo. — Eu vou dormir aqui, vá embora.

Lucern vendo a carranca de Chris afastou-se um pouco cruzando os braços.

—Eu preciso de um preservativo.

— Eu preciso dormir, vá embora — o editor repetiu.

— Você não tem nenhum? — Lucern persistiu.

Ao perceber que Lucern não estava saindo Chris rolou de volta. Olhando para Lucern ele disse.

—Sim, e eu pareço uma farmácia para você? — Sentando-se ele disse. — Olha Lucern eu gosto de você, mas Kate é minha amiga e... — ele parou olhando carrancudo. — Você vai parar de apontar essa porcaria em mim? Você está





criando um complexo em mim. Graças a Deus todos os meus escritores são mulheres. Nenhuma delas estaria nua balançando as coisas para mim. Eu não deveria saber muito sobre a vida pessoal da Kate. Somos amigos e colegas de trabalho e vocês dois dormiram juntos? No outro dia...

—Não — Lucern falou para calá-lo. — Ainda não. Eu quero uma maldita camisinha não uma palestra.

— Bem, eu quero dormir, não ver a Kate magoada, e você... — Ele pausou quando ouviu uma batida na porta da suíte.

Quando Lucern começou a sair Chris agarrou seu braço.

—Você não vai atender a porta assim! E se for uma fã que conseguiu localizá-lo? — O editor afastou os cobertores para o lado e saiu da cama em um único movimento. Ele estava sem camisa, apenas de boxers. Ele saiu do quarto sem se preocupar em vestir um roupão. Lucern o seguiu em uma distância discreta no caso de serem as fãs e não a camisinha que ele havia solicitado.

—Bom dia senhor! — Um mensageiro uniformizado do hotel estava parado na porta, sorrindo e segurando várias caixas. — Eu acredito que são para o senhor.





Chris arregalou os olhos. Lucern não sabia se tinha sido a quantidade ou a variedade que horrorizou ele. Quando o editor não se mexeu, Lucern perdeu a paciência e avançou.

— Entregue-as a mim. — Ele pegou as caixas do mensageiro, em seguida hesitou. — Eu não tenho trocado. Chris, você tem algum trocado aí?

— O que? — O editor olhou para ele perdido.

— Um trocado para o homem, — Lucern repetiu irritado. Ele gesticulou para sua nudez. — Eu não tenho nada. Eu irei lhe pagar depois.

—Oh — Chris apalpou suas boxers onde deveriam ser os bolsos. Fazendo uma careta ele disse. — Não, claro que eu não —

— Tudo bem, você pode me pagar mais tarde, — O mensageiro disse rapidamente. Inquieto ele estendeu um lápis e uma prancheta com uma folha de papel. — Basta assinar isso para que sejam debitadas em seu quarto, e eu vou sair.

Chris rapidamente assinou e devolveu o lápis e a prancheta.

— Er, obrigada.





— De nada senhor, vocês dois podem se divertir agora.
— O mensageiro piscou e fechou a porta.

Chris virou e encarou Lucern, horror crescendo em seu rosto.

—Ele acha que nós, você e eu... — Ele estava semicoerente agora, completamente horrorizado.

Lucern estava impaciente demais para retornar até Kate para acalmá-lo. Ele pegou o atalho vampiro, entrando na mente do editor para mandá-lo para a cama. Vá para a cama Chris. Isso é tudo um sonho. Você está dormindo.

O homem começou a acalmar-se imediatamente, caminhando em direção a porta e murmurando.

—Oh, sim. Estou dormindo.

Lucern assistiu Chris entrar em seu quarto, em seguida, correu de volta para o seu próprio. Ele quase esbarrou em Kate. Ela tinha posto o roupão e estava aparentemente indo procurá-lo.

— Oh, — ela engasgou diante de sua súbita aparição.
— Eu pensei ter ouvido batidas na porta e vozes.

— Sim, entrega do hotel, — Lucern disse. Observando a forma como os olhos de Kate se arregalaram ao verem os





pacotes em sua mão. Com medo que ela desistisse por conta do numero de preservativos ele continuou. — Eu não tinha certeza de que tipo conseguir, então pedi todos.

— Eu vejo. — Seu rosto ficou rosa, mas ela conseguiu lhe dirigir um sorriso. — Bem, isso é... Er ser prevenido... Ou algo do tipo.

Lucern suspirou internamente. Esse negócio de preservativo pode realmente colocar um freio no ato de fazer amor.

Descontente com o desconforto que havia sido criado entre ele e Kate, ele colocou as caixas sobre a cômoda fechou a porta e a puxou para os seus braços. Ele a queria quente, molhada e dolorida por ele novamente. Ele não tinha tido todo esse trabalho, para arruinar o momento. Ele a beijou com uma paixão deliberada com a intenção de atizar as brasas do fogo que ele tinha construído mais cedo, mas quando Kate não derreteu imediatamente contra ele, ocorreu-lhe mais uma vez que era uma pena que sua mente estivesse fechada para ele. Teria sido muito mais fácil comunicar seu desejo a ela e infundi-la com ele. Em vez disso, ele tinha que fazer do jeito mais difícil.





Movendo-a ao redor para encostá-la na cômoda, ele quebrou o beijo deles para afastar-se para trás e soltar o nó do roupão, congelando quando o pano se abriu.

Deus, ela lhe tirou o fôlego. Ele ergueu as mãos capturando-lhe os seios.

Kate soltou um suspiro tremulo quando ele lhe acariciou e Lucern percebeu que era uma forma de lhe informar algo pela maneira como foi solto. Ele queria mais, muito mais do que apenas suspiros, ele queria suspiros e gemidos e que ela chamasse seu nome em sua voz articulada, sexy e rouca. Ele queria afundar nela e levá-la em um prazer selvagem. E não queria perder tempo indo até a cama.

Após ter liberado seus seios Lucern empurrou as caixas dos preservativos fora do caminho, pegando Kate em seus braços ele a sentou na cômoda. Se colocando entre suas pernas Lucern tirou o robe dos ombros de Kate deixando-o cair na madeira dura. Ele a queria novamente em chamadas, entregue aos seus desejos. Segurando-a pela nuca ele há puxou um pouco mais para frente para outro beijo. Enquanto isso sua outra mão passeava pelo seu corpo, ele planejava traçar cada linha de seu corpo com seus dedos e





sua boca, sem negligenciar nenhum milímetro, ele queria acariciar, morder e devorar.

No entanto Kate tinha algumas demandas de sua autoria, ele sentiu sua mão abraçar e deslizar ao longo de sua extensão e ele por pouco não se perdeu, conseguindo conter-se por pouco, seu beijo se tornou ainda mais selvagem, sua mão deslizou entre eles para tocar o coração dela.

Kate engasgou quase pulando para fora da cama, sua pele ainda sensível recebera um choque ao toque de Lucern. Ela gemeu, e aproximando-se ainda mais dele envolveu suas pernas em volta de seus quadris, às mãos envolvendo seu corpo. Ele estava duro e forte, um prazer de tocar e ele a estava levando a loucura. Ele já a havia empurrado sobre a borda mais cedo e ela estava doendo em senti-lo mais uma vez, mas desta vez ela queria ele dentro dela.

Lucern gemeu e estremeceu quando Kate segurou sua dureza na mão. Kate sorriu contra sua boca satisfeita ao saber que podia afetá-lo. Então ela tateou cegamente pela cama e de alguma forma ela conseguiu abrir uma das caixas e pegar uma camisinha, ela não sabia qual e não se importava, a única coisa que ela queria no momento era ele dentro dela.





Lucern ouviu um som de clique e um rasgado e estava quase quebrando o beijo para olhar o que era, quando sentiu algo pressionando sua ponta e depois começar a deslizar por seu comprimento. Então ele quebrou o beijo para olhar e para seu espanto, Kate estava escorregando um preservativo nele.

— Kate, — ele tentou disser entre dentes. — Eu —

—Eu quero você, — ela respirava, enquanto terminava o trabalho e puxando-o mais para perto dela. — Agora.

Isso era tudo o que ela necessitava dizer, Lucern imaginou que fosse demorar um pouco mais levá-la de volta a este ponto, mas as suas bochechas estavam vermelhas e seu corpo se esticava em busca do seu. Ela o queria, e sem mais delongas ele a pegou por baixo dos joelhos, deslizando-a na sua frente sobre a cômoda, ele pressionou sua boca na dela então mergulhou dentro dela. Então ele parou por um momento, pois a sensação de seu fechamento quente e úmido em volta dele não era como nada que ele houvesse experimentado antes. Ele estava envolto em seu cheiro, era quase como se ele fosse um com ela, de corpo e alma, quase.

Agindo de forma instintiva ele deslizou sua boca da dela e desceu para o seu pescoço, retirando-se dela parcialmente. Kate murmurava de prazer, o inferior de seu corpo





balançando contra ele, sua cabeça inclinada para trás para permitir-lhe o carinho, Lucern sentiu seus dentes alongando-se e mergulhou-os em seu pescoço no mesmo instante em que ele empurrou de volta o seu corpo. Era uma ação puramente animal, como um gato macho e dominante pegando uma gata pelo pescoço, enquanto ele mergulhava dentro dela ele a estava marcando por que ela, Kate C. Leever era dele e tinha de ser marcada como tal.

Kate gritou e ficou tensa contra Lucern, sua mente estava repleta de prazer. Foi uma súbita onda avassaladora quando sua mente se fundiu com a dela, uma forma de presenteá-la com o que ele estava experimentando. Se antes, seu prazer era quase insuportável, de repente fora dobrado e por um momento ela teve a certeza que seu coração não suportaria. Em seguida seu corpo estremeceu e contraiu suas pernas apertando em torno dele, suas unhas sem querer varreram o comprimento de suas costas e de olhos fechados as luzes explodiram diante dela.

Ela gemeu quando sentiu as mãos de Lucern deslizarem sobre seus pés e puxá-la mais apertado contra ele, o movimento criou outra onda de prazer através de seu corpo. As ondas estavam vindo contra ela, umas sobre as outras enquanto ela experimentava o prazer dele e o seu próprio. Ela apertou suas mãos em seus cabelos, realizada





como se tivesse passado por uma overdose de prazer que a fez ficar tonta. Ela tinha medo de abrir os olhos, medo que o quarto estivesse girando como sua mente.

Ela tinha medo que os amantes, meros mortais, não poderiam mais satisfazê-la depois desta experiência, ela pensava com tristeza. Ela temia que Lucern a houvesse arruinado para todos os outros, que ele poderia ser como uma droga, e mesmo assim ela não conseguia parar de pensar em como queria mais. Seu coração estava martelando, seu corpo ainda se contorcendo e ela queria mais, ela queria se afogar nele, ela estava se afogando nele, ela de repente percebeu quando começou a perder a consciência, mas mesmo assim ela queria mais.

Ao chegar ao clímax Lucern sentiu Kate cair contra ele, então ele a embalou contra o seu peito enquanto ela ainda estremecia, esperando um momento até suas forças voltarem, ao observar seu rosto ele percebeu que ela havia desmaiado.

Ele não estava surpreso e não havia sido por causa da sua mordida, quando ele afundou seus dentes nela, seu corpo logo foi saciado sendo assim ele não bebeu. Não, essa fraqueza era por causa do que eles haviam experimentado. Já acontecera antes no passado nas poucas vezes em que ele





havia derramado todo o seu prazer na mente de suas amantes e em nenhuma dessas vezes havia sido tão explosivo quanto está. Não, ele teria ficado surpreso caso ela não tivesse desmaiado.

Sorrindo ele a beijou na testa em seguida apoiou sua cabeça em seu peito. Ele também necessitava recuperar-se, a experiência tinha sido bastante forte para ele também. Lucern nunca havia se sentido tão fraco e ao mesmo tempo satisfeito em sua vida e a mulher em seus braços era a razão. Ele então alisou suas costas e passou a mão em seus cabelos.

Quando finalmente ele se sentiu capaz novamente, ele a ergueu levantando-a da cômoda e levando-a para a cama, suas pernas e braços ainda flácidos, mas seus corpos ainda unidos. No entanto, no momento em que alcançou a cama ele já estava novamente endurecido dentro dela. Ficando aliviado quando ela murmurou e abriu os olhos. Então ele se ajoelhou, deitando ambos na cama.

—Luc?

— Sim. — Ele retirou o cabelo de sua testa e a beijou na ponta do nariz.

— Isso foi...





—Sim, — ele concordou solenemente. Ele se deslocou apoiando-se sobre o cotovelo tirando assim seu peso de cima dela. Os olhos de Kate arregalaram-se quando o sentiu mover-se dentro dela, mas então ela parecia decepcionada.

Lucern não entendia o porquê, até ela disse,

— Você não—

— Sim, eu fiz, — ele interrompeu não querendo nem por um minuto que ela achasse que não lhe agradara. — Mas você é inebriante, e eu quero você de novo. — Ele retirou-se um pouco e deslizou de volta enquanto falava.

Kate deixou suas pálpebras caírem deixando-a com um ar de sonolenta e sexy, além de um brilho malicioso nos olhos, ela disse.

—Oh, bem eu tento manter meus escritores felizes, Luc.

Então antes que ele pudesse comentar ela puxou-o para um beijo, arqueando-se contra ele, puxando-o para o seu corpo.



—Os livros de Luc acabaram — Chris disse.





— O que? Já? — Kate falou enquanto se afastava do modelo masculino de capa que ela estava falando. O homem era um modelo muito famoso, o seu rosto vendia tanto livros quanto o nome de qualquer autor. Ele estava considerando se tornar escritor também, desta forma ganhando dinheiro com o seu nome além do seu rosto.

Infelizmente, a partir dos capítulos que ele lhe enviara algumas semanas atrás, era óbvio que o que ele viesse a escrever não valeria nada. Kate então passara as duas últimas horas tentando convencê-lo a utilizar um escritor fantasma. Por fim ele acabara dando em cima dela e fazendo uma careta ao se virar para Chris.

Eles estavam na feira de livros, não haveria recepção no salão hoje, as assinaturas de livros estavam previstas para as dez horas da manhã às duas da tarde, e todos os autores estavam assinando seus livros e conversando com os leitores.

Kate e Lucern haviam chegado às dez e um. Eles tinham chegado um pouco atrasados, mas teria sido muito pior se Chris não tivesse apressado e batido em ambas as portas às nove e meia gritando.

— Levantem, levantem, nós temos que ir. — Obviamente Kate não estava em seu quarto e ela estava grata que seu amigo não sabia disso, ela e Lucern haviam feito





grandes incursões no uso dos preservativos. Parecia que os vampiros tinham muito mais resistência do que os homens humanos normais. Eles também eram terrivelmente inventivos, embora Kate não soubesse se era uma característica racial ou era apenas Lucern. Ela supôs que após 600 anos ele teria aprendido alguns truques, e ela tinha aproveitado de cada um.

— Sim, ele está muito ocupado, assim que ele apareceu à multidão foi para cima dele como loucos agarrando seus livros, — explicou Chris.

Kate olhou para o seu relógio de pulso, era apenas meio dia, ainda tinham duas horas para as assinaturas.

— Trouxemos caixas extras de seus livros. Elas estão—

— Acabaram, — Chris anunciou. — Ele passou por essas também.

—Devíamos ter trazido mais, — Kate suspirou. — O que ele está fazendo agora?

— Está apenas sentado lá conversando com os leitores. O que é bom, mas ele reclamou que está meio cansado e me enviou para perguntar a você se poderia ir tirar um cochilo. Você quer que eu o leve até a suíte?

— Não, eu vou... — Kate fez uma pausa.





Ela estava prestes a dizer que iria vê-lo lá em cima, mas mudou de idéia. Ela não tinha dúvidas que Lucern estava cansado, tinha sido uma noite muito desgastante com o ataque e sua maratona de amor. Era muito cedo quando eles tinham acordado e eles estavam enganando Chris há horas antes dele bater e gritar em suas portas lembrando-os do compromisso. O pobre vampiro deveria estar esgotado, sendo assim, se ela subisse as escadas com ele, poderia ser que ele quisesse continuar de onde tinham parado e Kate não tinha certeza se teria força de vontade o suficiente para recusar.

— Qual o problema com o seu pescoço? — Chris de repente perguntou. Ela estivera massageando distraidamente.

Kate removeu os dedos. Ela tinha marcas de mordidas no pescoço e em outras diversas partes do corpo.

Ela esperava que Luc a mordesse, é claro. Ela tinha a intenção de reabastecê-lo, ela simplesmente não esperava que ele a mordesse tanto em todos os lugares do seu corpo. O homem era um animal e ela não conseguira o suficiente dele. Especialmente desde que ela se sentia ótima, não sentira tontura ou fraqueza após a alimentação dele. Bem ela tinha desmaiado duas vezes no início, mas parecia um pequeno preço a pagar por todo o prazer que ela tinha





sentido. Ele realmente a havia arruinado para todos os outros homens.

— Kate. Qual o problema com o seu pescoço? — Chris repetiu.

Ela acenou deixando a questão de lado.

— Nada. E sim eu gostaria que você o acompanhasse até a sua suíte. Apenas no caso de ter fãs escondidos que possam incomodá-lo.

Na verdade, Lucern parecia estar controlando a multidão de fãs. E eles por sua vez estavam sendo incrivelmente agradáveis com ele. Kate estava muito mais preocupada com outro maluco atacando-o, como acontecera na noite passada, mas Chris não sabia disso, ninguém sabia.

— Ok. — Chris concordou facilmente. — Estarei de volta em um minuto se algum dos meus escritores precisarem de mim.

— Obrigada, eu vou olhar eles até você voltar. — Kate lhe assegurou.

— Oh, essa é uma ótima fantasia.

Lucern grunhiu em resposta ao comentário de Jodi, lançando seu olhar para longe de Kate em direção ao casal





passando perto do palco. Este foi o Sr. Romance modelo da capa de competição da Historical Fashion Spectacle. Que se traduziu em ver homens em calças pretas apertadas e camisas brancas estilo pirata passando com mulheres em vestidos antigos.

Na verdade Lucern achou que as roupas que as mulheres estavam usando era reproduções bastante impressionantes dos vestidos que as mulheres usavam quando ele era mais jovem. E ele estaria gostando mais do espetáculo se Kate estivesse sentada com ele. Em vez de estar em uma mesa redonda com Chris e vários outros escritores e Kate estava sentada na primeira de quatro linhas criadas diretamente na frente do palco.

Ela era um dos juízes para a competição, o que Luc entendia ser seu trabalho, ele não tinha nenhum problema sobre isso, mas o que ele não estava gostando era do fato de que ela estava sentada ao lado do modelo de cabelos compridos que ela esteve conversando de forma tão ocupada durante as assinaturas dos livros. Ele não se cansou realmente durante as assinaturas, ele na verdade esperava atrair Kate novamente para o quarto para fazerem mais amor. Mas Kate esteve muito ocupada com este modelo — cabelos longos, musculoso e que estava muito perto olhando





para baixo, para a sua parte superior com um uma frequência demasiada.

Lucern não teria se importado se o cara fosse escritor e tivesse negócios com ela, mas o cara era modelo. O que poderiam estar discutindo? Ele fez uma careta, quando o homem inclinou-se para Kate murmurando algo em seu ouvido. Lucern nunca havia pensado em si mesmo como o tipo ciumento, mas ele estava percebendo que era, e não gostou disso.

—Oh, esta aí, é adorável também.

Lucern retirou seu olhar do casal na área dos juízes novamente. Balançando a cabeça tristemente, ele voltou seu olhar para o palco, de acordo com Jodi quando viu o traje Borgonha usado pela mulher lá. O vestido era lindo, um perfeito exemplo de desgaste Renascentista. Kate teria ficado encantadora nele. Luc deslizou seu olhar de volta para ela, ele fez uma careta quando viu que ela não estava olhando o palco, mas conversando intensamente com o modelo.

Maldição, ele não sabe que ela não está disponível? Aparentemente não, e de quem era a culpa? Kate. Ela deveria explicar a ele que ela não está disponível.

E por que ela não quis dormir com ele esta tarde? Ele não tinha dado mais e mais prazer a ela naquela manhã? Ele





certamente tinha gostado dos momentos com ela e ele estava tão certo que ela também tinha gostado. E se não tivesse?

—Kate está tendo um pequeno problema com o Robert,
— Jodi observou.

Lucern olhou para ela.

—Robert?

Jodi assentiu.

— Ele é o modelo mais popular em torno do sexo masculino. Seu nome é reconhecido assim como a maioria dos autores. Ele quer ter o seu nome como autor e modelo das capas. Infelizmente, ele não sabe escrever. Seus livros são pulsantes e parados. — Ela deu uma risada então explicou. — Esta é a visão estereotipada de romances que eles são todos pulsantes e parados.

Lucern resmungou. Ele não tinha nada de pulsante ou parado em seus livros, mas eles foram considerados romances.

— Kate tem tentado convencer Robert a usar um escritor fantasma, — Jodi continuou. — Mas ele está relutante. Ele se acha um escritor maravilhoso.





Lucern assentiu solenemente e virou com novos olhos para Kate. Assim, o modelo era um escritor. Sua cabeça estava perto de Kate novamente. Enquanto Luc observava Kate soltou uma gargalhada. Então ela tocou no ombro do homem. Luc tinha á visto fazer isso com as escritoras. Kate gostava de tocar, ele já havia notado isso antes. Ela muitas vezes acariciou sua mão, ombro ou braço enquanto eles conversavam. Ele a tinha visto fazendo com outros também. Ele nunca se incomodou quando a viu fazendo isso com as outras mulheres. Mas ele não se importava por ela tocar esse Robert desse jeito, ele não se importava de forma alguma.

Irritado com suas tendências ciumentas para com ela, Lucern pegou seu copo virando o resto e olhando em volta quando o salão estourou em aplausos. No palco, os juízes tinham escolhido o modelo de romance vencedor e o show tinha acabado.

— Ok. — Chris surgiu na mesa, quando ele tinha acabado de ficar de pé. — Vocês têm um tempo antes da festa Roundhouse. Por que você não vai pegar algo para comer e beber. Tenho que ajudar a Kate a arrumar as coisas. Jodi, você pode manter um olho em Luc, certifique-se que ele não tenha nenhum problema?





— Claro. — A escritora concordou. Quando ela enfiou o braço no dele observando sua carranca ela disse: — Chris é bem intencionado, Luc. Você é novo para conferências e reuniões e todo mundo só está preocupado que você pode ser oprimido com tudo.

Lucern apenas resmungou. Ele não estava mal humorado por conta da suposição de Chris de que ele tinha que ser cuidado. No entanto o que ele achou muito chato foi o fato que Kate estava presa na preparação da festa. Ele não teria tempo para falar com ela, ele não falava com ela desde que tinha chegado à feira do livro pela manhã. Ele estava começando a se sentir abandonado, uma sensação nova e que ele não estava gostando nada. Ele estava se tornando dependente de uma mulher, seu humor afetado por sua presença, ele não gostava disso. Sua vida estava se tornando uma série de elevações quando ela estava perto, e baixas quando ela não estava. Parecia que, para Lucern, era preferível o tédio e a monotonia de sua vida antes de Kate, de alguma forma mais segura. Talvez ele devesse criar alguma distância entre eles. Afinal a conferência acabaria no dia seguinte; ele iria viajar para sua casa em Toronto e ela voltaria à Nova York.

Assim toda essa paixão e riso seria apenas uma memória, pensou tristemente. Kate tinha lhe trazido um





pouco de volta à vida. Ele tinha gostado e agora seria um pouco doloroso voltar à antiga existência vazia. Ele não se incomodou com os amigos por um longo tempo, como sempre eles morriam ou tiveram que ser deixados para trás quando se mudou. Ele achava um pouco mais fácil não se preocupar com eles. Ele quase desejou—

—Venha, Luc. — Jodi parou e esperou ao lado de sua cadeira. — Nós estamos indo para o pub aqui do hotel para um jantar rápido. Então iremos todos nos separar para nos arrumar para a festa Roundhouse.

Lucern se levantou jogando para longe a sua melancolia.

— E qual o tema para essa festa?

— Você não sabe? — Ela comentou surpresa.

—Eu deveria? — Ele perguntou cautelosamente.

— Bem é um baile vampiro. Você será a atração principal.

Lucern conseguiu não se afastar, mas ele não era um vampiro feliz. Ele tinha gostado da festa rock 'n' roll da noite anterior, mas ele realmente não estava num humor festeiro hoje. E sendo a atração principal isso parecia bem alarmante.





Capítulo 17

— Acredito que o temos tudo preparado.

Kate assentiu ante o comentário de Allison, quando olhou para seu trabalho manual. As toalhas pretas, as rosas vermelhas como o sangue sobre cada mesa e a iluminação sombria. Estava tudo preparado.

— Deveria ir se trocar. Os convidados vão começar a chegar dentro de meia hora, e se supõe que Luc e você devem estar na porta para recebê-los. —Avisou o editor chefe. Kate fez uma careta, mas confirmou com a cabeça e gesticulou para Chris, lhe indicando que era hora de ir. Ela saiu do salão de baile.

Allison, Chuck, Tom e Deeana já tinham se trocado; tinham desaparecido um a um para vestir seus trajes, deixando os outros para terminar a decoração. Kate e Chris eram os últimos que restavam. Kate tinha adiado isso deliberadamente até agora. Ela não estava esperando ansiosamente para contar a Lucern que ele era a estrela principal do baile. Sabia que ele não iria ficar satisfeito, e





depois da risada e da paixão que tinham compartilhado, ela temia que o Lucern irritado e grosseiro voltasse.

— Coragem — Disse-lhe Chris quando saíram do elevador — Luc tem relaxado muito. Ele pode levar isso numa boa.

Kate forçou um sorriso para seu colega de trabalho. Ela esperava apenas que ele estivesse certo. Sentia-se culpada por não ter contado a Lucern sobre isso desde o começo, mas ela era uma covarde.

O baile vampiro não tinha sido idéia dela. Era idéia do Chuck. Ele considerava isso uma brilhante promoção, e quando Kate tentara fazê-lo mudar de idéia, lhe dizendo que Lucern não era muito sociável e que poderia sentir-se arrasado, Chuck tinha passado como um rolo compressor sobre seus protestos. Inclusive tinha ignorado o fato de que os convidados da conferência teriam pouco tempo para preparar-se para a mudança do baile de espiões que tinha sido originalmente planejado. Kate ficou preocupadíssima que a metade dos convidados pudesse aparecer com trench coats²³ e a outra metade com capas de vampiro. Tudo isto podia tornar-se ridículo!

²³É um casaco de chuva, feito em couro, algodão ou gabardine, com tamanho na altura do joelho ou um pouco maior.





Estas preocupações desapareceram de sua mente quando parou na entrada da suíte. C.K. Puxou seu cartão e destrancou a porta. Kate imediatamente viu Lucern. Estava sentado no sofá, assistindo televisão. Tinha o cabelo molhado e vestia um roupão, obviamente esperando para terminar de vestir-se. Ele não percebeu a entrada deles a princípio, ao invés disso parecia muito interessado no que quer que estivesse assistindo. Um olhar horrorizado se refletia em seu rosto. O que estava assistindo?

Kate olhou para a televisão, reconhecendo uma reprise de Buffy A Caça Vampiros.

Repentinamente Lucern sentou-se para frente, um som de aversão saindo de seus lábios. Parecia muitíssimo com “piranha”, embora Kate não pudesse ter certeza.

Consciente de que tinham muito pouco tempo para arrumar-se para a festa, ela limpou a garganta.

— Er, Luc?

Ele a olhou severamente, com um semblante carrancudo.

— Viu isso? Buffy acaba de estacar esse pobre vampiro. Ele nem mesmo teve tempo de fazer nada desagradável, simplesmente saiu de seu túmulo e ela o estacou. Isso não





está certo. Ela está descontando seus problemas com esse Anjo nos vampiros, isso é o que ela está fazendo — Luc murmurou uma maldição quando se voltou para a tela.

Um pequeno estalo de risada escapou dos lábios de Chris, quando se encaminhou para seu quarto.

— Urn, vou me aprontar.

Kate mordeu os lábios enquanto o observava sair.

— Olhe! — Luc estalou, sentando-se novamente para frente — Ela fez isso de novo. Ela fica feliz por estacar vampiros. Ela vai estacando por todos os lados, às vezes sem razão alguma. A personagem da Buffy é —

— Luc? — Kate interrompeu.

— Hmm? — Perguntou. Seu olhar permanecia ainda fixo na tela.

— Temos que nos arrumar para ir.

— Sim. Eu já tomei banho e me barbeei, só tenho que me vestir. Estava esperando você voltar para me dizer o que tenho que vestir. Não sabia se você tinha outro traje ou — ela fez de novo! — Ficou de pé e olhou furiosamente para a tela. — Quem escreve esta tolice? Não nos convertemos em bestas idiotas quando mordemos, e eu me converti em uma





baforada de fumaça quando me cravaram uma estaca? Não. Não, eu digo. Isso é uma tolice vergonhosa. Simplesmente ridícula. Devo escrever e...

Kate não escutou o resto. Deixou Lucern agitando seu punho para a televisão e fugiu em disparada para seu quarto, para recolher a fantasia que tinha alugado para ele. Então, Lucern tinha descoberto a televisão. Realmente era uma vergonha. E era culpa dela. Tinha insistido na primeira noite para que visse televisão.

Ele ainda estava vociferando a respeito de escrever a quem quer que estive se a cargo da série de Buffy e colocá-los em ordem, quando Kate retornou. Ela parou por um momento a seu lado e balançou a cabeça melancolicamente.

— Suponho que deveria estar agradecida por você ainda não ter descoberto os esportes. Os homens ficam impossíveis quando são viciados em esportes. — Ela comentou.

Lucern arrancou o olhar da TV e bufou.

— Esportes. Eu vi o que vocês humanos chamam de esportes. Senhor. Se quiser ver esporte, deveria assistir um combate de cavaleiros com lanças. Isso é esporte. Partidas ganhas, vistas perdidas, sangue derramado. — Seu olhar caiu na bolsa que ela segurava. — É para mim?





— Sim — Kate o entregou. Começou a dar meia volta, mas ficou sem fôlego ante a surpresa, quando ele pegou sua mão e a desestabilizou com um puxão. Aterrissou em seu colo com um plaf desajeitado. Antes que tivesse tempo de recuperar-se, sua boca cobriu a dela e a submeteu a um minucioso beijo.

— OH — Suspirou quando terminou. Sua cabeça dava voltas. De alguma forma seus braços estavam enlaçados no pescoço de Luc e seu corpo estava grudado ao dele como uma camisa molhada.

— Olá. — Grunhiu o vampiro. A mão dele deslizou para cima pelo interior da perna dela, parando para acariciar a marca de uma dentada que lhe tinha deixado na parte superior de sua coxa.

Kate endureceu e rebolou quando uma aguda dor surgiu entre suas pernas.

— Isso dói? — Perguntou-lhe em voz baixa, esfregando seus dedos sobre a marca.

— Não — Ela agachou-se para tentar pará-lo, mas a estreita saia de seu uniforme de trabalho estava muito apertada em suas pernas. Não poderia lhe pôr nenhum obstáculo.





Ele começou a morder sua orelha, e seus dedos deslizaram ainda mais acima por sua perna.

— Luc. — Protestou Kate, apavorada por quão insegura ela soara. Tentou conseguir um tom mais firme. — Tenho que me arrumar.

— Você parece pronta para mim.

— Oh — Se arqueou ligeiramente sob sua carícia. Seu corpo estava ansioso para recriar um pouco da magia dessa manhã. Sua mente, entretanto, dava-lhe uma lição de moral. O baile. Lucern era a estrela principal. E Chris estava precisamente do outro lado da porta. Este último pensamento, mais que qualquer outro, a fez levantar-se do colo de Lucern e afastar-se de seu toque.

— Tenho que me vestir. — Disse ela sem pensar. Correndo para seu quarto, Kate bateu a porta sem qualquer comentário que ele pudesse ter feito depois se apoiou contra a porta, sua mão no peito. Ofegava como se tivesse corrido a maratona, suas pernas tremendo, sua pele formigando. E ela estava lutando contra seus próprios instintos. Ela preferia tomá-lo pela mão e arrastá-lo para a cama. De fato, ela estava muito inclinada a fazer isso exatamente naquele momento. Mas o dever a chamava.





O dever. Ela suspirou. Ainda não lhe havia dito que era o protagonista do baile daquela noite. Ele estava se sentindo vigoroso agora, mas não ficaria uma vez que soubesse onde ela o metera.

Obrigando-se a não pensar nisso, afastou-se da porta com esforço. Tinha que arrumar-se. Havia trazido de casa um vestido preto longo. Vestiu-se com a fina seda preta, depois usou maquiagem para dar a sua pele um tom muito branco, como de porcelana chinesa antes de acrescentar um batom vermelho cor de sangue. E para terminar soltou o cabelo que levava preso em um coque e o escovou até que caiu ao redor de seus ombros em suaves ondas.

Decidindo que não podia estar mais arrumada do que já estava, Kate pegou os dois pares de presas que trouxe de Nova Iorque e saiu do quarto.

Lucern estava de pé na sala de estar, vestido e preparado para sair. Kate sentiu um suspiro lhe escapar com a visão. O homem estava absolutamente delicioso, com o smoking e a capa que ela havia lhe trazido. Ele era a fantasia de todas as mulheres. Realmente desejou não estar a ponto de lhe zangar com as notícias que tinha que lhe dar.

— Você está encantadora. — Disse Lucern solenemente.





Kate forçou um sorriso e caminhou para frente, segurando uma das dentaduras.

Lucern olhou com desgosto para as presas de plástico barato, depois endureceu. Seu olhar voltou para o rosto dela.

— Por favor, me diga que você está brincando.

Kate mordeu os lábios para reprimir a risada que estava prestes a explodir; Luc parecia tão horrorizado ante o pensamento de usar os dentes pegajosos.

— Todo mundo estará usando. — ela informou-lhe. — É um baile de vampiros.

— Tenho meus próprios dentes. — Disse com dignidade.

— Sim, eu sei. Mas ninguém espera por isso. Por favor, simplesmente coloque isso. Por favor, Lucern? — Tocou-lhe o braço.

O olhar dele ficou fixo em seus lábios de uma forma que ela achou muito distrativa; depois suspirou com exasperação.

— Oh, muito bem.

Ele pegou um par de presas e os meteu na boca. Depois começou a movê-las de um lado para outro, fazendo caretas





e mexendo sua mandíbula num esforço para deixá-las confortáveis.

— Eas ao oosas.

Kate piscou ante suas palavras incompreensíveis. Decidindo que seria melhor não encorajar sua reclamação, ela deu de ombros e enfiou o segundo par de presas em sua própria boca, então compreendeu exatamente o que ele queria dizer. Elas são horrorosas. Eram condenadamente incômodas. Eram tão ruins que quase considerou deixar os dois pares para trás.

Chris entrou vestindo seu smoking e sua capa.

— Vocês dois estão geniais.

Ele sorriu para ambos, revelando um par de dentes de vampiro incrivelmente realistas.

Imediatamente Lucern franziu o cenho.

— Ouee? Ees en es aeem eais. Ua oie omo ior al.

Kate tentava traduzir suas palavras quando Chris disse sobressaltado:

— Kate mulher, onde você conseguiu esses dentes? Senhor, esses são tão antiquados que não são engraçados.





Kate se zangou ante a traição de seu amigo. Optando por ignorar ambos os homens, dirigiu-se para a porta, dizendo:

— Vamos, não quero chegar atrasada. — Ao menos tentou dizer isso. Porque na verdade o que disse foi mais ou menos: aos, ao eo ega ataada. Suspirando quando Chris estalou em risadas, abriu a porta e saiu.

Lucern tentou tirar os dentes no elevador, mas Kate conseguiu lhe convencer a colocá-los de novo. Depois tirou os seus, limpou a garganta e disse:

— Luc, eu realmente deveria ter mencionado isto antes, mas...

— Eu ou a esea inial a esa.

— O quê? — Chris olhou boquiaberto para ele, depois olhou para Kate — O que ele disse?

— Ele disse, “sou a estrela principal da festa”. — ela respondeu distraidamente. Depois perguntou a Lucern. — Como você soube?

Lucern cuspiu seus dentes antes de responder.

— Jodi me contou.





— OH — Kate mordeu o lábio e examinou a expressão dele, tentando descobrir porque ele não estava zangado. — Não foi minha idéia. — Ela o informou em voz baixa.

— É verdade. — disse Chris — Foi idéia do Chuck. Kate tentou lhe fazer mudar de opinião. — Não está zangado?

Ele encolheu os ombros.

— A princípio eu fiquei um pouco irritado. Mas são apenas algumas horas de minha vida. Tenho muitas horas para viver, Kate. Esse congresso inteiro é apenas o tempo de um piscar de olhos para mim.

Chris ficou perplexo. Kate não estava perplexa com o significado das palavras de Luc — ele tinha vivido centenas de anos e sem dúvida viveria outras centenas mais; estes poucos dias eram apenas um grão de areia na praia de sua vida — mas o que ela realmente queria saber era se as palavras dele traziam um significado secreto para ela. Ela era uma das centenas, possivelmente milhares de mulheres que tinham passado por sua vida nessas centenas de anos. O relacionamento de que eles estavam desfrutando era tão desprezível para ele quanto este congresso? Ela era só outro grão de areia?

A idéia a incomodou porque fazia todo sentido. O que mais ela poderia ser? Em vinte e quatro horas ela estaria de





volta a New York, e ele estaria de volta a Toronto. A vida seguiria como sempre fora. No fim das contas, encontraria algum bom homem, se estabilizaria e teria alguns filhos, ficaria velha. E Lucern ainda seria jovem, sexy, e continuaria levando alguma mulher ao cume do êxtase. A idéia realmente a incomodou.

Inspirando profundamente para tentar dissipar a dor de seu coração, Kate colocou de novo seus dentes na boca e seguiu Chris saindo do elevador.

— Aí estão vocês! — Saudou Allison quando eles chegaram. Ela ficou de pé ante as portas do salão de baile com Lady Barrow e Chuck. — Chegaram bem a tempo. Chegaram apenas um ou dois convidados.

— Ótimo. Seria vergonhoso chegar tarde a minha própria festa. — Disse Lucern secamente. Ele deu uma olhada para o editor que o fez se mover inquieto.

— Sim, bem. — Murmurou Chuck, mas Lucern já havia se virado para saudar Lady Barrow.

Luc sorriu à mulher em seu adorável vestido carmesim, tomou sua mão e arqueou-se ligeiramente.





— Lady Barrow. — Ele disse, dando-lhe um beijo nas costas de sua mão. — Você parece e cheira muito boa para comer.

Lady Barrow soltou uma risada bem humorada ante isso, mas Kate ficou tensa. Ela lembrava-se claramente dele quase mordendo a mulher. Ela também se lembrou que ainda tinha que repor o suprimento de sangue de emergência de Luc. Até onde ela sabia, ele precisava de mais sangue do que tirara dela esta manhã enquanto faziam amor. Ela quis fazer uma rápida viagem ao banco de sangue em algum momento hoje, mas a idéia tinha escapado de sua mente. E agora Luc devia estar faminto. E sem dúvida dolorido pela falta de sangue.

Mas, ele não parecia doente. Ela olhou fixamente para Luc enquanto ele conversava e ria com Allison e Lady Barrow. Ele estava um pouco pálido, mas não cinza como estivera antes.

Kate pensou no assunto enquanto lembrava Lucern de recolocar os dentes, e se colocavam na porta para saudar os convidados do baile. Ela conclui que teriam que sair mais cedo do baile e roubar outra vez o banco de sangue. Ela odiava fazer isso. Os bancos de sangue sempre estavam escassos de fornecimento. Mas Lucern estava tão necessitado





quanto qualquer outro paciente, e ela não podia deixá-lo sofrer.

Ficaram na porta por uma hora até que Allison lhes avisasse que era hora de circular. Kate se manteve perto de Lucern, com medo que ele pudesse — no desespero — morder um dos convidados. Ela poderia não se preocupar tanto se as mulheres não continuassem se aproximando, pedindo para tirar uma foto com ele, fazendo exatamente isso. Ela só podia imaginar a tortura que devia estar sofrendo fingindo morder seus pescoços. Era como pedir a uma mulher em dieta que mantivesse um garfo com bolo de queijo na boca toda a noite sem o mastigar.

Fora isso, entretanto, tudo corria bem. Bem... Exceto pelos malditos dentes que tinha comprado. Era terrivelmente difícil falar coerentemente com eles e os de Lucern caíram na taça de vinho ao menos três vezes enquanto ele tentava beber. Na quarta vez que eles caíram, Kate agarrou-o pelo braço e arrastou-o por metade do salão de baile. Deslizando pelos bastidores, ela o conduziu pela primeira porta que viu, acendeu as luzes e fechou a porta atrás deles.

Lucern olhou atentamente ao seu redor. A sala era um camarim, e ele arqueou suas sobrancelhas.

— O que...?





— Me dê seus dentes. — Interrompeu-lhe, estendendo a mão.

Lucern não se incomodou em esconder seu alívio ao tirá-los da boca. Quando os entregou, Kate caminhou de volta à penteadeira e jogou os dois pares de falsas presas na lata de lixo.

— Pode usar seus dentes de verdade. Simplesmente diremos a todo mundo que um fã legal viu o problema que você estava tendo e te ofereceu um par reserva.

Ela virou-se, levando um susto ao encontrá-lo logo atrás dela. Ela não tinha ouvido-o seguindo-a. Conseguindo sorrir apesar da brusca aceleração de seu coração, ela disse:

— Talvez devêssemos esperar uns minutos antes de retornar. Não tenho certeza de quanto tempo demora para colocar dentes iguais aos de Chris, mas imagino que a cola utilizada precisa de alguns minutos para secar.

— Hmm — Lucern moveu sua mão para cima, pelo braço dela, sorrindo quando ela tremeu.

Kate tentou não parecer pronta para lançar-se sobre ele. O homem apenas a tocara e ela o queria. Deus querido, suas pernas estavam trêmulas. Limpando a garganta, ela afastou-se dele e caiu no banco acolchoado em frente da





penteadeira. Virando para encarar o espelho, colocou a bolsa no chão, tirou seu batom e rapidamente aplicou-o. Seus olhos lançaram-se no homem que estava atrás dela quando ele colocou as mãos em seus ombros.

Luc não disse nada, simplesmente apanhou seu olhar no espelho. A boca de Kate se secou. Ela engoliu pela visão do fogo prateado que faiscava de seu olhar. Ela reconheceu aquele olhar. Ele quase a queimara viva essa manhã com esse mesmo olhar. Luc a desejava.

Suas mãos deslizaram de seus ombros para baixo, e o olhar de Kate as seguiu até que elas caíram cobrindo seus seios. O vestido era frente única, o que significava que ela tivera que abdicar do sutiã. Não havia nada entre as mãos dele e seus seios a não ser a seda preta.

— Lucern...

— Shhh — Colocou um joelho sobre o banco ao lado de seu quadril e movimentou sua cabeça para o lado com o cotovelo. Tirando seu cabelo, ele deu um beijo em seu pescoço.

Kate se reclinou sobre ele e observou no espelho. Um suspiro escapou de seus lábios quando ele moveu os polegares sobre seus eretos mamilos. Depois ele deslocou uma mão para segurar seu queixo e virar sua cabeça. Ele





beijou-a. Kate gemeu, abrindo-se para ele, arqueando-se ante a carícia, deslizando suas mãos pelos braços dele até os ombros.

Ela surpreendeu-se quando repentinamente ele a pôs de pé.

— O quê?

— Venha. — Foi tudo o que ele disse. Depois ele estava saindo da sala e a puxando atrás dele. Kate pensou que ele a levaria de volta à festa, mas a levou para o palco com cortinas. Ele cruzou-o rapidamente. Kate tentou segui-lo em silêncio, sabendo que a única coisa que lhes separava do salão de baile cheio de pessoas era a cortina fechada, mas seus sapatos de salto alto faziam um click-click-click enquanto caminhava. Luc a conduziu descendo as escadas que estavam do lado contrário e saindo pela porta.

— Aonde vamos? — cochichou Kate, olhando nervosamente pelo corredor, para as portas do salão de baile.

Luc parou diante dos elevadores e pressionou o botão.

— Você parece cansada. — ele disse — Hoje trabalhou muito. Precisa descansar.

Kate respondeu severamente.





— Luc, temos que... Ohh. — Gritou quando as portas do elevador se abriram e ele a empurrou para dentro.

— Luc. — Repetiu. Ele pressionou o botão para o andar deles, mas Kate se colocou entre o painel e ele, apertando o botão de abrir — Temos que... — Ela quase engoliu a língua quando ele se pressionou contra suas costas e deslizou as mãos para cima para acariciar seus seios. Soltoou o botão do elevador para segurar suas mãos. — Lucern!

Ele esfregou a parte inferior de seu corpo contra suas nádegas e ela fechou os olhos ao sentir sua dureza. As portas do elevador se fecharam e começou a subir.

— Um cochilo parece bom. — Inspirou. Depois sacudiu a cabeça. — Não, nós temos que...

Ela engoliu as palavras outra vez, quando ele se inclinou e pousou as mãos em suas pernas por cima dos joelhos. Suas mãos acariciaram toda sua pele, deslizando debaixo de sua saia, conforme ele ia se endireitando.

Kate gemeu e ampliou sua postura. Ele pôs ambas as mãos entre suas pernas e a pressionou novamente contra ele.

— Você me quer.

— Eu te quero. — Kate ecoou. Depois piscou. — Ei!





Soltando-se com esforço de seu abraço, ela girou-se para olhá-lo de cara feia.

— Não utilize essa merda de controle da mente comigo.

— Você não me quer?

Kate simplesmente olhou-o com a expressão ainda mais fechada. Ele sabia que ela o desejava. Ele não poderia entrar em sua mente se ela não o desejasse. Mas isso não tinha importância. Ela estava tendo muitas dificuldades para controlar seus desejos e fazer o que esperavam que ela fizesse — tê-lo tomando o controle de sua mente não estava ajudando. E tinha entrado tão facilmente!

O elevador parou, abriu as portas e Lucern agarrou a mão dela e a puxou para fora.

Kate tentou cravar seus pés quando ele a arrastou pelo corredor.

— Lucern. Só mais uma hora no baile. Uma hora. Depois podemos ir visitar o banco de sangue e cuidar de seu pequeno problema. Não podemos... Ok, meia hora. — Ela argumentou desesperadamente, enquanto ele parava ante sua porta e usava seu cartão para abri-la. — Meia hora a mais no baile!





Ele a puxou para dentro, empurrou a porta até fechá-la, depois caminhou até o sofá.

— Ou talvez pudéssemos fazer uma rápida visita ao banco de sangue agora, e depois retornar à festa. — Implorou Kate. Luc se deixou cair para ficar sentado no sofá, ainda segurando a mão dela. — Podemos cuidar de sua necessidade de sangue e depois retornar...

— Kate. — Interrompeu Lucern.

— O quê? — Perguntou cuidadosamente.

— Não preciso de sangue. — Ele puxou-a, fazendo-a cair em seu colo — Tudo o que eu preciso é você.

Kate não teve oportunidade de responder; Lucern a impediu selando os lábios dela com os seus. Num primeiro momento, ela manteve sua boca fechada, ignorando a tentação de beijá-lo enquanto lutava para manter o controle. Mas seus lábios não eram a única coisa que se movia nela... Um de seus braços estava em suas costas, seus dedos deslizaram pela lateral do vestido acariciando brandamente a pele de debaixo de seu braço e o exterior de seu seio. O outro trabalhava ativamente nos laços que o vestido tinha nos ombros.





Kate gemeu profundamente em sua garganta, mas conseguiu manter os lábios fechados quando um dos laços de seu vestido se desfez e logo o outro. O tecido caiu ao redor de sua cintura e Lucern desistiu de tentar beijá-la e inclinou a cabeça para seus peitos.

— Droga. — Kate inspirou quando ele chupou um mamilo e depois o outro — Foda-se o baile.

Agarrando-o pelo cabelo, puxou sua cabeça para trás e beijou-o insaciavelmente. Esta noite era a última que estariam juntos. Chuck e seu trabalho podiam ir para o inferno. Ela iria aproveitar ao máximo.

Kate escutou Lucern grunhir em resposta a sua rendição; depois começou a trabalhar com paixão. Suas mãos estavam em todas as partes, acariciando seus seios, sua cintura, seus quadris, deslizando por suas coxas.

Kate não estava satisfeita sendo simplesmente receptora de seu toque e com ajuda dele, moveu-se para ficar de pernas abertas sobre ele no sofá, forçando a estreita saia de seu vestido a subir por suas pernas até seus quadris. Ela queria tocá-lo e saboreá-lo por toda parte. Rompendo seu beijo, inclinou-se para trás e começou a tirar a roupa dele. Desabotoou-lhe a capa e tirou-a de seus ombros, depois também tirou a jaqueta do smoking.





Deixando ambos os objetos amontoados atrás dele no sofá, Kate começou a trabalhar na camisa dele. Ela suspirou de alívio quando ele estava nu até a cintura.

Saindo de seu colo, ajoelhou-se no chão entre seus joelhos e voltou sua atenção para as calças dele. Quando lhe desabotoou e baixou o zíper, Lucern fez como se fosse levantar, mas Kate se inclinou para frente, impedindo-lhe. Empurrou suas calças e a samba-canção para baixo e segurou sua ereção. Lucern se sacudiu e arfou quando ela o levou em sua boca, gemeu quando os lábios dela percorreram todo seu comprimento e subiu novamente.

— Kate. — ele grunhiu, colocando as mãos no cabelo dela. Ele parecia não poder decidir-se sobre o que ia fazer. Ela suspeitou que ele quisesse tirar sua cabeça, mas que não podia fazê-lo e então simplesmente segurou enquanto ela lhe dava prazer. Ele a permitiu fazer isso por um minuto ou dois, depois pressionou para tirar sua cabeça.

Ele grunhiu de novo, com a cara tensa, e Kate soube que tinha despertado a besta. Agarrando-a por um braço, Luc se levantou, levantando-a com ele; depois a beijou rudemente, suas mãos empurrando o vestido quadril abaixo. O vestido mal tocou o chão antes que ele pegasse o frágil tecido de sua calcinha. Ele deu um puxão que a rasgou.





Kate arfou e tremeu. Depois a mão dele estava ali, seus dedos introduzindo-se entre suas pernas. Kate fechou os olhos com força e pressionou ante seu toque, consciente de que as pernas não a manteriam de pé por muito tempo. Lucern pareceu perceber isso também, porque ele rompeu o beijo e a virou em direção ao sofá. Empurrando-a de joelhos sobre o sofá com seu corpo, ele a seguiu, inclinando-a sobre as costas do sofá e pressionando perto.

Kate gritou e agarrou o encosto do sofá quando ele deslizou dentro dela e a completou. Gritou outra vez quando ele a envolveu com seus braços, uma das mãos presas sob seus peitos para segurar-se e a outra deslizando entre suas pernas, enquanto ele deslizava para dentro e para fora dela.

Esta paixão foi veloz e furiosa, devastando-lhes rapidamente. Kate nunca sentiu Lucern mordê-la, mas definitivamente sentiu quando ele cobriu sua mente com sua paixão. Já balançando-se à margem da realização, Kate mergulhou nela, gritando ao chegar ao êxtase. O prazer de Luc se uniu ao dela em sua mente. Mas o som pareceu fraco em seus ouvidos e Kate temeu estar a ponto de...





Capítulo 18

Ela não havia desmaiado. Tinha estado terrivelmente perto, no entanto, Kate teve que admitir a si mesma na manhã seguinte. Era uma boa coisa que fosse jovem e saudável, de outra forma, esses encontros apaixonados possivelmente poderiam quase matá-la.

Sorrindo, ela entrou debaixo da água, e deixou que o sabão saísse. Lucern era melhor que chocolate. Quando era criança, Kate tinha perguntado uma vez à sua mãe como poderia saber que estava apaixonada. Sua mãe tinha dito que saberia quando estivesse disposta a esquecer do chocolate para sempre só para estar com essa pessoa por uma hora. Kate, uma dedicada e desesperada chocólatra, havia decidido nesse mesmo instante que nunca se apaixonaria. Tinha certeza de que nenhum homem valia tal privação.

Por Lucern valia à pena deixar o chocolate. O chocolate preto, o branco, o chocolate ao leite, ela deixaria com gosto todos por ele. Mas seu sorriso rapidamente sumiu. Duvidava se tinha mesmo uma escolha.





Suspirando, fechou a ducha e deu um passo para a pequena toalha que havia pegado do chão. Ela pegou uma das toalhas grandes do gancho para se secar e então parou enquanto olhava a si mesma no espelho.

Deixando a toalha cair, olhou fixamente para seu reflexo.

Seu copo era um conjunto de mordidinhas. Havia poucos lugares em que Lucern não tivesse marcado. E cada mordida havia sido uma alegria. Em cada lugar que havia uma veia, e também alguns em que não tinha, seu corpo tinha sido marcado. Essas marcas deveriam doer agora que não estava encantada com a paixão e que Lucern não estava enchendo sua mente com seu prazer, mas não doíam.

Kate passou seus dedos sobre um arranhão em seu ombro, e tremeu enquanto lembrava como tinha mordido ali, enquanto Lucern entrava em seu interior. Seu corpo imediatamente despertou para a vida, desejando Lucern de novo.

— Pelo amor de Deus, sou uma viciada. — Exclamou, deixando sua mão cair. Pior, era uma viciada que estava a ponto de perder o controle.

Era domingo, o ultimo dia do congresso. Havia um lanche à tarde e uma festa de despedida à noite, mas eram





os únicos eventos agendados. Não teria mais reuniões na recepção. A maioria dos convidados iria embora pela tarde, ou pela noite. Alguns inclusive voltariam pela manhã.

Por culpa de sua ‘alergia ao sol’ Kate tinha reservado um voo para Lucern às 16h30min para voltar a Toronto, e outro às 17h30min para ela e Chris voltarem à Nova York. Dessa forma eles poderiam vê-lo embarcar e ainda ter tempo para voltar a suas respectivas casas, cedo o bastante para desfazer as malas e relaxar antes de voltar a trabalhar no escritório na manhã seguinte.

Quanto tempo dava para estar com ele? Ela se perguntava. Tinha se levantado às seis da manhã, e havia considerado se lançar sobre Lucern, acordando-o com um sorriso, mas primeiro tinha voltado para tomar um banho antes.

Calculava que eram 06h15min ou 06h30min da manhã. Isso significava que restavam dez horas. Sua boca ficou seca. Dez horas. Dez horas e então...

Seus olhos ficaram nublados e de repente sentiu uma dor no coração.

Kate sacudiu as lágrimas com um golpe irritado de seus dedos. *Jesus o que estava acontecendo com ela? Então,*





tinham feito um ótimo sexo. Não havia feito nada estúpido como se apaixonar, ou algo assim, ela disse a si mesma.

Mas estava mentindo. Não tinha sido só um bom sexo. Ela tinha caído com tudo. Merda. Não era o tipo de pessoa que quebrava a lei e roubava um banco de sangue por qualquer escritor. Ela admirava muito a Jodi, mas não faria isso por ela. E muito menos ofereceria seu pulso a Jodi para um pequeno café da manhã. Sim, ela estava apaixonada por Lucern. Até o fundo.

Como isso aconteceu? *Quando* aconteceu? Obviamente antes do pequeno almoço na quarta feira. Talvez quando Luc havia mostrado que era um homem de palavra e havia aparecido no congresso. Não, provavelmente antes de ela sair de Toronto. Era suficientemente honesta para admitir, pelo menos para si, que não havia sido capaz de tirar o homem de sua cabeça durante todo o mês depois que tinha conhecido Lucern e tê-lo visto de novo. Tinha sentido uma grande alegria ao lhe reservar um quarto, inscrevê-lo no congresso e em escolher suas roupas. Inclusive tinha sonhado com ele, sonhos úmidos e quentes como o que tinha apreciado em sua casa.





Querido Deus, ela era uma idiota. Deveria ter percebido. Deveria ter reconhecido seus sentimentos e ter ficado longe dele.

Deveria ter se sobreposto a ele quando ainda tinha tempo. Não. Agora ela havia visto seu lado suave, tinha visto como ele se dirigia aos seus fãs com uma infinita paciência e ternura, havia sorrido e rido com ele e tinha desfrutado do êxtase que ele podia lhe proporcionar.

Kate começou a chorar. Grandes lágrimas rodaram por suas bochechas. O reflexo delas no espelho era assustador. Tinha medo de reagir da mesma forma no aeroporto, chorando com um bebê quando tivesse que dizer adeus. Teria o coração dolorido, sangrando por ele. Lucern se sentira envergonhado e aborrecido. Supõem-se que as mulheres modernas eram capazes de lidar com essas coisas. Supõem-se que eram capazes de embarcar em aventuras com despreocupação, para depois encolher os ombros e seguir em frente quando acabar.

O coração de Kate, sempre otimista sugeriu que isso talvez fosse algo mais do que uma aventura para Lucern também. E ela cruelmente triturou essa esperança. Luc nunca havia falado de sentimentos por ela, nem sequer carinho. E, por mais doloroso que fosse admitir, ela tinha





medo de ser apenas uma refeição agradável para o homem. Ele não poderia controlar sua mente e mordê-la.

Teve que conquistá-la. E a razão para isso estava perfeitamente clara. Ele a estava usando. Haviam compartilhado momentos de paixão na noite em que ele chegou e na manhã seguinte, quando ele tinha precisado de sangue. Então ele tinha a evitado até o ataque do marido de uma fã, quando Lucern havia voltado a ter necessidade.

Ela era apenas um jantar para Lucern. O que era humilhante. Mas o que ainda mais a envergonhava era o fato de que se esse era único valor que ela tinha para ele, Kate não tinha certeza de que não se ofereceria em um cardápio pelo o resto de sua vida, para estar perto dele.

Fechou os olhos e se abraçou. Não poderia enfrentar Lucern outra vez. Não poderia se dar ao luxo de se envergonhar dessa forma. E se ele a desprezasse...

Não. Não poderia vê-lo novamente.



Lucern virou sobre si mesmo e buscou Kate, mas sua mão encontrou a cama vazia. Franzindo o cenho, abriu um





olho e olhou furioso para a escuridão. Ela não estava ali. Obrigando-se a sentar, olhou o quarto com atenção. A maldita mulher havia levantado e o tinha deixado só na cama. Ele não tinha acabado com ela ainda. Tinha a intenção de mantê-la ocupada na cama o dia todo. Ele não dava a mínima para o programa do dia. Esse era seu último dia juntos, e ele planejava aproveitá-lo ao máximo.

Pondo de lado os lençóis ele saiu da cama e foi para o banheiro. Kate não estava lá. Olhou para o relógio ao lado da cama. Eram mais de 07h30min. A única razão pelo qual o quarto ainda estava escuro era por causa do lençol que ele havia colocado sobre as persianas das janelas. Dando as costas para a cama, abriu a porta com força e espreitou para fora de seu quarto.

Chris estava sentado no sofá, vendo desenho animado. Olhou por cima do ombro e então reagiu com atraso.

— Ah, merda! — O editor colocou seus olhos em branco diante a nudez de Lucern e se virou para a TV. — Você poderia colocar alguma roupa? Cara! Eu... Porque eu tenho uma sensação de déjà vu? Nunca vi você nu antes. — Direcionou um olhar suspeito para Lucern. — Ou eu já vi?

Lucern ignorou a pergunta. Havia limpado a memória de Chris na outra manhã, mas não tinha a intenção de





contar para ele. De qualquer maneira, não poderia ir ao quarto de Kate dessa forma sem revelar seu relacionamento com ela, o que provavelmente faria com que ela se irritasse muito com ele. A menos que controlasse a mente de seu amigo outra vez.

Você está vendo televisão, Chris. Você não me vê.

— Não te vejo. — Ele se virou para a TV.

Lucern andou até a porta de Kate e a empurrou para entrar. O quarto estava limpo e cheio de luz do sol. As persianas estavam abertas. Lucern rapidamente fechou a porta, então simplesmente ficou ali. Tinha visto o suficiente para saber que o quarto estava vazio. O olhar que ele tinha dado ao seu armário foi o suficiente para fazer o coração cair aos seus pés. As portas estavam abertas, revelando espaços vazios e nenhuma bagagem.

Lucern voltou para a sala e caminhou na direção de Chris. Liberando a mente do homem rosnou:

— Onde ela está?

Chris virou a cabeça lentamente.

— Por que você está nu?

— Porra, Chris. Onde Kate está? Suas coisas sumiram.





— Oh. — A inquietação cintilou no rosto do editor. — Ela teve uma emergência. Teve que ir. Ela pediu para manter um olho em você hoje e que te levasse para pegar o voo essa noite.

Não era necessário ser um leitor de mentes para saber que Chris estava mentindo, a maneira que seus olhos olhavam para outro lugar para evitar o olhar de Lucern o entregava. Lucern sentiu como se tivesse levado uma punhalada no coração.

— Kate foi embora?

— Sim, como te disse, ela teve uma emergência.

Chris se virou para a televisão, mas o vermelho aumentava em seu pescoço. Não se sentia confortável mentindo.

A mente de Lucern voou.

— Faz quanto tempo que ela se foi?

— Errr... Bom, cerca de meia hora, mais ou menos, eu acho. Ela me acordou. O voo dela sai as oito e tinha que passar por verificações de segurança e essas coisas. Não tinha certeza se chegaria a tempo.





Lucern não estava escutando. Já tinha começado a correr para seu quarto, pegou a roupa da noite passada. Colocando suas calças e sua camisa, fechou o armário com um golpe, e saiu correndo para fora do quarto.

Atravessou sem problemas da porta do seu quarto até o corredor, evitando perder tempo cruzando a sala de estar comum. Felizmente não havia fãs esperando por ele, ou teria passado por cima. Correu para o elevador, esperando com impaciência, depois esperou ainda mais impaciente a descida de mais de vinte andares até a recepção. Tudo estava cheio de luz quando saiu apressado do elevador. Lucern se assustou, e subiu a gola para proteger ao máximo a sua pele, mas decidiu ignorar aquilo, e correu para fora, na direção da fila de taxis que se alinhavam na frente do hotel. Entrou com bastante pressa no primeiro que encontrou e imediatamente tomou o controle da mente do motorista, exigindo que ele ignorasse o limite de velocidade e que se dirigisse direto ao aeroporto.

Ainda assim, com o tráfego, eram 07h56min quando chegou. Ainda tinha que encontrar a porta de embarque do seu avião. Rezou para que o voo de Kate estivesse atrasado. Muitas vezes eles atrasavam, ele lembrou. Com um olhar em seu relógio, se apressou para o balcão de informações e em seguida a mulher estava procurando o nome de Kate. Um





pequeno toque mental fez com que ela nem sequer hesitasse. Então foi correndo através de todo o aeroporto, empurrando as pessoas para fora de seu caminho, e dando golpes metais aos guardas de segurança. Eram 08h02min quando chegou ao portal de embarque de Kate, a tempo de ver seu avião decolando. Luc parou de repente diante da porta e ficou de pé, olhando fixamente para a aeronave, com os ombros caídos.

— Senhor Amirault?

Lucern virou lentamente, fixando seus olhos no rosto sorridente de Lady Barrow. As sobrancelhas dela levantaram diante de sua expressão sombria.

— Por que, qual é o problema? — Ela perguntou com preocupação. — Parece que você acabou de perder seu melhor amigo no mundo.

Suas palavras se perderam no silêncio enquanto ela olhava de Lucern para o avião que se elevava para longe da vista.

— Ah, eu vi sua editora antes dela ir embora.

A expressão de Luc se aprofundou.

— Você viu? Chris me disse que ela tinha uma emergência e que isso a fez voltar para Nova York.





— Hmmm... — Lady Barrow não parecia muito convencida. — Bem, então, parece que tem muito disso agora. Nós também tivemos uma emergência. Tive que enviar a editora da minha revista para cuidar do problema. Ela também está naquele vôo.

Seu olhar desviou de novo para o avião, Luc e ela o viram sobrevoar o edifício e sumir de vista. A mulher suspirou.

— Bom, o senhor provavelmente poderia aproveitar o passeio. Deixe-me levá-lo de volta ao seu hotel, assim não terá que procurar um taxi.

Lucern ficou tenso quando ela deslizou o braço através do seu. Realmente não queria voltar com ela. Não tinha vontade de falar com ninguém nesse momento, se sentia bastante ranzinza e cansado. Infelizmente, Kate não era a única mulher com uma mente forte, os pensamentos que tentava colocar na mente de Lady Barrow obviamente não tinham efeito. Ao invés de afastar seu braço e deixá-lo só em sua miséria, como ele desejava, ela começou a arrastar Luc ao longo do corredor para a saída.

— Você gostou do seu primeiro Congresso Romantic Times, senhor Amirault?





— Luc. — Ele murmurou quase carrancudo. Então olhou para ela com o cenho franzido. — Não. Sim. Não.

— Aha. — Ela não parecia nada surpresa com a sua confusão. De fato, ela traduziu seus pensamentos muito bem. — Acho que estava um pouco sobrecarregado, além de oprimido no início. Começou a aproveitar depois do primeiro dia, mais ou menos, mas agora está desejando que todos nós fôssemos para o inferno.

Luc a olhou assustado, e ela lhe deu um sorriso sábio e misturado com bastante compreensão.

— Cuidado com a cabeça.

Ele piscou diante daquelas palavras e então percebeu que eles estavam de pé na frente de uma limusine com vidros esfumaçados. Viu enquanto ela entrava no interior, a seguiu e fechou a porta com alívio. Pelo menos não teria que se preocupar com o sol em suas costas.

— Parece um pouco pálido hoje. — Lady Barrow comentou, abrindo a porta de uma pequena geladeira para que ele visse o conteúdo. — Você quer algo para beber?

O olhar de Lucern deslizou sobre a água engarrafada, as latas de refrigerantes e um suco, então para a garganta de Lady Barrow. Ele poderia usar um estimulante, um pequeno





aperitivo até que voltasse para o hotel para sua última bolsa de sangue. Estava guardando para essa manhã e estava contente de ter feito. Não deveria ter saído no sol.

— Luc? — A mulher perguntou suavemente.

Lucern suspirou e sacudiu a cabeça. Não podia morder Lady Barrow sem permissão. Era boa demais para isso. Em vez disso, morderia Chris. O editor merecia por ter mentido e por não ter contado imediatamente que Kate tinha ido. Esses minutos extras teria feito com que ele chegasse ao aeroporto há tempo.

— Bom, acho que eu posso beber algo. — Lady Barrow disse. Ele ouviu o tintilar e o som do líquido caindo, e então a observou misturar dois copos de suco de laranja com champanhe. Entregou um para ele e perguntou:

— Vocês tiveram uma briga, ou ela foi embora com medo?

Lucern simplesmente a olhou atordoado.

— As faíscas estavam voando entre vocês durante toda a semana. E ninguém poderia ter evitado notar a forma protetora dela com você, e o protetor que o senhor era com ela.





Lucern aceitou o coquetel de manhã. Bebeu tudo de um gole, em seguida devolveu o capo vazio. O que Kathryn Falk estava dizendo era verdade, infelizmente. Mas o que Lady Barrow não podia saber era que o empenho protetor de Kate havia sido puramente profissional, já que ela tinha prometido cuidar dele e o tinha feito maravilhosamente. Com relação às faíscas...

Oh, bem, eu tento manter meus escritores felizes, Luc...

Lucern cerrou os dentes enquanto as palavras de Kate enchiam sua cabeça. Ele não acreditava que ela houvesse fingido toda a paixão, que ela tivesse feito como parte de seu trabalho, mas ela tinha deixado ele essa manhã como se não se importasse com nada. Ou como se temesse que ele tivesse dado mais importância do que devia e provasse uma cena embaraçosa, ou algo assim. E percebeu que ele havia feito. Ele poderia ter feito algo como cometer a loucura de lhe pedir para ir a Toronto com ele, ou...

Sua mente se afastou com medo desse “ou”. Lucern não estava preparado para admitir seu possível desejo de passar toda a eternidade com Kate. De rir e chorar, brigar, e fazer amor com tanta paixão por séculos. Não, não estava pronto para isso.





Um copo apareceu em frente ao seu rosto, após ter sido preenchido por Lady Barrow para ele.

Quando ele vacilou, ela disse:

— Ela cairá em si, Luc. Você é um homem atraente, talentoso e bem sucedido. Kate cairá em si. Só precisa de tempo.

Lucern grunhiu e aceitou a bebida.

— Tempo é algo que eu tenho muito.



Esse comentário foi um grande peso na mente de Lucern durante as próximas semanas. Voltou ao hotel com Lady Barrow, mas não ficou mais tempo do que levou para fazer suas malas. Voltou de novo ao aeroporto e pegou o primeiro voo disponível para Toronto.

Sua casa, seu paraíso seguro durante tanto tempo, parecia fria e vazia quando entrou nela. Não havia nada além de memórias. Kate sentada em seu sofá, sermões sobre a importância dos leitores. Ela correndo ansiosa para a cozinha ao seu lado para gritar por causa de uma ferida na cabeça que ele não tinha. Rindo, fazendo uma pequena





dança e batendo as mãos com ele em seu escritório. Gemendo e se contorcendo de paixão na cama em seu quarto de hóspedes, que ele havia ocupado pateticamente para dormir. Ela tinha se apoderado de sua mente, enchendo quase todos os momentos do dia. Mas isso era tudo o que ela havia feito.

Lucern havia feito o programa de bate-papo da internet que ela o tinha obrigado a comprar, e usava para trocar mensagens instantâneas com Lady Barrow, Jodi e alguns outros escritores que havia conhecido no Congresso, mas ainda que tivesse Kate em sua lista de contatos, ela nunca tinha ficado online. Jodi pensava que ela estava bloqueando todo mundo. Ele havia considerado mandar um e-mail para ela, mas não podia pensar no que dizer. Em vez disso, sentava em seu escritório, escutando o tique taque do relógio enquanto olhava e esperava que ela se conectasse. Tempo era algo que ele tinha muito.

Escrever o livro foi uma experiência catártica²⁴ como estar lá e voltasse a reviver cada momento. Riu em alguns acontecimentos que não tinha achando engraçado na época, como o codpiece preso a toalha de mesa, sua frenética tentativa de encontrar preservativos. Não riu da partida dela,

²⁴Catártica vem de Catarse. Que significa purificação espiritual por meio do emocional.





que foi onde sua história acabou que ele titulou com um simples “*Kate*”.

Adicionou a introdução mais recente na história só algumas semanas depois de que havia começado, então, empurrou cansadamente os seus pés. Sentia-se um pouco mais leve do que quando deixou o congresso, mas não muito. Estava grato por ter conhecido e ter passado um tempo com Kate Leever. Sempre a levaria em seu coração. Mas sentia-se triste e com raiva dela por não haver lhes dado a opção de ter algo mais.

Desligou o computador, olhando com raiva para sua secretária eletrônica. Lissiana havia insistido que todos precisavam de uma já que costumavam dormir durante o dia, quando a maioria dos negócios estava acontecendo, tinha comprado o aparelho no último Natal. Lucern não tinha se preocupado em escutar suas mensagens, mas tinha feito desde que voltou para casa. Mantinha a esperança de que Kate ligaria, ainda que fosse só pra perguntar se tinha algum livro finalizado. Mas não havia ligado nenhuma vez.

Tinha mensagens de sua mãe, e outras de Lissiana, Bastien e Etienne. Lucern estava evitando sua família desde sua volta do Congresso, e embora soubesse que estavam preocupados com ele, não tinha vontade de falar. Na





verdade, não tinha vontade de falar com ninguém, exceto com as pessoas do Congresso. Havia conhecido todos com Kate. De alguma forma, conversar com eles através do computador fazia ele se sentir mais perto dela. E algumas vezes Jodi ou alguma das outras mulheres tinha uma migalha de informação sobre Kate que tinha aberto seu caminho abaixo a videira de seus escritores. Nada importante, no entanto. Havia rejeitado um livro desse modelo. Havia pegado um resfriado. Tinha se curado.

Lucern ignorou a luz piscando em sua secretária eletrônica, e foi para seu quarto. Seu estômago rugia de fome, e seu corpo estava dolorido pela necessidade de sangue, mas parecia exigir muito esforço descer as escadas até a geladeira. Nem sequer tinha energia para tirar as roupas. Simplesmente caminhou para seu quarto e desabou sobre a cama. Dormiria durante um tempo, decidiu. Um longo tempo. Comería mais tarde.



O sol estava nascendo quando Lucern adormeceu e tinha desaparecido há muito tempo quando ele acordou. A dor que estava sentindo era muito pior. Tinha que comer. Saindo da cama, desceu escada abaixo para a cozinha. Pegou





duas bolsas de sangue enquanto permanecia de pé em frente à geladeira. A bolsa estava quase vazia quando chegou ao seu escritório, o que era uma coisa boa, porque a visão de alguém sentado à sua mesa o fez ficar tão surpreso que deixou cair às últimas gotas no chão.

— Bastien. — Ele olhou fixamente para seu irmão. — O que você está fazendo aqui?

Olhou em direção a tela de seu computador, onde reconheceu o ultimo capítulo de *Kate*.

Bastien fechou o texto com clique, então, olhou com uma expressão de desculpa.

— Desculpa Lucern. Eu estava preocupado com você. Só queria ter certeza de que você estava bem. Você recusou a retornar as chamadas de qualquer um de nós, e não queria nos visitar nem permitir que o visitássemos. Todos estavam preocupados, então eu vim ver o que estava fazendo.

— Quando você chegou?

Bastien hesitou, então admitiu.

— Eu vim logo depois do amanhecer.

— Você esteve aqui o dia todo? O que...? — A pergunta morreu em sua garganta. Sabia exatamente o que Bastien





estava fazendo. Seu irmão tinha lido toda a história de Kate, havia lido cada palavra até a última página. O olhar de Luc se estreitou para o jovem. — Como você sabia que eu poderia ter escrito?

— Você sempre manteve um diário, Luc, pelo menos desde que o papel é disponível. Você sempre relata as coisas. Eu sempre quis saber se você fazia como uma forma de manter distância entre você e as outras coisas. Como você faz ao se isolar aqui dentro.

Lucern abriu a boca para falar, então a fechou de novo. Nenhum dos dois acreditaria em sua negação, então, para que se esforçar? Virando, andou uns passos e caiu no sofá. Ficou em silêncio por um momento, então franziu o cenho e perguntou:

— Então, o que você acha da minha primeira obra de ficção?

As sobrancelhas de Bastien subiram, mas não chamou a atenção de Lucern diante da mentira óbvia. Em vez disso, falou:

— Acho que é uma tentativa muito ruim de um romance.

Lucern ficou rígido, ofendido.





— Por quê?

— Bem... — Bastien começou a mexer com o mouse do computador de Lucern. — Por uma razão, o cara é um idiota.

— O quê? — Lucern se sentou reto.

— Bem, com certeza. — Os lábios de Bastien se contraíram. — Quero dizer, aqui está o poderoso, atraente e bem sucedido vampiro escritor, e ele não disse á garota que a ama. Caramba, nem sequer disse que gostava dela.

Lucern franziu o cenho de novo.

— Ela se foi antes que ele pudesse fazê-lo. Além disso, ela também não disse nada para ele.

— Bem, não. Mas por que deveria? Na maior parte do tempo o cara era um verdadeiro idiota, provavelmente ela estava assustada. — Quando Lucern simplesmente o olhou, Bastien abandonou toda a pretensão. — Você deveria ter seguido ela, Luc.

— Ela não estava interessada. Simplesmente estava fazendo seu trabalho.

— Tenho quase certeza que a descrição de seu trabalho não inclui dormir com você. Ou deixar se alimentar dela.





— Bastien tem razão. — Disse uma nova voz vinda da porta.

Os dois homens viraram surpresos. Marguerite Argeneau olhou seus filhos, então entrou na sala e andou para se sentar ao lado de Lucern. Pegou suas mãos entre as dela, e o olhou tristemente nos olhos e disse:

— Você deveria ter ido atrás dela, Luc. Você tem esperado seiscentos anos por Kate. Lute por ela.

— Não posso lutar por ela. Não há nada por que lutar. Não tem dragões para matar.

— Não quero dizer lutar nesse sentido. — Marguerite disse impaciente. — Além disso, alguma vez isso funcionou no passado? Ganhar a atenção de uma mulher matando dragões só as torna dependentes. Isso não é amor, Lucern. É por isso que nunca conseguiu uma mulher no passado. Kate não precisa que mate dragões. Embora pudesse agradecer sua ajuda de vez em quando, é suficientemente forte para matá-los ela mesma.

— Então ela não precisa de mim, certo? — Ele apontou triste.





— Não, não precisa. — Marguerite concordou. — O que a deixa livre para realmente te amar. E ela te ama, Lucern. Não a deixe ir.

Lucern sentiu seu coração pular com esperança. Então perguntou com cautela.

— Como você sabe que ela me ama?

— Ela já estava meio apaixonada por você antes de te conhecer. Apaixonou-se totalmente quando esteve aqui.

— Como você sabe? — Lucern insistiu.

— Li sua mente.

Ele sacudiu a cabeça.

— Sua mente é muito forte. Você não pode ter lido. Eu não podia.

— Você não podia ler sua mente porque ela estava escondendo isso de você. Kate se sentia atraída por você, e sentia medo disso. Como eu disse, estava meio apaixonada antes de te conhecer. Isso a assustava. Fechou sua mente contra isso, e por tanto, contra você.

Luc sacudiu de novo a sua cabeça.





— Como ela poderia estar meio apaixonada por mim?
Ela nem me conhecia.

— Seus livros, Lucern.

Ele encolheu os ombros, impaciente.

— Muitas mulheres acham que me amam por causa desses malditos livros, eu as vi no Congresso. Não me conhecem em nada.

Marguerite suspirou.

— Essas mulheres se sentiam atraídas por seus livros e seu sucesso. Kate é diferente. Ela é sua editora. Não acreditava em vampiros, e não estava impressionada com seu sucesso. Apaixonou-se por seu eu verdadeiro. Reconheceu você por sua escrita.

Quando Luc começou a duvidar, sua mãe estalou a língua.

— Como ela não poderia fazê-lo? Você é um homem ranzinza e solitário na vida real, e também foi, contando a história de Etienne e Rachel, ou em qualquer um de seus outros livros. Sua voz brilhou através. Foi completamente honesto em seus livros, mostrando o bem e o mau. Na verdade, você revelou mais de si mesmo em sua escrita, do que geralmente costuma fazer em pessoa, porque você





revelou os seus pensamentos, que normalmente você mantém escondidos.

Lucern ainda não parecia acreditar.

Marguerite pegou emprestada uma página de seu livro e olhou com a testa franzida.

— Sou sua mãe, Lucern. Você deve acreditar nisso. Nunca te levaria pelo caminho errado.

— Não deliberadamente. — Ele assentiu. Um sorriso cruzou o canto de sua boca.

As lágrimas brotaram nos olhos de Marguerite, e Luc sabia que sua mãe queria dissipar a perda e a dor de seu passado.

— Confie em mim, meu filho. — Ela disse. — Por favor. Não deixe para trás sua felicidade tão facilmente. Seu pai fez isso. Ficou entediado da vida e a deixou ir, e nada do que eu pudesse dizer pode devolver esse brilho. Está muito perto de seguir os seus passos. Tenho estado preocupada com você faz algum tempo. Mas a chegada de Kate te sacudiu e trouxe alegria de volta a sua vida. — Ela apertou sua mão. — Lucern, foi como se você tivesse renascido. Sorria e ria novamente. Kate pode te devolver muito do que você perdeu





um filho, ou uma filha. Uma companheira, alegria. Não deixe que seu orgulho interferira.

Lucern olhou para a sua mãe, suas palavras rodando em sua cabeça junto com as de outra mulher. A psíquica do Congresso tinha dito algo muito parecido.

Você tinha começado a se cansar da vida, ela tinha dito. Tudo parecia muito duro, e a crueldade do homem começou a te cansar. Mas algo, não, alguém te revigorou. Te fez sentir que merecia viver de novo. Que ainda há alegria. Se agarre a ela. Você terá que lutar por ela, mas não da maneira que está acostumado. É contra seu próprio orgulho e medo que você tem que lutar. Se fracassar, seu coração encolherá em seu peito e você morrerá como um homem solitário e amargo, lamentando pelo o que não fez.

Lucern sentiu o pescoço arrepiar. Seu olhar deslizou para sua mãe, e perguntou:

— Então, como eu tenho que lutar por ela?





Capítulo 19

Kate olhava fixamente Allison, confusa. A redatora a tinha encontrado no corredor justo quando saía do escritório de Chris, para lhe dizer que acabara de falar com Lucern ao telefone. Ele queria comentar a possibilidade de fazer uma viagem para os dias de autógrafos de seus livros, mas ele queria que Kate voasse até Toronto para explicar todos os detalhes.

Kate não podia acreditar. E não acreditou. Porque ele queria que ela fosse lá? Possivelmente o Banco de Sangue dos Argeneau ficou sem fornecimento, pensou sarcasticamente e estremeceu de dor. Não importava o porquê ele a queria em Toronto. Ela não podia ir. Não sobreviveria a outro encontro com ele. Ao menos não seu coração. E não estava certa se sobreviveria á outra de suas conferências. Seria insuportável e sangrento.

— Estou terrivelmente ocupada, Allison. Chris não poderia voar até lá em meu lugar? Talvez ele pudesse assumir o contrato de Lucern exclusivamente, de fato. —





Disse esperançosa. — Provavelmente seria o melhor. Não acredito que possa dar conta de Lucern.

— Ao inferno que não pode!

Kate deu a volta quando Chuck avançou pelo corredor para unir-se a elas.

— Se houver alguma possibilidade de que possamos conseguir o bastardo nessa viagem, você estará indo. O gasto do vôo de ida e volta é muito baixo se o compararmos com a conta que tiraremos pelo livro, por isso tire um tempo para realizar essa viagem. E a oportunidade para a publicidade é incrível. Isso significa artigos nos jornais em toda cidade que visitar, talvez até entrevistas na televisão. Se quiser manter seu trabalho, já pode fazer fila para o próximo vôo disponível e convença Amirault para que realize essa viagem.

Kate não se incomodou em corrigir Chuck sobre o verdadeiro nome de Lucern. Estava muito ocupada pensando. Infelizmente, não podia permitir que a despedissem. Tinha contas a pagar. Tomando seu silêncio como consentimento, Chuck se retirou dando a volta e percorrendo o corredor até chegar a seu escritório.

— Dará tudo certo. — Allison assegurou apertando carinhosamente seu braço. Logo ela também entrou em seu escritório.





— Então, Lucern está finalmente se movendo para você.

Kate girou para encontrar Chris que estava de pé na entrada de seu escritório, sorrindo.

— Somente para falar de sua viagem para assinar os livros. — Disse Kate devagar. Enquanto se dirigia para seu escritório.

Chris bufou com incredulidade e a seguiu.

— Sim, Claro. Como Lucern vai fazer uma viagem por seu livro. Esqueça isso. Ele quer você.

Kate se sentou em seu escritório com um suspiro.

— Fecha a porta, por favor, Chris. Não quero que todo mundo conheça todos os detalhes. — Ela esperou até que ele tivesse fechado a porta então disse. — Ele não me quer.

— Está de brincadeira? O cara está louco por você.

— Sim. — Kate resmungou secamente. — Claro, por isso ele está me ligando e me enviou flores.

Chris se sentou no canto da mesa e encolheu os ombros.





— Ei, você foi quem se moveu por nossa suíte como um ladrão. Tem que pensar que o cara pode vacilar um pouco, talvez pense que não estava interessada.

Kate ficou rígida. Aquele pensamento não tinha passado por sua mente. A esperança cresceu em sua confusa cabeça.

— Você acha?

— Eu apostaria sua vida nisso.

Kate piscou logo lhe dirigiu um meio sorriso.

— Minha vida, huh?

— Sim. — Ele sorriu abertamente e se levantou de seu escritório, andando para a porta. — Bem, estou com 99% de certeza, mas não sou suicida. Melhor que você seja, se por acaso me equivoco.

Então partiu.

Kate ficou olhando para a porta enquanto ela se fechava atrás dele, logo observou atentamente todo o trabalho administrativo que havia sobre seu escritório. A conferência a tinha posto para trás. Tinha tentado ficar em dia desde sua volta, mas estava tão distraída que não avançava com nada. Tampouco ia se preocupar com isso





agora. Não antes que averiguasse que relação tinha com Lucern.

Agarrou sua bolsa de escritório, levantando-se. Era hora de deixar de estar deprimida e sentir-se miserável e deixar tudo claro. Sobretudo se houvesse alguma chance... Não terminou este pensamento. Já tinha muita esperança crescendo dentro dela.

Chris estava de pé no corredor e elevou as sobrancelhas quando ela abandonou o escritório.

— Aonde vai?

— Pegar um avião. — Respondeu Kate.

— Oh! — Ele olhou como avançava pelo corredor então disse. — Hm... Não devia ligar ou escrever, lhe fazendo saber que está a caminho?

— Como se ele respondesse uma ligação ou lesse uma carta! — Kate bufou. — Não. É melhor desse jeito. Ele me quer em Toronto. Pois me terá. Só espero que esteja preparado.





— Uh, senhora? Você quer sair daqui ou não?

Kate deslocou seu olhar fixo da entrada da casa de Lucern e dirigiu um sorriso nervoso ao taxista. O homem se virou em seu assento, olhando-a com preocupação. Era muito paciente. Já lhe tinha pagado por vários minutos, mas em vez de sair, tinha permanecido sentada olhando fixamente a fachada da casa.

— Sinto muito. Eu... — Ela encolheu os ombros esperançosa, incapaz de admitir que enquanto a determinação a tinha levado tão longe, estava começando a decair e o terror tomava seu lugar.

— Não, ei, está tudo bem, senhora. Posso levá-la a outro lugar se quiser.

Kate suspirou e alcançou o trinco.

— Não, obrigada.

Ela saiu e fechou a porta, já estava no caminho da entrada quando o taxi deu marcha ré. Já que ela tinha pegado o vôo diretamente do escritório, não havia parado pra fazer as malas, com nada mais que sua bolsa. Agora agarrou as mãos e lutou para manter sua respiração regular. Não podia acreditar que estivesse realmente ali.





— Bom, aqui estou, quanto antes termine, melhor. —
Disse a si mesma.

Sua voz firme lhe deu algo mais de valor, Kate se aproximou da calçada e cruzou o caminho. Levantou sua mão para bater na porta então fez uma pausa quando compreendeu que ainda não era nem meio-dia. A luz do dia ainda brilhava. Lucern estava dormindo. Kate deixou cair à mão com incerteza. Poderia conseguir que este encontro tivesse um mau começo.

Jogou uma olhada a seu relógio, 11h45min. Faltavam umas boas seis horas até que anoitecesse. Pensou em sentar-se na entrada e esperar, mas seis horas era muito tempo. Além disso, estava muito cansada. Não tinha dormido uma noite inteira desde que a conferência havia terminado. Assim, ela estaria renovada e bem acordada para quando se encontrasse com ele.

Kate girou e olhou para a rua, suspirando. Não tinha carro ou algum modo de chamar um táxi, por isso não podia ir a um hotel. E não podia dormir sobre a entrada como uma pessoa sem teto. Voltou-se para a porta outra vez, vacilando, alcançando a maçaneta. Surpreendendo-se quando a porta abriu. Ele não a tinha fechado. Que tipo de idiota deixaria a porta de casa aberta? Alguém poderia passar e lhe golpear





com uma estaca. E ela já tinha visto alguém fazer isso e ele não poderia dizer que ninguém poderia fazer isso. Teria que conversar com ele sobre isso.

Enquanto isso, ela não poderia se afastar e deixar sua porta aberta. Assim iria pra dentro, fechando a porta atrás dela e dormiria sobre o sofá. Era por seu benefício. Kate riu por seu raciocínio. Não poderia se sustentar nem água, mas lhe pareceu razoável. Quase.

Kate tinha fechado a porta e estava quase na sala de estar quando escutou um som seco e metálico na cozinha. Deu a volta bruscamente, preparou-se para correr para fora e bater na porta, então se tranqüilizou novamente. Mas... O ruído saído da cozinha não podia ter sido Lucern, não é? Ele deveria estar dormindo e ele tinha deixado a porta aberta somente para que alguém pudesse entrar e roubá-lo. Kate vivia em Nova York; o nível de criminalidade era alto. Toronto, como se supunha, era uma cidade grande. O crime era provavelmente alto também. Teve que pensar como tinha sido o ruído. Somente daria uma olhada pela porta da cozinha. Se fosse Lucern, sairia e chamaria. Se não era Lucern, sairia e correria até a casa do vizinho para chamar a polícia.





Voltando, Kate se moveu com cuidado através do corredor, tão rápida e silenciosamente como pôde. Uma vez na porta da cozinha, fez uma pausa para tomar fôlego, logo abriu a porta somente deixando uma brecha... E quase gritou de surpresa. Lucern não estava na cozinha. Era uma desconhecida, uma mulher, uma empregada, com uma touca em sua cabeça e com um balde na mão. O que a tinha alarmado era o fato de que a mulher estava no meio do cômodo perto da porta da cozinha e se movia rapidamente. Não daria para Kate sair do corredor e da casa antes que a mulher aparecesse.

Incapaz de pensar o que mais podia fazer, Kate deixou que a porta se fechasse, batendo contra a parede. Fechou os olhos e prendeu o fôlego rezando. A porta rangeu ao abrir-se. Kate esperou. Escutou movimentos de passos se aproximando pelo corredor próximo a ela; então abriu os olhos, apenas capaz de acreditar que não havia sido pega. Se pôs de pé com um bater de coração; então, de repente se sujeitou ao medo pensando que a mulher voltaria e a descobriria depois de tudo, por isso Kate deslizou para a cozinha.

A porta estava se fechando quando Kate viu que a empregada estava na sala de estar e em um estalar de dedos, deu a volta. Quase hiper ventilando pelo pânico, Kate olhou





desesperadamente pela cozinha, dirigindo-se para a porta do outro lado. Precipitando-se para ela, já que estava aberta e era a escada que conduzia para o porão. Hesitou, mas os passos estavam audíveis do corredor. A mulher estava voltando.

Kate pôs o pé no primeiro degrau. A porta quase se fechou, deixando uma brecha para poder ver. Um momento depois, a porta da cozinha se abriu e a empregada entrou. Ela se movia para a pia, fora de sua vista, logo retrocedeu e abandonou a cozinha. Kate quase se apressou para sair outra vez, mas parou por um momento, decidindo esperar por via das dúvidas.

Ela estava de pé em meio de uma escuridão total, sentindo que o negrume se abatia sobre ela, consciente de cada rangido da casa durante aproximadamente trinta segundos antes que sua covardia a impulsionasse a encontrar o interruptor da luz. O interruptor estalou quando o acendeu em um momento a escuridão se desvaneceu. Kate soltou fôlego aliviada. Isso era muito melhor. Estava exatamente nos degraus superiores do porão.

Sua mente se congelou quando jogou uma olhada nervosa à parte de baixo da escada. Sobre o brilhante objeto de mogno que podia ver de onde estava.





— Isso não pode ser um caixão. — repetia-se Kate firmemente. Dando um passo para baixo, tentou ver algo mais que o objeto. — Só uma espécie de cômoda para roupas. Oh, mas isso não é um caixão.

Teve que descer praticamente todas as escadas para poder ter uma visão melhor do lugar, embora soubesse a muito tempo de que se tratava de um caixão. Um sentido de traição a afligiu. Lucern havia dito que ele não estava morto e que não dormia em caixões. Ou ela tinha assumido que ele não dormia em caixões? Ele havia dito que não estava morto, embora se ele não estava morto, para que era o caixão? Talvez só não quisesse incomodá-la, então também havia mentido sobre a parte de estar morto.

Ele tinha tido razão. Ela estava preocupada.

— Oh, Deus querido. — Respirou fortemente. — Me deitar com um homem seiscentos anos mais velho do que eu, posso agüentar, mas com um morto? — Seus olhos aumentaram ante o horror. — Isso me faz uma necrófila?

Refletiu brevemente, então sacudiu sua cabeça.

— Não. Lucern não está morto. Seu coração pulsava rapidamente. Escutei o batimento de seu coração quando descansei minha cabeça sobre seu peito. E sua pele não era fria. Bem, fria mais não gelada. — Respondia a si mesma.





Não poderia dizer que não o tinha escutado, pois isso era uma prova evidente. Até que escutou sua voz dizer. — Lembre-se, o batimento de seu coração também parou uma vez.

Kate gemeu ao lembrar a noite em que Luc foi atacado. Então murmurou.

— Certamente os mortos não podem conseguir maravilhosas ereções como a que Luc teve. Não haveria nenhum fluxo sanguíneo.

Ela acabou ficando feliz enquanto raciocinava quando sua voz a traiu outra vez. — Certamente, há sempre o rigor mortis a considerar.

— Apenas, abra-o. — Murmurou Kate com um pouco de repugnância. Avançou devagar para o lado do caixão, distraíndo-se enquanto discutia consigo mesma. Continuou falando para distrair-se quando estendeu a mão para abri-lo. — Há provavelmente uma explicação lógica para tudo isso. Luc provavelmente armazena coisas aí dentro. Coisas como um violoncelo, ou talvez sapatos, ou... Um corpo. — Essa última possibilidade lhe ocorreu ao escutar o chiado quando finalmente levantou a tampa do caixão... E viu o homem dentro. Então seus olhos piscaram e abriram, ele se agarrou





aos lados do caixão e começou a se sentar. Foi quando as luzes se apagaram. Kate começou a gritar.

Lucern se sentou, com os olhos totalmente abertos. Pensando que tinha ouvido o grito de uma mulher. Quando escutou o som outra vez, lançou-se fora da cama e correu para a porta. Aquele grito tinha sido com tanto terror. Não podia imaginar o que estava acontecendo lá embaixo. Soava como se alguém tivesse sido atacado. Ele desceu pelo corredor, então as escadas, olhando atentamente a sala de estar onde a equipe de limpeza estava de pé, congelados. A mulher estava pálida, com seus olhos muito abertos pelo medo.

— O que está acontecendo? Porque gritou? — Exigiu ele.

Ao parecer incapaz de falar, a mulher simplesmente sacudiu sua cabeça. Movendo-se a certa distância, Lucern continuou pelo corredor. Apesar do aspecto assustado da mulher, não tinha parecido que tinha acontecido algo com ela. Além disso, o grito parecia vir da parte traseira da casa. Outro grito perfurou o silêncio enquanto ele se precipitava pela cozinha, confirmando que tinha acertado. Mas desta vez poderia contar que não acabava de vir da parte de trás, mas sim do porão.





Maldição, Lucern bateu a porta da cozinha. Ele expressamente havia dito à equipe de limpeza que o porão não precisava ser limpo. Que ninguém deveria ir ao porão.

— Jesus, quantas pessoas estão aqui? — Lucern deparou quando descobriu quem era a mulher paralisada da porta do porão. Ela olhava fixamente como se tudo pudesse explodir a qualquer momento.

— Dois de nós, senhor. — A mulher respondeu, então imediatamente houve outro grito. — Só apaguei a luz. Foi o que eu fiz. Vi a porta aberta e a luz acesa. Não sabia que havia alguém aqui.

Lucern ignorou-a e passou pela porta aberta, então acendeu a luz. O grito não parou, embora cada vez se voltasse mais rouco. Lucern estava na metade do caminho descendo a escada quando escutou as palavras de Etienne.

— Está tudo bem. Sou apenas eu. Realmente, está tudo bem.

Quando Luc alcançou o ultimo degrau, viu seu irmão de pé ao lado da escada, suas mãos a sustentavam sossegando-a.

— Etienne? — Ele ladrou a pergunta e o irmão de Luc girou.





— Luc, graças a Deus. Não pensei que a assustaria. Quero dizer, escutei seus murmúrios sobre rigor mortis e caixões e sabia que ela ia abrir a tampa, então fechei os olhos para lhe dar um pequeno susto, mas não pensei...

Lucern realmente não escutava seu irmão. Seu olhar estava fixo, com toda sua atenção enfocada sobre a mulher que ele agora podia ver em seu porão. Kate. Sua Kate. Seu olhar estava preso ao dele, estava pálida e tremia, mas já estava recuperando a cor, com uma faísca em seus olhos que ele esperou ser de paixão e felicidade por lhe ver.

— Kate. — Disse. Sorrindo, ofereceu seus braços esperando que ela se precipitasse para ele, preparado para lhe dar boas-vindas em seus braços e em sua vida. Mas Kate não se precipitou para seus braços. Ela mais ou menos o empurrou resmungando.

— Disse-me que não dormia em caixões. — Ela começou a subir velozmente a escada.

Hmm. Com uma faísca de cólera, sem nada de paixão quando a olhou. Apressou-se para segui-la pelas escadas.

— Nós não. Eu tenho um quarto. — assegurou-lhe. Encontrou-se com um pequeno rosto em forma de coração quando ficou ao mesmo nível que ela, incapaz de arrancar seus olhos dos dela. Realmente deveria ter mais escadas em





minha casa e segui-la a cada oportunidade, pensou vagamente. Tinha uma vista encantadora.

— Ha! Então o que ele estava fazendo naquele caixão? Meditando? — Perguntou sarcasticamente, chegando à cozinha.

— Bem, sim. Na verdade, estava sim. — Disse Etienne à Lucern quando ele os seguiu. — Encontrei um lugar escuro e silencioso dentro do caixão, me permite resolver algumas dificuldades que tenho com os programas de meus jogos.

— Caixão?

Todos eles viraram para olhar fixamente a empregada que ainda estava de pé na cozinha. Lucern estava discutindo como iria deixar a mente da mulher em branco quando Kate fez um som de causar pena e se precipitou para o corredor.

Lucern deu um passo para segui-la, logo parou e disse a seu irmão.

— O que você fez? Ela está furiosa.

— Eu só... Ela... — Gemeu. — Escutei descendo as escadas e a princípio estava preocupado de que poderia ser alguém da limpeza, mas então ouvi sua conversa e reconheci sua voz.





— Com quem estava conversando?

— Com ela mesma. — Etienne respondeu cuidadosamente. — Ela tentava se convencer de abrir o caixão e que você não estivesse dentro.

— E o que você fez: fechou os olhos então os abriu rapidamente, lhe dando um susto quando ela finalmente teve coragem de abrir o caixão? — Perguntou Luc com repugnância. Essa era uma das brincadeiras que Etienne havia pregado em todos de vez em quando.

Seu irmão estremeceu, desculpando-se.

Lucern amaldiçoou baixo e começou a se virar, mas Etienne agarrou seu braço para pará-lo.

— Não pensei que a assustando a deixaria mal. Quero dizer, ela meio que esperava encontrar alguém lá dentro de qualquer forma. Ela não devia ter se assustado, mas então as luzes se apagaram. Ela só olhou dentro do caixão para saber que você não estava dentro, mas não conseguiu olhar direito pra poder me reconhecer antes que a Senhora Economizadora de Energia apagasse as luzes.

Os dois fizeram uma pausa para fulminar com o olhar a empregada, que se encolheu assustada, chocando-se com a





parede. A porta da rua se fechou de repente. Lucern começou a se apressar para sair outra vez, mas Etienne o parou.

— Espera. Não acredito que toda essa cólera se deva ao caixão, Luc.

— O que quer dizer? O que mais poderia ser?

— Ela dizia para si algumas coisas estranhas enquanto tentava se convencer de abrir o caixão.

— Que tipo de coisa?

— Er... Bom, pareceu bastante contrariada por dormir com um cara de seiscentos anos de idade, mas a idéia de dormir com um morto...

A empregada ofegou. Lucern franziu o cenho.

— Fora!

A mulher saiu imediatamente. Lucern suspirou e voltou para seu irmão.

— Não estou morto.

— Bem, cara. — Etienne rolou os olhos. — Eu sei disso. Mas ela não. E ela não compreendia, perguntava-se se isso a faria ser uma necrófila ou algo parecido. Ela também se





perguntou se suas maravilhosas ereções seriam devido ao rigor mortis.

Lucern se sentiu orgulhoso por isso.

— Ela chamou as minhas ereções de maravilhosas?

Etienne somente bocejou então levantou a mão para golpear a testa de seu irmão como se fosse uma porta.

— Olá! Terra chamando Luc! Ela acredita que se deve ao rigor mortis.

Lucern golpeou a mão pra longe, sua irritação retornando.

— E de quem é a culpa disso tudo? Etienne, não sei por que tem que dormir naquele maldito caixão, de todos os modos. Tem uma afetuosa e carinhosa esposa em casa te esperando em uma agradável e cômoda cama. De todos os modos o que fazia em um caixão no meu porão?

— Tenho problemas com o Blood Lust III e tinha que pensar. Além disso, Rachel não está em casa. Tinha que encontrar alguns clientes no trabalho.

— Bem, da próxima vez, sugiro que vá resolver esses problemas em outro lugar, porque estou tentado a me livrar daquele caixão.





— Ora, vamos, Luc. — Começou Etienne, mas Luc girou e abandonou o local.

Ele cruzou rapidamente o corredor, resmungando consigo mesmo.

— Rigor mortis? Necrófila? De onde ela tirou essas coisas?

As duas mulheres da equipe de limpeza estavam com suas cabeças juntas na sala de estar e sussurravam aterrorizadas. Calaram-se quando ele passou pela entrada e Luc pôde sentir seus olhos temerosos sobre ele. Ele as ignorou e andou diretamente para a porta da rua. Fez uma pausa ali, abrindo-a e estremecendo quando a brilhante luz do sol golpeou seus olhos. Só levou um minuto para adaptar-se ao sol de meio-dia. Nesse momento, avistou Kate. Estava de pé ao lado da entrada, olhando desesperadamente para o caminho como um cachorro abandonado.

Certamente ela tinha chegado de táxi, ele percebeu. Mas o táxi partiu enquanto estava na casa e agora tentava decidir o que fazer. Obviamente, retornar a casa pra pedir outro táxi era algo que não iria acontecer.

Suspirou, deixando que as persianas voltassem para seu lugar e colocando-se perto da porta aberta.





— Kate?

Ela ficou rígida onde estava, mas não virou.

Lucern suspirou de novo.

— Kate. Volta pra cá para podermos conversar, por favor.

— Eu realmente prefiro que não. — Sua voz saiu agitada, ainda sem virar para olhá-lo.

— Tudo bem. — Ele abriu a porta ainda mais e atravessou a entrada. — Então irei até você.

Kate o olhou com cuidado quando ele se aproximou.

— Agora vai envelhecer ante meus olhos e irromper em chamas?

Dirigiu-lhe um olhar irritado.

— Sabe que não me converterei em chamas pela luz do sol.

— Também pensava que não dormia em caixões.

— Não durmo. Etienne que dorme. Ele é... Bom, ele é o estranho da família.

— Muito obrigado.





Eles viraram para olhar Etienne, que estava de pé à sombra da entrada onde Luc tinha deixado a porta aberta.

— Vou pra casa. Desculpa se te assustei, Kate. — Disse solenemente.

Então o irmão de Luc girou e seguiu. — Por favor, lhe esclareça a questão do rigor mortis e a necrofilia. Me incomodará até que você o faça.

Kate ruborizou, ao que parece envergonhada de que suas palavras tivessem sido ouvidas por acaso. Girando para longe dos dois ela se moveu para o lado, na expectativa de que Etienne partisse. Quando ele fechou a porta, mas não passou por eles ela jogou uma olhada ao redor, olhando com suspeita a entrada quando viu que ele se foi.

— O que ele fez? Virou um morcego e voou?

— Não, claro que não. — Disse Lucern repreendendo. — Ele foi por trás da casa até a garagem. Assim evita a luz do sol.

— Hmmmm. — Não o olhou como se acreditasse, então Lucern esperou. Depois, os dois escutaram o som surdo do motor de um carro; da porta da garagem de Luc saiu um pequeno esportivo e Etienne saiu com ele com suas janelas tingidas de preto. A porta da garagem se fechava





automaticamente detrás dela, Etienne passou pela entrada para a rua.

Lucern esperou sozinho por um batimento de coração então suspirou e disse:

— Kate, eu lhe disse. Não é nada como essas tolices que Bram Stoker tem escrito. Não estamos relacionados com elas e tampouco nos convertemos em morcegos. Não dormimos em caixões, exceto Etienne, que jura que isso lhe ajuda para criar novas idéias para seus jogos. Não estou morto. Não é necrofilia. O rigor mortis não causa minhas ereções. Quem causa é você.

Ela ruborizou ante suas últimas palavras embora não sabia se era pela vergonha ou o prazer de que ele soubesse. Ele suspeitou que fosse um pouco de cada coisa. Sua postura ficou um pouco menos rígida, seus ombros se aliviaram de sua postura militar, mas ela também suspirou infelizmente quando girou.

— Quer que acredite que você é como todo mundo?

— E sou — Assegurou. Então, para ser escrupulosamente sincero, teve que adicionar. — Bom, como qualquer outro que toma sangue para se alimentar e vive centenas de anos e nunca envelhece ou adocece... — Ele fez





uma careta e parou depois de admitir isso. Isso não ia fazer ganhar pontos com ela.

— Os homens normais não controlam a mente de outras pessoas, Lucern. — Indicou Kate.

— Não. Bem... — Ele suspirou. — Olha, não é algum poder místico. Nosso sangue infectado faz com que nossos corpos sejam mais eficientes. Somos mais fortes e temos mais resistência que as pessoas normais. Posso levantar dez vezes o peso de um homem de meu tamanho, correr mais rápido, golpear mais forte. Nunca me perguntei por minha capacidade de ler e controlar a mente, mas tinha assumido que isso era somente outra característica. Todo mundo diz que as pessoas não usam seu cérebro inteiro. Bom, tenho certeza de que vai aparecer meu tipo sanguíneo se o utilizar. Ou, ao menos, usamos mais que as pessoas normais. Provavelmente seria uma necessidade pela sobrevivência como as presas.

Ele deixou que assimilasse tudo, logo disse:

— Mas tudo isso na realidade importa, Kate? Esse fato me faz diferente de algum jeito. Mas te amo, Kate. Com todo meu coração. Não podemos deixar isso de lado e encontrar um modo para estarmos juntos? Eu gostaria que se casasse comigo. E passar os próximos cem anos ou mais contigo.





Pronto! Agora eu terminei, pensou Lucern. Ele tinha lutado com seus próprios dragões, colocando seu orgulho e medo à parte, lhe dizendo como se sentia. Agora seu coração e seu futuro estavam em suas mãos. E durante um momento ele pensou que tudo estaria resolvido. Lágrimas encheram os olhos de Kate, dando alegria ao seu rosto e começou a se aproximar dele. Então a porta da rua se abriu e as duas mulheres da limpeza se moveram furtivamente. Elas olhavam Lucern como se ele fosse um assassino em série. Ou um vampiro.

Luc franziu o cenho em sua direção por interromper um momento tão crítico e as duas estremeceram e avançaram mais devagar. Logo uma delas agarrou o pulso da outra e revelaram.

— Estamos indo! Já chamamos a empresa e dissemos o quão estranho você é. Cancelaram seu contrato. Terá que procurar outra empresa para limpar esse lugar.

Lucern suspirou quando elas puseram-se a correr, passando por sua entrada, descendo pela calçada, até seu carro com o logotipo da empresa, já que elas tinham estacionado na rua. Partiram com um chiado de pneu que lhe fez suspirar outra vez.





Forçando um sorriso meio de lado, Lucern voltou para Kate.

— Vê, tem que se casar comigo. Parece que espantou todo mundo.

Kate riu ligeiramente então abaixou a cabeça olhando atentamente os dedos. Entrelaçava-os e desenlaçava-os nervosamente. Ele sentiu que a primeira pontada de medo lhe golpeava.

— Kate?

— Eu... Como poderemos ficar juntos, Luc? Viverá outros cem anos ou mais, sem envelhecer e eu...

— Eu poderia te converter, como Etienne fez com Rachel e Lissiana com Greg. — Ele interrompeu o silêncio. Pensou que tinha entendido tudo. Ao que parecia ela não entendia. Tampouco ela havia dito que o amava, percebeu.

— Me converter? — Repetiu ela, distraidamente. — Eu seria como você? Viveria pra sempre? Alguma vez envelheceria?

Lucern notou que ele não tinha sido seu primeiro pensamento, a não ser viver pra sempre ou não envelhecer. Para muitas mulheres estes dois últimos pontos eram uma tentação bastante forte para mentir sobre o amor.





— E quanto a minha família? Como explicaria...? — Ela fez uma pausa quando ele apanhou suas mãos.

— Só teria que desaparecer uns dez anos mais ou menos. De fato, assim não notaria quando não envelhecesse e não poderia explicar-lhes sem arriscar a vida de minha família. — Admitiu ele. Era algo que ele tinha esperado manter para si mesmo até que ele a tivesse convertido, atando-a a seu lado para toda a eternidade.

— Deixar a minha família? — Sussurrou ela, obviamente não muito feliz com aquele detalhe.

— Kate, vem para dentro, por favor? — Suas mãos deslizaram por cima de seus braços, acariciando-a. Ele queria fazer amor com ela, convencê-la com sua paixão. Ele sabia o quão embriagador e sedutor poderia ser. Ela sabia, também. Inclusive Luc compartilhou sua excitação com ela, Kate tinha se aberto instintivamente e tinha compartilhado com ele. Era uma estranha experiência, cheia de confiança e amor a que eles tinham compartilhado. Ao menos isso tinha pensado. Nunca tinha experimentado com nenhuma outra mulher. Mas ela ainda não havia dito que o amava.

Não se preocuparia, decidiu Lucern. Queria-a, necessitava-a, amava-a. Ao inferno com seu orgulho, tomaria de qualquer modo que ele pudesse consegui-la e usaria cada





truque que pudesse para obtê-lo. Inclinou seu queixo, reclamando seus lábios, beijando-a com toda a paixão que possuía, fazendo encaixar seus corpos. Era como se ela tivesse sido feita para ele. Suave onde ele era duro, dadivosa quando ele não o era. Lucern a abraçou mais forte e gemeram quando ele moldou seu corpo contra o dela. Estava perdido com sua mera presença, com seu corpo dolorido e tinha saudades de seus sorrisos e sua risada suave. Não podia perdê-la agora. Muito menos nesse momento, pensou que ele ganharia.

Kate cedeu contra ele com um sorriso, seus braços se deslizaram ao redor de seu pescoço, o segurando tão desesperadamente como ele a sustentava. Pequenos gemidos emitindo de sua garganta quando sua mão encontrou um de seus seios então ele a empurrou rapidamente.

Rompendo o beijo ele a agarrou pelo pulso em direção da porta.

— Vamos entrar.

Kate resistiu, a paixão desapareceu de seu rosto e algo semelhante ao temor o substituiu. Sacudindo a cabeça.

— Não, não posso. Tenho que pensar.





— Pode pensar lá dentro. — Insistiu, guiando-a para a porta.

— Não. Fará amor comigo, me morderá e meu cérebro virará mingau. — Ela tirou sua mão até ficar livre e se sustentou na porta. — Tenho que pensar Luc. Pede-me para que deixe tudo o que conheço tudo o que amo.

— Tudo que amas? — Perguntou ele brandamente, com dor no rosto.

— Não. Eu amo...

Lucern conteve seu fôlego. Se ela dissesse que lhe amava, nada sobre a terra o pararia até arrastá-la dentro da casa, reclamá-la para si e introduzir-se nela. Mas lhe faltou pouco para admitir, sua expressão foi cautelosa. Sacudindo a cabeça, apoiando-se no marco da porta.

— Tenho que ir pra casa e pensar. Tenho que decidir...

Kate deu meia volta e começou a descer a escada, mas ele se apressou a apanhar seu braço. Ela girou seus assustados olhos pra ele e Lucern sabia que ela temia que lhe negasse sua vontade de escolha. Por um momento, sentiu-se tentado. Mas então ele lembrou as palavras que uma vidente havia dito e sabia que ele não podia lutar com este dragão por Kate. Ele tinha lutado com seus próprios





dragões, deixando de lado o orgulho e o medo, colocando seu coração em suas mãos. Agora ele tinha que confiar em que ela fosse forte o bastante pra mantê-lo resguardado. Por isso deixou cair o braço e disse:

— Chamarei um taxi pra você. — Kate relaxou, um sorriso de agradecimento se formou em seus lábios.

— Muito obrigada.





Capítulo 20

Kate conseguiu um voo de volta a Nova York para essa noite. Passou o tempo antes, durante e depois do voo vacilando entre a felicidade e o desespero. Lucern a amava. Ela não era simplesmente uma fonte de alimento para ele. Não estava morto, não dormia em um caixão e ele a amava. Tudo isto era maravilhoso, esplêndido. Mas para estar com ele, deveria ser "convertida". Ter que deixar a sua família e os amigos ou passar dez anos na estrada. Isso não é maravilhoso.

Kate considerou tudo. Pensou que possivelmente poderia viver com ele sem a necessidade de converter-se, mas envelheceria, seu corpo e sua mente se deteriorariam enquanto que o corpo de Lucern se manteria forte e sua mente permaneceria lúcida; era insuportável. Ela suspeitava que ele ficaria com ela se essa fosse sua escolha, mas ante a idéia de suas mãos passando por sua enrugada e flácida pele e sua cabeça cinza apoiada sobre seu firme peito... Não, não poderia suportar que isso ocorresse entre eles.





É obvio, ela simplesmente poderia ter um romance com Lucern, logo poderia romper com ele dentro de dez ou vinte anos quando as pessoas comesçassem a confundi-la com sua mãe. Mas agora não podia nem pensar em afastar-se dele voluntariamente; fazê-lo depois de amá-lo e compartilhar sua vida com ele durante dez ou vinte anos seria impossível.

O que significava que tinha duas opções: lhe permitir que a convertesse e abandonar a todos que tinha conhecido e amado durante dez ou vinte anos, ou partir agora, enquanto tinha forças. Nenhuma opção parecia aceitável. Apesar da distância que os separava desde que deixou Nebraska e se mudou para Nova York, estava muito unida à família. Sua mãe e seu pai freqüentemente viajavam a Nova York para assistir teatro ou ir às compras e ficavam com ela. E suas irmãs faziam várias viagens ao ano para Nova York, para lhe fazer uma visita, ir às compras e principalmente ficar com ela. Eles eram sua família, conheciam-na e a amavam melhor que ninguém. Tinham encorajado seu sonho de escrever, tinham pensado que ser uma editora na cidade era admirável. Eram seu apoio e a razão de sua vida. Mas para ter Lucern, teria que abandoná-los. Ou para tê-los, teria que deixar Lucern.

Kate mal dormiu a noite. Pela manhã, tomou banho, vestiu-se e saiu para pegar o metrô para a Roundhouse. Sua





mente esteve movendo-se em círculos toda a noite e ainda não tinha conseguido uma solução para poder ficar com Lucern e sua família. Isso a estava deixando louca. Estava desesperada para escapar um pouco da preocupação e esperava que o trabalho a distraísse completamente de sua preocupação.

Chris estava no escritório quando chegou. Isso não surpreendeu Kate. Os outros editores trabalham até tarde e nos fins de semana. Chris, ao contrário, estava enormemente surpreso em vê-la.

— Pensava que estava em Toronto agora mesmo, dando beijos em Luc. — Ele brincou, mas a preocupação se refletiu em seus olhos ao dar-se conta do quanto estava pálida e cansada. Essa preocupação ressonou em sua voz quando ele perguntou — Então estava equivocado? Ele simplesmente queria falar da Turnê?

Kate negou com a cabeça e passando ao lado dele caminhou pelo vestíbulo para seu escritório.

— Não estava equivocado. Não falamos só da turnê.

— Então, do que falaram? — Perguntou Chris, seguindo-a.





Kate colocou sua maleta em cima de seu escritório. Ficou olhando fixamente para baixo mantendo-se calada. Então, em vez de responder, perguntou:

— Chris, se lhe dessem a possibilidade de viver eternamente, aceitaria?

Ele começou a gargalhar.

— Merda, não! Viver eternamente e ter aos escritores me perseguindo toda a eternidade? Santo Deus teria pesadelos.

Kate sorriu ante o exagerado horror que se refletia em seu rosto, mas disse:

— É sério, C.K. Se não tivesse que voltar a tratar com os escritores. Se pudesse viver em outro lugar, com alguém que ame muitíssimo. Se tivesse dinheiro, amor, viver eternamente sem envelhecer nunca.

— Qual é o inconveniente? — Ele perguntou com o cinismo que ela esperava.

— O inconveniente seria esse, que não envelheceria que teria que deixar sua família e seus amigos e desaparecer de suas vidas para sempre. Para ter um apaixonado e quase irrefreável amor. Definitivamente teria que abandonar muitas das pessoas que ama.





Chris assobiou brandamente.

— Isso é uma pergunta difícil— Ele pensou brevemente, então disse: — Bom, dependeria de quanto amasse ela. Quero dizer, família é especial, mas eles têm sua própria família.

Kate franziu o cenho.

— O que quer dizer?

Ele se encolheu de ombros.

— Bom, os casais têm filhos que crescem, apaixonam-se, abandonam o lar e têm filhos e criam uma família própria. A família original é ainda importante para eles, mas seus filhos se convertem em uma prioridade. Quando se encontra em um problema, sua própria família é a primeira.

— Sim, mas....

— De quem falamos é um homem ou uma mulher? — Interrompeu Chris.

Kate piscou.

— O que?

— O personagem? Suponho que está pensando em um argumento para um livro, não?





Kate vacilou, logo assentiu com a cabeça. Não podia comentar que estava falando de um fato real. Ele pensaria que estava louca. Utilizaria essa via de escape.

— Uma Mulher.

Chris assentiu com a cabeça.

— Então, isso facilita as coisas.

— Facilita?

— Sim. As mulheres se enfrentaram com esta decisão há séculos. Da Idade Média até a atualidade, cresceram, casaram-se e se mudaram com suas famílias, o suficientemente longe para não poder vê-la outra vez. —Ele observou. — Depois de tudo, não é como se pudessem pegar um avião.

— Não. — Assentiu Kate lentamente.

— Caralho, você estava em uma situação similar quando você veio trabalhar aqui. Deixou sua família em Nebraska.

Kate franziu o cenho.

— Isso é diferente. Estão ali quando os necessito. Não é como se nunca os voltasse a vê-los.





— Bom, ainda estarão ali para este personagem, também. Não é como morressem quando ela desaparecer de suas vidas. Ela provavelmente lhes poderia ver de longe, manteria contato com eles. E se houvesse uma emergência ela provavelmente poderia se aproximar deles em um futuro. De alguma forma.

Kate assentiu lentamente com a cabeça. Não tinha pensado nisso. Não poderia lhe falar, mas...

— É um livro moderno ou um histórico como os primeiros? — Chris Perguntou.

Kate vacilou. Ele obviamente pensava que ela estava preocupada com o último livro de Lucern.

— Moderno. — Ela disse ao fim, lhe deixando acreditar nessa ilusão.

— Hmm, isso o faz um pouco mais difícil. — Ele decidiu.

— Por quê? — Perguntou Kate.

— Bom... Se fosse um medieval como o primeiro então a protagonista poderia mudar-se e manter correspondência com sua família. Nunca saberiam que ela não envelhecia. Mas hoje em dia, seria difícil mudar-se a algum lugar onde não pudesse pegar um avião.





Isso poderia funcionar, Kate pensou para si mesma. E lhe sorriu.

— Você é muito bom com enredos meu amigo.

— Deveria pelo que me pagam. — Disse-lhe piscando o olho.

Kate riu. Nenhum deles tinha um bom salário. Eram mal pagos, trabalhavam muito e estavam estressados a maior parte do tempo. E de todas as formas ela se mudara de Nebraska. Todos estavam loucos, ela pensou negando com a cabeça. Mas amavam os livros. Ela recolheu suas pastas e se apressou para a porta.

— Aonde vai agora? — Chris perguntou com interesse, caminhando atrás dela.

— Para casa para me deitar. Preciso dormir antes que possa considerar suas sugestões corretamente.



Kate dormiu profundamente e por um bom tempo, principalmente porque estava segura de que havia uma





resposta a seu problema no que Chris havia dito. Se só pudesse pensar claramente, então encontraria a solução. Essa crença aliviava o mal-estar que sentia em seu coração e lhe dava esperanças para um possível futuro com Lucern.

Era o meio da tarde quando Kate despertou pelo som de golpes em sua porta. Sonolenta saiu da cama, arrastando sua bata rosa felpuda e suas pantufas rosa de coelhinhos sobre sua camisola de flanela com coelhinhos e se dirigiu para a sala de estar.

— Quem é? —Perguntou bocejando quando chegou à porta.

— Marguerite.

Kate despertou, seu cansaço desapareceu em um segundo. A mãe de Lucern? Querido Deus.

O sorriso que mostrara era cauteloso enquanto abria a porta.

— Senhora Argeneau. Que surpresa!

— Imagino que sim. —Marguerite mostrava um sorriso divertido— Posso entrar?

— É obvio. —Kate retrocedeu uns passos para deixar a mulher entrar, logo fechou a porta e a seguiu pelo pequeno





vestíbulo até a diminuta sala de estar. — Gostaria de algo para beber? Café, chá ou suco?

— Não, obrigada. — Marguerite se acomodou no sofá, seu olhar se fixou no manuscrito que havia sobre a mesa do café, logo no ordenador colocado na pequena mesa. — Vejo que você é escritora como Lucern.

O olhar fixo de Kate desceu automaticamente por volta dos primeiros dez capítulos da história que ela escrevia. Havia-os impresso para editá-los, mas nunca tinha tido a oportunidade.

— Não é maravilhoso que se dediquem ao mesmo, se parecem em muitas coisas, mas diferente em outras.

Kate trocou de posição com inquietação.

— Senhora Argeneau—

— Pedi-lhe que me chamasse de Marguerite, se me recordo bem. — Interrompeu-a serenamente.

— Marguerite. — Kate corrigiu-se. — Eu —

— Vim te ajudar. — A mãe do Luc a interrompeu outra vez — Não para te persuadir ou te recriminar, mas te ajudarei a tomar o que provavelmente será a decisão mais difícil de sua vida.





Kate vacilou, logo perguntou.

— Pode? Pode-me ajudar realmente? Lucern é seu filho.

— Sim, é. Mas também tive que tomar esta decisão centenas de anos atrás. E sei quão difícil é.

Kate ficou surpreendida.

— Quer dizer, que não era...

— Era humana como você quando conheci o pai do Luc, Claude. Ele era moreno e erótico e me pareceu muito forte naquele momento. Acreditei que o amava. Acreditava que ele me amava. Mas ele não me amava. Seu coração tinha sido dado há outra muito antes que ele me escolhesse como mulher.

Kate se recostou, sentindo como se lhe tivessem dado murros. Ela tinha duvidado em deixar sua família por Lucern, mas nunca tinha questionado seu amor por ele. Não desde que o admitiu naquele banheiro no hotel da conferência. Mas o que ocorreria se ela realmente não o amava, estava completamente deslumbrada por seu encanto e seus poderes... Seus pensamentos morreram quando Marguerite estalou em risada.

— Sinto muito, meu amor. — Desculpou-se a mulher, cobrindo sua boca um momento. Ela se explicou. — É que





seus pensamentos são realmente os mais bobos que ouvi em muito tempo. Deslumbrada por seu encanto e seus poderes? Você rechaça esses poderes que bobamente lhe assustam. Por isso respeita o seu encanto, Luc é meu filho e eu o amo, mas devo admitir que tristemente careça de encanto. O homem era tão áspero e resmungão como um urso tirando um espinho de seu traseiro até que você apareceu em sua vida.

Kate se impressionou ao ouvir como a mulher utilizava expressões modernas, mas estava mais afetada com...

— Pode ler minha mente?

Marguerite assentiu com a cabeça.

— Mas Lucern disse que minha mente era muito forte para que ele pudesse lê-la. Ele disse...

— Ele não pode ler sua mente. — Marguerite tranqüilizou-a. — Você foi cautelosa com ele porque já estava meio apaixonada. Não te incomodaste em me ocultar isso, entretanto e tenho lido sua mente e reconheci seu relutante respeito e amor todo o tempo. Nunca duvide de seu amor por ele, Kate. Você reconheceu seu verdadeiro caráter em seus livros e que seu comportamento antipático escondia uma alma sensível. Tem aprendido muito mais desde que o





conheceu e começou a amá-lo... Apesar dessas habilidades especiais que encontrara tão aborrecíveis.

Kate ficou silêncio por um momento.

— Mas você não amava Claude.

— Não. Não o tipo de amor que você e Lucern compartilham. Claude não era tão forte como nossos filhos chegaram a ser. Ele era um homem fraco, acreditei que o amava muito. Mas ao final era como um quinto filho em vez de ser o companheiro e amigo que um marido deveria ser. Ele parecia não ter esperanças, penso que isso foi o que o levou a começar a beber e tornar-se um viciado em drogas e isso o levou a morte. — Ela suspirou. Logo encolhendo-se, disse: — Mas isso não tem importância. O que importa é isto, o fato de que nunca lamentei minha decisão de me unir a ele. Tenho quatro filhos maravilhosos e duas cunhadas. Eu vi o mundo mudar de uma forma que nunca podia imaginar. Fiz quase tudo o que quis, mas cada dia surgem mais coisas que quero fazer.

— O que aconteceria se não for forte o suficientemente? Se me converter no que Claude era?

— Você é o suficientemente forte. — Tranqüilizou-a Marguerite. — Tenho visto sua mente. Você, Lucern e todos os meus filhos. Tenha esperança. Não importa quão má seja





a situação, ou quão mal se sintam, sempre fica um pequeno grão de esperança em seu coração e isso te faz forte. Isso te forçará eventualmente a enxugar as lágrimas, atar um curativo sobre suas feridas e reiniciar sua vida. Será uma boa companheira para Luc.

Kate estava de acordo. Mas ainda ficava uma preocupação.

— Minha família?

A expressão do Marguerite se voltou triste.

— Sim. Sua família. Se lhe tivéssemos perguntado se abandonaria tudo para estar com um homem especial.

Kate repentinamente conteve o fôlego enquanto as palavras de Marguerite lhe faziam recordar: “É especial, seu homem. Mas para estar com ele terá que tomar uma decisão. Terá que abandonar tudo. Se tiver coragem então tudo o que alguma vez quis será teu. Se não...”

— Seríamos sua família, Kate. — Marguerite disse brandamente. — Enquanto estejam vivos, poderá manter contato com sua outra família.

— Lucern disse isso, mas depois de dez anos...





— Sim. — Interrompeu Marguerite. — Dentro de dez ou vinte anos, Kate C. Leever não deve ser vista pelos que a conhecem e a querem... Ao menos os que não são de nossa classe. Mas poderia lhes escrever. Eles não devem ver que não está envelhecendo. Terá que evitá-los e viajar, dar desculpas para não visitá-los ou ir aos enterros. Seria mais fácil Kate ter um acidente e fazê-los acreditar que está morta, mas há outras formas mais intrincadas para resolver as coisas. Certamente Lucern vale esse esforço?



— Obrigado. — Lucern murmurou enquanto Bastien fechava a porta do carro onde tinham metido o caixão que ele e Lucern acabavam de mover do porão.

— Sem problemas. — Assegurou-lhe Bastien. — Armazenarei isso em meu porão até que Etienne possa resignar-se a separar-se dele. Só direi a minha ama de chaves que não se preocupe em limpar o porão por algum tempo.





Lucern colocou as mãos dentro dos bolsos e inclinou a cabeça. Supôs que deveria convidar seu irmão para entrar e tomar alguma bebida ou algo do estilo, mas não gostaria de falar muito neste momento. Sua mãe tinha ido essa manhã para ver como ela se encontrava e Etienne tinha mencionado que Kate tinha vindo. Marguerite lhe tinha feito dizer o que tinha acontecido entre eles, logo lhe tinha deixado preocupado. Ele suspeitou que a visita de Bastien com a desculpa de recolher o caixão tinha sido uma desculpa para averiguar como se encontrava outra vez e ele esperava que Etienne e Lissianna encontrariam uma maneira de ir a sua casa para comprovar como se encontrava. Supôs que deveria estar agradecido pela distração que lhe ofereciam. Ele tinha estado louco caminhando de cima abaixo por sua casa, na espera que Kate reconsiderasse sua proposta...

— Bom, deveria. — Bastien fez uma pausa e percorreu com o olhar o caminho de acesso enquanto um carro se detinha no caminho. — Essa é a limusine de mamãe.

— Sim. — Lucern suspirou, pensando que teria que colocar uma expressão boa e que garantisse que não estava se tornando louco lentamente. Por outra parte ele nunca se incomodou de colocar uma expressão boa em outras coisas antes. Por que se importaria agora?





— Hmm. Bem, será melhor que me vá.

Lucern olhou surpreso ao seu irmão. Por um momento, acreditou que Bastien procurava evitar sua mãe, mas então ele olhou para a limusine e viu uma loira sair do carro.

— Kate. — Ele suspirou. Ele permaneceu de pé ali enquanto seu irmão entrava no carro. A limusine se afastou do caminho de acesso, deixando para Kate trás; Depois o carro de Bastien a seguiu. Imóveis, ele e Kate ficaram de pé ali, olhando um ao outro. Não foi até que ambos os veículos se foram que Kate se aproximou dele. Lucern se encontrou aproximando-se também. Encontraram-se na metade do caminho, ficaram olhando um para o outro nos olhos. Logo Kate disse:

— Podemos entrar?

— OH. — Lucern piscou. Essas não tinham sido as primeiras palavras que tinha desejado ouvir. Mas estava melhor que um chute no traseiro. A última vez que esteve ali ela não tinha estado disposta a entrar na casa. Isto devia ser um bom sinal. Mas estava impaciente por ouvir sua decisão, assim ele a segurou pelo braço, girou sobre seus calcanhares e a apressou a segui-lo.

Entrando na casa, Lucern fechou a porta detrás deles com um ruído surdo, apoiou se contra ela e devorou Kate





com o olhar. Ela lhe faria o homem mais feliz da Terra ou o mais miserável que tenha existido? Ele tinha esperança de que seria a decisão de mais feliz...

— Te amo.

Esse era um bom começo, decidiu Lucern.

— E, sim, me casarei contigo e compartilharei minha vida com você.

Lucern começou a aproximar-se dela, logo se deteve.

— E sua família?

— Não os posso abandonar completamente, Luc. — Admitiu ela apologeticamente. — Amo-os. Mas deixarei de vê-los e só lhes escreverei quando se fizer evidente que não estou envelhecendo.

Lucern se separou da porta e a arrastou a seus braços. Sua solução era maravilhosa. Ele a beijou com todo o alívio, amor e gratidão que sentia, logo a levantou em braços e subiu as escadas, dirigindo-se para seu quarto.

— Amo-te, Kate. Farei-te feliz. Não lamentará isto. — Assegurou-lhe enquanto lhe beijava o rosto.

— Sei que não. — Ela disse brandamente, seus braços lhe rodearam o pescoço. — E seremos felizes. — Estavam





perto do quarto quando ela esclareceu a garganta e perguntou: — Umm, Luc?

— Sim, amor? — Perguntou enquanto abria a porta. Ela finalmente viu seu quarto. Quaisquer pensamentos que tinha tido de que ele dormia em um caixão desapareceu imediatamente de sua mente. Não havia nenhuma dúvida de que este era o quarto de Luc. Como o homem mesmo era uma mescla magistral de prata negra e de alabastro. As janelas e a cama estavam cobertas de cortinas negras que bloqueavam a entrada de qualquer raio de sol.

Não foi até que Lucern a tinha colocado no meio da cama e se deixou cair em cima dela que recordou o que lhe tinha querido perguntar. Colocando uma mão sobre seu ombro para deter seus beijos, ela perguntou:

— Isso vai doer?

Lucern ficou quieto, suas sobrancelhas se elevaram.

— A conversão?

Kate assentiu com a cabeça.

— Bom. — Ele franziu o cenho. — Não tenho certeza. Nunca converti ninguém antes. — Ele vacilou, logo começou a ficar direito. — Telefonarei a minha mãe e lhe perguntarei. Ela deverá saber.





— Não. — Incorporou-se, Kate abraçou seus ombros e pressionou sua cara contra suas costas. Logo terminou. — Não. Não me importa se doer. Caminharia através do fogo do inferno por você.

Ela sentiu suas costas tremer da risada. Logo lhe disse:

— E roubaria um banco de sangue e lhe ofereceria para se alimentar.

Ele se voltou na cama e emoldurou seu rosto com as mãos, logo adicionou:

— E inclusive te permitiria manter contato ocasionalmente com sua família. — Ele inclinou sua cabeça para lhe dar um suave e reverente beijo em seus lábios. — Sou um homem muito afortunado.

Kate negou solenemente. Então seus lábios sorriram travessamente e ela disse:

— Espero que continue dizendo isso dentro de cem anos. Quando te encher para tirar o lixo e trocar a fralda do bebê.

Lucern riu e forçou-a de costas na cama.

— Será um prazer. Tudo com você será prazeroso.





Kate mal balançou a cabeça e puxou a dele para baixo para lhe dar um beijo. Ela não era o suficientemente boba para acreditar que nunca discutiriam, embora o detalhe do lixo fosse um prazer para ele, mas ela tinha certeza de que poderiam lidar com as tempestades nos próximos séculos. Afinal eles tinham esperança... E enquanto tivessem isso, Tudo era possível.

Sim...

A série Argeneau Family continua em:

Uma mordida inesquecível





<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=110452975>

A tradução desse livro foi feito pela Comunidade Argeneau Family, que foi criada com o intuito de divulgar a série e a autora.

Sem fins financeiros. Apenas feito de Fãs para Fãs.

Enjoy!

